

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

**O QUARTO PODER VERMELHO: EMBATES TEÓRICOS E POLÍTICO-
IDEOLÓGICOS ENTRE ANARQUISTAS E COMUNISTAS NO CONTEXTO
DE FORMAÇÃO DOS PARTIDOS COMUNISTAS DO BRASIL**

MAITÊ PEIXOTO

Porto Alegre
2010

Maitê Peixoto

**O QUARTO PODER VERMELHO: EMBATES TEÓRICOS E POLÍTICO-
IDEOLÓGICOS ENTRE ANARQUISTAS E COMUNISTAS NO CONTEXTO
DE FORMAÇÃO DOS PARTIDOS COMUNISTAS DO BRASIL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História.

Orientadora: Prof. Dra. Janete Silveira Abrão

Porto Alegre
Março de 2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P379q Peixoto, Maitê

O quarto poder vermelho: embates teóricos e político-ideológicos entre anarquistas e comunistas no contexto de formação dos partidos comunistas do Brasil. / Maitê Peixoto. – Porto Alegre, 2010.

325 f.

Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

Orientação: Profa. Dra. Janete Silveira Abrão.

1. História – Brasil. 2. Movimento Operário.
3. Imprensa. 4. Anarquistas. 5. Comunismo – Brasil - História. 6. Primeira República. I. Abrão, Janete Silveira.
II. Título.

CDD 981.06

Ficha elaborada pela bibliotecária Cíntia Borges Greff CRB 10/1437

**O QUARTO PODER VERMELHO: EMBATES TEÓRICOS E POLÍTICO-
IDEOLÓGICOS ENTRE ANARQUISTAS E COMUNISTAS NO CONTEXTO
DE FORMAÇÃO DOS PARTIDOS COMUNISTAS DO BRASIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

MAITÊ PEIXOTO

Aprovada em ____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Janete Silveira Abrão – PUCRS

Prof. Dra. Sandra Maria Lubisco Brancato – PUCRS

Prof. Dr. René Ernaini Gertz – PUCRS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por financiar minha bolsa de estudos integral, sem a qual eu não conseguiria me dedicar de forma plena a esta investigação. Agradeço igualmente à Professora Janete Silveira Abrão, minha orientadora, que se manteve paciente e compreensiva aos inúmeros obstáculos que surgiram durante esses dois anos em que escrevi essa dissertação. Agradeço infinitamente pelos incentivos em meio às primeiras críticas e pela grande confiança que depositou em mim.

Agradeço ao Professor René Ernaini Gertz, à Professora Sandra Maria Lubisco Brancato, ao Professor Braz Aquino Brancato (*in memoriam*) e ao Professor Adão Clóvis dos Santos por terem acreditado desde o início nesse trabalho e me incentivado a seguir em frente, confiando no meu potencial como aluna e como pesquisadora. Agradeço a Luis Alberto Zimbarb, funcionário do Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM), responsável pela digitalização dos periódicos utilizados nesta pesquisa, o qual me atendeu ao longo desses dois anos sempre com muita atenção e disponibilidade; sei que sem a sua colaboração esta pesquisa certamente não se realizaria.

Aos amigos Diego da Silva Pacheco e Camila Guterrez de Oliveira por terem me auxiliado na tarefa de encontrar uma nova moradia na capital porto-alegrense por duas vezes durante o Mestrado; à minha amiga Elisabete Torres Hahn, que mesmo na outra ponta do país me trouxe inúmeras palavras de incentivo, as quais tiveram grande importância nessa trajetória. Agradeço da mesma forma às amigas sinceras que tive sempre por perto e que sempre acreditaram nesta pesquisa, mesmo quando ela parecia algo muito distante e abstrato, a vocês Fernanda Nascimento, Karine Lima, Fabienne Cruz, Laura de Leão Dornelles e Fernanda Bonet meus especiais agradecimentos.

Os últimos e principais agradecimentos vão para o meu irmão Pedro Henrique Peixoto que me ajudou de forma incansável com a quantificação dos

dados contidos nos catálogos dos jornais e para o meu noivo Tiago Desbatiani que teve um papel fundamental na criação dos gráficos quantitativos, a vocês meu muito obrigada.

Muito longe de desejar 'tornar todos os homens iguais', como pretendem todos os adversários ignorantes do socialismo, os marxistas desejam permitir, pela primeira vez na história humana, o desenvolvimento de toda a gama infinita de diferentes possibilidades de pensamento e de ação, presentes em cada indivíduo.

MANDEL, Ernest. **Introdução ao marxismo.**

RESUMO

Através dessa dissertação propomos uma análise de conteúdo dos textos impressos na mídia libertária e comunista de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente os jornais *A Lanterna*, *A Plebe* e *O Cosmopolita* e *Voz Cosmopolita*, articulados entre os anos de 1909 a 1927. Adjacente ao cenário de formação dos dois Partidos Comunistas do Brasil de caráter libertário (1919) e do posterior Partido Comunista do Brasil, de caráter marxista-leninista (1922), o estudo dessas publicações torna possível a compreensão das formas com que parte da imprensa operária, característica do início do século XX e não oficial dos partidos recém formados, estruturou seu discurso político. Através desse estudo buscamos identificar as bases ideológicas que nortearam esse complexo processo de continuidades e rupturas ideológicas fundamentais para o entendimento das primeiras iniciativas políticas desenvolvidas no interior dos mundos do trabalho no Brasil da Primeira República.

Palavras-chave: Movimento operário, imprensa, anarquistas, comunistas, Primeira República.

ABSTRACT

Through this dissertation we propose an analysis of the content present in the texts printed on the libertarian and communist press of São Paulo and Rio de Janeiro, the newspapers *A Lanterna*, *A Plebe e O Cosmopolita* and *Voz Cosmopolita*, respectively, published between 1909 and 1927. In parallel to the origin of the two libertarian Communist Parties of Brazil (1919) and later, the Marxist-Leninist Communist Party of Brazil, the research upon these newspapers makes possible to comprehend the way that part of the working class press has structured their political speech, a characteristic of the twentieth century beginning and not-official of the newly-created parties. Through this research we tried to indentify the ideological bases that guided this complex process of ideological continuities and ruptures, essential to the understanding of the first policies initiatives developed on the working class world in Brazil's First Republic.

Keywords: Labor Movement, press, anarchists, communists, First Republic.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Anticlericalismo
ACI	Anticlericalismo internacional
ACL	Anticlericalismo local
ACUNIV	Anticlericalismo universal
AIT	Associação Internacional dos Trabalhadores
AL	A Lanterna
AP	A Plebe
IC	Internacional Comunista
POSDR	Partido Operário Social-Democrata Russo – POSDR
CL	Classista local
CT	Classista
CUNIV	Classista universal
INT	Internacionalista
LT	Libertário
MX	Marxista
OC	O Cosmopolita
PD	Propaganda e divulgação
RP	Repressão
RZS	Realizações
SIND	Sindicalista
VC	Voz Cosmopolita

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Gráfico quantitativo das categorias de análise de A <i>Lanterna</i>	153
Gráfico 2 -	Gráfico quantitativo das categorias de análise de O <i>Cosmopolita</i>	167
Gráfico 3 -	Gráfico quantitativo das categorias de análise de A <i>Plebe</i>	182
Gráfico 4 -	Gráfico quantitativo das categorias de análise de Voz <i>Cosmopolita</i>	195

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	ACERCA DAS DISCUSSÕES TEÓRICAS PRELIMINARES	21
1.1	A ideologia como expressão das contradições do mundo real: raízes de um conceito que nega sua determinação social.....	21
1.2	Sobre a constituição da consciência e das percepções humanas sobre o <i>real</i>	31
1.3	Trabalho como objetivação do homem e a gênese da relação sujeito-objeto.....	40
2	PRECURSORES DE UM NOVO TEMPO	51
2.1	Proudhon, Bakunin e Reclus: os grandes nomes de um anarquismo emergente.....	51
2.2	Kropotkin, Ferrer e Malatesta: diversidade na unidade.....	63
2.3	Marx, Engels, Lênin e Trotsky: marxismo-leninismo e internacionalismo proletário.....	72
3	UM OLHAR SOBRE OUTRO FOCO	86
3.1	O Brasil da Primeira República: cenário de transformações.....	86
3.2	O movimento operário nascente e suas primeiras vicissitudes.....	97
3.3	Imprensa operária: uma nova realidade no Brasil.....	120
4	ESCRITAS E LEITURAS IDEOLÓGICAS	131
4.1	A Lanterna: Folha Anticlerical e de Combate.....	131
4.2	O Cosmopolita: Órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, bares e classes congêneres.....	154
4.3	A Plebe: herdeira da tradição ácrata impressa.....	168
4.4	Voz Cosmopolita: Órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, bares e classes congêneres.....	183
	CONCLUSÃO	196
	REFERÊNCIAS	207
	APÊNDICE – DADOS DA PUBLICAÇÃO	214
	ANEXO A – A Lanterna	317
	ANEXO B – O Cosmopolita	318
	ANEXO C – A Plebe	319
	ANEXO D – Voz Cosmopolita	320
	ANEXO E – Correspondência Internacional sobre o decreto N. 4743	321
	ANEXO F – Correspondência internacional sobre a censura	322

INTRODUÇÃO

Segundo a concepção materialista da história, o fator que, em última instância, determina a história é a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx nem eu afirmamos, uma vez sequer, algo mais do que isso. Se alguém o modifica, afirmando que o fato econômico é o **único** fato determinante, converte aquela tese numa frase vazia, abstrata e absurda.

ENGELS, Friedrich. In: **Obras Escolhidas**. Vol.3.

Quando nos colocamos na categoria de profissionais voltados à análise do passado temos de manter sempre presente a idéia de que a história é feita pela ação dos indivíduos e, para que possamos compreendê-la, é, sobretudo, necessário revisitá-la com um olhar crítico e de profundidade, que tencione perceber o papel dos sujeitos históricos envolvidos em determinado processo; seja este de caráter econômico, social, cultural, ou ainda, composto pelo amálgama desses fatores. Sustentando esse comprometimento com o objeto analisado, nos aproximamos das motivações que suscitam avanços e recuos, contestações e acomodações, geradas em um momento histórico particular pela ação dos indivíduos.

Resgatando as origens do marxismo, o qual permeia esta análise, sentimos a necessidade de esclarecer, mais uma vez, o que por muito tempo atribuiu-se a Marx e Engels, ou seja, a origem do determinismo econômico nas sucessivas interpretações historiográficas, desenvolvidas a partir de algumas categorias articuladas fundamentalmente por Marx em sua análise acerca do capitalismo. Concepções estreitas de sua obra e vulgarizações de suas análises culminaram, não apenas em uma visão simplista da história, mas também relegaram às gerações futuras um olhar distorcido do que, verdadeiramente, Marx tentou construir em termos teóricos ao longo de toda a sua vida. No entanto, estas vulgarizações¹, ou distorções feitas a partir do que

¹ A concepção de "marxismo vulgar" é muito bem trabalhada por Eric Hobsbawm em artigo desenvolvido para o simpósio "O papel de Karl Marx no desenvolvimento do pensamento científico contemporâneo"

Marx escreveu, também são frutos de seu próprio tempo, leituras equivocadas de seu texto assolaram inclusive seus coetâneos. Em carta a Bloch, Engels, discorre sobre esta situação e alerta:

A história faz-se de tal modo que o resultado final decorre sempre dos conflitos que se estabelecem entre muitas vontades individuais, cada uma das quais é o resultado de uma multidão de condições de existência particulares. E, pois, de um conjunto inumerável de forças que se entrecruzam, de um grupo infinito de paralelogramas de forças que dão em consequência uma resultante – o acontecimento histórico –, que por sua vez, pode ser encarado como produto de uma força única, que, como um todo, atua *inconsciente* e involuntariamente.²

Tendo em vista que as concepções históricas redutoras, embasadas em determinismos simplistas apenas empobrecem nossas análises, fica clara a necessidade de nos desligarmos de mecanismos teóricos que tentam engessar a história em quadros metodológicos, elaborados não para desvendar o passado em suas mais variadas formas, mas que buscam encaixar determinado contexto ou evento dentro de um prisma epistemológico fechado. No marxismo (leia-se marxismo de Marx), não é possível identificar análises reducionistas e vulgares desse tipo. Por esta razão, é que neste estudo optamos por inserir o marxismo; também por entendermos que o mesmo compreende de forma singular uma série de fenômenos desenvolvidos no interior do movimento operário, ou ainda, no que concerne às lutas classistas.

É interessante problematizarmos estas questões quando trabalhamos, fundamentalmente, com a história do movimento operário. A historiografia é rica em exemplos de aplicações metodológicas que não contemplam a análise do objeto histórico selecionado pelo historiador, porém nosso interesse aqui não é encontrá-las, tampouco desconstruí-las, mas sim trazer exemplos que demonstram a aplicabilidade concreta e exitosa do marxismo não vulgarizado.

realizado em 1968 e publicado em sua obra: O que os historiadores devem a Karl Marx?. In: HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.155-170.

² ENGELS, Friedrich. Engels a Bloch. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1963. p.285. [grifo do autor].

O historiador britânico Edward Palmer Thompson certamente foi um dos precursores em desenvolver pesquisas sobre o operariado ou ainda sobre as classes populares em que esse determinismo simplista atribuído às análises que incorporam o materialismo histórico não aparece. Thompson elabora outro tipo de interpretação a qual acreditamos ser apenas uma das várias formas em que a análise marxista não vulgarizada pode nos ser útil.

Encontramos a economia presente em seus trabalhos, mas não de forma que a faça ordenar ou enquadrar em um espaço reduzido a cultura, a política ou o aspecto social das relações presentes entre os sujeitos históricos envolvidos no contexto por ele trabalhado. Ao contrário, para Thompson, a cultura tem destaque substancial no interior de suas pesquisas sobre as classes populares na Inglaterra, já que o historiador britânico desenvolve a idéia de identidade social dos trabalhadores, o que é algo mais complexo do que nos pode parecer em um primeiro momento. De acordo com ele: “*A identidade social de muitos trabalhadores mostra também uma certa ambigüidade. É possível perceber no mesmo indivíduo identidades que se alternam, uma deferente, a outra rebelde*”³.

Em relação à ambigüidade identitária presente nos indivíduos há, contudo, que se estabelecer sempre a relação dessas identidades com o contexto e as condições materiais de existência desses indivíduos, pois tais fatores poderão influenciar as diferentes formas de reação, seja configurada em acomodação ou contestação. No Brasil, entre as décadas de 1910 e 1920, a configuração da identidade político-ideológica dos militantes anarquistas e comunistas toma um caráter de particular relevância.

A fundação de partidos políticos entre a esquerda brasileira, sejam os PCs Libertários de São Paulo e do Rio de Janeiro (1919) ou o PC do Brasil (1922), configura legitimidade ao movimento operário e estabelece novas regras de conduta aos militantes que estivessem dispostos a lutar em prol de um ideário. Observa-se, em última instância, uma normatização da conduta do

³ THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.20

trabalhador militante, pois é a integração desse sujeito nessa teia de regras que abarca não só a postura pública desse indivíduo e o nível de engajamento na agremiação a qual pretende integrar-se, como também seu comportamento em âmbito privado que agrega a condição que lhes será atribuída de membro da organização.

É, sobretudo, com base nesses aspectos que procuramos identificar na ação de militantes anarquistas e comunistas as matrizes ideológicas que fundamentaram, não raras vezes, as primeiras manifestações do seu discurso impresso e permearam suas iniciativas políticas dentro da sociedade brasileira. Tal estudo tem sua delimitação espacial concentrada, particularmente, no eixo São Paulo – Rio de Janeiro, de onde os jornais analisados são originários, compreendendo os anos de 1910 a 1927, período no qual os periódicos estudados se mantiveram em circulação.

Para que os questionamentos levantados a partir do *corpus documental* que envolve esse trabalho fossem respondidos de forma satisfatória, optamos por utilizar como método de pesquisa a *análise de conteúdo*⁴, levando-se em conta que o objetivo central desta pesquisa é reconhecer, nos textos políticos impressos em *A Lanterna*, *O Cosmopolita*, *A Plebe* e em *Voz Cosmopolita*, os princípios ideológicos que nortearam (se é que de fato o fizeram) as ações dos militantes envolvidos nessas publicações.

Concluimos que esta seria a metodologia mais apropriada, pois ainda que o volume de material seja relativamente grande, e assim o é, uma *análise textual qualitativa* estaria adequada tanto à sugestão de inferências sobre as fontes através de suas características textuais quanto à compreensão dos textos através de seu sentido manifesto. Em virtude do grande volume de material que dispomos dedicamos atenção especial à organização das leituras e análise dos jornais. Nesse sentido, todos os artigos, crônicas, notas, poesias

⁴ Como referencial teórico-metodológico é nosso dever apontar que a *análise de conteúdo* ou *análise textual qualitativa* é utilizada nesta pesquisa como técnica analítica de fontes primárias no sentido desenvolvido pela professora-assistente de Psicologia na Universidade de Paris V, Laurence Bardin, e muito bem explorado pela Prof^a. Dra. Núncia Santoro Constantino em seus trabalhos sobre teoria da História e oralidade.

ou epígrafes, publicadas nas páginas dos jornais operários, que pudessem suscitar inferências referentes às construções teóricas ou apropriações ideológicas desses sujeitos históricos, foram ordenados sob a forma de um catálogo de informações.

Este catálogo⁵ foi organizado através de tabelas temáticas. O conjunto de informações selecionadas através da leitura dos periódicos possibilitou a criação de categorias e subcategorias temáticas, o que facilitou, significativamente, o acesso aos dados de forma rápida e ordenada. O catálogo é composto por uma folha de rosto com os respectivos dados da publicação, seguido, logo abaixo, por tabelas corridas que identificam a data, a página, o título, a espécie e a temática do texto selecionado para fins de análise. Em alguns casos, informações adicionais como o número da tiragem da publicação também se fazem presentes.

Cabe salientar que os objetivos centrais desta pesquisa convergem na identificação, através da ação dos militantes anarquistas e comunistas, das matrizes ideológicas que fundamentaram seu discurso impresso e permearam suas iniciativas políticas dentro da sociedade brasileira entre os anos de 1910 e 1927, verificando a partir disso, as possíveis divergências entre comunistas e anarquistas em torno à “construção” de suas respectivas bases ideológicas.

A escolha de trabalho centrada no espaço temporal que vai de 1910 a 1927 está relacionada a uma conjuntura de rupturas dentro do movimento operário. Inicialmente, temos a fragmentação política caracterizada por congressos operários subdivididos, tão somente, pelo ofício. Com a fundação dos primeiros partidos comunistas de caráter libertário e, posteriormente, com a fundação do PCB, a quebra se estabelece através da estratégia de ação e da uniformidade teórica que passa a nortear o discurso de um grupo dirigente que se integra por diversos mecanismos ideológicos aos demais militantes.

⁵ O catálogo de informações foi agregado ao corpo do trabalho sob a forma de um apêndice de dados, pois entendemos que a confecção do mesmo fez parte do processo de análise dos periódicos selecionados para estudo.

Há que se levar sempre em consideração as circunstâncias em que esses militantes iniciam a sua trajetória política no Brasil. Os anos 1920 carregam consigo uma carga repressiva visivelmente enraizada nesta sociedade, onde a extensão política do *coronelismo* ainda se faz muito presente. Tal contexto é descrito nitidamente na obra de Paulo Sérgio Pinheiro, como segue:

A política é fatalmente agrária, política de fazendeiros de café, instalados no catete. Existe uma oposição burguesa desorganizada, caótica. Dois únicos partidos organizados – o Comunista, ainda fraco, pobre, fundado há pouco mais de dois anos e o Partido Republicano, dos grandes fazendeiros de café, partido forte, rico, partido do governo – quer dizer, os dois extremos, a extrema esquerda e a extrema direita. Uma burguesia industrial e comercial politicamente nula, desorganizada. O atraso político é tamanho que a burguesia industrial ainda não formou o seu partido, enquanto o proletariado já conseguiu forjar o seu partido desde 1922⁶.

Em verdade, os primeiros partidos operários foram àqueles fundados em março de 1919 pelos militantes ácratas, nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro. Entretanto, estes, dificilmente são lembrados pela historiografia tradicional, já que não se conformaram aos moldes dos partidos políticos burgueses, que têm por base uma organização hierárquica de funções. Também por esta razão é que optamos por trabalhar com publicações não-oficiais tanto dos partidos de 1919 quanto do PCB de 1922. Nosso intuito sempre foi identificar as transformações ocorridas no interior desses grupos, (suprimir vírgula) que, como hoje se sabe, culminaram no cisma político entre anarquistas e comunistas no Brasil.

A diversidade de obras referentes à formação do movimento operário brasileiro e sua tortuosa caminhada em busca de afirmação é relativamente ampla, o que pouco se conhece é o estudo da mídia impressa que plasmou o discurso do Partido Comunista do Brasil nos seus primeiros anos de atividade. Entre os trabalhos historiográficos produzidos a respeito da constituição do movimento operário brasileiro e da conformação de sua mídia impressa

⁶ PINHEIRO, Paulo Sérgio. **A Classe Operária no Brasil: documentos (1889-1930)**. Vol 1. São Paulo: Alfa ômega, 1979. p.272-273.

poderíamos citar a obra de Paulo Sérgio Pinheiro e de Michael M. Hall denominada *A Classe Operária no Brasil*⁷, que contribuiu com o objetivo de evidenciar as primeiras contradições entre a política anarquista e a política comunista organizada no Brasil, trazendo agregada a sua análise uma série de atas de congressos onde encontramos na íntegra todas as discussões e normativas aprovadas dentro das primeiras assembléias operárias espalhadas por todo o país.

Não poderíamos esquecer de mencionar a obra de Dênis de Moraes intitulada *O imaginário vigiado*⁸, que mesmo não vindo de encontro ao período que trabalhamos estabelece uma excelente análise acerca da imprensa comunista e seus mecanismos ideológicos de ação. Um estudo singular que trata ao mesmo tempo da evolução histórica do movimento operário conjugada às rupturas ideológicas conduzidas pela política de difusão de idéias do Partido Comunista Brasileiro (PCB) durante a vigência do stalinismo na URSS.

Seguindo essa linha, não menos importante para este tipo de estudo, é a obra de Maria Nazareth Ferreira, *Imprensa Operária no Brasil*⁹. A autora se dedicou a garimpar um apanhado imenso de informações acerca das primeiras publicações operárias surgidas no Brasil, preocupando-se em distinguir as três primeiras fases em que se desenvolveram esses periódicos. A primeira dessas fases foi a *imprensa anarcossindicalista*, que aqui analisamos, a segunda a *sindical-partidária*, a qual também se faz presente nesse estudo e a última fase está relacionada à *imprensa unicamente sindical*, representativa do período da ditadura militar em diante, a qual não alcançamos neste trabalho.

É importante salientar que todos os trabalhos que envolvem estudos relacionados à imprensa operária no Brasil, em sua primeira fase, enfrentam inúmeros obstáculos para se tornarem uma iniciativa concreta. Em primeiro lugar, em razão dos poucos estudos dedicados a estes temas, a dificuldade em

⁷ PINHEIRO, Paulo Sérgio e HAAL, Michael M. **A Classe Operária no Brasil: documentos (1889-1930)**. São Paulo: Alfa Omega, 1979.

⁸ MORAES, Dênis de. **O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

⁹ FERREIRA, Maria Nazareth, **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.

se ter acesso às fontes (já que boa parte das mesmas concentra-se no eixo Rio - São Paulo) e o próprio desconhecimento dos pesquisadores acerca dos arquivos que já dispõem desse material digitalizado, como é o caso do Centro de Documentação e Memória da UNESP, do qual foram cedidas as fontes utilizadas nesta pesquisa, acabam por distanciar o acesso dos pesquisadores a este tipo de documentação.

A imprensa operária, por sua vez, abriga uma série de problemáticas que ainda podem ser aprofundadas pelos historiadores que se interessem pelos “Mundos do Trabalho”. A abordagem que traçamos nesta pesquisa tenta compreender apenas um viés dessas múltiplas facetas submersas no interior das páginas de publicações operárias. Cada texto publicado nesses jornais traz consigo uma porção de significados. Compreendê-los e contextualizá-los no tempo e no espaço é tarefa do historiador; estudos dessa grandeza se fazem necessários hoje e sempre na compreensão das primeiras formas de atuação de milhares de trabalhadores que buscavam nos jornais mais do que ditames políticos.

O Jornal também se tornou, no interior dos sindicatos ou das Ligas Operárias, um espaço de sociabilidade, um veículo que transmitia valores e que também educava; que era capaz de alcançar os mais longínquos pontos do país levando uma mesma mensagem; uma mensagem que tinha grande significado para aqueles que se sentiam parte do mesmo ideal político e social. Estudar a imprensa operária é também alcançar a expressão escrita de inúmeras dúvidas, conflitos, alianças, disputas, parcerias que conformaram a história operária do Brasil.

Sobretudo, compreendendo a necessidade de se produzir mais estudos que evidenciem novas facetas da imprensa operária é que nos motivamos a desenvolver esse estudo. Nesse sentido, dividimos esta pesquisa em quatro capítulos. O primeiro deles *“O HOMEM E A TOTALIDADE CONCRETA: construções ideológicas derivadas da consciência sobre o real e relações objetivadas do homem no trabalho”* busca compreender, de forma simples, porém não redutora, a constituição da ideologia e o funcionamento da

consciência humana sobre o mundo real, no qual o ser humano, obrigatoriamente, está inserido. Partindo disso, objetivamos entender como o homem constrói as formas e os conteúdos ideológicos dimensionando-se no interior da realidade concreta e objetivando-se, sobretudo, no trabalho.

O segundo capítulo “*PRECURSORES DE UM NOVO TEMPO*” é a materialização histórica do encontro entre a teoria política e a prática política. Nele, buscamos narrar e interpretar a história dos primeiros substratos ideológicos operários originados no “Velho Mundo”. Para isso, nos remontamos ao século XIX, buscando compreender as diferentes concepções ideológicas presentes no interior do anarquismo e a própria construção do marxismo, tanto no que concerne à sua origem teórica, quanto no que convergiu em iniciativas práticas.

No terceiro capítulo “*UM OLHAR SOBRE OUTRO FOCO*” examinamos a formação do movimento operário no Brasil, relacionando as circunstâncias políticas, sociais e culturais, nas quais estavam inseridos os trabalhadores militantes que participaram ativamente na construção de sua mídia impressa, compreendendo sempre que suas escolhas dependeram, intransferivelmente, da realidade que os cercava. Nossa tarefa neste capítulo é evidenciar os conflitos e acomodações suscitadas nesse ínterim, abrangendo a essência transformadora desse período, expressa nesta pesquisa através da trajetória política daqueles que buscaram se organizar em torno de seus interesses durante a Primeira República do Brasil.

No quarto e último capítulo intitulado “*ESCRITAS E LEITURAS IDEOLÓGICAS*” atingimos o ponto nevrálgico desse estudo. Buscamos através da análise dos periódicos anarquistas e comunistas identificar as apropriações teóricas feitas pelos militantes das organizações operárias brasileiras no período inicial de sua organização. Com isso, poderemos alcançar a expressão manifesta desses indivíduos acerca de sua realidade de lutas e conquistas e identificar quais foram as suas escolhas e a razão pela qual foram feitas no início do século XX.

1. ACERCA DAS DISCUSSÕES TEÓRICAS PRELIMINARES

“A consciência nunca pode ser mais que o ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo de vida real”.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, **A ideologia alemã.**

Neste capítulo inaugural se deseja examinar algumas discussões teóricas que por longa data, e ainda hoje, se fazem presentes nos estudos referentes à temática dos mundos do trabalho. O primeiro ponto a ser explorado é o conceito de ideologia e seus desdobramentos, tendo em vista que o mesmo perpassa todas as relações teóricas estabelecidas com nosso objeto de análise. Partindo da história deste conceito e de sua função, aprofundaremos o estudo, vislumbrando compreender a atividade da consciência humana nas percepções sobre o *real* e estendendo o debate para a própria noção do que é o real. Por fim, após identificarmos como o homem constrói suas formas e conteúdos ideológicos, passaremos ao entendimento de como ele se dimensiona dentro da realidade concreta objetivando-se no trabalho e nas relações de trabalho tanto em sua forma positiva quanto negativa; lembrando que a relação do homem com o trabalho será um dos temas que nos acompanhará ao longo de todo o estudo.

1.1 A ideologia como expressão das contradições do mundo real: raízes de um conceito que nega sua determinação social

O termo ideologia, no original, *idéologie*, remete ao ano de 1801 na França, onde Destutt de Tracy, nas palavras de Terry Eagleton, “*um aristocrata de nascimento*”¹, além de filósofo e soldado aguerrido durante a Revolução Francesa, decidiu construir o conceito de uma *ciência das idéias*, entendida, naturalmente, pelo rigor da racionalidade científica e como um subcapítulo da zoologia.

¹ EAGLETON, Terry. Do Iluminismo à III Internacional. In: **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: UNESP, 1997. p.67.

Para De Tracy, as idéias resultavam da interação entre um organismo vivo (o homem) e a natureza, que o incitava a percepção sensorial, através da qual lhe era possível criar signos correspondentes. De acordo com Michael Löwy, “*é por esse caminho que segue a análise, de um cientificismo materialista vulgar, bastante estreito*”², o que Louis Althusser definiria como “*a teoria (genérica) das idéias*”³.

Ocorre que, apesar do esforço intelectual despendido por Destutt de Tracy para elaborar uma base científica favorável ao estudo das idéias, o cenário político parece voltar-se contra ele; Napoleão, outrora seu apoiador, passa a não medir esforços para diminuí-lo enquanto intelectual e cientista. Como narra Terry Eagleton:

Ainda no auge da revolução, De Tracy tornou-se um membro preeminente do Institut Nationale, o grupo de elite de cientistas e filósofos que constituíram a ala teórica da reconstrução social da França. Trabalhou na Divisão de Ciências Morais e Políticas do Instituto, na Seção de Análise das Sensações e Idéias, e ocupou-se em criar para as *écoles centrales* do serviço civil um novo programa de educação nacional, que teria como base a ciência das idéias. Napoleão, a princípio, estava encantado com o Instituto, orgulhoso de ser um membro honorário, e convidou De Tracy a juntar-se a ele como soldado em sua campanha no Egito. [...] Mas a sorte de De Tracy logo declinou. Quando Napoleão começou a renegar o idealismo revolucionário, os ideólogos rapidamente tornaram-se sua *bête noir*, e o próprio conceito de ideologia ingressou na luta ideológica.⁴

A chamada “luta ideológica” iniciada por Napoleão estava longe de acabar. No intuito de aviltar De Tracy, dentro do jogo político instaurado na França, Napoleão diz cunhar o termo *ideólogo* para designar todos àqueles que tentavam destruí-lo politicamente através dos seus estudos, o que nada mais eram (para Napoleão) do que formas de atirar os sonhos de homens e mulheres no abismo da finitude. Segundo o cientista social Michael Löwy, Napoleão usa o termo “*no sentido de especuladores metafísicos e, como Napoleão tinha mais peso, digamos, ideológico, que eles, foi a sua maneira de utilizar o termo que teve sucesso na época e que entrou para o linguajar corrente*”⁵.

² LOWY, Michel. **Ideologias e Ciência Social. Elementos para uma análise marxista.** São Paulo: Cortez, 1995. p.11.

³ ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado.** Rio de Janeiro: Graal, 1985. p.81.

⁴ EAGLETON, op.cit., p.68.

⁵ LÖWY, op. cit., p.12.

É, sobretudo, através dessas variações de sentido que o termo *ideologia*, aberto a interpretações pragmáticas ou fluidas, encontrará na primeira metade do século XIX uma definição complexa e polêmica sob o olhar crítico do jovem Marx. Em *A ideologia alemã*, Karl Marx e Friedrich Engels, trabalhando em parceria, articularam uma crítica contundente aos *juvens hegelianos*, grupo de estudantes e professores que teorizavam a partir do idealismo filosófico. A iniciativa de Marx e Engels culminou em algo muito mais amplo do que uma simples crítica teórica ou política; ambos inauguraram uma nova lógica interpretativa para que fosse possível chegar ao cerne do conceito de ideologia.

Para Marx a ideologia se origina através de percepções ilusórias da realidade; é, em suma, a falsa consciência gerada a partir de abstrações idealistas do mundo real. Em crítica a Ludwig Feuerbach⁶, e a outros filósofos coetâneos seus, Marx esclarece a partir de que etapa sua interpretação a respeito desse tema toma um caminho distinto e pontua os desdobramentos que dela decorrem como segue:

Até agora, o principal defeito de todo materialismo (inclusive o de Feuerbach) é que o objeto, a realidade, o mundo sensível só são apreendidos sob a forma de *objeto ou de intuição*, mas não como *atividade humana sensível*, enquanto *práxis*, de maneira não subjetiva. Em vista disso, o aspecto *ativo* foi desenvolvido pelo idealismo, em oposição ao materialismo – mas só abstratamente, pois o idealismo naturalmente não conhece a atividade real, sensível, como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis, realmente distintos dos objetos do pensamento; mas ele não considera a própria atividade humana como atividade *objetiva*.⁷

De fato, Feuerbach, em seus estudos sobre o cristianismo, não reconheceu a função da *práxis* humana na apreensão da realidade. Partindo disso, Marx e Engels trataram de romper com o seu materialismo antropológico e inverter a lógica idealista, colocando as condições materiais de existência dos homens como terreno de onde emergem as idéias e projetando a atividade humana como motor da vida real.

⁶ Ludwig Feuerbach estudou teologia e filosofia entrando em contato com Hegel, de quem sofreu influências determinantes para desenvolver seus trabalhos acerca da religião. Buscou com seus estudos compreender a relação estabelecida a partir do momento em que os homens exteriorizavam suas características projetando-as num Deus. Para Feuerbach, a existência de Deus estaria condicionada à projeção de predicados humanos, logo, sem esses predicados não existiria essência em Deus e não existindo essência, também não há existência.

⁷ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p.99.

Para Marx, contrariamente ao que pregavam os filósofos metafísicos do idealismo, seria um grande equívoco a crença na consciência entificada, pois como poderíamos imaginar que ela representa algo sem que represente a realidade? Este é exatamente um dos focos principais de onde se desenrola todo o restante de sua teoria, como deixou claro em uma de suas conhecidas passagens ao afirmar que: *não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência*⁸. Segundo Paul Ricoeur, em se tratando de Karl Marx, o conceito de ideologia propriamente dito corresponde ao:

mundo da representação por oposição ao mundo histórico, tendo este último uma consistência própria graças à actividade, às condições de actividade, à história das necessidades, à história da produção, etc. O conceito de realidade cobre todos os processos que podem ser descritos sob o título de materialismo histórico.⁹

Partindo desta premissa, Marx identifica a perspectiva de onde emana sua análise, ou seja, determina que as condições materiais de existência, em síntese, o *real*, é que suscita no homem a capacidade de ordenar um conjunto de impressões subjetivas conformando-as em idéias. Entretanto, a fronteira ultrapassada por Marx e Engels não se dá a partir dessa constatação, mas sim com a afirmação categórica de que as mesmas idéias, se ordenadas na ideologia, implicariam na visão deformada do real sob enfoque de determinada classe social. O grande problema encontrado por Marx nesse processo é que:

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder *material* dominante numa determinada sociedade é também o poder *espiritual* dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes; eles são essas relações materiais dominantes consideradas sob forma de idéias, portanto a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante. Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também uma consciência, e consequentemente pensam; na medida em que dominam em todos os sentidos e que têm uma posição dominante, entre outras coisas também como seres pensantes, como produtores de idéias, que

⁸ Ibid., p.20

⁹ RICOUER, Paul. Marx: A Ideologia Alemã. In: **Ideologia e utopia**. Lisboa: Edições 70, 1991. p.175

regulam a produção e a distribuição dos pensamentos da sua época; suas idéias são portanto as idéias dominantes de sua época.¹⁰

Nessas condições o Estado é posto como o objetivo crucial a ser alcançado pela classe dominante desejosa de impor sua dominação, reproduzindo seus valores e interesses como se representassem anseios coletivos. Em contrapartida, o proletariado, considerado por Marx a única classe verdadeiramente revolucionária, deverá contestar essa dominação; sua posterior conquista do Estado representaria, em sentido contrário, a libertação de todo o restante da sociedade.

O que Marx e Engels rejeitaram ao longo de toda a sua obra foi a concepção idealista de que as idéias distorcidas produzidas pela classe dominante poderiam ser combatidas com idéias verdadeiras. Em oposição a isto, *para eles as ilusões sociais estão ancoradas em contradições reais, de modo que somente pela atividade prática de transformar as últimas é que podem as primeiras ser abolidas.*¹¹ Vladimir Ilitch Lênin, alguns anos mais tarde, assumiu esse postulado como máxima quando afirmou que não há teoria revolucionária sem prática revolucionária.

Entretanto, diferentemente de Marx que via a ideologia em seu sentido mais negativo e crítico, resultante da falsa consciência, como acabamos de ver, Lênin encara o termo através de uma significação neutra, tendo em vista que não há, em sua concepção, ciência originária ou decorrente da ideologia. Para ele, tudo é ideológico, logo se a ideologia for utilizada pelo partido para guiar o proletariado rumo a sua emancipação histórica o termo definitivamente agregará conotação positiva ao seu significado¹². Sobre esta concepção Michael Löwy esclarece que:

Para Lênin existe uma ideologia burguesa e uma ideologia proletária. Aparece, então, a utilização do termo no movimento operário, na corrente leninista do movimento comunista, que fala da luta ideológica, do trabalho ideológico, do reforço ideológico, etc. Ideologia deixa de ter o sentido crítico, pejorativo, negativo, que tem em Marx, e passa a

¹⁰ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. op. cit., p.48-49.

¹¹ EAGLETON, op.cit., p.72.

¹² Faz-se necessário assinalar, nessa passagem do texto, a importância que terá a abordagem leninista sobre a parcela do movimento operário brasileiro que analisaremos *a posteriori*, pois será como ideologia classista que o termo irá adquirir maior ressonância entre nossos sujeitos históricos. Não podemos deixar de considerar que a construção de uma identidade político-ideológica entre esses elementos será um dos mais relevantes aspectos que norteará nosso estudo daqui por diante.

designar simplesmente qualquer doutrina sobre a realidade social que tenha vínculo com uma posição de classe.¹³

Contudo, a abordagem de caráter classista empregada por Lênin a respeito da definição do termo ideologia não encerrou a polêmica discussão sobre o assunto. Debruçando-se também sobre as raízes desse complexo conceito o sociólogo magiar Karl Mannheim decide analisar minuciosamente as distinções de acepção entre ideologia e utopia o que incorreu, nas palavras de Löwy, numa *tentativa sociológica de pôr um pouco de ordem nessa confusão*¹⁴.

Apesar de ideologia e utopia serem resultantes de um mesmo fenômeno, que se define pela existência de um *conjunto estrutural e orgânico de idéias, de representações, teorias e doutrinas, que são expressões de interesses sociais vinculados às posições sociais de grupos ou classes*¹⁵, ambas têm sentidos diametralmente opostos. Enquanto a ideologia se pauta pela legitimação da ordem estabelecida, a utopia se coloca exatamente no terreno oposto, contestando, ou ainda, negando a realidade posta e, sobretudo, se orientando pela busca da transformação da ordem estabelecida.

A esse fenômeno que congrega os dois conceitos aqui descritos Mannheim chamou de *ideologia total*. Esta expressão concentra em seu âmago *o conjunto daquelas formas de pensar, estilos de pensamento, pontos de vista, que são vinculados aos interesses, às posições sociais de grupos ou classes*¹⁶. A rigor, para o sociólogo Karl Mannheim, a chamada *ideologia total*, socialmente contaminada, se diferencia da *ideologia em seu sentido estrito*, na medida em que a segunda encerra o conservadorismo que a *ideologia total pode tomar, em oposição à forma crítica que ele chama de utopia*¹⁷. Tentando encontrar o ponto de intersecção entre ideologias e utopias, Michael Löwy propõe que se estude esses fenômenos a partir do que chamou de *visão social de mundo*:

¹³ LÖWY, op. cit., p.12.

¹⁴ Ibid., p.13.

¹⁵ Ibid., p.13.

¹⁶ Ibid., p.13.

¹⁷ Ibid., p.13.

Visões sociais de mundo seriam, portanto, todos aqueles conjuntos estruturados de valores, representações, idéias e orientações cognitivas. Conjuntos esses unificados por uma perspectiva determinada, por um ponto de vista social, de classes sociais determinadas. As visões sociais de mundo poderiam ser de dois tipos: visões ideológicas, quando servissem para legitimar, justificar, defender ou manter a ordem social do mundo; visões sociais utópicas, quando tivessem uma função crítica, negativa, subversiva, quando apontassem para uma realidade ainda não existente.¹⁸

Em suma, o que para Lênin significava uma ideologia burguesa, Mannheim chamou de *visões ideológicas*, àquelas destinadas apenas a manter o *status quo*; da mesma forma, o que o líder bolchevista entendia por ideologia proletária correspondia, em certa medida, ao que o sociólogo húngaro chamou de *visões sociais utópicas*, ainda que as últimas não aparentem representar ou enquadrarem-se, tão somente, aos anseios classistas.

Ultrapassando a questão terminológica e submergindo em campos analíticos paralelos, me parece necessário não esquecer que o termo por si só, não nos possibilitaria ingressar no estudo das condições materiais de existência determinantes na ação de nossos sujeitos históricos. A relação entre os princípios teóricos, ou ainda as idéias, e a realidade prática é de fundamental importância na compreensão do todo, ou do recorte do todo que, em última análise, consiste no universal particularizado.

Apesar da proposta central deste estudo consistir na análise e identificação das raízes político-ideológicas que permearam o discurso impresso dos militantes engajados no movimento anarquista e, posteriormente, comunista no Brasil, não se trata aqui de estabelecer uma discussão eminentemente teórica, baseada em abstrações terminológicas. Tal parâmetro interpretativo invocaria apenas a distorção e completa incompreensão do processo histórico a que dirigimos este trabalho.

Não podemos nos permitir perder de vista que *a categoria metodológica da totalidade significa a percepção da realidade social como um todo orgânico, estruturado, no qual não se pode entender um elemento, um aspecto, uma*

¹⁸ Ibid., p.13-14

*dimensão, sem perder a sua relação com o conjunto*¹⁹. Ainda que aqui nossa análise seja determinada por um recorte temporal, espacial e, sobretudo, teórico; a ligação com sua historicidade é imprescindível, bem como a capacidade de estabelecer elos com o conjunto da vida social.

Um dos princípios da dialética, sobre o qual se fundamenta boa parte de nosso estudo, afirma, justamente, a tendência à perenidade de todos os fenômenos sociais, políticos ou econômicos que são apreendidos por nós sob fórmulas ou leis engendradas unicamente para encobrir os acontecimentos pelo falso véu ontológico da causa e do fim em si mesmos. O que se aplica, em última instância, a este princípio, é a noção de que todos esses fenômenos são frutos da ação humana e por isso podem, e não raras vezes, ser transformados por ela.

Os enfrentamentos, os conflitos, ou mesmo as relações contraditórias que se estabelecem entre as classes sociais sedentas de afirmação numa sociedade, se conformam em outro princípio dialético, tal qual poderemos visualizar em nossos estudos de caso. É nesse ponto que se percebe a principal distinção entre a dialética de Hegel, a quem Marx certamente deveu muito do que soube, e a dialética propriamente marxista, visto que a primeira busca legitimação e conciliação com a realidade, enquanto a segunda visa transformá-la através de uma *filosofia da práxis*; o que de acordo com Antonio Gramsci:

Só pode apresentar-se, inicialmente, em uma atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente (ou mundo cultural existente). E portanto, antes de tudo, como crítica do “senso comum” (e isto após basear-se sobre o senso comum para demonstrar que “todos” são filósofos e que não se trata de introduzir *ex novo* uma ciência na vida individual de “todos”, mas de inovar e tornar “crítica” uma atividade já existente) e, posteriormente, da filosofia dos intelectuais, que deu origem à história da filosofia e que, enquanto individual (e, de fato, ela se desenvolve essencialmente na atividade de indivíduos singulares particularmente dotados), pode ser considerada como as “culminâncias” de progresso do senso comum, pelo menos do senso comum de estratos mais cultos da sociedade e, através desses, do senso comum popular.²⁰

¹⁹ Ibid., p.16.

²⁰ GRAMSCI, Antonio. Alguns Pontos Preliminares de Referência. In: **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989. p.18-19.

Antonio Gramsci, como notável jornalista que era, se lançou numa investigação profunda acerca da realidade e das condições materiais que compunham este *real*. Sua *filosofia da práxis* esteve empenhada em *superar (e superando, incorporar os elementos vitais) tanto o materialismo mecanicista e ingênuo, de “reflexo especular”, como o idealismo abstrato e as teorias “criacionistas” da consciência subjetivista*²¹. Para tanto, configurou uma estrutura metodológica capaz de atuar tanto na apreensão do conhecimento quanto na atividade humana sobre o *real*.

Ao compreender a dualidade “teoria e prática” como um corpo uníssono, Gramsci suscitou novas discussões relativas à dinâmica das lutas políticas em torno da hegemonia. Para ele, as classes dominadas deveriam inaugurar seus próprios valores, construir o alicerce de suas ações a partir da confirmação e exposição das relações que tecem entre si. Somente sob essa estrutura é que se tornaria possível também o desenvolvimento intelectual coletivo, contrariando a realidade excludente que restringe essa capacitação a uma pequena parcela de intelectuais.

O olhar de Gramsci que recai, portanto, sobre o caráter de construtos ideológicos formados em grupos sociais, sintetiza o seu entendimento dialético da própria realidade histórica. Sua concepção de ideologia não está de acordo com a aceção marxista de inversão ou deformação da realidade, tão somente. Gramsci não acreditava na total alienação do ser humano capaz de torná-lo facilmente manipulável. Segundo ele, a adesão da coletividade à determinada ideologia corresponde ao:

Modo pelo qual se verifica a crítica real da racionalidade e historicidade dos modos de pensar. As construções arbitrárias são mais ou menos rapidamente [sic] eliminadas pela competição histórica, ainda que por vezes – graças a uma combinação de circunstâncias imediatas favoráveis – consigam gozar de certa popularidade; ao passo que as construções que correspondem às exigências de um período histórico complexo e orgânico terminam sempre impondo-se e prevalecendo, mesmo se atravessam muitas fases intermediárias as quais a sua afirmação ocorre apenas em combinações mais ou menos bizarras e heteróclitas.²²

²¹ SEMERARO, Giovanni. Anotações para uma teoria do conhecimento em Gramsci. Disponível em: <http://www.artnet.com.br/~gramsci/arquiv181.htm>. Acesso em: 26 mar. 2008.

²² GRAMSCI, Antonio. Alguns Pontos Preliminares de Referência. In: **Concepção Dialética da História**, op.cit. p.28.

Cabe ressaltar, portanto que, Antonio Gramsci nos alerta para o fato de que a ideologia nem sempre reflete uma realidade distorcida e ilusória já que também pode agir como *força amalgamadora e constitutiva de subjetividades políticas*²³. Tendo cautela com a significação unicamente pejorativa do termo, Gramsci incorpora também o sentido positivo do conceito e manifesta que a ideologia pode e deve ser um instrumento de ação para as classes dominadas operando no sentido organizativo e relativamente homogenizador das massas.

A forma regular com que as massas podem tomar em se tratando de mobilização política perpassa em Gramsci a conformação de um partido, capaz de conduzir a coletividade dominada à transformação da realidade essencialmente contraditória e desagregadora. Nessa direção a ideologia é entendida duplamente e assume também papéis distintos dentro da sociedade, seja negando a realidade fetichizada que cria quando serve aos interesses das classes dominantes, seja como ferramenta de emancipação social, quando é dirigida pelo partido operário e pelo que Gramsci chamou de *intelectuais orgânicos*.

O intelectual orgânico, segundo Gramsci, é aquele que tem a capacidade de conjugar teoria e prática e mediar essa relação para a coletividade. São esses indivíduos, que dentro de um partido operário, devem assumir os postos de liderança, já que dotados dessa aptidão conduzem as massas à unidade prática e à proximidade ideológica, associando interesses comuns no desejo de emancipação.

Falamos ao longo dessa breve inserção, acerca do conceito de ideologia; seu surgimento, suas determinações sociais e sua forma de apreensão. Sobretudo, deixamos clara a prerrogativa marxista que assegura a configuração desse conjunto de idéias que compõem uma ideologia e que são resultantes da *práxis* humana sobre o mundo real em toda a sua historicidade. O que ainda não trouxemos a tona são as formas com que se articula a essência desse fenômeno, sua estrutura e a culminância disso na aparência fenomênica da ideologia que desenvolvemos até agora; é sobre isso que falaremos daqui por diante.

²³ SEMERARO, Giovanni. Anotações para uma teoria do conhecimento em Gramsci. Disponível em: <http://www.artnet.com.br/~gramsci/arquiv181.htm>. Acesso em: 26 mar. 2008.

1.2 Sobre a constituição da consciência e das percepções humanas sobre o *real*

Na tentativa de esclarecer as formas com que a realidade se apresenta ao homem é, antes de tudo, necessário categorizá-lo como um ser social. Disso decorre o fato de que suas ações ou percepções referentes ao universo concreto não são apenas condicionadas pela natureza, mas determinadas por ela; de tal forma que sem a relação constante e recíproca entre homem e mundo real o próprio homem inexistente. A realidade pode se revelar de formas variadas, visto que depende da forma com que o indivíduo vai representá-la e captá-la como componente de determinada situação; logo, a essência do *real* está dada, o que muda são as formas com que o mesmo é captado pelo sujeito humano.

Tomando por base as prerrogativas levantadas até o momento se torna visível a mediação desenvolvida pela consciência humana no sentido de conformar a realidade em representações passíveis de apreensão. Visto sob o aspecto de ser parte integrante de sistemas definidos por Karel Kosik como *conjuntos de elementos que exercem entre si uma influência recíproca*²⁴, o homem, ao estabelecer seu trato com os objetos que o cercam e que suscitam sua percepção, é determinado e determinante numa relação dialética de caráter social naturalmente estabelecida.

A sociedade capitalista, entretanto, em que os homens vivem e lutam para desenvolver suas mais variadas capacidades, encobre essas relações estabelecidas entre o ser humano e o mundo real; faz com que a percepção do sujeito sobre o objeto seja distorcida de forma que os objetos e as relações verdadeiramente reais se mostrem ao homem com uma falsa aparência. Tendo como base a estrutura analítica de Marx, Karel Kosik afirma que as únicas formas de quebrar o mecanismo que gera essa pseudoconcreticidade são:

- 1) crítica revolucionária da *praxis* da humanidade, que coincide com o devenir humano do homem, com o processo de 'humanização do homem' [...], do qual as revoluções sociais constituem as etapas-chaves; 2) pensamento dialético, que dissolve o mundo fetichizado da aparência para atingir a realidade e a 'coisa em si'; 3) realizações da

²⁴ KOSIK, Karel, **A dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p.46.

verdade e criação da realidade humana em um processo ontogenético, visto que para cada indivíduo humano o mundo da verdade é, ao mesmo tempo, uma sua criação própria, espiritual, como indivíduo social-histórico. Cada indivíduo – *pessoalmente e sem que ninguém possa substituí-lo* – tem de se formar uma cultura e viver a sua vida.²⁵

Ocorre também neste processo de captação da realidade a contaminação das percepções primárias pelas experiências latentes na memória dos indivíduos. Tais reminiscências, presentes em todos os sentidos humanos, condicionam a forma com que a realidade é apreendida pelo indivíduo e constituem, em seu conjunto, também a própria consciência. A consciência humana não tem a capacidade de compreender o todo inacabado em sua complexidade inerente, este se apresenta ao ser humano sob a aparência de um amálgama confuso e só pode ser compreendido como caos ordenado a partir da análise e da compreensão das partes.

Neste sentido, todos os fatos têm de ser entendidos como parte de uma totalidade concreta. Porém, sua compreensão, mesmo como conjunto, depende da separação do todo e, ao mesmo tempo, da separação do seu estado original, pois mesmo que a realidade se constitua numa estrutura dialética ordenada, não é assim que ela se mostra ao homem; logo, a percepção da realidade só é imediata quando distorcida. Como esclarece Kosik:

A teoria materialista distingue um *duplo* contexto de fatos: o contexto da realidade, no qual os fatos existem originária e primordialmente, e o contexto da teoria, em que os fatos são, em um segundo tempo, mediadamente ordenados, depois de terem sido precedentemente arrancados do contexto originário do real. Como é possível, porém, falar do contexto do real, em que os fatos existem de maneira primordial e originária, se *tal* contexto só pode ser conhecido pela mediação de fatos que foram arrancados do contexto real? O homem não pode conhecer o contexto do real a não ser arrancando os fatos do contexto, isolando-os e tornando-os relativamente independentes. Eis aqui o fundamento de todo conhecimento: a cisão do todo.²⁶

De fato, a cisão do todo possibilita a compreensão das partes; no entanto, o todo que tanto nos referimos aqui não constitui algo independente do homem. Ao contrário, sua existência depende também dos produtos das ações humanas. A

²⁵ Ibid., p.23-24. [grifo do autor].

²⁶ Ibid., p.57.

realidade gera e é gerada pelo ser humano, não é fechada nem acabada em si, mas é complementada num ritmo acelerado e inesgotável que engloba cotidianamente novos elementos.

Retomamos aqui um ponto que já abordamos em circunstâncias análogas, trata-se da categoria da *práxis* humana. Todas as criações humanas resultam da *práxis*, ela cria a realidade através de iniciativas humanas, assim como tem manifesta a realidade em suas criações e “*compreende – além do momento laborativo – também o momento existencial: ela se manifesta tanto na atividade objetiva do homem, que transforma a natureza e marca com sentido humano os materiais naturais, como na formação da subjetividade humana*”²⁷.

É, sobretudo, nessa interação do homem com a realidade que se dá a construção do seu sentimento de pertença à mesma; a partir desse movimento o homem se torna capaz de enxergar os fenômenos, não como resultantes de uma esfera alheia à realidade, e sim como fruto de suas ações sobre o mundo real. Nesse sentido, a essência do real está presente também no aspecto fenomênico do mundo concreto. Não obstante, no que poderia exatamente consistir a concreticidade, ou seja, a realidade? Karel Kosik responde:

A realidade é a unidade do fenômeno e da essência. Por isso a essência pode ser tão irreal quanto o fenômeno, e o fenômeno tanto quanto a essência, *no caso em que se apresentem isolados e, em tal isolamento sejam considerados como a única ou “autêntica” realidade. [...] Se a aparência fenomênica e a essência das coisas coincidissem diretamente, a ciência e a filosofia seriam inúteis.*²⁸

Como aponta este autor, qualquer fato histórico que tente mostrar-se à luz, apenas, de sua essência, ou em situação análoga, apenas em seu caráter fenomênico, não deve ser encarado como real. O objeto analisado em sua historicidade apenas é real na medida em que é visto como unidade entre essência e forma fenomênica.

²⁷ KOSIK, Karel. op. cit., p.224.

²⁸ Ibid., p.16-17. [grifo do autor].

Em outras palavras, o ser humano tem mais facilidade para ver o real a partir de seu aspecto fenomênico; isso se deve à participação do indivíduo na constituição dessa forma através de sua *práxis*. Por integrar-se ao processo de constituição do aspecto fenomênico das coisas reais o homem terá mais facilidade em assimilar essa forma e reproduzi-la em suas vivências.

Portanto, tudo o que se mostra compreensível ao homem é fruto, também, de elaborações teóricas (abstratas), por ele desenvolvidas, que agregam suas experiências de vida real, suas interações sociais com outros homens, sua cultura, enfim, todas as práticas e conceitos já elaborados e armazenados na sua consciência. Esse mecanismo se traduz quase que numa mediação auto-explicativa criada pelo próprio indivíduo para captar o real.

Por mais paradoxal que possa parecer num primeiro momento, os fenômenos sociais, ou ainda os fatos históricos, parecem ter uma característica ontológica, visto que se definem a si mesmos, enquanto contribuem para a definição da totalidade concreta. Ocorre que sua auto-definição não está ao alcance do homem, por isso este desenvolve uma busca por abstrações submersas em sua própria consciência, tentando conjugar suas experiências, percepções, cultura, etc., que lhe pareçam semelhantes ou conectadas àquilo que procura compreender pela separação da totalidade concreta.

A totalidade concreta, por conseguinte, também se coloca no campo das reciprocidades com o homem. Entende-se aqui que toda a produção social humana, e, dentro disso, podemos incluir as relações sociais, a produção de bens materiais, a interação com o mundo material que o cerca, etc; são formas de construção da totalidade concreta, materializações das ações humanas. Partindo desses pressupostos, Karel Kosik inclui a possibilidade do homem “*perder-se no mundo ‘exterior’ porque na sua existência ele é um sujeito objetivo, que só existe enquanto produz subjetivamente o mundo histórico objetivo*”²⁹.

²⁹ Ibid., p.86.

Essa discussão se faz pertinente, pois será perpassando os breves questionamentos levantados nesse momento que poderemos compreender de que forma se originaram as motivações políticas de nossos sujeitos e como estes se colocaram diante das múltiplas esferas do real apresentadas a eles. Sabemos que o homem é um ser social, também já assinalamos que sua percepção sobre o real passa por relações recíprocas. Vimos que o homem, para interagir com a totalidade concreta, desenvolve atividades de caráter social que ao mesmo tempo em que criam o próprio sujeito também absorvem e geram o real; mas nesse fluxo de inter-relações ainda não alcançamos o que exatamente o homem produz. Contudo, conforme elucida Kosik, as produções humanas se dividem em três esferas, são elas:

- 1) os bens materiais, o mundo materialmente sensível, cujo fundamento é o trabalho;
- 2) as relações e as instituições sociais, o complexo das condições sociais;
- 3) e, sobre a base disto, as idéias, as concepções, as emoções, as qualidades humanas e os sentidos humanos correspondentes³⁰.

Marx, em *A ideologia alemã*, salientou esse mecanismo de reciprocidade dando, no entanto, maior ênfase ao condicionamento do homem pelas condições materiais de sua existência na produção e reprodução dos meios de existência. Segundo ele esse modo de produção dos homens “*representa já, um modo determinado da atividade desses indivíduos, uma maneira determinada de manifestar sua vida, um modo de vida determinado*” e “*a maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são*”³¹.

Contudo, o processo de conhecimento do mundo real e do próprio homem, enquanto sujeito social deve ser encarado permanentemente sob o prisma da eterna transitoriedade. Ao criar o real o homem cria a si mesmo e, criando a si mesmo, a cada nova interação com o real, o indivíduo se transforma ao passo que o próprio real é transformado, nada permanece como em seu estado originário, tudo está em permanente transformação.

³⁰ Ibid., p.126.

³¹ Cf. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. op.cit., p.11. [grifo do autor].

Sendo o homem um ser finito, e que tem sua historicidade marcada pela finitude, (na medida em que ao se desenvolver passa por diferentes ciclos de crescimento e envelhecimento) todo o *por vir* está inserido no universo do desconhecido e apenas pode ser analisado pelas categorias do provável e do improvável, nunca sob o olhar absoluto. Sobre isso, Kosik acrescenta que “o problema teológico do **sentido** desta provisoriedade e transitoriedade permanecerá especulativamente **eterno**, e eternamente sem solução³²”.

Esse processo de transitoriedades e permanências dentro da realidade se estabelece de maneiras distintas se pararmos para comparar a realidade concreta e o próprio homem. Enquanto o real permanecerá eternamente encoberto pelo caráter infundável, o ser humano, em contrapartida, terá sua existência marcada pela finitude. Mesmo nesse sentido não há espaço para a inclusão da idéia de razão histórica, ou ainda uma razão meta-histórica. Não é possível que tentemos justificar a existência humana e sua finitude como fator determinante nos sentidos que as ações do homem possam adotar. A razão histórica só pode se realizar “no conflito com a não-razão histórica”³³ e só se torna uma razão a partir do momento em que, de fato, se realiza.

A existência, ou não, de uma razão histórica tem gerado até os dias de hoje discussões entre os historiadores e acusações infundadas ao marxismo. Desde longa data análises vulgarizadas das obras de Marx o acusavam de difundir em seus escritos “o fim da história”. Essa percepção simplista e distorcida incorre também na idéia de que o comunismo se configuraria no ápice da realização humana, no sentido de que este seria, em absoluto, o cume final da história. Esta visão completamente falsa não só atravessa como também contradiz a própria teoria marxiana, pois como afirma István Mészáros:

Na visão de Marx – que não pode reconhecer nada como *absolutamente final* – não pode haver lugar para uma idade do ouro utópica, nem ‘ali na esquina’, nem a uma distância astronômica. Tal idade de ouro seria o fim da história, e com isso o fim do próprio homem.

³² Cf. KOSIK, Karel. op.cit., p.147. [grifos do autor].

³³ Cf. KOSIK, Karel. op.cit., p.237.

Mas continua sendo verdade que não só os inimigos de Marx, como também muitos de seus seguidores e vulgarizadores, o identificaram como o profeta de uma terra prometida, e alguns até mesmo pretenderam ter realizado – ou estar muito próximo de realizar – a sua suposta idéia de uma terra prometida.³⁴

É importante levantarmos aqui estas questões, compreendendo que inexistindo ser humano também inexistiria teoria marxista, visto que o foco analítico de Marx eram as construções humanas sobre o real, ou ainda, as relações humanas com o real, para que, mais adiante, possamos ligar estas questões com os sujeitos históricos aqui analisados através de sua atividade textual impressa e a partir de suas interpretações sobre a realidade, apresentadas, não raras vezes, como herdeiras do marxismo.

Neste momento, algumas reflexões sobre a constituição da consciência se fazem necessárias, visto que a busca por compreensão das realizações humanas sobre o real acompanham sempre um processo muito mais profundo de apreensão do real e de transmissão ou adaptação das percepções do homem no convívio social; ainda que se entenda por convívio social a sua forma humana mais primitiva. Vimos anteriormente como se dá a formação da consciência e como a mesma atua sobre o real, resta-nos agora desenvolver a formação da mesma, bem como sua composição.

As divergências em relação à formação da consciência e da própria linguagem são freqüentes nos trabalhos sobre o assunto. Paul Ricouer, por exemplo, desenvolveu seus estudos entendendo que a primeira etapa a ser considerada como previamente estabelecida em relação à consciência seria a existência humana, seguida pela constituição da linguagem e somente depois poderia ser construída a consciência. Segundo Ricouer “*a linguagem surge, quase se poderia dizer, como o corpo da consciência*”³⁵. Neste sentido, sem a linguagem não há nenhuma estrutura capaz de compor a consciência. Em efeito, Ricouer elabora seu quadro teórico encarando a linguagem como principal mecanismo de ruptura entre o ser humano e os animais; por esta razão seus trabalhos primam pela ênfase à importância da linguagem nas relações humanas.

³⁴ MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006. p.221. [grifo do autor].

³⁵ Cf. RICOUER, Paul. Marx: A Ideologia Alemã. In: **Ideologia e utopia**. p.184.

Para Ricouer, antes da divisão do trabalho a linguagem era manifesta apenas sob a forma de comunicação que se estabelecia através de símbolos capazes de identificar uma realidade imediata; com o passar do tempo e com o processo de complexificação das relações humanas a comunicação se aprimorou e, não só agregou, como também incorporou novas experiências humanas, simbologias e percepções que se constituíram através das relações humanas. Todos estes elementos compunham o próprio real, o que de acordo com a percepção do filósofo francês sempre seria um *real simbólico* resultando das simbologias criadas pelo homem³⁶.

Ainda de acordo com Paul Ricouer a ideologia é encontrada dentro da própria linguagem humana e é ao mesmo tempo construída a partir desta; pois na sua concepção toda ação humana é ação com significado e por esta razão sempre estará imbuída de alguma simbologia, a única coisa capaz de limitar o alcance dessa linguagem são os limites da própria consciência. Nesse momento, e somente aqui, consciência e linguagem se encontram e podem ser até consideradas sinônimos. De acordo com Ricouer:

Se designarmos por consciência não o moderno sentido de consciência, mais ou menos sinônimo de conhecimento, mas a capacidade de projectar objetos, então ela refere o mundo kantiano e hegeliano de ter objectos, de organizar um mundo objectivo na representação; será todo o mundo fenomenal tal como é constituído mentalmente.³⁷

A posição de Paul Ricouer é contrária ao que Karl Marx vinha afirmando. Para Marx, a consciência surgiria antes da linguagem, e numa escala organizada se apresentaria da seguinte forma: primeiro se daria a existência humana, seguida pela formação da consciência que potencialmente poderia desenvolver a linguagem nos seres humanos.

Para Marx, a linguagem se expressa nas relações humanas como manifestação da consciência, logo esta não poderia ter originado a outra. Além disso, Marx acreditava que a origem da determinação social da consciência é a vida

³⁶ Cf. *Ibid.*, p.163-212.

³⁷ *Ibid.*, p.180.

real dos indivíduos e que a linguagem só poderia ser manifesta por necessidades humanas de comunicação. Segundo assevera:

Mesmo as fantasmagorias existentes no cérebro humano são sublimações resultantes necessariamente do processo de sua vida material, que podemos constatar empiricamente e que repousa em bases materiais. Assim, a moral, a religião, a metafísica e todo o restante da ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, perdem logo toda a aparência de autonomia. Não têm história, não têm desenvolvimento; ao contrário, são os homens que, desenvolvendo sua produção material e suas relações materiais, transformam, com a realidade que lhes é própria, seu pensamento e também os produtos de seu pensamento.³⁸

Neste sentido, Marx considerou a linguagem também como produto das representações humanas construídas sobre a base real. Em outras palavras, percebeu a linguagem como produto da consciência humana. Porém, decorre da discussão aqui levantada, o fato de que a consciência é parte do ser consciente, mas não é o próprio ser. Ela é, ainda de acordo com Marx, um *produto social* na medida em que as relações entre os homens, e entre homem e natureza, exigem um caráter sensível de apreensão do real.

A consciência está intimamente ligada com a história e a historicidade do mundo real, visto que a própria existência está diretamente relacionada com a realidade. Toda “*a produção real da vida*” de onde emana a consciência, “*aparece na origem da história*”³⁹ como criação humana, condicionada também pela realidade circunstancial já existente; em última instância, a historicidade está presente em todas as esferas que influenciam a formação da consciência.

O fato é que dentro de relações sociais distorcidas a consciência gera conteúdos ideológicos também falsos, o mesmo ocorre nas relações de trabalho dos sujeitos históricos; o condicionamento da forma de realização do seu trabalho pelos critérios de exploração de lucro do sistema capitalista mascaram as relações entre o homem e o trabalho, entre produtor e produto.

³⁸ Cf. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. op.cit., p.19-20.

³⁹ Ibid., p.37.

Aproximamo-nos aqui da descrição das condições em que estavam inseridos os indivíduos que militavam no movimento operário brasileiro e que constituem o foco de nossa análise. Nesse sentido, nosso próximo apartado está destinado à compreensão das relações de trabalho e, fundamentalmente, da relação do homem com o trabalho.

1.3 O trabalho como objetivação do homem e a gênese da relação sujeito-objeto

A manifestação da vida humana é expressa pelas relações construídas entre o homem e a natureza. Sua capacidade de interferir no *real* designa a duplicidade de seu caráter existencial como sujeito ativo, na medida em que transforma o *real existente* através de suas atividades e, ao mesmo tempo, passivo, ao modificar-se constantemente após cada realização. Toda atividade realizada pelo homem que estiver permeada por essa reciprocidade transformadora, que realiza e ao mesmo tempo sofre as mudanças, é chamada *trabalho humano*.

O trabalho humano é a representação das potencialidades do homem capazes de modificar a natureza de acordo com suas necessidades, transformando “aquilo que é dado natural, inumano” em um produto que “realiza os fins humanos naquilo que é natural e no material da natureza⁴⁰”. Dessa forma, a característica transformadora do trabalho se apresenta como duplamente condicionante, seja da “matéria-prima” ou do *real* modificado, seja pela própria mudança humana que adquire novos significados e cria significantes a partir de sua ação.

Nesse processo de transformações recíprocas e obtenção de novos significados pelo homem não podemos deixar de perceber o caráter de unidade expresso nessa relação, na medida em que os dois pólos (ativos e passivos) dessa atividade, ou seja, homem e natureza têm sua realização expressa através de uma mesma manifestação humana, o trabalho.

⁴⁰ KOSIK, karel. op. cit. p.203.

A unicidade entre natureza e homem só é expressa através do trabalho humano, que concentra em sua atividade a objetivação do sujeito histórico envolvido no processo. Este fenômeno se dá, de acordo com Karel Kosik, a partir do momento em que *“o objeto, arrancado do contexto natural original, é modificado e elaborado”* pela ação do homem, que *“alcança no trabalho a objetivação, e o objeto é humanizado⁴¹”*. Nessas circunstâncias, o homem cria seu próprio universo, onde alicerça suas experiências construídas ao longo de sua atividade laboriosa, as quais irão desempenhar até o fim de sua vida a função de modificar esse sujeito histórico através dos novos significados produzidos e assimilados. Sobre a constituição das relações estabelecidas através do trabalho humano, Marx adverte que:

Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula, controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeça e mãos –, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais.⁴²

Marx afirma, categoricamente, que a partir do momento em que o homem impulsiona suas forças sobre a natureza através do trabalho, ele passa a reconhecê-la também como uma de suas forças. Parece-nos que isto se deve exatamente ao fato do homem controlar o ritmo e a direção de sua atividade sobre a natureza. Da mesma forma que controla seus membros, músculos, seu pensamento, controla também a natureza imprimindo-lhe uma característica humana e a reconhecendo como uma de suas próprias forças, por ele ordenada.

Cabe salientar que a idéia de humanização da natureza também se faz presente na necessidade incorporada pelo homem em sua luta pela sobrevivência de dominação da natureza e, em última instância de ordenação da mesma. A capacidade de dominar e ordenar a natureza extraindo da mesma, através do trabalho, um produto direcionado às necessidades humanas também se constitui

⁴¹ Ibid., p.203.

⁴² MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p.211.

numa forma de humanizar o que é natural através da modificação de sua forma num processo dialético, em que sempre parte da essência anterior permanecerá na nova forma. Leandro Konder toma como exemplo essa relação quando desenvolve o conceito da dialética no trabalho a descrevendo nos seguintes termos:

A matéria prima é “negada” (quer dizer, é destruída em sua forma natural), mas ao mesmo tempo é “conservada” (quer dizer, é aproveitada) e assume uma forma nova, modificada, correspondente aos objetivos humanos (quer dizer, é “elevada” em seu valor). É o que se vê, por exemplo, no uso do trigo no fabrico do pão: o trigo é triturado, transformado em pasta, porém não desaparece de todo, passa a fazer parte do pão, que vai ao forno e – depois de assado – se torna humanamente comestível.⁴³

O que Konder esclarece através de um exemplo simples e corriqueiro é a dialética marxista; entretanto, em se tratando da relação entre homem e natureza ele acrescenta a noção de valor; não nos cabe aqui desenvolvê-la, já que a mesma engloba questões mais aprofundadas derivadas do que Karel Kosik chama de “trabalho econômico”⁴⁴, gerador de riquezas, ao passo que neste estudo tratamos apenas do “trabalho filosófico”, entendido como “agir objetivo do homem no qual se cria a realidade humano-social”⁴⁵.

É lícito afirmar que o trabalho filosófico humano está diretamente relacionado à consciência humana; isto se torna claro na medida em que o homem, ao realizar a transformação da natureza, tem presente em sua consciência o resultado de sua ação. Suas iniciativas, realizadas sob a forma de trabalho, estão previamente estabelecidas em sua consciência ordenadas sob a fórmula: ação e resultado. Marx identificou essa capacidade humana ao analisar o processo de realização do trabalho humano sobre a natureza, e assinalou que:

No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. Ele não transforma apenas o material sobre o qual opera; ele imprime o projeto que tinha conscientemente em mira, o qual constitui a lei determinante do seu modo de operar e ao qual tem de subordinar sua vontade.⁴⁶

⁴³ KONDER, Leandro. **O que é dialética**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. p.26-27.

⁴⁴ KOSIK, KAREL. op.cit., p.211.

⁴⁵ Cf. Ibid., p.211.

⁴⁶ É fato que neste trecho a ênfase de Marx recai em larga medida sobre a forma pela qual o trabalho humano é obrigado a operar, suas condições favoráveis e desfavoráveis, entretanto, também é fato que tal trecho identifica

No ato de imprimir sobre o objeto o projeto idealmente construído em sua consciência, o homem tem a capacidade de conferir, em certa medida, ao objeto o caráter humano. Contemplando sua realização o homem consegue enxergar a si mesmo, de forma que todo o esforço intelectual e prático despendido na concretude de seu projeto, toda a forma idealmente construída e impregnada de referências suas, lhe é refletida através do produto final de seu trabalho. Esse processo traduz a essência do trabalho humano realizado em sua completude ideal, o que não corresponde ao real se dimensionarmos a questão no capitalismo.

A objetivação do homem no trabalho também se manifesta através da capacidade humana de contemplar suas realizações no mundo em que vive identificando-se duplamente como pertencente ao mundo real e como “construtor” da realidade que o cerca através de seu processo de vida real. Porém, essa relação dialética só pode existir por intermédio do trabalho. O filósofo István Mészáros comenta o processo identificado como unicamente humano. Conforme o seu entendimento:

O poder do homem de *objetivar* a si mesmo por intermédio de seu trabalho também é um poder especificamente humano. Ele também deveria manifestar-se como a “objetivação da vida genérica do homem” e encerra características inerentemente humanas, na medida em que permite ao homem contemplar a “si mesmo num mundo criado por ele” e não somente no pensamento.⁴⁷

Além de ser fonte de auto-realização para o homem, o trabalho, atividade essencialmente humana, é o ponto de origem da relação sujeito-objeto expressa no processo vital de um sujeito histórico. Foi somente a partir desta relação que o homem pôde “*contrapor-se como sujeito ao mundo dos objetos naturais*”, em decorrência disso, “*o homem não deixa de ser um animal, de pertencer à natureza; porém já não pertence inteiramente a ela*”⁴⁸. Tal ruptura está intimamente ligada à análise dialética das práticas sociais humanas, a qual utiliza-se como referência nesta discussão.

claramente a noção de objetivação do homem no trabalho utilizada em nossa discussão. Cf. MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I**. p.212.

⁴⁷ MÉSZÁROS, István. op.cit., p.145. [grifo do autor].

⁴⁸ KONDER, Leandro. op.cit., p.24.

Em meio à concretização de um projeto humano através do trabalho, e ainda, à separação substancial entre homem e natureza expressa a partir da atividade humana consciente, devemos mencionar outro aspecto resultante dessa atividade, ou seja, o potencial diferenciador entre homem e animal latente no trabalho humano. Enquanto “*o homem vive no mundo (das próprias criações e significados), o animal é atado às condições naturais*”⁴⁹. A consciência humana, capaz de idealizar o projeto e o resultado de seu desenvolvimento, modificando a si mesma através dessa realização, é o principal veículo diferenciador entre homem e animal.

Todos os fatores que descrevemos até o presente momento referem-se, exclusivamente, à realização do trabalho humano num contexto positivo, favorável, onde todos esses elementos mostram-se claramente ao homem, nunca sob a forma mistificada de relações produtivas baseadas no lucro a partir do trabalho de outrem. Com base nessas circunstâncias “puras”, ou mesmo favoráveis, Marx listou os elementos componentes do processo de trabalho, apresentados na seguinte ordem: “1) a atividade adequada a um fim, isto é o próprio trabalho; 2) a matéria a que se aplica o trabalho, o objeto de trabalho; 3) os meios de trabalho, o instrumental de trabalho”⁵⁰.

O primeiro elemento identificado por Marx refere-se ao trabalho como projeto previamente idealizado na consciência humana enquanto o segundo, corresponde à natureza, ou ainda à matéria-prima posteriormente modificada pelo homem através do trabalho; o terceiro elemento está relacionado à maneira com que é executado o trabalho, agregando ao mesmo, instrumentos facilitadores da execução da atividade, em outras palavras, instrumentos de trabalho, objetos que também sofreram a ação humana sob a forma de trabalho até ganharem a função de instrumental laborioso.

Ocorre que todas as circunstâncias descritas até agora, como já mencionamos, referem-se a condições ideais de existência humana, desprovidas de quaisquer mistificações ou alienações, condições em que a objetivação do homem no trabalho produz subjetividades, consciência. Entretanto, não serão realizadas em circunstâncias idealizadas as iniciativas dos sujeitos históricos que analisaremos nos

⁴⁹ KOSIK, Karel. op.cit., p.203.

⁵⁰ MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I.** p.212.

próximos capítulos, ao contrário, a dinâmica que os cerca é consubstanciada na alienação, na reificação, ou ainda, na mistificação das relações produtivas. Trata-se agora não mais de uma objetivação positiva, e sim daquela que cria um profundo estranhamento entre o trabalhador e o produto de seu trabalho, rompendo com a faculdade natural de sua consciência.

Cabe salientar que inúmeros autores já se debruçaram sobre as contradições existentes no interior das relações de trabalho a partir da divisão social do trabalho e da própria lógica do sistema capitalista. Não nos cabe aqui aprofundar o conteúdo dessas discussões, todavia se faz necessário compreender alguns elementos característicos e decorrentes desse fenômeno que culminaram no resultado negativo, ou mesmo, desfavorável, da objetivação do homem no trabalho, encarcerando a mediação ideal entre homem e objeto.

De acordo com Karl Marx, a divisão social do trabalho no interior do capitalismo condenou o trabalhador a “*executar perpetuamente uma operação parcial e sua subordinação completa ao capitalista*”⁵¹, o resultado desse fenômeno cristalizado na sociedade, não poderia ser pior. O afastamento entre o homem e o produto de seu trabalho e o estranhamento das relações de trabalho culminaram numa profunda distorção de valores, num novo ritmo de trabalho transformador da própria significação do trabalho. István Mészáros descreve com propriedade esse processo denunciando que:

A atividade produtiva na forma dominada pelo isolamento capitalista – em que “os homens produzem como átomos dispersos sem consciência de sua espécie” – não pode realizar adequadamente a função de *mediação* entre o homem e a natureza, porque “reifica” o homem e suas relações e o reduz ao estado da natureza animal. Em lugar da “consciência da espécie” do homem, encontramos o culto da privacidade e uma idealização do indivíduo abstrato. Assim, identificando a essência humana com a mera individualidade, a natureza biológica do homem é confundida com a sua própria natureza, especificamente humana. Pois a mera individualidade exige apenas *meios* para sua *subsistência*, mas não formas especificamente humanas – humanamente naturais e naturalmente humanas, isto é *sociais* – de auto-realização, as quais são ao mesmo tempo

⁵¹ MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I.** p.411.

manifestações adequadas da atividade vital de um *Gattungswesen*, um “ser genérico” [grifos do autor].⁵²

A dinâmica mistificadora da relação entre o homem e o produto de seu trabalho no interior do capitalismo produz uma das várias formas de *alienação*. Esse fenômeno se desenvolve a partir da divisão do trabalho; quando ao realizar apenas uma atividade no processo produtivo o indivíduo se distancia de todo o ciclo de transformação do objeto, não reconhecendo por isso mesmo o produto final de seu trabalho e perdendo, com isso, a própria característica mediadora do processo.

A atividade alienada, resultante dessa forma de trabalho, característica do capitalismo, tende à reificação do próprio indivíduo. Submetido a uma lógica de trabalho que não vê o sujeito em toda a sua complexidade, mas apenas como executor parcial de determinado resultado materialmente acabado e capaz de gerar lucro, o homem passa a representar tão somente “uma peça” dentro do processo. De acordo com Mészáros a diferenciação entre trabalho alienado e trabalho como manifestação da vida, traçada conceitualmente por Marx, se evidencia, fundamentalmente, através dos fins dessa atividade. A partir do momento em que “*eu trabalho a fim de viver, para produzir um meio de vida, mas meu trabalho não é vida, em si; isto é, minha atividade me é imposta por uma necessidade externa*”⁵³, todo o processo norteador dessa atividade é, em última instância, alienado.

Nessa lógica de reificação do homem e das próprias relações entre os mesmos, análogas ao processo de trabalho, as necessidades genuinamente humanas são postas de lado, realizando-se apenas aquelas que de alguma forma se encaixam no processo de acumulação de riquezas. A divisão do trabalho contribuiu para o sentimento individual, particular, de tal forma que mesmo um conhecedor raso da obra de Marx consegue identificar as inúmeras passagens em diferentes escritos em que o autor relaciona o processo à propriedade privada, como “filhos de um mesmo pai”, o capitalismo.

Nesse incessante processo capitalista de acumulação de riquezas é estabelecida uma das maiores contradições do sistema, àquela que se estabelece

⁵² MÉSZÁROS, István. op.cit., p.80.

⁵³ Cf. Ibid., p. 88.

entre capital e trabalho. Enquanto um necessita fundamentalmente do outro para sua realização, é articulado o desequilíbrio de forças característico dessa relação. A existência crescente do capital está intimamente relacionada ao aprofundamento da miséria do trabalhador. Essa deformação das relações de trabalho, originada a partir da divisão social do trabalho e dos novos “contratos” firmados dentro do cenário produtivo da sociedade capitalista, foi desencadeada sob a forma processual desembocando em graves conseqüências, ordenadas por Leandro Konder da seguinte maneira:

Uma primeira causa dessa deformação monstruosa se encontra na *divisão social do trabalho*, na apropriação privada das fontes de produção, no aparecimento das classes sociais. Alguns homens passaram a dispor de meios para explorar trabalho dos outros; passaram a impor aos trabalhadores condições de trabalho que não eram livremente assumidas por estes. Introduziu-se, assim, um novo tipo de contradição no interior da comunidade humana, no interior do gênero humano.

A partir da divisão social do trabalho, a humanidade passava a ter uma dificuldade bem maior para pensar os seus próprios problemas e para encará-los de um ângulo mais amplamente universal; mesmo quando eram sinceros, os indivíduos se deixavam influenciar pelo ponto de vista dos exploradores do trabalho alheio, pela “perspectiva parcial inevitável das classes sociais (conforme a caracterização da *ideologia* por Lucien Goldmann)⁵⁴.

Com a divisão classista da sociedade, as formas de interação entre os sujeitos, particularmente no interior do processo produtivo, sofreram modificações substanciais. O homem submerso nessa nova dinâmica foi gradualmente adaptando-se aos novos limites incorporados a sua ação, tal qual fosse sua posição na escala produtiva. Novas noções de tempo, de liberdade e de necessidade foram sendo lançadas com forte condicionamento das “forças de mercado”. Novos valores foram sendo agregados às famílias, e as próprias relações humanas, ainda que distantes dos mundos do trabalho, sem se manter, por isso, imunes à renovação destes.

Em meio a tantas transformações, não podemos deixar de mencionar a relevância dada à individualidade incorporada à vida dos sujeitos históricos herdeiros de tantas mudanças. Sua marcada presença relegou ao homem “*meios*

⁵⁴ KONDER, Leandro. op.cit., p.29-30. [grifo do autor].

*para a subsistência, mas não formas humanas, sociais, de auto-realização*⁵⁵. Desta forma, inexistente qualquer possibilidade de realização da completude humana dentro do capitalismo.

Pode-se afirmar que todas as relações estabelecidas entre os homens (e o próprio ser humano individualmente), são reificadas no capitalismo, perdem-se as qualidades genuinamente humanas e se agregam características inanimadas. O trabalho como atividade objetivada do homem desaparece, em contrapartida, o trabalho alienado, aquele em que cessam as mediações entre homem e natureza, ganha terreno se afirmando através do conteúdo ideológico capitalista.

Limita-se radicalmente no capitalismo a capacidade humana de realizar um projeto elaborado conscientemente sobre a natureza, finda igualmente, a qualidade humana de encontrar-se no produto final de seu trabalho. O trabalhador não encontra espaço para executar os seus próprios projetos, apenas para tornar reais projetos coletivos, e ainda assim parcialmente. De acordo com Marx, essa forma de trabalho característica do capitalismo se apresenta através de dois fenômenos particulares:

O trabalhador trabalha sobre o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho. O capitalista cuida em que o trabalho se realize de maneira apropriada e em que se apliquem adequadamente os meios de produção, não se desperdiçando matéria-prima e poupando-se o instrumental de trabalho, de modo que só gaste deles o que for imprescindível à execução do trabalho.

Além disso, o produto é propriedade do capitalista, não do produtor imediato, o trabalhador. O capitalista paga, por exemplo, o valor diário da força de trabalho. Sua utilização, como a de qualquer outra mercadoria – por exemplo, a de um cavalo que alugou por um dia –, pertence-lhe durante o dia. Ao comprador pertence o uso da mercadoria, e o possuidor da força de trabalho apenas cede realmente o valor-de-uso que vendeu, ao ceder seu trabalho.⁵⁶

Partindo da argumentação de Marx é possível compreender diferentes rupturas no que seria considerado o processo de trabalho em sua forma positiva. Além do trabalhador não mais gerir a maneira com que executa seu trabalho e o ritmo com que o realiza, o próprio trabalho não se vincula mais as suas

⁵⁵ MÉSZÁROS, István. op.cit., p.80.

⁵⁶ **O capital: crítica da economia política: livro I.** p.219.

necessidades. Excluindo-se a sua força de trabalho, nada mais no processo o pertence, nem mesmo o projeto que executa, foi por ele elaborado. No que concerne à compra e venda da força de trabalho, não nos cabe aqui explorar todos os meandros pelos quais essa atividade passa até se realizar. O fato é que o trabalhador vende sua força de trabalho ao capitalista detentor dos meios de produção, executando os projetos que o mesmo julga necessários e, impregnada nestes projetos, sempre estará a vida humana alienada.

O que nos interessa, a partir da discussão iniciada neste capítulo inaugural, é identificar os processos pelos quais inúmeros trabalhadores vivenciaram e se depararam. É imprescindível termos a compreensão das circunstâncias que os movem, que suscitam acomodações ou rupturas em suas vidas, no intuito de identificar as motivações que acarretam reações por parte de inúmeros trabalhadores contra o sistema capitalista. De acordo com a dialética marxista, a análise do particular nunca pode desprezar o universal; um está contido no outro como a estrutura de um conjunto numérico e ambos se encontram como se fossem inúmeros pontos de intersecção.

O surgimento das ideologias, discutidas em sua historicidade teórica no início deste trabalho, está intimamente ligado às condições de existência determinantes da ação humana, bem como a elaboração consciente das formas de interação com o real circundante. Da mesma forma, o real, ou ainda, a totalidade concreta, depende da percepção humana para solidificar iniciativas, projetos. O homem só se realiza na medida em que realiza esses projetos, a partir do momento em que compreende que sua atividade laborativa contém a duplicidade perene do *criar e ser criado*. Por fim, todas as mistificações desenvolvidas em torno à atividade humana, expressas na forma trabalho, fundem-se num ciclo que se renova em suas variantes, porém não estruturalmente.

Com base na tentativa de compreensão da totalidade concreta e no próprio ciclo de relações estabelecidas entre homem e natureza, individualidade e coletividade, realidade e abstração é que foram desenvolvidas e classificadas as primeiras ideologias classistas. A reação ao conjunto de circunstâncias condicionantes e, em larga medida determinantes, do resultado das ações

proletárias no interior do sistema capitalista, mudou, radicalmente, o rumo do desenvolvimento da filosofia política no século XIX.

Sobre as relações econômicas estabelecidas a partir do capitalismo debruçaram-se inúmeros teóricos, que tentavam desvendar os segredos da majestosa força do capital. A Revolução Francesa, cenário das grandiosas manifestações classistas, inspirava análises e descobertas de muitos e assombrava a memória de tantos outros a ponto de o historiador britânico Eric Hobsbawm afirmar que *“nunca na história da Europa e poucas vezes em qualquer outro lugar, o revolucionarismo foi tão endêmico, tão geral, tão capaz de se espalhar por propaganda deliberada como por contágio espontâneo”*⁵⁷; o que era motivo de preocupação para uns tornava-se incentivo para a organização de outros.

Anarquistas e socialistas no século XX criados, por entre as cinzas revolucionárias francesas, definiam-se a cada dia com maior fervor, bradavam contra a lógica opressora da propriedade privada, e do lucro sem limites, clamavam pela liberdade proletária em torno às mistificações ideológicas burguesas. Suas investidas ainda pareciam dispersas e ínfimas até o momento em que definições políticas começaram a se cristalizar no Leste Europeu, tendências ideológicas passaram a ser legadas às novas gerações e se espalharam pelo mundo levando consigo o nome e o pensamento de homens e mulheres que iniciaram essa longa e inacabada caminhada.

⁵⁷ HOBBSAWM, Eric. **A Era das revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.159.

2. PRECURSORES DE UM NOVO TEMPO

“Não é para se protegerem, para se defenderem que eles assassinam o povo, que mutilam as almas, nem é por eles próprios que fazem isso, mas por amor aos seus bens. Não é o seu interior que eles protegem, mas o seu exterior”.

GORKI, Máximo. **A mãe.**

Destinamos este segundo capítulo intermediário a tarefa de relacionar as discussões teóricas iniciadas no capítulo anterior acerca da ideologia com alguns personagens históricos que permanecerão vivos em nosso debate e que, de alguma forma influenciaram o cenário de incursões por entre o universo das relações políticas construídas socialmente pelo homem a partir da Revolução Francesa. Não tratamos aqui de explicá-la, tendo em vista o alto esforço destinado ao estudo do tema por historiadores como Eric J. Hobsbawm, Robert Darnton, Michel Vovelle e tantos outros, mas se trata, certamente, de colocá-la num pedestal ao redor do qual circulam as primeiras lideranças do movimento anarquista e comunista que discutem ferozmente, tais quais filhos de seu tempo, as certezas e as inseguranças de um roteiro de idéias dividido em duas cenas: a convergente e a divergente. Passemos a identificação desses sujeitos históricos tão importantes em nosso desfecho.

2.1 Proudhon, Bakunin e Reclus: os grandes nomes de um anarquismo emergente

Profundamente engajado nos processos revolucionários em que se destacou pelas tenazes críticas tecidas contra Napoleão III, Joseph-Pierre Proudhon (1809 – 1865) foi reconhecido, sobretudo, como defensor máximo da justiça. Considerado o “pai” da anarquia, agregou às suas idéias humanitárias, baseadas fundamentalmente no cooperativismo, a normatização de um sistema político

federalista de livre participação e, por esta razão, denominado em sua forma econômica como *sistema mutualista*¹.

As idéias de Proudhon, assim como a de seus pares dentro do movimento ácrata são, demasiadamente, marcadas por um categórico apelo emocional, em termos de teoria econômica ou mesmo política; muito pouco foi desenvolvido fora do marxismo, o que em nada nos causa estranheza levando-se em consideração as raízes análogas que fundamentaram ambos.

Alguns historiadores fazem questão de frisar e mesmo utilizar como referencial analítico essa característica, entre esses autores cito Eric Hobsbawm que afirma ter o anarquismo como “*principal atrativo o aspecto emocional e não intelectual*” sem, no entanto, deixar de mencionar que este atrativo não era de forma alguma insignificante, pois ainda de acordo com este autor: “*quem tenha estudado, ou tenha tido algo a ver com o verdadeiro movimento anarquista, se sentiu profundamente movido pelo idealismo, heroísmo e espírito de sacrifício e religiosidade que tantas vezes ele engendrou*”.² De fato, como afirmou Hobsbawm, a compatibilidade do apelo emocional com os demais princípios pelos quais se guia o anarquismo é o que o torna o veículo ideal de elevação da ética humanitária e cooperativista.

A religião foi, dentro dessa estrutura, um traço diferenciador. Enquanto algumas correntes do movimento anarquista se declararam anticlericais por excelência, Proudhon, mestre fundador do mutualismo assumiu até o fim da vida sua crença no cristianismo sendo, entretanto, crítico feroz das práticas institucionalizadas pela Igreja Católica, particularmente, no que se refere ao fomento da acomodação do povo às injustiças instituídas pelas formas de governo existentes. De acordo com Proudhon, o cerne do problema está centrado na tentativa de acomodação do que chama de *jurisprudência da Igreja*. Conforme suas palavras:

¹ Inúmeras análises foram desenvolvidas tendo por base o pensamento de Proudhon. Para aprofundamento referente às mesmas, ver: DIAZ, Carlos. **Las teorías anarquistas**. Madri: Zero, 1976; ANDREW, Vincent. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995 e MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

² HOBBSAWM, Eric. **Revolucionários: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003, p.91.

Buen Hombre, Buen pobre, buen esclavo; Esta clasificación triple resume la jurisprudencia de la Iglesia en lo que respecta a las personas, a los bienes, al gobierno.

Tal es su *derecho público*, su *derecho de la paz y de la guerra*, su *derecho doméstico*, su *derecho administrativo*, su *derecho penal*, su *derecho de gentes*.³

A ingerência da Igreja de forma arbitrária em todas as esferas da sociedade incomodou muito Proudhon, porém, não mais do que a presença e a determinação de meios e fins empreendidos pelo Estado. Segundo Proudhon, a partir do momento em que essa instituição lançava seus tentáculos sobre a liberdade do povo ou ainda, a fim de encarcerá-lo dentro de suas instâncias administrativas e burocráticas mantenedoras da ordem do lucro, da desigualdade sócio-econômica, e, acima de tudo, alicerçando o pior de todos os axiomas do sistema: a propriedade privada, estava determinado o limite da harmonia e do pleno desenvolvimento humano.

De acordo com Proudhon as desigualdades sócio-econômicas existentes entre os homens eram deformações causadas pela natureza do Estado que nada fazia além de estender as desigualdades naturais existentes entre os homens para as normas sociais, para as leis e para a propriedade⁴, sendo a última considerada o fator principal gerador de disputas e de injustiças.

Em se tratando da relação entre regimes políticos e poder Estatal de poder, no sentido administrativo e gerenciador da “coisa pública”, Proudhon é categórico e teceu críticas contundentes à democracia representativa, posicionando-se contrário à mesma. De acordo com Andrew Vincent: “*A democracia representativa foi alvo de uma crítica específica. Segundo Proudhon, a modificação eleitoral e o sufrágio universal não fazem diferença. Simplesmente colocam um véu sobre a coerção do Estado*”.⁵A questão da representatividade, em especial, gerou acalorados debates entre aqueles que a consideravam uma necessidade imediata e aqueles que a negavam terminantemente. Em geral, os anarquistas de que tratamos se colocaram no segundo grupo.

³ PROUDHON, Joseph-Pierre. **El Estado**. Buenos Aires: Tor, 1930. p.107

⁴ Ibid., p.30

⁵ VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. p. 143

O Estado sempre foi encarado por Proudhon como uma máquina de coerção; a justiça, referencial básico de seu pensamento, nunca seria capaz de florescer dentro de uma instituição que limitasse a extensão das capacidades humanas. Carlos Díaz sintetiza essa idéia afirmando que, para Proudhon, “a democracia política sem a econômica e a cultural não é tal democracia”.⁶ De fato, a extensão das possibilidades humanas foram sempre levadas em consideração e ocuparam um espaço significativo dentro do pensamento anarquista sendo, com isso, impossível a conciliação com a democracia representativa, munida de interesses particularistas, que, como sabemos, compõem a essência de sua atividade.

Cabe ressaltar que é intrinsecamente instigante a capacidade que tem Proudhon de “levantar sempre a bandeira da coletividade”, sua teoria econômica advém exatamente dessa idéia e concentra uma crença menos ingênua no cooperativismo. O *mutualismo*, como foi designado seu modelo de “gerenciamento econômico”, se assim nos é permitido chamá-lo, consistia na organização estritamente econômica do funcionamento de uma sociedade. Segundo Andrew Vincent:

Ele supunha que a organização política fundada no Estado seria substituída pela organização econômica. Governos e Estados desapareceriam e os indivíduos se relacionariam através de contratos econômicos mútuos. O mutualismo, às vezes chamado e ‘garantismo’, era uma forma de anarquia contratante. A única organização não-contratual seria a família, que permaneceria não-radicalizada, hierárquica e patriarcal. As mulheres eram geralmente excluídas dos benefícios da anarquia. Os homens possuíam propriedade privada (enquanto não explorassem nem ofendessem os outros) e trabalhariam para si mesmos. Poderiam iniciar um negócio pedindo um empréstimo sem juros a um ‘banco de crédito mútuo’. Seus produtos poderiam ser trocados por notas de crédito garantidas pelo banco. A distribuição não seria padronizada e dependeria do trabalho e da produtividade. Apesar disso, persistia uma base de igualitarismo e libertarismo [sic.]. Os contratos não poderiam ser firmados sob coerção econômica nem condições de liberdade desigual. [...] Proudhon chamou sua noção de contrato de ‘justiça comutativa’.⁷

A idéia de Proudhon consiste, fundamentalmente, na retribuição ou geração de benefícios, ao trabalhador que melhor aproveitar o seu tempo de trabalho o

⁶ DÍAZ, Carlos. op. cit. p.56.

⁷ VINCENT, ANDREW. op. cit., p.127.

processo produtivo, pois encarando o universo do trabalho sob a forma de uma cascata ele vislumbra maiores benefícios à coletividade através desse tipo de incentivo que se traduz, majoritariamente, no plano econômico. Nesse sentido, o cooperativismo se torna um dos pilares de sua teoria, tendo em vista que para o bom andamento da sociedade em todas as suas instâncias se torna imprescindível que os trabalhadores cooperem entre si fazendo com que a “roda do sistema” gire positivamente. Não obstante, segundo interpretação de Eric Hobsbawm:

Em termo de ideologia, teoria e programas o anarquismo permanece marginal. É uma crítica dos perigos do autoritarismo e da burocracia em Estados, partidos e movimentos, mas isto é primordialmente um sintoma de que esses perigos são amplamente reconhecidos. [...] O anarquismo também sugere uma dissolução de democracia direta e de pequenos grupos autogeridos, mas não penso que suas propostas para o futuro tenham sido até aqui muito válidas, nem objeto de suficiente reflexão. Mencione-se apenas duas considerações. Primeiro, as pequenas democracias diretas autogeridas não são, infelizmente, necessariamente libertárias. [...] Segundo, tanto a natureza da economia social como da tecnologia científica modernas suscitam problemas de complexidade considerável para quem vê o futuro como um mundo de pequenos grupos autogeridos. Estes problemas podem não ser insolúveis, mas infelizmente não se resolvem mediante o simples apelo à abolição do Estado e da burocracia e nem pela desconfiança da tecnologia e das ciências naturais, que tão frequentemente acompanham o anarquismo libertário⁸.

A crítica desenvolvida pelo historiador britânico é de máxima relevância, no entanto, todos os questionamentos que possam ser levantados no processo de análise do passado histórico devem ser antes mediados pelo “fator tempo”. Todo o evento desenrolado no passado quer seja de cunho prático, quer seja de caráter intelectual e, por esta razão, abstratamente concebido, ainda que sobre bases reais e sólidas, deve sempre ser analisado como fruto de seu tempo e das especificidades que complementaram a sua concepção.

De fato, o anarquismo se expressa através de um apelo emocional intenso; também é verdade que suas concepções referentes à constituição de comunidades

⁸ HOBBSAWM, Eric. **Revolucionários: ensaios contemporâneos**. p.95

auto-geridas⁹ são inapropriadas à realidade atual. Entretanto, Proudhon, que teve seu pensamento marcado pelas idéias da Revolução Francesa e mais tarde, pelas sombras da mesma, certamente não imaginou um mundo em que grande parte das pessoas fosse capaz de se comunicar em tempo real mesmo estando em lados opostos de um hemisfério, tampouco deve ter sonhado com o intercâmbio cultural existente entre muitos povos, que já não encontram fronteiras seja por intermédio da mídia¹⁰ ou dos pacotes turísticos facilitados por um carnê recheado de prestações.

O fato é que hoje temos uma visão muito diferente daquela que tinham Proudhon e seus pares, portanto, no seu tempo, suas idéias, por mais impraticáveis que hoje nos possam parecer, surtiram forte efeito, quer pelo número crescente de membros cooptados pelo movimento ácrata, em um determinado contexto, quer pelo aumento substancial da repressão a esses grupos. Sobre esta polêmica concepção acerca do anarquismo Carlos Díaz complementa:

Así pues, los más cultos entre los anarquistas adoptan o se forjan una filosofía por aquella necesidad del intelecto humano a sistematizar y unificar el pensamiento; pero no importa, lo que les hace anarquistas es el sentimiento, es la aspiración de la libertad, el bienestar para todos, el amor entre todos¹¹.

Díaz corrobora a idéia desenvolvida por Hobsbawm evidenciando o espírito humanista do movimento ácrata que por uma necessidade essencialmente humana precisou ser sistematizado de alguma forma. Não há como entrar em desacordo com essa afirmação, ainda que, à primeira vista, possa parecer um tanto quanto taxativa e redutora; não é, em verdade, o que propõe. Proudhon, dentro dessa linha de pensamento, nos traria apenas uma dessas sistematizações, sendo assim, deslocamos nossa narrativa para o ano de 1824 na cidade de Paris local em que Proudhon teve seu primeiro contato com aquele que seria o autor da segunda “sistematização” que trataremos aqui: Mikhail Bakunin.

⁹ Neste momento nos referimos apenas, e tão somente, ao conceito de comunidades auto-geridas de raiz proudhoniana, ou seja, estabelecidas, majoritariamente, sob a forma de cartas de crédito e inteiramente ligadas ao grau de produtividade. Há outras formas para definir este tipo de comunidade dentro do próprio anarquismo, mais adiante trataremos destas.

¹⁰ Sabe-se que as informações transmitidas pela mídia não compreendem todo o arcabouço de eventos que circundam os fatos em si, entretanto, não se trata aqui de examinar o papel da mídia, tampouco suas falhas ou especificidades, tomamos o direito de citá-la apenas como exemplo do processo de globalização em que vivemos diferenciando o mundo de hoje daquele em que vivia Proudhon em princípios do século XIX.

¹¹ DÍAZ, Carlos. op. cit. p.129.

Deixando o Império Russo com destino à Dresden e Paris foi que Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1814 – 1876) encontrou-se com Proudhon aquele que, certamente, influenciou de alguma forma seu pensamento. Entre várias passagens pela prisão, e alguns exílios, Bakunin desenvolveu a sua própria concepção de uma sociedade organizada política e economicamente da forma com que julgava ser ideal. A princípio, ainda um pouco confuso, Bakunin tenta definir-se ideologicamente ou inserir-se através da prática política naquilo que entendia por socialismo e mais tarde por anarquismo socialista, sintetizando esse período com as seguintes palavras: *“naquele tempo eu não sabia absolutamente nada de economia política e meu socialismo era puramente instintivo”*.¹²

Como qualquer militante que inicia sua trajetória política (e a vida dos personagens históricos que aqui analisamos não foi diferente), Bakunin tem sua atividade cercada por inseguranças, influências vindas de todos os cantos que se confundem a cada nova leitura de textos publicados, não raras vezes, em jornais clandestinos, ou seja, não é um início nada simples. Esses homens e mulheres aos poucos vão moldando suas concepções de mundo e elaborando o esboço do que para eles constitui o movimento ideal, aquele capaz de levar a sociedade ao caminho da realização individual e coletiva.

Com Bakunin não foi diferente, suas palavras assinalam bem o princípio de sua vivência dentro da política. Foi em meio às movimentadas discussões nas assembleias da extinta Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)¹³ e dos acalorados debates travados nas reuniões de célula¹⁴ que Bakunin foi delimitando seus primeiros conceitos sobre o “universo social”; compreendendo lentamente suas complexidades.

¹² Apud. Trecho traduzido do original em espanhol. Cf. DIAZ, Carlos. op. cit. p.69

¹³ A Associação Internacional dos Trabalhadores (1864 - 1876) foi a primeira associação de classe internacional que congregou diferentes organizações operárias dentro de uma mesma agremiação onde eram discutidas questões centrais do movimento e as possíveis intervenções na sociedade. Para maiores informações ver: BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. p.195-196.

¹⁴ As reuniões de célula são aquelas realizadas por pequenos grupos de militantes filiados à determinada organização política ou ainda àqueles que se encontram em vias de constituir uma.

Recém inserido nas atividades do movimento operário europeu, Bakunin já proclama sua própria percepção da sociedade que difere em diversos aspectos das concepções de seus pares. Bakunin pertenceu à corrente anarquista denominada *coletivista*¹⁵, por esta razão, sua concepção acerca do Estado se apresenta de forma mais rígida do que vimos em Proudhon. Bakunin via o Estado como limitador das liberdades humanas, como instituição responsável pela segregação sócio-econômica e, sobretudo, como órgão central de um “regime de exceção”. Como afirmou Carlos Díaz:

En definitiva, quien dice clase privilegiada y burocrática, causante de la escisión pobres – ricos, cultos – incultos, y por ende, quien dice Estado dice censura, policía, constricción, cárcel, cuartel, muerte de la libertad.

*Así de drástico es Bakunin con el Estado, mucho más que lo fuera Proudhon, para quien al menos el Estado tenía – o podía tener – el papel de simple oficina, e incluso funcionar cual centro coordinador no del autoritarismo, sino de la autoridad confederada*¹⁶.

Por essa definição violentamente contrária ao Estado são sugeridas outras tantas, como a oposição que sempre o caracterizou contra a constituição de partidos políticos. Para o anarquista russo, eles nada mais seriam do que a concretização de uma forma diferenciada de exclusão, burocratização e, acima de tudo, de censura às liberdades individuais e coletivas. Para Bakunin, todo o mecanismo que, em última instância, vise a limitar as liberdades individuais deve ser negado e suplantado. Essa sua posição o colocou contra Karl Marx, nesta época uma liderança reconhecida dentro da AIT e, posteriormente, contra Vladimir Ilitch Lênin.

Por estar em completo desacordo com todas as formas organizacionais impositoras de regras coletivas que suscitem a distinção social e econômica. Bakunin também se coloca no terreno contrário dos debates e acordos parlamentários afirmando que *“pouco interesse tem por eles, já que não acredita em assembléias nacionais, constituintes, etc; para ele esse é um estágio suplantando,*

¹⁵ O *anarquismo coletivista* também foi denominado por alguns estudiosos do assunto como *anarquismo revolucionário*, devido ao grande número de ações violentas fomentadas, ou mesmo praticadas, por membros dessa tendência contra a ordem estabelecida. Para maiores informações ver: BOTTOMORE, Tom. op. cit. p.26-27

¹⁶ DÍAZ, Carlos. op. cit. p.87

*sendo essas, nada além do que formas políticas caducas, assim como as leis de classe e as constituições, nada disso o satisfaz”.*¹⁷

Os anseios de Mikhail Bakunin sempre estiveram voltados a iniciativas políticas que satisfaziam seus ideais, ainda que remotas e pouco aplicáveis. O sufrágio universal, a dissolução do Estado e a garantia de liberdade absoluta individual foram questões que permearam sua trajetória de lutas até o fim de seus dias. Seus questionamentos remetiam na maior parte das vezes a problemáticas universais e sua atividade política sempre foi marcada por isso.

Assim como Proudhon, Bakunin teceu críticas ferozes à Igreja, enquanto instituição, sem distinção entre crenças religiosas. Para ele, Igreja e Estado complementavam-se no exercício da ingerência arbitrária sobre a vida das pessoas e sobre o próprio encaminhamento dado a determinada sociedade. A religião com seu arcabouço de normas de conduta e regras sacras criou entre os homens, ainda de acordo com o líder anarquista, o estigma da culpa, da penitência e da dívida para com Deus. Bakunin não cansou de pregar a dissolução da Igreja pelo fato da crença religiosa ser “*assunto de consciência individual*”¹⁸ de escolha pessoal, opção que somente se pode tomar baseado em suas próprias vivências. Para Bakunin, Igreja e Estado tinham o poder destrutivo de unificar a mentalidade coletiva, a engessando de acordo com os interesses particulares de poucos; como assinalou:

*De fato, sabemos que, enquanto o direito divino reinou na terra, a imensa maioria dos homens foi brutal e cruelmente explorada, atormentada, oprimida, dizimada; sabemos que ainda hoje continua existindo em nome da divindade metafísica ou teológica um esforço por manter as massas populares na escravidão; e não podia ser diferente, pois, desde o momento em que existe uma vontade divina que governa o mundo, a natureza e a sociedade, a liberdade humana é totalmente anulada.*¹⁹

Contudo, o “*calcanhar de aquiles*” em Bakunin foi a crença na espontaneidade humana em levantar-se contra esses poderes e dissolvê-los pelo ímpeto revolucionário derivado de sua ânsia destrutiva fomentada por longos períodos de

¹⁷ Apud. Ibid. p.70

¹⁸ DÍAZ, Carlos. op.cit. p.77

¹⁹ BAKUNIN, Miguel. A educação integral. In: MURIYÓN, F.G. (org.). **Educação libertária**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p.47

injustiças e cerceamento da liberdade. Lutou ao longo de sua vida pela “*ditadura anarquista revolucionária*”²⁰, ainda que à primeira vista possa parecer paradoxal haja vista sua total negação de um poder central dominador. Seu espontaneísmo foi descrito sabiamente por Andrew Vincent quando assinala que:

*Bakunin não aprovava a idéia dos padrões racionais de progresso em direção à anarquia. A história, assim como a natureza, era, em larga escala, irracional e não sistemática, e se caracterizaria por explosões repentinas, inesperadas, da atividade instintiva e espontânea. Seguindo essa linha, Bakunin falou da ‘revolta da vida contra a ciência’. Leis ou regras predeterminadas deviam ser repudiadas em prol do antiintelectualismo e do instinto. Os instintos de um camponês sem instrução eram mais confiáveis que os sistemas intelectuais dos instruídos. A revolução estava intrinsecamente presente nesse povo.*²¹

Para Bakunin a tão desejada ditadura do proletariado surgiria, justamente, dessa falta de sistematização, desse instinto irracional humano, é daí que se origina o espontaneísmo, é também aí que se estabeleceu uma de suas maiores desavenças com o marxismo e com a idéia de uma vanguarda dos dirigentes que conduziriam o processo revolucionário rumo à *ditadura do proletariado*; é certo que os moldes dos dois sistemas também seriam diferentes, mas Bakunin não deixou tão claras quanto Marx as especificidades do modelo político que idealizou.

A consciência social sempre pareceu estar muito latente em Bakunin, talvez se deva a isso o fato de ter se debruçado por tanto tempo sobre questões como a educação e o trabalho e o ponto de intersecção entre ambos. A “*educação libertária*”, como foi denominada por Bakunin, possui uma grande significação científica e deveria ser encarada voltando-se sempre para o “popular” e secular. Em um período em que a Igreja ainda controlava as cátedras, suas idéias atacaram frontalmente o poder instituído e outorgado pelo Estado.

Além disso, o anarquista russo assinalou a importância de integrar o trabalho intelectual ao trabalho braçal, pois “*enquanto houver dois ou mais tipos de ensino para as diferentes camadas da sociedade, haverá necessariamente classes, isto é, privilégios econômicos e políticos para um pequeno número de contemplados, e*

²⁰ Cf. VINCENT, Andrew. op.cit. p.126

²¹ Ibid., p.131

escravidão e miséria para a maioria".²² A unificação do ensino é levantada por Bakunin como mecanismo gerador de iguais oportunidades e não como forma cristalizada de transmissão de conhecimentos; ainda que um pouco ingênua, certamente, sua idéia esteve muito próxima de um projeto em prol da construção pessoal da liberdade de pensamento tendo, no entanto, acesso igualitário as instâncias do ensino de base.

Em 1864, Bakunin estabelece seu primeiro contato com aquele que será nosso próximo personagem analisado: o francês Jean Jacques Élisée Reclus (1830 – 1905). Reclus, assim como Proudhon e Bakunin, também teve sua vida marcada pelo ativismo político. Geógrafo por formação, dedicou-se à criação de uma nova forma de percepção da geografia: sob o prisma humano. Filiado à vertente política do *comunismo libertário*, procurou difundir ao máximo suas idéias e a própria lógica de funcionamento do movimento anarquista, tendo inclusive uma passagem pelo Brasil entre os anos e 1890²³.

Élisée Reclus, talvez seja a liderança em que menos vamos nos deter, isso ocorre por duas simples razões: primeiro, o conjunto de suas idéias é composto por um amálgama do pensamento de Bakunin e Piotr Kropotkin (com quem estabeleceu profícuo contato durante o período de exílio e cujo ideário abordaremos no próximo sub-capítulo, com maior atenção); segundo, a inserção do pensamento de Reclus no movimento que analisaremos no plano nacional, ou seja, no interior do movimento ácrata brasileiro, foi pouco relevante. Ocorre que mesmo com escassas citações, Reclus é lembrado pelo operariado brasileiro através de sua imprensa e isso faz com que devamos também incluí-lo aqui.

Apesar do pensamento de Élisée Reclus estar intimamente ligado com algumas percepções de Bakunin e Kropotkin acerca da sociedade e de suas formas de organização, ele estabelece uma ruptura com as idéias de Proudhon no que concerne à estrutura econômica da sociedade. Para ele, o contrato sobre o qual Proudhon se debruçou por longos anos entendendo como a chave mestra para se

²² Cf. BAKUNIN, Miguel. A educação integral. In: MURIYÓN, F.G. (org.). op.cit. p.38.

²³ Para maiores informações sobre a vida e obra de Jean Jacques Élisée Reclus ver: DÍAZ, Carlos. op.cit. e RECLUS, Élisée. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002.

chegar à igualdade e à liberdade, seria, na realidade, o foco da discórdia. Segundo Carlos Díaz, os comunistas libertários, como é o caso de Reclus:

*Rechazan, sin embargo, una economía colectivista de tipo proudhoniano fundada sobre el principio de la lucha, por considerar que dicho sistema sólo pondría a los competidores en un plano de igualdad al comienzo y que luego se iniciaría entre ellos una batalla en que necesariamente habría vencedores e vencidos. De este modo, el intercambio de productos terminaría por regirse según las leyes de la oferta y la demanda, como en la competencia tradicional del sistema burgues.*²⁴

Reclus tinha uma percepção da sociedade sempre voltada à questão da natureza humana em si; sua formação o inclinava a enxergar a coletividade por esse prisma. A liberdade, para ele, consistia na realização humana limitada pelo convívio coletivo e pelo bem-estar alheio; nunca foi reconhecida por ele sem um espaço demarcado onde poderia ser explorada positivamente. Nas palavras de Vincent, “*no caso dos anarquistas comunistas, especificamente, a igualdade em um sentido social substantivo ligava-se intimamente à realização da genuína liberdade positiva*²⁵”, positiva, no sentido de não arbitrária, indiscriminada, sem limites.

Liberdade e igualdade são os dois grandes pilares que sustentam o pensamento de Reclus, seu ideário retoma características de uma organização social remota, voluntária e sem qualquer grau de hierarquização. O espontaneísmo se faz presente na própria iniciativa de constituição dessas comunidades e está relacionado à idéia voluntarista de ação, que sempre permeou o pensamento de Reclus²⁶. De acordo com Andrew Vincent o modelo de organização econômica incorporada por Reclus remonta, diretamente, a uma espécie de “*socialismo de mercado*”, levando-se em consideração que:

*Na anarquia comunista a produção e distribuição são comunais e estão completamente unidas. O modelo do mercado contratual e do individualismo social de Proudhon fica a meio caminho entre essas idéias. Sua teoria é mais ou menos equivalente a uma forma anarquista de socialismo de mercado*²⁷

²⁴ DÍAZ, Carlos. op. cit. p.51.

²⁵ Cf. VINCENT, Andrew. op. cit. p.141.

²⁶ Ibid., p.141.

²⁷ Ibid., p.137.

Élisée Reclus fez parte do primeiro grupo de anarquistas militantes que, de fato, tornavam o movimento relevante e atuante no cenário internacional; suas idéias não apenas serviram de base para os que ainda buscariam maior aproximação com o anarquismo, como instigaram cisões e acirrados debates na Associação Internacional dos Trabalhadores. Reclus inaugura o anarquismo do século XX, mas carrega com ele todas as “cinzas” do XIX.

2.2 Kropotkin, Ferrer e Malatesta: diversidade na unidade

O século XX representou para o anarquismo um período de grande difusão das mais variadas tendências existentes dentro do movimento; também foi terreno onde se estabeleceram as primeiras tentativas de aplicabilidade prática do ideário ácrata que vinha lentamente se solidificando através da atividade política. As raízes teóricas plantadas por Proudhon, Bakunin, Reclus, e tantos outros que não trataremos neste trabalho foram muito bem apropriadas pelos seguidores do movimento que também criaram suas próprias “sistematizações” e tentaram aprimorar, de alguma forma, o que era desenvolvido em termos de teoria política.

Os personagens históricos abordados neste sub-capítulo fizeram a transição em atividade entre os séculos XIX e XX, quando falamos em atividade, referimo-nos, obviamente, à sua militância política, e tiveram de se moldar às novas formas do “fazer política”. Esse será o século da inserção dentro da sociedade e não só da análise a partir e sobre ela, será o tempo dos debates antagônicos, dos acordos, das esperanças em concretizar uma infinidade de idéias, das cisões, da solidariedade, será, sobretudo, o tempo em que o real irá superar o abstrato.

Piotr Alexseievitch Kropotkin (1842 – 1921), geógrafo filiado ao anarquismo comunista, assim como Élisée Reclus, inaugura essa nova etapa no que concerne à atividade política. De origem russa e nobre, ele não só teve acesso aos melhores centros de ensino, bem como conviveu por um bom tempo com o imenso contraste característico do Império Russo entre os grupos abastados e a grande população

profundamente pobre. Inúmeros estudos já revelaram as condições absurdas em que viviam os camponeses russos e o luxo da corte em que reinava o “César de todas as Russias”.²⁸ Kropotkin foi, justamente, aquele que teve a oportunidade de transitar entre esses dois mundos, observar e agir por entre eles, dessa forma ele constatou que “era possível fazer ciência na Rússia, mas consciência não, era preciso se lançar no caminho da luta²⁹” para obter tal intento.

Piotr Kropotkin tinha uma visão muito clara sobre as condições de trabalho de sua época, para ele a divisão de trabalho representava o fim do prazer humano em realizar uma tarefa produtiva, assim como arrancava do homem parte do que lhe era de direito no processo produtivo. Segundo o teórico russo, a limitação da jornada e o respeito ao produto do trabalho humano eram questões fundamentais na luta política a ser travada pelo *anarquismo comunista*. Conforme afirma Kropotkin:

A chamada divisão do trabalho é filha de um sistema que condena as massas a trabalhar o dia inteiro, a vida inteira numa mesma e monótona tarefa. Mas se levarmos em conta a limitação do número dos verdadeiros produtores da riqueza em nossa sociedade atual e como se dilapida esse trabalho, haveremos de reconhecer que Franklin tinha razão ao dizer que cinco horas de trabalho bastariam, em geral, para proporcionar a cada indivíduo, numa nação civilizada, as comodidades de que agora só uns poucos podem usufruir, contanto que todos tomassem parte na produção. Mas de lá pra cá alguma coisa avançou, mesmo no ramo mais atrasado da produção [...] mesmo nele a produtividade do trabalho pode aumentar imensamente, tornando-se fácil e atrativo.³⁰

Assim como Bakunin, Kropotkin defendia a integração entre trabalho intelectual e trabalho braçal como forma de realização individual e vislumbrava no processo produtivo a possibilidade de sanar as necessidades humanas através da distribuição eqüitativa da produção: “a produção e a distribuição são percebidas como empresas comunais integradas, nas quais os bens são produzidos para

²⁸ Para aqueles que tiverem interesse em conhecer um pouco mais do Império Russo e seu universo de contrastes indico a obra do historiador de Cambridge Orlando Figes que soube muito bem explorar através de sua instigante narrativa baseada em fontes riquíssimas os meandros da política russa imperial e pré-revolucionária, suas tradições, mitos e intrigas. Ver: FIGES, Orlando. **A tragédia de um povo: a revolução russa 1891 - 1924**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

²⁹ Apud. DÍAZ, Carlos. op.cit., p.100.

³⁰ KROPOTKIN, Pedro. Educação libertária. In: MURIYÓN, F.G. (org.). op.cit., p.67.

satisfazer todas as necessidades”,³¹ logo, a noção de cooperativismo no interior desse processo produtivo é essencial e permeará todo o pensamento de Kropotkin.

A insistente crença de Kropotkin na natureza positiva do ser humano, exercitada, sobretudo, pelo convívio em sociedade³² fez com que ele percebesse o Estado não como órgão deturpador da personalidade humana, mas sim como inibidor e limitador da sistematização natural da sociedade. A noção Hobbesiana de que o homem não é passível de convivência social sem que sejam estabelecidas determinadas normas de conduta, em forma de “contrato³³”, certamente, suscitou profundas reflexões por parte do anarquista russo, porém, de acordo com suas concepções muito mais voltadas para uma espécie de evolucionismo darwiniano, Kropotkin encarou o desenvolvimento social, também como um processo evolutivo e positivo. Segundo Andrew Vincent “*Kropotkin tinha nitidamente uma fé comovente e otimista na massa dos seres humanos, atitude que levou alguns de seus colegas anarquistas comunistas a o acusarem de ingenuidade*”.³⁴

O *anarquismo comunista*, ao qual se filiou Piotr Kropotkin, é reconhecidamente aquele que mais se aproxima do idealismo, talvez por esta tendência representar com maior destaque questões como: o apelo emocional, a crença no cooperativismo e na solidariedade social. Apesar das inúmeras incursões feitas por entre as estepes russas e dos longos anos de observação da vida e dos costumes campestres, Kropotkin, não conseguiu aliar teoria e prática, as disputas políticas o cansavam e por esta razão sua própria atividade política se tornou um tanto quanto limitada.

Em contrapartida, Kropotkin, sempre reconheceu nitidamente as dificuldades da população pobre em identificar as causas das agruras de suas vidas e as razões pelas quais isso ocorria. Tamanha importância tinha essas questões para ele, que deixou em várias passagens de seus escritos inúmeros questionamentos sobre o

³¹ VINCENT, Andrew. op.cit., p.139.

³² Por convívio em sociedade devemos entender o exercício da sociabilidade no interior de uma sociedade onde já foi instaurado o anarquismo comunista, bem como todas as suas instâncias de regulamentação social, econômica e política e cultural, derivadas desse sistema. Cf., *Ibid.*, p.134.

³³ Cf. HOBBS, Thomas. *Leviatã, ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

³⁴ Cf. VINCENT, Andrew. op. cit., p.131.

assunto. Sobre este aspecto, Carlos Díaz reproduziu um trecho, o qual segue abaixo nos seguintes termos:

Cómo hablar de cultura y progreso a quien debe sudar de La mañana a la noche sobre el surco y no puede cocer su pan sino dos veces al año? Acaso la Naturaleza es culpable de eso? La ciencia es cosa admirable, pero hay derecho a tan noble deleite cuando a nuestro alrededor no se vê sino miséria y lucha por el mendrugo? Todo cuanto disfrutarse en el mundo de emociones delicadas del saber sería infaliblemente arrebatado de La boca de aquellos que siembran el trigo y ni siquiera tienen pan para sus propios hijos.³⁵

Kropotkin teve a capacidade de reconhecer as diferenças de oportunidades existentes entre as distintas camadas sociais; na Rússia, esse distanciamento se estabelecia em termos ainda mais drásticos, sua carência teórica se coloca, justamente, nas soluções para problemas já diagnosticados. Suas idéias acabam caindo no terreno atemporal das possibilidades utópicas. Segundo assegura Vincent “os anarquistas comunistas” compõem o grupo daqueles que “expressam uma visão milenar do que realmente gostaríamos de ser em nossos melhores momentos, mas que sabemos ser relativamente irrealizável”.³⁶

As considerações de Vincent são pertinentes e se acomodam perfeitamente às análises que se referem a Piotr Kropotkin, entretanto, o anarquismo não representou apenas um arcabouço de idéias sem qualquer tentativa de aplicabilidade prática. Vale lembrar que estamos trabalhando com um período de transições dentro desse movimento. Nesse sentido, enquanto alguns grupos estabelecem suas próprias concepções ideológicas, formulando aquilo que poderia ser considerada sua cartilha de ação, outros já estabelecem as primeiras manifestações concretas do que consideravam a essência de suas formulações teóricas.

O catalão Francisco Ferrer i Guardia (1849 – 1909), foi o representante desse segundo grupo, daqueles que puseram em prática, ao menos em parte, do que vinha sendo desenvolvido em termos de teoria política dentro do movimento anarquista. Também filiado ao anarquismo comunista, Ferrer como ficou conhecido

³⁵ DÍAZ, Carlos. op. cit., p.99-100.

³⁶ VINCENT, Andrew. op. cit., p.145.

dentro dos grupos operários, iniciou sua atividade política através da educação, elemento de suma importância na percepção ácrata sobre a sociedade.

Ferrer i Guardia, assim como outros colegas anarquistas seus, inicia sua trajetória política no interior dos debates republicanos na Espanha, entrando, paulatinamente, em contato com as primeiras doutrinas internacionalistas. A partir desse momento passou a manifestar interesse pelo pensamento anarquista estabelecendo, mais tarde, contatos com lideranças como Reclus, Kropotkin e seu coetâneo Errico Malatesta (1853 – 1932). Devido a sua formação pedagógica concentrou esforços sempre no sentido de fazer valer sua filosofia política dentro do plano educacional, não mediu esforços para transformar em realidade a idéia de uma escola de fundamentação ácrata, chamada “*Escola Moderna*”, a qual se difundiu por diversos países, entre os quais o Brasil. Sua iniciativa partiu das seguintes constatações:

Ví el progreso entregado a una especie de fatalidad, Independiente del conocimiento y de la bondad de los hombres, y sujeto a vaivenes e accidentes en que no tiene participación la acción de la conciencia ni de la energía humanas. El individuo, formado en la familia con sus desenfrenados atavismos, con los errores tradicionales perpetuados por la ignorancia de las madres, y en la escuela con algo peor que el terror, que es la mentira sacramental impuesta por los que dogmatizan en nombre de una supuesta revelación divina, entraba en la sociedad deformado y degenerado, y no podía exigirse de él, por lógica relación de causa a efecto, más que resultados irracionales y perniciosos.³⁷

A “escola moderna” ou “escola racionalista”, como foi denominada também no Brasil, baseava sua estrutura pedagógica em torno das humanidades, dava grande importância à ciência em si e proclamava o fim do ensino secular, dando ao ensino laico o caráter político do movimento libertário. Também se destacou pela implementação do método de ensino que busca a autonomia individual estendendo o processo educacional para homens e mulheres, desde crianças, jovens e adultos, como foi o caso do Brasil na década de 1910.

³⁷ FERRER I GUARDIA, Francisco. In: LÓPEZ, Chantal e CORTÉZ, Omar (orgs.). La escuela moderna. p.3-4. Digitalização baseada na obra **La Escuela Moderna**. Federación Obrera Regional Uruguaya, 1960.

Profundamente engajado no cenário político de sua época, Ferrer acabou por ser envolvido pelo governo espanhol em um dos incidentes políticos ocorridos durante a chamada “*Semana Trágica*” ocorrida em 1909, período em que socialistas, anarquistas e republicanos fomentaram um levante contra a monarquia e a Igreja Católica detentora de amplos poderes na Espanha. As conseqüências desse movimento foram as inúmeras mortes, provocadas pela repressão, sendo uma das condenações sumárias a de Francisco Ferrer i Guardia neste mesmo ano de 1909, data que será lembrada pelo movimento anarquista de todos os países³⁸.

Sustentando o seu projeto político encontramos a junção de idéias já levantadas por outros nomes do movimento ácrata como a complementação entre o trabalho braçal e o intelectual, desenvolvidas por Mikhail Bakunin e Piotr Kropotkin, seguida, nessa mesma linha de raciocínio, pela educação integral libertária, também desenvolvida pelos dois anarquistas russos, a crítica feroz ao autoritarismo, essência básica do próprio movimento, bem como, a crítica ao patriotismo. Ferrer i Guardia critica de forma veemente a Igreja Católica e sua ingerência sobre todas as instâncias da sociedade, além da noção da educação como mola propulsora da emancipação das classes oprimidas, sustentando que:

La moderna pedagogía, despojada de tradiciones y convencionalismos, ha de ponerse a la altura del hombre, de los actuales conocimientos científicos y del consiguiente ideal humano.

Si por cualquier género de influencia se diera outro sentido a la enseñanza y a la educación, y el maestro no cumpliera su deber, sería preciso denunciarle como embaucador, y declarar que la pedagogia no pasa de artificio para dominar hombres a beneficio de sus dominadores.

Por desgracia esto último es lo que principalmente ocurre: la sociedad esta organizada y se sostiene, más que como dirigida hacia la satisfacción de una necesidad general y al cumplimiento de un ideal, como entidad que tiene especial empeño en conservar sus formas primitivas, defendiéndose tenazmente contra toda reforma, por racional y apremiante que sea.

Esse afán de inmovilidad da a los antiguos errores el carácter de creencias sagradas, los rodea del mayor prestigio, les da autoridad dogmática, y sucede que después de crear perturbaciones y conlictos, las verdades científicas quedan sin explicación o la tienen escasa y en vez de extenderse iluminando todas las inteligencias y

³⁸ Sobre este assunto ver: ULLMAN, Joan Connelly. **La semana trágica: estudio sobre las causas socioeconómicas del anticlericalismo en España: 1898-1912**. Barcelona: Ariel, 1972; e FARRÉ, Juan Avilés. **Francisco Ferrer i Guardia**. Barcelona: Marcial Pons, 2006.

traduciéndose en instituciones y costumbres de utilidad común, se estancan abusivamente en la esfera del privilegio; de modo que en nuestros días, como en los tiempos de la teocracia egipcia, hay una doctrina esotérica para los superiores y outra exotérica para las clases bajas, las destinadas al trabajo, a la defensa y a la más degradante miséria³⁹.

O que sempre se fez presente, nas críticas que Ferrer estabeleceu às práticas de ensino vigentes em sua época, faz parte do que foi denominado como o “*uso privilegiado da educação*”,⁴⁰ o que, em síntese, é a utilização da educação pela chamada “*classe dominadora*”⁴¹ a fim de manter o *status quo* legitimando a ordem estabelecida e sedimentando o conformismo político através da prática educativa, ou então, restringindo a educação apenas àqueles que têm condições de pagar por ela⁴². Vale lembrar que todo o projeto das Escolas Modernas se baseou na facilidade de acesso à mesma por parte da população.

Apesar de parecer um retorno aos valores universais apregoados pelo anarquismo, Errico Malatesta, com quem Francisco Ferrer manteve contato durante os anos em que lutou para pôr em prática a escola moderna, também esteve profundamente envolvido com as questões políticas da Itália e com a política do movimento ácrata. Como Ferrer, também ingressou na política por intermédio dos ideais republicanos, tendo, logo em seguida, aderido ao anarquismo e ingressado na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT). De acordo com Carlos Díaz, o método político adotado por Malatesta pode ser definido como experimental, visto que, segundo ele:

Las sociedades humanas deben ser el resultado de las necesidades y de las voluntades coincidentes o en competencia de todos sus miembros, los cuales, probando y volviendo a probar, hallarán las mejores instituciones posibles en un momento dado y las desarrollarán y modificarán a medida que cambien las circunstancias y las voluntades⁴³.

³⁹ FERRER I GUARDIA, Francisco. In: LÓPEZ, Chantal e CORTÉZ, Omar (orgs.). op. cit. p.49-50.

⁴⁰ GUIRAO, Pedro García. Francisco Ferrer y las misiones pedagógicas Del anarquismo español. Disponível em: PDF. Acesso em 24 out. 2009.

⁴¹ Expressão muito utilizada pelos anarquistas e que corresponde à elite, neste caso, a elite educacional.

⁴² Cf. GUIRAO, Pedro García. Ibid.

⁴³ DÍAZ, Carlos. op. cit., p.136.

Malatesta agrega à sua visão política também a noção de que a sociedade pode ser regida por uma espécie de “*lei da necessidade*” expressa pela idéia de que cada um tem direito aquilo que produz de acordo com suas necessidades. Como militante filiado ao *comunismo libertário*, o pensamento de Malatesta também é carregado pelo caráter utópico que acompanha essa vertente teórica. Questões como a violência são sempre rechaçadas pelo anarquista italiano, sem que, no entanto, ele deixe de reconhecer a necessidade de sua utilização numa única ocasião: “*para libertar-se e não para submeter outros*”,⁴⁴ já que de acordo com ele “*a violência é a própria fonte de opressão*”.⁴⁵ A grande contribuição de Malatesta esteve centrada no emprego dos seus maiores esforços para construir um verdadeiro núcleo de luta política, reconhecido mundialmente, na Itália comandada com braço de ferro por Benito Mussolini.

Como Ferrer i Guardia, que se tornou um mártir das causas libertárias após sua condenação arbitrária na Espanha, Errico Malatesta também se tornou um expoente máximo na memória do movimento comunista libertário. Sua percepção das necessidades imediatas do movimento anarquista e a determinação que sempre teve no sentido de construir a unidade do comunismo libertário o levaram à categoria de teórico e militante político, ou seja, ele esteve presente nos quadros da inteligência do movimento, bem como na chamada “linha de frente”, que significa a política das ruas, efetivamente dos embates com partidos distintos e com o poder repressivo estatal.

Malatesta, como líder do comunismo libertário, se colocou sempre no terreno contrário ao parlamentarismo e à monarquia. Para ele a estrutura parlamentar fomentou a constituição da burocracia, da corrupção e dos desvios políticos em favor do grupo ou dos grupos detentores do poder, e a monarquia era a fonte da opressão por natureza. De acordo com o teórico italiano, “*o socialismo deve realizar-se mediante as livres federações das associações de produção e consumo, o que nenhum governo, parlamentar ou não, tolera*”.⁴⁶ Mais uma vez encontramos a força da crença no associativismo e no cooperativismo tal qual se fez presente em

⁴⁴ Apud., DIAZ, Carlos. op. cit., p. 143.

⁴⁵ Apud., op. cit., p. 143.

⁴⁶ DIAZ, Carlos. op. cit., p. 155.

Kropotkin, o que assinala a fértil troca de referências entre essas lideranças, levando-se em conta os inúmeros contatos estabelecidos entre esses militantes no interior de suas organizações classistas.

De acordo com o anarquista italiano, a necessidade imediata do proletariado consistia na luta pela construção do sistema socialista, a qual os obrigaria, certamente, a utilizarem-se da violência, entretanto, esta se manifestaria estritamente como legítima defesa, única forma de violência reconhecida por Malatesta pela necessidade das circunstâncias. A violência aplicada, nessas condições, seria o último golpe proferido pelo proletariado unido em favor da sua emancipação ao mesmo tempo individual e coletiva. No entanto, de acordo com Malatesta, a possibilidade de tornar vigente o socialismo suplantando determinada sociedade baseada na exploração do trabalho alheio se interligava à necessidade de:

Um meio que não possa ser, ele também, uma fonte de exploração e de dominação, e que conduza a uma organização capaz de corresponder o máximo possível aos interesses e às preferências, variadas e mutáveis, dos diversos indivíduos e grupos humanos. Tal não pode ser a ditadura (monarquia, cesarismo, etc.) visto que à vontade e à inteligência de todos ela substitui a vontade e a inteligência de um único ou de alguns indivíduos; tende a impor a todos uma regra única, apesar das diferenças de condições; cria a necessidade de uma força armada para coagir os recalcitrantes à obediência; faz surgir os interesses antagônicos entre a massa e aquelas que estão próximos do poder, e resulta no triunfo da revolta ou na consolidação de uma classe de governantes que, evidentemente, torna-se também uma classe de proprietários.⁴⁷

Se percebe na fala de Malatesta o tom de crítica também à propriedade privada, característica pertinente no interior da maioria dos grupos ácratas organizados e que não é apresentada de forma explícita por Malatesta, também pela negação que constrói sobre a violência, no entanto, sua percepção de distribuição da produção não poderia conviver amigavelmente com a idéia de propriedade privada, visto que sua teoria política não pode agregar ambas as coisas.

⁴⁷ MALATESTA, Errico. **Anarquistas, socialistas e comunistas**. São Paulo: Cortez, 1989 p. 7 [grifo do autor]

Ao que tudo indica, o movimento anarquista, como um todo, sempre estabeleceu pontos de intersecção entre suas mais variadas correntes políticas. Os trabalhos teóricos, desenvolvidos por suas lideranças, partem de um trânsito não muito favorável entre os meandros da vida campesina ou popular. Suas experiências políticas desenvolvidas ao longo dos séculos XIX e XX surtiram efeito dentro e fora da Europa, incitando embates e dissidências no movimento e fazendo com que os debates políticos fossem ampliados em prol das novas circunstâncias e contextos trazidos pela disseminação crescente das idéias anarquistas.

Nos focamos, até o presente momento, em apresentar parte do que foi a luta em torno dos vários projetos e idéias ácratas, as vicissitudes da formação de seus líderes e a fértil troca de idéias efetuada por estes militantes ao longo de suas vivências na política. Passemos agora ao estudo daquele que seria o segundo grupo que aqui nos interessa para fins de análise, o marxista, não apenas por sua relevância no interior dos grupos operários europeus, mas também pela rápida e crescente mudança que causou na organização operária de diversos países, entre eles, o Brasil.

2.3 Marx, Engels, Lênin e Trotsky: marxismo-leninismo e internacionalismo proletário

Também filho da revolução francesa, Karl Marx (1818 – 1883), o filósofo alemão que inaugurou a Associação Internacional dos Trabalhadores junto com Mikhail Bakunin, demonstrou desde muito cedo incomparável talento para interpretar e analisar a economia política do século XIX. Nos dedicamos ao longo do nosso primeiro capítulo em apresentar uma série de questionamentos referentes ao marxismo; neste item, trataremos apenas de alguns pontos concentrados no interior da teoria marxista que fizeram com que a mesma se tornasse referência dentro dos estudos sobre economia, política e sociedade.

A grande preocupação de Karl Marx e Friedrich Engels (1818 – 1895) foi, desde o princípio, uma só: como realizar a transformação da sociedade em que

viviam? A resposta veio em seguida e definitiva, através da revolução proletária. As circunstâncias em que se realizaria esse fenômeno transformaram a vida de Marx numa verdadeira odisséia em busca de respostas sobre o comportamento daquele que seria o seu pior inimigo: o sistema capitalista. Foi em meio aos estudos desenvolvidos por Marx e sua constante confrontação com a realidade, que surgiram as primeiras rugas entre anarquistas e comunistas. De acordo com Ernest Mandel, o marxismo se expressa nos seguintes termos:

*“Muito longe de desejar tornar todos os homens iguais”, como pretendem todos os adversários ignorantes do socialismo, os marxistas desejam permitir, pela primeira vez na história humana, o desenvolvimento de toda a gama infinita de diferentes possibilidades de pensamento e de ação, presentes em cada indivíduo. Mas compreendem que a **igualdade econômica e social**, a emancipação do homem da necessidade de lutar pelo seu pão cotidiano, representa uma condição prévia para a conquista desta verdadeira realização da personalidade humana por parte de todos os indivíduos⁴⁸.*

Mandel habilmente sintetiza aquilo que Marx levou anos para explicar e que está disperso por toda sua obra. A pergunta que nos vem à mente e que se faz com base na afirmação de Mandel é a seguinte: a partir de que momento esses ideais parecem estranhos aos anarquistas? A resposta é simples: nunca! Boa parte da estrutura teórica que sustenta o marxismo sustenta também o anarquismo, o grande fator que os separa está presente na forma estabelecida por Marx para que fosse promovida a emancipação do homem. Segundo ele, só existia uma possibilidade de acabar com a desigualdade vigente e suplantando as formas de exploração operantes do sistema, a solução estaria na ditadura do proletariado.

Certamente, os anarquistas viram na conclusão de Marx o grande obstáculo para a tão sonhada liberdade individual. A polêmica foi grande, e provocou, inclusive, cisões dentro das organizações operárias. Marx se preocupou, no entanto, em expor as bases sobre as quais se construiria o “novo Estado socialista”. De acordo com Massimo Salvadori, a ditadura do proletariado “*era certamente o Estado determinado pelo advento do Partido ao governo **único** da sociedade, mas baseado nos instrumentos da democracia política e, portanto, produzido pela vontade*

⁴⁸ MANDEL, Ernest. **Introdução ao marxismo**. Porto Alegre: Movimento, 1982. p. 109 [grifo do autor]

majoritária constatada no corpo sócia".⁴⁹ O grande problema para os anarquistas consistia no advento do Partido, nunca acreditaram nessa forma de organização, pois viam nesse instrumento político, a dominação de um grupo por outro, apenas com nova roupagem.

Tanto Marx quanto Engels, sempre entenderam a superação⁵⁰ do capitalismo através da construção de uma nova estrutura capaz de gerir a sociedade economicamente e, a princípio, também política e socialmente; não viam o processo revolucionário como violência desregulada, pela destruição sem construção em absoluto. Não é por acaso que suas idéias acerca da sociedade tenham levado inúmeros movimentos, em diversas partes do mundo, a pensarem, e não raras vezes, a lutarem pela construção de uma sociedade sem exploradores e explorados, em que o produto de seu trabalho lhes parecesse reconhecível e que o próprio trabalho não fosse um fardo a ser carregado ao longo da vida, mas sim sua realização. Para Massimo Salvatori o socialismo descrito por Marx sempre foi:

Uma sociedade sem classes, mas não sem Estado. O Estado deve continuar como aparelho técnico no quadro de uma sociedade inevitavelmente enraizada na divisão do trabalho e na competência profissional, embora privada dos efeitos do capitalismo. Um Estado "social", baseado em uma "democracia sem classes", mas racionalmente organizado no plano do trabalho e da organização administrativa: eis o que podia e devia ser entendido com "Estado do futuro"⁵¹.

Muitos críticos levantaram a questão do "vezamento opressivo", porém, há que se levar em consideração que, numa sociedade em que os meios de produção passariam a ser propriedade coletiva, ficaria impraticável extinguir toda e qualquer instância administrativa num primeiro momento. De acordo com Marx e Engels, outro importante debate a ser levantado ao se falar em "revolução proletária" consiste na natureza e fim da propriedade privada, ambos enxergavam a mesma pelo prisma da alienação e, por conseguinte, pelo único e exclusivo sentimento de posse. Segundo argumenta Oscar Negt:

⁴⁹ SALVADORI, Massimo. In: HOBBSAWM, Eric. **História do marxismo: o marxismo na época da Segunda Internacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 337

⁵⁰ Entenda-se o termo superação sem qualquer conotação evolutiva, no sentido de suplantando o sistema antigo, para plantar as bases de um novo.

⁵¹ SALVADORI, Massimo. In: HOBBSAWM, Eric. **História do marxismo: o marxismo na época da Segunda Internacional**. op.cit., p. 339.

O homem marcado pela propriedade privada e pela produção de mercadorias ficou reduzido ao sentido de posse, ao ato formal da subsunção, a uma forma de apropriação de homens e coisas que corresponde ao comportamento extorsivo do capital. As manifestações vitais assumem a forma da alienação da própria vida, na qual está contida certamente a multiplicação das necessidades e interesses que ligam o sujeito ao mundo exterior, mas – substancialmente – só no nível da espécie: no capitalismo, o homem só desenvolve as potencialidades produtivas da espécie se empobrecendo individualmente.⁵²

De fato, Marx entendeu que o vínculo estabelecido entre homem e trabalho se torna, no capitalismo, apenas material; processo esse que é paulatinamente agravado pela necessidade cada vez maior de produtividade e lucratividade exigida pelo sistema. Para Marx e Engels, a desigualdade econômica e a exploração do trabalho humano são condições iminentes do capitalismo, sem elas, se rompe o ciclo de reprodução do sistema. Nesse sentido, assinalam que apenas o proletariado é a classe verdadeiramente capaz de derrubar essa estrutura, pois nas palavras de Marx *“nada têm a perder, exceto seus grilhões”*.⁵³

Marx percebeu ao longo de suas análises que o proletariado é a única classe completamente **submetida** ao processo produtivo e que pode compreender, adquirindo consciência de classe, que só enquanto unidade pode romper o ciclo de exploração capitalista. O filósofo alemão sabia que nada é tão simples quanto parece no terreno das idéias e tratou de assinalar os desvios impetrados pelo sistema no afã de impedir a formação da consciência de classe, ou seja, do reconhecimento do grupo explorado enquanto unidade. Como bem sintetizou Oscar Negt:

A “missão histórica” que Marx e Engels atribuem ao proletariado, à base dos interesses objetivos de classe dele, é contrariada diariamente por forças empenhadas em promover uma regressão da consciência histórica, fortalecidas pelo uso, pela lógica imanente do processo que tende a transformar tudo em mercadoria.⁵⁴

⁵² NEG, Oscar. In: HOBBSAWM, Eric. Ibid., p. 192.

⁵³ MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 97

⁵⁴ NEG, Oscar. In: HOBBSAWM, Eric. **História do marxismo: o marxismo na época da Segunda Internacional**. op.cit., p. 188.

Agregado ao fenômeno da chamada “coisificação”, que transforma tudo em produto passível de compra, venda, ou troca, Marx e Engels também evidenciaram outra estratégia do sistema para pressionar o proletariado a trabalhar dentro do menor salário possível, nas piores condições possíveis, dedicando a isso o máximo esforço. A “mágica” estava no “*ejército industrial de reserva*”⁵⁵ que compreendia o crescente número de desempregados dispostos a trabalhar por condições ainda piores, na luta pela sobrevivência característica do século XIX e, em alguns países, também no século XX.

Com aguçada percepção sobre o social, o político e o econômico, Marx entendeu o desenvolvimento de uma sociedade através de sua totalidade, a própria dialética marxista inaugura a crítica às fragmentações analíticas. Partindo dessa premissa é que o conceito de revolução proletária, desenvolvido por Marx e Engels, ganhou forma e se conformou na mais contundente expressão da diferença entre anarquistas e comunistas. Sobre a percepção revolucionária de Mikhail Bakunin, militante com o qual travou inúmeros debates dentro da AIT, Marx afirma:

*Que estupidez de escolar! Una revolución social radical se halla sujeta a determinadas condiciones históricas de desarrollo económico; éstas son su premissa. Por tanto, sólo puede darse allí donde, con la producción capitalista, el proletariado industrial ocupe, por lo menos, una posición importante dentro de la massa del pueblo, y, para tener alguna probabilidad de triunfar, tiene que ser, por lo menos, capaz de hacer inmediatamente por los campesinos, **mutatis mutandis**, tanto como la burguesía francesa, en su revolución, hizo por los campesinos franceses de aquel entonces. Hermosa idea la de que la dominación de los obreros lleva consigo la esclavización del trabajo agrícola! Pero aquí es donde se revela el pensamiento íntimo del señor Bakunin. Decididamente, él no comprende nada de la revolución social; sólo conoce su fraseología política; para él, no existen las condiciones económicas de esta revolución.*⁵⁶

A crítica de Marx se concentrava, particularmente, na “fraqueza teórica” do anarquismo. Suas palavras remetem diretamente à idéia que fazia sobre o superficial conhecimento de lideranças do movimento ácrata acerca da realidade do proletariado, suas formas de manifestação política, e, sobretudo, as possibilidades

⁵⁵ Para maior compreensão sobre o processo de formação do “*ejército industrial de reserva*” descrito por Marx ver: KARL, Marx. **O capital: crítica da economia política: livro I**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

⁵⁶ MARX, Karl. Acotaciones al libro de Bakunin “El Estado y la anarquía”. In: **Marx, Engels, Lênin: acerca del anarquismo y el anarcosindicalismo**. Moscou: Editorial Progreso, 1976. p. 133-134 [grifo do autor].

de confrontarem suas ações com a realidade saindo vitoriosos nas disputas fratricidas entre classes, pertencentes à essência do sistema capitalista. Marx chega a assinalar a ingenuidade presente na “aposta” que o anarquismo fazia no associativismo, como possibilidade de emancipação do homem. Para o filósofo alemão:

*La asociación es un dogma, y no fuerza económica. A diferencia de la división del trabajo, del comercio, del intercambio, etc., la asociación no es algo orgánico y productivo. No hay que confundir la asociación con la fuerza colectiva. La fuerza colectiva es un acto impersonal, la asociación es un compromiso voluntario. La asociación es estéril por naturaleza, incluso perjudicial, ya que constituye una traba para la libertad del trabajador. Se há atribuido al **contrato de sociedad** la eficacia inherente sólo a la división del trabajo, al intercambio, a la fuerza colectiva. Cuando se fundan asociaciones para realizar grandes obras, el éxito no se explica por el **principio de asociación**, sino por sus **medios**. Se someten a la asociación sólo cuando ésta proporciona una indemnización suficiente. La asociación productiva es de utilidad únicamente para el asociado débil e perezoso.⁵⁷*

A crítica de Marx atinge não só aqueles que estabelecem seus paradigmas filosóficos sobre o associativismo, como também àqueles que se utilizam do associativismo como forma de alienação política, visto que, segundo Marx, tal mecanismo de ação só funciona no sentido de distanciar a classe trabalhadora das formas legítimas de atividade política operária. Em última instância, a legitimação da ação proletária estará vinculada ao partido, não àquele constituído pela burocracia política dominante nos quadros da extinta União Soviética, mas o chamado “partido de vanguarda”, condutor sábio das massas e representação máxima da unidade proletária na política.

A idéia do “Partido de vanguarda” foi, em grande parte, desenvolvida, aprimorada e posta em prática por aquele que ficou conhecido na história como o líder da revolução proletária de outubro de 1917; desencadeada num país agrário, de economia pouco desenvolvida e, sobretudo, onde a maior parte da população estava mergulhada no mais profundo abismo da miséria e da exploração. Este país era a Rússia Imperial, seu nome era Vladimir Ilitch Ulianov Lênin (1870 – 1924).

⁵⁷ MARX, Karl. Marx a Engels: Manchester, (Londres), 08 de agosto de 1851. In: **Marx, Engels, Lênin: acerca del anarquismo y el anarcosindicalismo**. Moscou: Editorial Progreso, 1976. p. 13 [grifos do autor].

Governada pelos Czares da dinastia Romanov (1762 – 1917) e, contando com grande contribuição da Igreja Católica Ortodoxa, o Império Russo se caracterizou pelos contrastes. Os bailes da corte eram representações estarrecedoras do universo de opostos presentes no interior da Rússia Czarista onde mulheres puxavam arados com a força do próprio corpo, onde a fome era uma constante e as tradições místicas direcionavam os rumos da cultura camponesa⁵⁸. Foi nesse cenário inóspito e de incertezas que Lênin vislumbrou a possibilidade de concretizar aquilo que tantos sonharam, ou seja, a realização do sonho socialista.

Lênin foi grande estudioso do marxismo, soube traduzir em formas simples o conteúdo complexo das obras de Marx e Engels, e soube, sobretudo, confrontar a teoria com a realidade. Observou que a Rússia era palco da mais perversa exploração do trabalho humano, incluindo-se o fato de que sua população estava completamente exausta com a Grande Guerra, por conseguinte, com as perdas humanas que com ela vieram e com o clima de hostilidades produzido naquela região. Foi nesse cenário que o emblemático episódio chamado Domingo Sangrento ocorrido em 1905, consistiu num rastro de pólvora para o estouro da Revolução Russa de 1917. Lênin assinalou, com base também em sua vivência prática de militante político, as condições que propiciaram o início do processo revolucionário que de acordo com ele eram as seguintes:

1) a possibilidade de conjugar a revolução soviética com o fim, graças a ela, da guerra imperialista, que havia extenuado indescritivelmente os operários e camponeses; 2) a possibilidade de tirar proveito, durante certo tempo, da luta de morte em que estavam empenhados os dois grupos mais poderosos de tubarões imperialistas do mundo, grupos que não podiam coligar-se contra o inimigo soviético; 3) a possibilidade de suportar uma guerra civil relativamente prolongada, em parte pela gigantesca extensão do país e pela deficiência de suas comunidades; 4) a existência entre os camponeses de um movimento revolucionário democrático-burguês tão profundo que o partido do proletariado tornou suas as reivindicações revolucionárias do partido dos camponeses (do partido esserista, profundamente hostil, em sua maioria, ao bolchevismo) e as realizou imediatamente graças à conquista do poder político pelo proletariado; tais condições específicas não existem hoje na Europa Ocidental, e a repetição dessas condições ou de outras análogas não é nada fácil. Por isso,

⁵⁸ Para aprofundamento acerca das tradições culturais russas pré-revolucionárias ver: FIGES, Orlando. op.cit., parte 1. p. 31-376.

*entre outras razões, é mais difícil para a Europa ocidental que para nós começar a revolução socialista.*⁵⁹

Mas, a partir de que momento Lênin se tornou o líder máximo da revolução? Para responder esse questionamento é necessário que voltemos um pouco no tempo. Os quase trezentos anos de Dinastia Romanov, com todo o seu aparato repressivo, não foram suficientemente eficazes para sedimentar a inércia intelectual na imensa Rússia industrialmente atrasada. A fragmentação política configurava novos grupos ainda incipientes, porém, com princípios de atividade bem definidos. O chamado *Movimento dos Cem Negros* desencadeava o terror através do anti-semitismo eslavo e da organização de *pogroms* contra judeus, contando com o apoio de membros da nobreza e de tendência liberal. Nessa direção, o Partido Cadete aliado à burguesia liberal reivindicava reformas parciais, visando à modernização do país, sem qualquer alteração na estrutura do poder.⁶⁰

Contra o absolutismo, organizavam-se os *narodniks*, que tencionavam provocar uma rebelião da massa rural contra o Czar, no entanto, sem obter sucesso, direcionaram sua ação para o terrorismo, acreditando que a morte de personalidades singulares do Império poderia enfraquecê-lo. Ocorre, entretanto, o oposto, o sistema programa seu aparato repressivo e acaba por diminuir ao máximo o poder de ação dos revoltosos. Este grupo constitui apenas uma das “alas” do Partido Social-Revolucionário, que contava também com a participação dos Maximalistas, defensores da República que eliminasse o poder na nobreza e distribuisse terras para quem nelas trabalhasse, do grupo Trudovique que empunhava a bandeira das reformas sociais e dos Populistas que criaram a pequena propriedade privada no campo e defendiam a democracia rural entre os pequenos proprietários sem a socialização das terras.⁶¹

Em outra esfera da organização política estava o Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), fundado em 1898, através de um congresso que

⁵⁹ LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O trabalho do partido entre as massas**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979. p.142.

⁶⁰ Cf. VIZENTINI, Paulo Fagundes. (org.). **A Revolução Soviética 1905-1945: o socialismo num só país**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989. p.31-32 Para uma análise mais detalhada do assunto ver: FIGES. Orlando. op. cit., p.213-376.

⁶¹ Cf. VIZENTINI, Paulo. Fagundes. Ibid., p.32.

contou com a participação de nove delegados representantes de cidades russas, entre eles, Lênin. As idéias discutidas giravam em torno da incipiente industrialização do país, que não gerava as condições necessárias para o surgimento do proletariado – única classe reconhecida como verdadeiramente revolucionária. Este grupo de militantes, herdeiro das tradições marxistas, foi visto pela polícia secreta do Czar com menor desconfiança que os *narodniks* e, por isso, sua ação nos primeiros anos se desenvolveu de forma regularizada.

Cinco anos depois de sua fundação, se realizou o II congresso do POSDR, onde é estabelecida a cisão entre *bolcheviques*, defensores da composição do partido, efetivamente, por revolucionários profissionais que agiriam através da conscientização das massas operárias e camponeses, disciplinadas e obedientes ao Comitê Central (CC), e *mencheviques*, mais inclinados à composição ampla do partido, contando, inclusive, com o apoio da burguesia para a deposição do Czar. A maioria bolchevique, contudo, toma a dianteira do processo, e, na revolução de 1917, o grupo menchevique acaba se fragmentando.

Para Lênin, o partido só teria sua ação legitimada se estivesse organizado sob princípios rígidos firmados no marxismo, entretanto, não havia como ignorar o poder do campesinato, que compunha a maior parte da população russa. Qualquer iniciativa política que viesse a se desenvolver não poderia ser desvinculada dessa questão. Ernest Mandel avalia a situação através das discordâncias teóricas iniciais existentes entre Lênin e Leon Trotsky, o futuro comandante do exército vermelho. De acordo com o economista:

Lenine concebeu esta “ditadura democrática dos operários e camponeses” sobre a base de uma economia ainda capitalista e no quadro de um Estado burguês. Trotsky pôs o dedo sobre a fraqueza desta concepção: a incapacidade crônica do campesinato (admitida por Lenine depois de 1917) em se constituir em força política autônoma. Através de toda a história moderna, o campesinato sempre seguiu, em última análise, uma direção burguesa ou uma direção proletária. Se é fatal que a burguesia deslize para o campo da contra-revolução, a sorte da revolução depende da capacidade do proletariado em conquistar a hegemonia política no seio do movimento camponês, e em estabelecer a aliança entre operários e camponeses, sob a sua própria direção. Por outras palavras: a revolução russa não poderia triunfar e realizar as suas tarefas revolucionárias sem a

conquista do poder político pelo proletariado e a criação de um Estado operário apoiado na aliança com o campesinato trabalhador.⁶²

Como traduz Mandel, a visão de Lênin ainda não se assemelhava às interpretações de Trotsky sobre a realidade russa e a forma de organização política aglutinando forças entre o campesinato, hoje se sabe que tais discordâncias ficaram restritas aos primeiros anos de atuação política conjunta. Para o líder bolchevique, a direção apropriada a seguir para o fomento do processo revolucionário estaria inerente ao próprio capitalismo – incipiente na Rússia –, justamente por esta razão ganhava prioridade o progresso do sistema capitalista. Segundo a interpretação de Eric Hobsbawm, foi com esse princípio que o marxismo, enquanto ideologia política, se afirmou na Rússia.⁶³

O que não estava presente na elucubração dos intelectuais secundários do POSDR era que o marxismo não contempla – senão em sua forma vulgarizada – a visão teleológica do processo histórico, a qual entende o desenvolvimento das sociedades através de uma ordem de sistemas que a envolvem e que levam inexoravelmente a um fim único: o comunismo. Nas palavras de Iring Fetscher:

Assim como na evolução natural as raças animais se desenvolveram umas a partir das outras, e o homem seguiu-se aos macacos, do mesmo modo o capitalismo – com uma necessidade igual fixada pelas leis naturais – será seguido pelo socialismo. Essa concepção, tanto no plano psicológico quanto no ideológico, teve efeitos particularmente vantajosos para a coesão do movimento operário e para a sua vitória final. Ela representou, contudo, uma redução e uma vulgarização consideráveis da crítica da economia política empreendida por Marx.⁶⁴

Essa visão reducionista foi importante, principalmente, nos primeiros anos de atuação dos partidos comunistas dos países periféricos como base de ação e propaganda, sobretudo no Brasil, onde essa posição será aproximada da perspectiva positivista de Augusto Comte arraigada na mentalidade das lideranças operárias. Na Rússia, contudo, foi muito mais incorporada pelos “militantes de base”, ou seja, aqueles que não desenvolveram a “consciência marxista” tão apregoada por

⁶² MANDEL, Ernest. op. cit., p.80.

⁶³ Cf. HOBBSAWM, Eric. **História do marxismo: o marxismo na época da Segunda Internacional**. op.cit., p.84.

⁶⁴ FETSCHER, Iring. A tática do Partido e a oposição dos “jovens”. In: HOBBSAWM, Eric. Ibid., p.265.

Lênin como postulado básico a todo indivíduo que se auto-denominasse revolucionário. A organização partidária, de acordo com Lênin, deveria seguir algumas normativas a fim do mesmo não se tornar um organismo inoperante dentro da sociedade:

“Em todas as organizações, sindicatos e associações, sem exceção, em primeiro lugar as proletárias, mas logo também nas da massa não proletária de trabalhadores e explorados (nas políticas, sindicais, militares, cooperativas, culturais, desportivas, etc), devem criar-se grupos ou células comunistas. Estes grupos ou células serão de preferência organizações abertas, mas também deverão ser secretas em todos os casos em que se suponha que a burguesia abriga o propósito de proibi-las e de prender ou desterrar os seus membros. Estas células, estreitamente ligadas entre si e com os organismos centrais do Partido, permutando sua experiência, realizando um trabalho de agitação, propaganda e de organização e adaptando-se sem falta a todas as esferas da vida social, todas as categorias e setores da massa trabalhadora, devem educar-se a si mesmas com toda regularidade através desta atividade multilateral e educar o Partido, a classe e as massas.”⁶⁵

O fato é que, o fruto de todos os esforços revolucionários veio com a vitória na Revolução Russa de 1917. A consciência teórica era premissa básica para se ingressar no alto escalão do partido bolchevique, além disso, a agitação em sindicatos urbanos e a divulgação de textos políticos através do jornal oficial da agremiação trouxeram bons resultados. No campo, os contra-revolucionários trataram de se inutilizar politicamente e garantir o sucesso dos comunistas; as pilhagens e a violência generalizada efetuada pelos Cadetes só contribuíram para que fossem totalmente marginalizados no processo.

A Imprensa, mais uma vez, era a voz do Partido, o veículo disseminador de idéias dos grandes líderes. Os periódicos comunistas faziam parte dos planos de Lênin muito antes da revolução, e foram de fundamental importância dentro do cenário político russo. Sua estrutura foi detalhadamente ordenada pelos bolcheviques, de forma que os textos impressos fossem distribuídos ou vendidos como periódicos, cartilhas e panfletos. Neste sentido, Lênin estabelece como princípio que:

⁶⁵ LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O trabalho do partido entre as massas.** op. cit., p.155.

Os partidos comunistas devem criar um novo tipo de periódico objetivando a sua difusão maciça entre os operários: primeiro, publicações legais que, sem chamar-se comunistas e sem dizer que pertencem ao Partido aprendam a utilizar as menores possibilidades legais, como os bolcheviques sob o czar depois de 1905; segundo, panfletos clandestinos, editados ainda que seja em volume reduzido e com irregularidade, mas reproduzidos em um sem-número de gráficas pelos operários (clandestinamente ou, se o movimento crescer, mediante a ocupação revolucionária das oficinas tipográficas) e que proporcionem ao proletariado uma informação revolucionária livre e palavras de ordem revolucionárias.⁶⁶

A essência da imprensa operária, em atividade nas mais diversas organizações de trabalhadores espalhadas por inúmeros países, foi descrita por Lênin em poucas frases e de fato, corresponde em larga escala ao que veremos adiante no Brasil. Contudo, há que se levar ainda, neste momento, em consideração, os rumos da revolução de outubro, questão originada a partir dos longos debates promovidos pela III Internacional Comunista – *Comintern*. Fundada em 1919, após a cisão entre maximalistas e social-democratas⁶⁷ no seio da II Internacional Comunista - concentrou em si a perspectiva do bolchevismo originada em meio ao processo revolucionário.

Liderada por Lênin e por parte da intelectualidade política russa, a organização tinha por fim propagar as diretrizes da disciplina partidária marxista como base única partidos de esquerda a ela filiados. O *internacionalismo proletário* surge, exatamente, como impulsionador dessa lógica de ação da consciência, buscada em Marx, de união entre os trabalhadores do mundo, a partir daí os líderes marxistas vão fundamentar a atividade revolucionária, cortando definitivamente as qualquer vínculo com o discurso nacionalista. O expoente máximo do internacionalismo foi Lev Davidovich Bronstein ou apenas Leon Trotsky (1879 – 1940), que buscou compreender o fenômeno, não sem antes, fundamentar a continuidade da revolução, ou ainda, a afirmação da mesma. De acordo com Mandel:

⁶⁶ Ibid., p. 161.

⁶⁷ Enquanto os maximalistas, aos quais se inclui a figura exponencial de Lênin, faziam a defesa veemente da ditadura do proletariado, dando destaque à necessidade da disciplina partidária; a social-democracia fazia menção a uma espécie de “democracia proletária” que deveria responder aos apelos sociais sem a destruição do Estado, através de um programa democrático de reformas. O grande representante dessas idéias foi Karl Kautsky. Para uma análise mais detalhada ver: LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O Estado e a revolução**. São Paulo: HUCITEC, 1976.

Na sua teoria da revolução permanente, Trotsky tinha predito que, após a conquista do poder, o proletariado não poderia contentar-se em realizar as tarefas históricas da revolução democrático-burguesa e seria obrigado a apoderar-se das fábricas, a eliminar a exploração capitalista e a iniciar a construção de uma sociedade socialista. Foi exatamente isso o que aconteceu na Rússia após outubro de 1917.⁶⁸

Trotsky, também como teórico do socialismo, e comandante do grandioso Exército Vermelho, entendia a revolução como processo e não como evento. Para ele, a continuidade da revolução e a amplitude política adquirida por ela eram fundamentais. Suas idéias fundaram um marco dentro da política marxista tanto no que diz respeito à organização prática da atividade revolucionária quanto à elaboração de estudos sobre economia, política e sociedade. Trotsky foi sem dúvida, um dos grandes teóricos da revolução russa, além de invejável orador, pois, de acordo com Isaac Deutscher, ele *“sempre respeitava a integridade moral de seus adversários políticos e ideológicos. Reduzia-os intelectualmente a pó, com sua argumentação arrasadora, mas evitava atingir-lhes a honra”*.⁶⁹

Após a precoce morte de Lênin em 1924 a solução foi dar “nova forma” ao marxismo; os intelectuais do Partido trabalharam com afincos na organização das idéias que agora seriam empregadas por uma nova liderança ainda indefinida, mas que hoje sabemos ser Josef Stálin. A solução foi desenvolvida a partir dos seguintes fatores:

*O comissário – **apparatchick**, o profissional do partido – precisava, naturalmente, de um corpo doutrinário compacto, maciço, simples e impotente, que pudesse lhe alimentar a convicção de que o partido ao qual ele se sentia plenamente integrado estava sempre certo, no essencial (ou quando eventualmente errado, era sempre o agente mais indicado para a correção do erro). A doutrina necessária foi elaborada nos anos que se seguiram imediatamente à morte de Lênin e recebeu o nome de ‘marxismo-leninismo’.*⁷⁰

Esse era o cenário da Rússia Soviética a partir da revolução; as discussões dentro da Internacional Comunista já contavam com a participação de

⁶⁸ MANDEL, Ernest. op. cit., p. 81.

⁶⁹ DEUTSCHER, Isaac. Apud. In: SARDENBER, Carlos Alberto. **Trotsky (1879-1940)**. São Paulo: Três, 1973. p. 12.

⁷⁰ KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta**. Rio de Janeiro: Campus, 1988. p. 43.

representantes de partidos comunistas das mais diversas localidades que, ou estavam filiados à organização internacional, ou pretendiam obter a filiação. As crescentes desavenças do passado entre Marx e Bakunin fizeram com que a Primeira Internacional fosse dissolvida e uma nova fosse fundada a partir das cinzas da antiga. Novos elementos foram sendo agregados à teoria política, com base na experiência revolucionária. Anarquistas e comunistas se declaram, definitivamente, cindidos, certamente, muito mais pela força da “Ditadura do Proletariado”, ainda que sua luta caminhe no mesmo sentido, os fins desejados já não são os mesmos.

A Europa estava em clima de guerra, a União Soviética em fase transitória, as organizações operárias cresciam, paulatinamente, com a vitória e as conquistas da revolução russa e, enfim, tanto o anarquismo como o marxismo, passam a transitar em novos territórios, entre estes o Brasil. Nosso próximo capítulo tratará de explicar quais foram as circunstâncias que permearam a efetivação desse processo, bem como, a chegada de todo esse arcabouço de idéias no movimento operário brasileiro, entendendo, por conseguinte sua apropriação e sua aplicação enquanto discurso impresso.

3. UM OLHAR SOBRE OUTRO FOCO

“Da combinação entre um federalismo, que se traduz em estadualização pelo incontestado domínio das oligarquias, e um individualismo, que se traduz em um liberalismo podado em seus germes democráticos, emerge uma república preocupada com a manutenção da ordem, mesmo a cassetada, descrente da soberania popular e ciosa da missão das elites – o de condutoras dos destinos da nação”.

Maria Efigênia Lage de Resende. **O Brasil Republicano.**

Neste capítulo procuramos elaborar um contexto descritivo das circunstâncias nas quais emergiu a imprensa operária brasileira, núcleo de nossa análise, entendidas aqui como “ferramentas” fundamentais à compreensão das nuances que permearam este período histórico. Buscamos trazer à tona os conflitos, as acomodações e, por fim, toda a essência criadora e transformadora desse momento, que se encontra muito presente nas ações dos sujeitos históricos que vivenciaram as mudanças políticas, econômicas e culturais na segunda e na terceira fase da Primeira República Brasileira¹, compreendidas entre os anos 1894 e 1930. Vale lembrar que esse período é marcado por mudanças estruturais, tendo em vista o início de uma nova forma de vivência em sociedade, alicerçada pelos dilemas inerentes ao recém instaurado “universo” republicano.

3.1 O Brasil da Primeira República: cenário de transformações

O período histórico em que se desenvolve o princípio da trajetória política dos sujeitos históricos que pretendemos analisar não se mostra de forma homogênea e plenamente integrada. Como processo, vislumbramos num horizonte próximo as

¹ As duas fases de que tratamos neste estudo são entendidas de acordo com a divisão atribuída pela professora Maria Efigênia Lage de Resende à história da Primeira República Brasileira presente em texto desenvolvido para coletânea de estudos organizada por Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado. Sobre o tema ver: DE RESENDE, Maria Efigênia Lage. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.91-92, vol.I.

subseqüentes realizações que, todavia, se tornam reais pelo transcurso do que chamaremos de *segunda fase* da Primeira República Brasileira, e que conformam a *terceira fase* do mesmo período; por esta razão, nossa narrativa é construída em dois momentos. Num primeiro momento, mostramos um Brasil instável, isto é, inserido em um contexto repleto de rebeliões que o sacudiram de norte a sul e que se constituíram em “ferramentas” necessárias para compreensão da diversidade sócio-cultural brasileira e alicerce dos pilares de outra forma de entendimento sobre o que poderia ser o “fazer política” no país. No segundo momento, buscamos apresentar as maturações políticas sedimentadas na Primeira República brasileira em termos de movimentos sociais e política operária, tendo em vista o cenário de agitações promovidas durante esse período.

Cabe lembrar que, o final do século XIX constitui, para o Brasil, um período de profundas transformações que se estenderam pelos campos da política e da economia. A Constituição de 1891, elaborada majoritariamente por Prudente de Moraes e Campos Sales, estabelecia uma divisão complexa de poderes; descentralizada, fortalecia os poderes estaduais e municipais deixando, entretanto, a democracia representativa relegada à segunda ordem. As fraudes eleitorais se disseminavam pelo país e adquiriam cada vez mais “legitimidade” entre aqueles que detinham maior poder econômico na sociedade brasileira. Boa parte dessas fraudes, efetuadas no início da Primeira República, podem ser conferidas às elites agrárias brasileiras, estruturadas sob a forma oligárquica e controladora.

O poder das elites agrárias se configurava numa estrutura de domínio do espaço político da sociedade brasileira, e esteve intimamente ligado às práticas de manipulação eleitoral pela violência física ou psicológica, também recorrente sob a tutela comum da troca de favores. Esse mecanismo de coerção moral e política, reconhecido pela historiografia como “coronelismo” ou “clientelismo” (dependendo da forma em que se configura a prática), firmou fortes raízes em solo brasileiro e se configurou, em parte, num mecanismo atemporal de domínio de poder. Ocorre que, na virada do século XIX para o XX, as elites políticas brasileiras se estabeleciam nas áreas rurais como detentoras de grandes extensões de terras, utilizadas principalmente para cultivo de café e criação de gado bovino ou leiteiro. Essa

característica foi tão marcante durante a Primeira República que culminou na chamada “política do café-com-leite”, introduzida por governadores de São Paulo e Minas Gerais alguns anos mais tarde.

Nesta época, a política no Brasil foi guiada pelo federalismo² do recém instaurado regime republicano, que permitia a ação praticamente sem limites dessa elite oligárquica e rural, seja no terreno eleitoral ou na própria disputa pelo poder, visto que seus interesses econômicos, de produtividade e de lucro ainda coincidiam com os interesses econômicos daqueles que geriam o Estado, tendo em vista que a variedade de produtos ou artigos produzidos pelo Brasil em larga escala para fins de exportação, nesse contexto, perfaziam uma lista pouco extensa, representada particularmente pelo café.

A arena política do país se dividia em poucas agremiações, sendo que, apenas três se faziam representar: o Partido Republicano Mineiro (PRM), o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) e o Partido Republicano Paulista (PRP). Em termos de representatividade e legitimidade não existia qualquer agremiação política organizada que se configurasse em oposição ao governo estabelecido, ficando a cargo dos estados com maior poder de barganha política “a maior fatia do bolo”, ou seja, o maior número de vantagens com maior espaço para negociações com o governo central. De acordo com Maria Efigênia Lages de Rezende:

Há estados em que a disputa pelo poder está mais institucionalizada. Neles, o partido estadual funciona como uma estrutura de agremiação dos interesses, fato que torna a violência menor. Estão nesse caso Minas Gerais e São Paulo. Em Minas Gerais, o Partido Republicano Mineiro congrega os interesses de grupos familiares dominantes nas diversas regiões do estado marcadas, pelas suas origens históricas, por atividades econômicas diferenciadas. Em São Paulo, o Partido Republicano Paulista congrega os interesses dos cafeicultores, representantes da economia dominante e praticamente, à época, exclusiva do estado.

² Conforme Maria Efigênia, o grau de autonomia dos estados em relação ao governo central era tanto que disposto na constituição dizia: “o federalismo [...] deixa aos estados, recém-criados, uma larga margem de autonomia. Pela constituição, eles detêm a propriedade das minas e das terras devolutas situadas em seus respectivos territórios e podem realizar entre si ajustes e convenções, sem caráter político. Podem legislar, também, sobre qualquer assunto que não lhes for negado, expressa ou implicitamente, pelos princípios constitucionais da União (art.63). Esse dispositivo permite aos estados, por exemplo, cobrar impostos interestaduais, decretar impostos de exportação, contrair empréstimos no exterior, elaborar sistema eleitoral e judiciário próprios, organizar força militar etc”. Cf. *ibid.* p.94.

Nos estados dominados por oligarquia constituída de uma única família ou naqueles em que ocorrem lutas armadas entre facções oligárquicas pela hegemonia no estado, a violência é maior. [...] O Caso do Rio Grande do Sul é extremo. Fortemente influenciado pelo positivismo, o Rio Grande do Sul vive à sua moda a ditadura prescrita pelos positivistas.³

De fato, nos estados em que as oligarquias se constituíam sob a forma familiar ou sob a estrutura de grupos organizados pela atividade produtiva, o grau de violência se torna substancialmente mais forte, visto que os laços que os unem dentro de uma agremiação política são outros que não aqueles entendidos sob uma plataforma de interesses pré-determinada, mas tão somente, àqueles interesses que lhes pareçam vantajosos no desenrolar dos fatos, ou seja, no desenvolvimento da própria história e, esses são, por essência, imprevisíveis, isto é, dependem das condições que se lhes vão apresentar.

Neste contexto as disputas econômicas e políticas travadas em torno aos interesses de São Paulo e Minas Gerais se tornam cada vez mais ferrenhas. Em 1893, após grandes esforços, foi fundado, pelos paulistas, o Partido Republicano Federal. Sua vitória nas eleições de 01 de março de 1894 representou o favorecimento do setor cafeicultor, concentrado, particularmente, em São Paulo. Segundo Maria Efigênia, a partir desse momento, as relações políticas e econômicas estabelecidas entre os estados e o poder central ganham novas facetas:

O poder do chefe do PRF, Francisco Glicério, no congresso torna-se incontestável. Ele decorre de sua posição de articulador de membros das bancadas estaduais no Congresso para obter apoio a Prudente de Moraes no enfrentamento das lutas internas e das dificuldades financeiras que se avolumam. Nessa posição, seu poder iguala-se, praticamente, ao do presidente.⁴

Pouco antes desses fatos, no ano 1892, no sul do país, explode a Revolução Federalista, conflito resultante de disputas políticas internas no estado do Rio Grande do Sul entre os favoráveis à retomada do poder por Júlio de Castilhos, representante do “unitarismo” do Estado monárquico, e aqueles contrários à sua

³ Ibid. p.97.

⁴ Ibid. p.110.

posição, cujos anseios políticos se concentravam em torno do parlamentarismo e da diminuição do poder de ingerência do governo central sobre a política do estado. Quando Prudente de Moraes assume a presidência da República, a Revolução Federalista já parece perder forças sendo firmado em “23 de agosto de 1895, com apoio da maioria do Senado”⁵ um acordo de paz.

Esse é o período em que está em vigência a chamada “política do café com leite” que recebeu esse nome devido à alternância de políticos de São Paulo e Minas Gerais na presidência da república. O cenário político brasileiro entre os anos de 1880 e 1890 é conturbado; conflitos regionais ligados à restauração da monarquia e críticos às novas iniciativas da recém instituída república estouram pelos mais longínquos pontos do país. O ano de 1895, por sua vez, trouxe a crise mundial e, com ela, a conseqüente derrocada da exportação do café agravando um contexto que já se mostrava desfavorável economicamente às grandes oligarquias do café no país.

Manuel Ferraz de Campos Sales, advogado republicano, assume, em 01 de março de 1898 a presidência da república, como sucessor de Prudente de Moraes em um momento crítico, política e economicamente, já que a crise parece se agravar com o aumento da inflação e, por conseguinte, da dívida externa. Campos Sales optou por estabelecer laços cada vez mais próximos com os estados em busca de apoio que sustentasse sua governabilidade, já que a população reprovava de um modo geral suas iniciativas para estancar a crise financeira pela qual o país passava. A chamada “política dos governadores”, por ele implantada, facilitou a manutenção de sua governabilidade através do favorecimento e aumento da autonomia dirigida aos estados apoiadores de sua política.

Podemos acrescentar que, durante o governo de Campos Sales, as fraudes eleitorais persistem conformando-se um universo político cercado por uma atmosfera de dominação. O voto aberto facilitava o controle por parte dos mandatários de determinada região do país sob os empregados, sendo, por esta razão, a eleição um processo previamente determinado pelos maiores detentores de poder político e

⁵ Ibid. p.111.

econômico da região, os chamados “coronéis”; esse tipo de prática recebeu o nome de “voto de cabresto”, pois a liberdade de voto era extremamente limitada. Esse jogo de forças entre os estados com maior poder econômico e maior representação política junto ao governo central do país manteve-se fiel à “política dos governadores” e à “república do café com leite” até 1930, o que incorreu no tardio processo de industrialização do país, visto que as disputas políticas estavam concentradas no poder das elites rurais, majoritariamente.

Desde 1887 a mão-de-obra imigrante já vinha sendo utilizada como força de trabalho assalariada no Brasil; grande parte dessa população era dirigida para a região sul e sudeste do país. Além da proibição de traficar escravos, se desenvolveu no Brasil uma cultura de superioridade de raças, sendo o Brasil um país originariamente composto por população indígena e, mais tarde, com o afluxo de escravos trazidos do continente africano, também de população negra, alguns intelectuais buscaram reproduzir no país estudos que vinham sendo desenvolvidos na Europa sobre o “branqueamento das raças”.⁶ Nesse sentido, a imigração teve papel importante, pois imigrantes vindos da Itália ou da Alemanha (vindos em maior número) favoreceriam o branqueamento produzindo, ao longo de gerações, o aumento do percentual de população branca em relação à negra e à indígena.

Com o processo de industrialização, iniciado particularmente nos anos de 1900, a população imigrante também passou a trabalhar em estabelecimentos comerciais e na indústria, localizados, fundamentalmente, em São Paulo e no Rio de Janeiro. O lento processo de industrialização do Brasil mudou o cenário de algumas cidades. O Rio de Janeiro, então capital do país, adquire uma atmosfera urbana, a própria estrutura da cidade passa por modificações, mudanças que nem sempre foram acompanhadas pelos habitantes. O ritmo das cidades incorporou à vida das pessoas uma nova dinâmica, tanto no trabalho quanto no que diz respeito ao lazer, novas regras de sociabilidade vão sempre agregadas ao cotidiano urbano.

Os contrastes adquirem nova forma nas cidades. A população de libertos, deslocada do campo para a cidade, em contato com a parcela da população

⁶ Sobre este assunto ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

imigrante, que exercia atividades no cenário urbano, e o convívio hierárquico com a elite urbana evidencia novas características para um Brasil que sofre as transformações de seu tempo. Formam-se nas cidades os cortiços onde a população de baixa renda se aglomera, não raras vezes, em péssimas condições de higiene, em ambientes insalubres e de péssima acessibilidade⁷. As mudanças na arquitetura das cidades também provocaram reações por parte da população que nem sempre julgava o estilo das construções próximo de nossa cultura como aparece em um trecho de uma crônica escrita por Lima Barreto em 1921:

Não há dúvida alguma que o embelezamento das cidades sobreleva as questões de higiene e de assistência que elas também reclamam. É isto que se tem visto em toda a parte, principalmente nas capitais de tiranos asiáticos, onde se erguem monumentos maravilhosos de mármore e ouro, de ônix e porcelana, de ouro e jaspe, em cidades que não têm água nem esgotos e o grosso da população habita choupanas miseráveis.

Essa regra geral das administrações asiáticas obedece a certo critério de origem divina, em que se estatui que o senhor e os senhores têm o direito a tudo; e os restantes, no máximo, à vida, e são obrigados a pagar impostos para gáudio daqueles outros. [...]

Com o advento da democracia nos países de origem européia, especialmente no nosso, depois da proclamação da república, essa regra asiática tem sido mais ou menos obedecida, com o caráter cenográfico que nos é próprio.⁸

Não obstante, a crítica de Lima Barreto se estabelece através da crônica desenvolvida acerca da segregação do espaço urbano em que a população é dividida na cidade do Rio de Janeiro (de onde fala); as pessoas com maior renda vão para a região sul da cidade, enquanto os “morros” se formam na região norte, compostos por cortiços e esquecidos pela administração da cidade, já que o espaço a que pertencem concentra um mundo à parte. O descontentamento de Barreto também se coloca como expressão do desgosto pela arquitetura monumental republicana que nada tem a ver com o grosso da população; o sentimento de distanciamento dessas pessoas em relação à arquitetura republicana parece ficar evidente através da narrativa de Lima Barreto.

⁷ Para maiores detalhes sobre as alterações provocadas pelo processo de industrialização e urbanização do Brasil ver: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1998, vol.III.

⁸ Cf. BARRETO, Lima. Leitura de Jornais [careta] 19.03.1921. In: RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel. **Toda Crônica: Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Agir, 2004. p.337.

O processo de urbanização e de industrialização pelo qual o Brasil passava e, em particular, o Rio de Janeiro resultou também na produção e reprodução de formas artísticas de expressão da população dita “segregada”. A música teve terreno fértil nos morros cariocas, onde o samba (batucada) se estendeu como forma de manifestação cultural que acaba por ganhar simpatia de outros segmentos sociais; de acordo com Waldenyr Caldas “o samba é um acontecimento musical essencialmente urbano e mais precisamente carioca”.⁹

A questão da modernidade e da necessidade de incorporar o Brasil nesse processo pelo qual a Europa inteira passava se fazia sentir em todas as esferas da sociedade. Em São Paulo, não foi diferente, a arte também se mostrou como expressão dos dilemas modernos incorporados nesse período à vida urbana. A Semana de Arte Moderna representou um marco no que concerne às discussões em torno da república e da modernidade. Conforme esclarece Mônica Pimenta Velloso:

Meio século antes de acontecer, em São Paulo, a famosa Semana de Arte Moderna, já existia no Brasil um movimento literário que foi denominado pelo crítico e historiador José Veríssimo de “modernismo”. Tobias Barreto, Silvio Romero, Graça Aranha, Capistrano de Abreu e Euclides da Cunha destacaram-se como intelectuais que compunham esse grupo, conhecido como a “geração de 1870”. Se conhecemos bem alguns desses nomes, geralmente não associamos as suas figuras e produção literária ao nosso modernismo. Isso acontece justamente porque acostumamos a pensar o modernismo como um movimento espaço-temporal definido: São Paulo, 1922. Geralmente não prestamos a devida atenção aos “sinais de modernidade” que já vinham despontando, das mais distintas maneiras em várias regiões e cidades¹⁰.

A modernidade já era pensada, criticada e incorporada antes mesmo que movimentos artísticos ou sociais chegassem aos livros ou às galerias de arte; o sentimento provocado pela aceleração do cotidiano trouxe consigo outro “formato” de sociedade, que começava a repensar os critérios de sociabilidade presentes, futuros, e até mesmo as possibilidades de incorporar novas formas e estruturas de pensamento à sociedade e ao próprio homem. A Semana de Arte Moderna trouxe consigo a problemática de inserção do Brasil na modernidade cultural do ocidente

⁹ CALDAS, Waldenyr. **Iniciação à música popular brasileira**. São Paulo: Ática, 1989. p.28.

¹⁰ VELLOSO, Mônica Pimenta. Os sentidos do modernismo: raízes e rupturas. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano**. op. cit. p.354.

sem que o país perdesse os traços específicos que o definiam em termos de nacionalidade. Como grande parte dos intelectuais que tentaram traçar uma espécie de “perfil cultural” para o país foram de encontro com a tendência de encarar o Brasil com características depreciativas como a inferioridade racial brasileira e o atraso econômico, tratou-se através desse movimento, ou ainda, de seus primeiros representantes, de elevar as qualidades do país através da exaltação das características nacionais. Segundo Mônica Pimenta Velloso:

A temática que, de fato, está mobilizando os intelectuais da geração de 1870 é a de buscar a compreensão da identidade múltipla da nacionalidade. Nos cantos, contos, poesias e danças, o brasileiro aparece reconhecido na figura do indígena, do africano, do europeu e do mestiço. Para os padrões valorativos da época, essa idéia já significava um determinado avanço na interpretação do Brasil. Mesmo de uma forma que poderíamos denominar “envergonhada” reconhecia-se a nossa identidade mestiça, buscando-se estudá-la. Mas predominava ainda a idéia da segmentação entre o superior (europeu) e o inferior (Brasil), sendo reservado a cada uma das etnias o seu respectivo espaço.

[...] Essa idéia é importante, pois revela a relação entre os intelectuais da geração de 1870 e aqueles vinculados à cultura modernista dos anos posteriores. Não importa quão precários sejam esses vínculos identificadores entre as diferentes gerações intelectuais. É necessário considerar que em todo processo de leitura há uma seleção de idéias, uma absorção diferenciada que é ditada pelas necessidades do contexto político-cultural. Para a geração de 1870, “ser moderno” significava, sobretudo, buscar uma compreensão do significado de ser brasileiro, compreensão essa que deveria ser mediada pelo instrumental cientificista.¹¹

A pintura, a poesia, o canto e a literatura sofreram fortes transformações quando influenciadas por esse movimento. A vida industrial que se alastrava pelas cidades era retratada nas telas, novos temas são trabalhados e repensados pelos artistas que ousam na interpretação das características nacionais. O mundo do trabalho passa a ser um tema muito freqüente nas pinturas. Operários, escravos, trabalhadores rurais surgem em meio à arte brasileira como sujeitos. As cores fortes e variadas da paisagem brasileira ganham ênfase nas pinturas que inauguram uma nova estética no Brasil.

¹¹ VELLOSO, Mônica Pimenta. Ibid. op. cit., p.356-357.

Novos tempos trazem ao Brasil novas experiências, novos conceitos, inaugura-se outro tipo de dinâmica social, o ritmo das cidades empurra os trabalhadores para as fábricas, para o comércio, os faz adotar novas estratégias de sobrevivência. A vida passa a ser medida pelos ponteiros do relógio e nada o escapa dele; as proliferações de cortiços, as aglomerações nos morros, as questões relacionadas à higiene e à saúde pública também transitam no cenário político da época. A idéia de sentir o Brasil como parte de um mundo civilizado, criador e avançado trouxe um arcabouço de iniciativas de implantação imediata, novas preocupações emergem junto com as novas exigências, enfim, este é um tempo de grandes mudanças.

Nesse clima de transformações, novos personagens surgem na sociedade, que passa a se estruturar em torno das elites agrárias. As oligarquias ainda existentes, a classe média em sua maioria formada por profissionais liberais, militares, servidores públicos, comerciantes que, pouco a pouco, vão ganhando seu espaço dentro do universo urbano e do proletariado urbano, aqueles que ocupavam os morros e que construíram ao longo dos anos a sua própria prática cultural, ainda que a mesma não se mantivesse unicamente no gosto popular, constituíam o novo cenário de personagens sociais do país. A esse grupo a República e a própria modernidade trouxeram direitos limitados e deveres ampliados, enquanto o voto se colocava como veículo de exercício da cidadania, o controle exercido pelas elites sobre ele parecia anular sua essência; é um período de contrastes em que as forças dominadas demonstram, não raras vezes, sua reprovação diante de uma república inacessível.

As rebeliões e revoltas tão próprias deste período são hoje representações daquilo por que passavam os grupos alheios ao poder, suas reivindicações iam sempre de encontro à busca por dignidade, respeito e espaço em uma sociedade que fazia questão de colocá-los à margem de tudo. As reformas estruturais pelas quais passaram as cidades que precisavam se adequar aos ditames da modernidade, consideradas à época os pólos econômicos do país, repercutiam na vida dos trabalhadores; tais mudanças eram fundamentais para abarcar os novos tempos e “dar as costas” de uma vez por todas a um Brasil retrógrado. Contudo, os

problemas surgiram logo, quando a população de baixa renda começou a ser empecilho para as mudanças previstas. Segundo Nicolau Sevcenko as mudanças iniciaram da seguinte maneira:

Executar simultaneamente a modernização do porto, o saneamento da cidade e a reforma urbana. Um time de técnicos foi então nomeado pelo [então] presidente Rodrigues Alves: o engenheiro Lauro Müller para a reforma do porto, o médico sanitarista Oswaldo Cruz para o saneamento e o engenheiro urbanista Pereira Passos, que havia acompanhado a reforma urbana de Paris sob o barão de Haussmann, para a reurbanização. Aos três foram dados poderes ilimitados para executar as tarefas, tornando-os imunes a quaisquer ações judiciais, o que criou uma situação de tripla ditadura na cidade do Rio. Como era de se prever, os três se voltaram contra os casarões da área central, que congregavam o grosso da população pobre. Porque eles cerceavam o acesso ao porto, porque comprometiam a segurança sanitária, porque bloqueavam o livre fluxo indispensável para a circulação numa cidade moderna. Iniciou-se então o processo de demolição das residências da área central, que a grande imprensa saudou denominando-o com simpatia de a “Regeneração”. Para os atingidos pelo ato era a ditadura do “bota-abaixo”, já que não estavam previstas quaisquer indenizações para os despejados e suas famílias, nem se tomou qualquer providência para realocá-los. Só lhes cabia arrebanhar suas famílias, juntar os poucos bens que possuíam e desaparecer de cena. Na inexistência de alternativas, essas multidões juntaram os restos de madeira dos caixotes de mercadorias descartados no porto e puseram a montar com eles toscos barracões nas encostas íngremes dos morros que cercam a cidade, cobrindo-os com folhas-de-flandres de latões de querosene desdobrados. Era a disseminação das favelas.¹²

Esse foi o princípio do processo que deu origem às favelas, aos cortiços e as casas de aluguel baratas nas quais a população menos abastada se aglomerava em oposição às majestosas construções modernas. O Brasil passou a deixar mais claro o país de contrastes que era. A população inconformada com esse tipo de prática e com a ostentação produzida pelo poder estatal provocou diversas rebeliões em várias partes do país. A chamada revolta da vacina¹³ é o retrato fiel deste período.

¹² SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil**. Vol. III. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p.22-23

¹³ A revolta da vacina obrigatória consistiu numa rebelião popular produzida em virtude da iniciativa do médico sanitarista Oswaldo Cruz que tentou implantar na cidade do Rio de Janeiro um programa higienista no intuito de desintoxicar a cidade de ratos, mosquitos e transmissores de doenças que culminavam em epidemias como a febre amarela e a peste bubônica. Revoltados com a destruição dos seus antigos lares e o descaso do governo em relação às suas vidas a população pobre impediu, em sua grande maioria, que a campanha de Oswaldo Cruz fosse colocada em prática. Além disso, a tentativa de vacinar esse mesmo grupo social contra a varíola também culminou em revolta. Ignorando qualquer informação sobre a vacina a população de baixa renda se negou a ser vacinada, o clima de revolta se alastrou e deu origem à denominada “revolta da vacina obrigatória”. Para maiores informações ver: SEVCENKO, Nicolau (org.). op. cit. p.24-34

Por fim, a virada de século foi de transformações culturais em todas as esferas da sociedade brasileira, enquanto as elites sentiam a mudança no sentido da tão sonhada modernidade, a população de baixa renda produzia nos morros a sua própria cultura e dentro das fábricas e dos comércios começava a se unir em torno de alguns interesses em comum. Sopravam num horizonte bem próximo os ventos da organização sindical. Era o início da mobilização verdadeiramente proletária no Brasil.

3.2 O movimento operário nascente e suas primeiras vicissitudes

O movimento operário brasileiro teve suas raízes fundadas muito particularmente na imigração. As primeiras formas de organização aqui implantadas remetem às práticas que já vinham sendo desenvolvidas na Europa, nos movimentos de contestação nacional, ou ainda, no interior das pequenas agremiações políticas localizadas longe dos grandes centros, próximas da estrutura sindical e conformadas sob as reuniões de assembléias. No Brasil, o processo de industrialização lançou muitos imigrantes, advindos, não raras vezes do meio rural, nos mundos do trabalho urbano e industrial; as mudanças vinham em ritmo acelerado, acompanhadas pela violência e pela segregação.

A inserção do negro no mercado de trabalho confundia-se ainda com as sombras da escravatura ao mesmo tempo em que, para ele, não era fácil incorporar à sua mentalidade as novas possibilidades de uma liberdade um tanto quanto limitada. O número de operários, isto é, de trabalhadores no ramo do comércio e da indústria, cresceu de forma vertiginosa durante o processo de industrialização do Brasil. Segundo Leandro Konder, “*entre 1907 e 1920, o proletariado brasileiro quase duplicou, e o número de estabelecimentos fabris quase triplicou, se elevando de 3.258 para 9.475¹⁴*”, o que assinala uma alteração substancial no cenário urbano nesse início de século, para um país, até então, eminentemente rural e dependente dessa estrutura econômica.

¹⁴ Cf. KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta**. Rio de Janeiro: Campus, 1988. p.124.

Ocorre, no entanto, que a participação desse grupo, recém formado na sociedade brasileira, era ínfima em termos de cidadania ou de organização classista. A própria forma classista de união é um tema polêmico, passível de discussões dentro da historiografia relativa aos “mundos do trabalho” no concernente aos primeiros anos de prática política do operariado já que, de acordo com Cláudio Batalha, *“a formação de classe é, portanto, um processo mais ou menos demorado, cujos resultados podem ser verificados na medida em que concepções, ações e instituições coletivas de classe, tornam-se uma realidade”*,¹⁵ o que, em verdade, inexistia durante os primeiros anos de industrialização do país. De acordo com Leandro Konder, a situação política e econômica do Brasil se estabelecia da seguinte maneira:

Entre os anos de 1905 e 1913 houve um surto de crescimento industrial, mas prevaleceu uma aliança do Estado com os cafeicultores que, afinal, retardou a industrialização até os anos trinta. O proletariado ainda tinha escasso peso na economia nacional e carecia de meios para exercer uma pressão política significativa no plano institucional. A exploração capitalista, em sua arrancada, submetida desde logo a distorções e circunstâncias desfavoráveis, assumiu formas essencialmente brutais. Os trabalhadores não precisavam de um instrumental teórico mais elaborado para perceber essa exploração e para se sentirem revoltados em face dela. Os instrumentos para a reflexão eram, para a classe operária, de difícil aquisição. Faltavam aos trabalhadores tanto o conhecimento da realidade social concreta que os oprimia como os meios para obter esse conhecimento através do estudo. As massas populares eram mantidas à margem da vida política e cultural e não dispunham da experiência para avaliar corretamente as causas e a natureza do sistema em que eram exploradas.¹⁶

As palavras de Konder nos remetem a pensar sobre as condições a que estavam expostos esses trabalhadores recém inseridos num incipiente mercado de trabalho em que a escravidão e suas práticas ainda se faziam muito presentes. Homens, mulheres e crianças trabalhavam nas pequenas indústrias que emergiam em cenário nacional sem limite de horas em suas exaustivas jornadas de trabalho. Locais sem ventilação, com pouca luminosidade, úmidos e desprovidos de qualquer higiene, geralmente compunham o cenário dos longos dias de vida desses

¹⁵ BATALHA, Cláudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In. FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). op. cit. p.163.

¹⁶ KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta.** op. cit. p.100.

trabalhadores. Em tais condições, não foi difícil compreender o grau de exploração a que estavam expostos; além disso, de acordo com Astrojildo Pereira, emblemático personagem do movimento operário brasileiro de que trataremos mais tarde, a consciência sobre a necessidade de se colocar contra a exploração patronal também tinha origem em:

[...] Certos sinais de crise, carestia crescente – eis os fatores que forçavam a classe operária a lutar em defesa dos seus interesses mais elementares. Sob a pressão de tais fatores e em correlação com eles, crescia a sua combatividade, de que foi exemplo típico a greve nas Docas de Santos (1912), durante a qual se registraram sérios choques entre a polícia e os grevistas.¹⁷

As iniciativas grevistas foram as primeiras formas de expressão organizada encontradas pelo operariado brasileiro na busca por reconhecimento de suas categorias, fossem elas profissionais ou classistas. Nos anos de 1910 as manifestações operárias organizadas já confluíam interesses coletivos ainda que estes estivessem muito presos às categorias profissionais, forma pela qual foram organizadas as primeiras assembleias sindicais no país.

Outro empecilho fortemente arraigado na cultura da elite brasileira se apresentava à atuação desses trabalhadores: a repressão e o indiscriminado uso da violência, ambos restringiam as práticas dos grevistas, o que nunca os impediu de organizarem-se das mais diversas formas. Segundo afirma Paulo Sérgio Pinheiro “o autoritarismo do patronato não se deve necessariamente a uma compulsão para a perversidade, mas a imposições materiais de produção que dominam sua conduta”.¹⁸ Sobre este cenário desfavorável ao movimento operário no Brasil, John Foster Dulles assinala que:

Na inevitável luta social, os capitalistas, pertencentes à elite que provia o Brasil de funcionários federais e estaduais, contavam com o apoio das forças policiais do Estado para manter a lei e a ordem favoráveis à gerência das companhias. Aos trabalhadores que viriam a opor-se a essas forças não faltaram oportunidades para ouvir falar das idéias anarquistas e socialistas, muitas vezes expostas por escritores e companheiros de trabalho que a elas se devotaram antes de deixar o

¹⁷ PEREIRA, Astrojildo. **Ensaio Histórico e Político**. São Paulo: Alfa-Omega, 1979. p.49.

¹⁸ Cf. PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da Ilusão: a revolução mundial e o Brasil (1922-1935)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.107.

sul da Europa. Eram idéias que convenceram os governos do sul da Europa a encorajar o êxodo de elementos “radicais” dos seus países – especialmente depois que alguns anarquistas europeus, inspirados na “propaganda pela ação”, participaram de insurreições e atentados terroristas, demonstrando interesse especial pelo assassinato de membros das casas reinantes.¹⁹

As deportações, desterros, torturas e intimidações compunham o arcabouço de estratégias de “defesa” da máquina estatal contra os “indesejáveis”, como eram conhecidos os presos políticos, pegos em manifestações, reuniões públicas e assembléias. O desterro não apenas conferia ao indivíduo, considerado uma ameaça à sociedade, exclusão social, mas, na maioria das vezes, significava a morte do prisioneiro, já que as condições de transporte dessas pessoas eram desumanas, facilitando a disseminação de doenças ou a morte dos transportados por inanição.

Além das dificuldades de organização criadas pelos mecanismos repressivos do Estado, há também que se levar em conta as diferentes bagagens culturais de que estavam munidos os primeiros grupos operários no Brasil. A extensão territorial brasileira correspondia em proporção à variedade de crenças e expectativas fundadas sobre as bases sociais dispostas pelo país. A necessidade de união e atividade dentro de uma república que não garantia direitos aos seus cidadãos fez com que as ideologias operárias, tão apregoadas no velho mundo, ganhassem espaço entre os trabalhadores brasileiros. De acordo com Leandro Konder, no início do século XX, “*no movimento operário brasileiro, tal como ele se compunha e se expressava, misturavam-se tendências ideológicas distintas, em geral mal definidas: havia anarquistas, anarco-reformistas, possibilistas, social-democratas*”.²⁰

Nem só de imigrantes era composto o movimento operário brasileiro, a população negra recém inserida no mercado de trabalho e a população pobre das grandes cidades também teve seu papel com relação ao crescimento da indústria no Brasil. Leandro Konder assinala essa duplicidade de esforços produzidos pela pequena massa de trabalhadores que foram inseridos dentro dos mundos do

¹⁹ DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. p.19.

²⁰ KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta**. op. cit. p.84.

trabalho e criaram ou desenvolveram seus próprios aportes teóricos, políticos e ideológicos para lutar contra aquilo que lhes causava estranheza ou revolta. Nesse sentido, a primeira ideologia operária que teve espaço entre os trabalhadores foi o anarquismo. De acordo com Konder:

O anarquismo brasileiro deve muito a esses estrangeiros [imigrantes]. As classes dominantes, conservadoras, reconheceram implicitamente o valor da ação deles quando os prenderam e os expulsaram, quando invocaram (como em 1907) a “segurança do Estado” para a adoção de leis contra tais agitadores. Mas a força do movimento anarquista não teria alcançado as dimensões que chegou a ter se a sua causa não tivesse sido assumida por um número expressivo de aguerridos militantes brasileiros, dedicados não só à luta como ao estudo e à reflexão. Entre esses militantes nasceram e se desenvolveram aqui, muitos tinham origem social humilde e, enfrentando múltiplas e graves dificuldades, conseguiram adquirir apreciável nível de formação cultural.²¹

Uma infinidade de estudos²² já se preocupou em identificar as primeiras formas de organização encontradas pelos primeiros militantes brasileiros na busca por legitimação das suas ações. Como estes trabalhos já revelaram, o operariado brasileiro começou a se ver como coletividade munida de alguns interesses em comum a partir da ação sindical. Nos pólos econômicos do país, tais como São Paulo e Rio de Janeiro, nos quais a atividade política dos sujeitos históricos que nos interessam nesta pesquisa estava concentrada, a atuação desses militantes se afirmava através de congressos e assembléias que envolviam representantes de diversas localidades do país, na maior parte das vezes distribuídos e organizados por categorias de ofício.

A diversificação étnica e lingüística era um empecilho para a conformação de uma estrutura política unitária. Elementos culturais confundiam-se na organização sindical que misturava indivíduos das mais variadas experiências e origens culturais

²¹ KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta**. op. cit. p.104.

²² Entre os estudos sobre este tema podemos citar o trabalho de KONDER, Leandro. **As idéias socialistas no Brasil**. São Paulo: Moderna, 1995. Obra em que o autor trabalha as formas de assimilação ideológicas produzidas pelo operariado brasileiro acerca das ideologias do velho mundo. Outro estudo fundamental para compreensão deste tema foi desenvolvido por PINHEIRO, Paulo Sérgio. **A classe operária no Brasil: documentos (1889-1930)**. Vol. 1. São Paulo: Alfa-Omega, 1979; Além dos textos desenvolvidos por MORAES, João Quartim de. In: MORAES, João Quartim de. (org.). **História do Marxismo no Brasil: influxos teóricos**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007 e DEL ROIO, Marcos. Os comunistas, a luta social e o marxismo (1920 - 1940). In: RIDENTI, Marcelo e REIS, Daniel Aarão (orgs.). **História do Marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1920-1960**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

e que, não raras vezes, dificultavam a convergência de interesses dentro das assembléias. Em decorrência também da diversificação cultural dos militantes nesse contexto, somado às dificuldades de organização e comunicação num território tão amplo quanto o Brasil, fica clara a razão pela qual houve a apropriação primeira do anarquismo: pela facilidade que o mesmo incorpora à luta pela obtenção da qualidade de vida individual. Num organismo em que os interesses sociais e econômicos são distintos entre seus filiados é praticamente impossível impor uma doutrina única, pois esta não encontrará ressonância entre os que pretende atingir. De acordo com Marcos Del Roio:

Nas condições de incipiência do movimento operário no Brasil, de agregação mutualista e de resistência em sindicatos de corporação profissional movidos por princípios éticos da valorização do trabalho livre e propensos a surtos de revolta orientados pelo voluntarismo, os esforços dos anarquistas tinham melhores chances de êxito no angariamento de trabalhadores para a luta social.²³

A greve geral que sacudiu a cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro no ano de 1917 demonstrou pela primeira vez na história o poder político do operariado brasileiro que reagiu em razão da carestia da vida, das péssimas condições de trabalho e à baixa remuneração. Além disso, a jornada de 8 horas, a proibição do trabalho infantil e a garantia do direito de reunião compunham também o conjunto de reivindicações. Entretanto, por mais repercussão que tivesse a expressão dos trabalhadores nas ruas das grandes cidades, a debilidade teórica em relação às suas iniciativas práticas já deixava clara a necessidade de aprimorar as estratégias de ação, além do fortalecimento da união dos trabalhadores dos mais variados ofícios num único organismo que fosse capaz de congregar seus interesses de um modo geral. Alguns anos mais tarde, através de uma autocrítica, Astrojildo Pereira, um dos líderes do movimento ácrata desse período no Brasil, constatou que:

As grandes greves e agitações de massa do período de 1917-1920 puseram a nu a incapacidade teórica, política e orgânica do anarquismo para resolver os problemas de direção de um movimento revolucionário de envergadura histórica, quando a situação objetiva do país (em conexão com a situação mundial criada pela guerra

²³ DEL ROIO, Marcos. Os comunistas, a luta social e o marxismo (1920-1940). In: RIDENTI, Marcelo e REIS, Daniel Aarão (orgs.). **História do Marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1920-1960**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p.15.

imperialista do 1914-1918 e pela vitória da revolução operária e camponesa na Rússia) abriu perspectivas favoráveis à radicais transformações na ordem política e social dominante. A constatação desse fato, resultante de um processo espontâneo e a bem dizer instintivo de autocrítica que se acentuou principalmente durante a segunda metade de 1921, sob a forma de acaloradas discussões nos sindicatos operários, é que levou diretamente à organização dos primeiros grupos comunistas, que se constituíram como passo inicial para a fundação do Partido Comunista.²⁴

A onda de greves e de mobilizações operárias confluiu no anseio de lideranças operárias em criar uma estrutura de atuação política do operariado brasileiro mais eficaz e unitária. Foi nesse sentido que, no ano de 1919, surgiu a primeira manifestação partidária do operariado no país com a fundação do Partido Comunista do Brasil (de caráter libertário) em São Paulo, sob de liderança de Edgard Leuenroth e Antonio Duarte Candeias. Poucos meses antes fora fundado, pelo mesmo grupo de anarquistas, o PC do Rio de Janeiro, também de caráter libertário.²⁵

A ampliação dos organismos coletivos que congregavam militantes operários por todo o país criou a necessidade de uma organização mais coesa, capaz de estabelecer contatos mais profícuos entre os organismos de outras localidades do país, já que a troca de material político e as convocações para assembléias já estabeleciam uma relação, mesmo que remota, entre essas organizações, em sua grande maioria, sindicais e subdivididas por ofício. A idéia de se criar um partido já carrega consigo maior substrato no que concerne à representação classista, pois na medida em que uma organização coesa passa a representar um grande grupo unido de interesses em comum, esse mesmo grupo passa a ter sua significação interligada por laços que os unem, no caso, laços políticos muito ligados à necessidade de melhorias em sua qualidade de vida. Desta forma, é a partir dessa iniciativa que podemos identificar os primeiros traços de uma organização classista e operária no Brasil. De acordo com Leandro Konder, o Partido Comunista, originado sob a égide do anarquismo, foi fundado nos seguintes moldes:

²⁴ PEREIRA, Astrojildo. op. cit. p.61.

²⁵ Sobre o assunto ver: FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988 e PEREIRA, Astrojildo. **Ensaios Históricos e Políticos**. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

José Oiticica (1882-1957), [...] redigiu para esse partido uma espécie de programa, intitulado “Princípios e Fins do Comunismo”. Era um texto de inspiração claramente anarquista, expondo idéias paleopolíticas, formulações moralistas, condenando o alcoolismo e a prostituição (que “corrompem e degeneram o povo”). No mesmo ano, Antônio Candeias Duarte e Edgard Leuenroth publicaram um folheto intitulado **O Que é Marxismo ou Bolchevismo**. O subtítulo era “Programa Comunista”. Na realidade, se tratava de outro texto que se limitava a reafirmar os tradicionais princípios do anarquismo. As posições do **anarco-comunismo**, por conseguinte, eram as velhas posições do anarquismo, fazendo pequenas concessões terminológicas à Revolução Russa²⁶.

Cabe afirmar que, nesse período, o caráter do movimento operário brasileiro ainda está muito ligado ao reformismo, pois suas reivindicações se estabelecem não no sentido de transformação da sociedade em que vivem, mas sim de mediação das relações estabelecidas entre patrões e empregados. Ademais, a Revolução Russa, baluarte das conquistas operárias influenciou diretamente o movimento operário brasileiro, despertou, no espírito proletário brasileiro, novas esperanças e fomentou a busca por outras formas de atuação política, além da ácrata. Novas leituras foram inseridas nas “rodas de discussão” das associações operárias e aos poucos rasas interpretações sobre as obras de Marx foram sendo inseridas no meio operário, por intermédio de militantes e lideranças do movimento conhecedoras das conquistas proletárias na Rússia.

Os Partidos Comunistas fundados em 1919, de caráter libertário, surgem como alternativa organizada e coesa para fomentar a revolução no Brasil, já que as notícias vindas da Rússia chegavam ao Brasil mergulhadas num clima de entusiasmo frente às mudanças estruturais do sistema e às conquistas obtidas pela classe trabalhadora. A partir desse momento, os comícios comemorativos e as conferências organizadas pelas lideranças do movimento ácrata tomam maiores proporções e agregam maior número de simpatizantes. As praças públicas ganham novos personagens, os trabalhadores organizados deixam seus empregos para unir-se em uma só voz nos anseios por uma jornada de trabalho digna e o direito ao descanso semanal.²⁷

²⁶ KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o início dos anos trinta**. op. cit. p.126. [grifos do autor]

²⁷ Sobre o tema ver: PEREIRA, Astrojildo. op. cit.69-71.

Não podemos deixar de mencionar que o PC libertário contava com lideranças de renome dentro do operariado. José Oiticica, professor, filósofo e poeta, líder ativista ácrata, foi um dos principais organizadores da maior manifestação operária vista até então, a de 1918, ocorrida antes mesmo da fundação do Partido Comunista. Tal manifestação grevista, que exigia melhores condições de vida e de trabalho, sacudiu a cidade do Rio de Janeiro e interrompeu alguns serviços, adquirindo tal proporção que ficou conhecida como levante ou insurreição anarquista.²⁸ Já Antônio Candeias Duarte teve papel importante em meio à agitação anarquista de 1918 e, Edgard Leuenroth foi, por sua vez, a grande liderança do movimento anarquista de São Paulo. Como gráfico e jornalista desenvolveu ao longo de toda sua trajetória política a compilação do material político, criado e distribuído pelas associações operárias as quais esteve ligado, num exímio trabalho de memória histórica. De acordo com Yara Maria Aun Khoury:

A prática anarco-sindicalista, pensada, vivida, narrada e organizada, forjada enfim, por Edgard Leuenroth e seu grupo, na busca de compreensão e de afirmação da própria identidade no embate das forças sociais, manifesta-se como valores, como imagens, como arte, como trabalho, como tradição; transforma-se em jornais, revistas, livros, folhetos, folhetins, panfletos, manifestos, crônicas, poesias, canções, peças teatrais, fotos, cartões postais, selos comemorativos, etc., constituindo-se no registro dessa experiência.

Entre esses registros, o jornal é um dos mais expressivos. Todas as tendências dentro do movimento usam-no como portador de suas propostas, como veículo de suas resistências, como meio de educação e informação do trabalhador. Boa parte do jogo de interesses que permeia as questões do trabalho, da classe trabalhadora e de seu movimento, passa pelo debate na própria imprensa.²⁹

O trabalho de propaganda e informação desenvolvido por Edgard Leuenroth na imprensa operária anarquista e anticlerical teve grande relevo, suas considerações acerca da sociedade brasileira eram expressas nas páginas das publicações que dirigiu. Como fundador do Partido Comunista de São Paulo esteve à frente da organização travando embates com seus companheiros sobre as divergências teóricas e ideológicas que, aos poucos, vinham ganhando espaço no Brasil com a vitória proletária na Rússia. De acordo com Khoury, as críticas de

²⁸ Para maiores informações sobre o ativismo político e a formação de José Oiticica ver: DULLES, John W. Foster. op. cit. p.35-36.

²⁹ KHOURY, Yara Maria Aun. **Edgard Leuenroth: uma voz libertária; imprensa, memória e militância anarco-sindicalistas**. São Paulo: USP, 1988 (Tese de doutorado em Sociologia). p.31-32.

Leuenroth e os princípios defendidos por ele se manifestam sempre no sentido de reduzir ao mínimo todas as questões que *“oprimem e aprisionam a humanidade”*, por esta razão *“condena o exército e a vida militar como expressões das relações autoritárias e constrangedoras nas sociedades capitalistas, denuncia a organização política vigente e a ‘falsidade do voto’, por deslocarem os cidadãos do comando direto da vida social e política”*.³⁰ Suas concepções permaneceram até o fim de sua vida, diretamente relacionadas, ao anarquismo, ideário ao qual se dedicou ao estudo e interpretação, o entendendo como forma necessária e única de libertação humana.

As organizações anarquistas se encontravam disseminadas por todo o país, os contatos entre elas eram estabelecidos através da troca de correspondências ou através da participação de suas lideranças nos congressos operários de âmbito nacional, geralmente ocorridos, em São Paulo ou no Rio de Janeiro. Outra forma de comunicação era a imprensa e as cartilhas produzidas e distribuídas pelos sindicatos ou ainda pelos dirigentes da agremiação. Conforme explica Marcos Del Roio a distribuição desses organismos estava disposta da seguinte maneira:

No Recife, desde 1919 havia o Centro de Estudos Sociais, de Cristiano Cordeiro e Rodolfo Coutinho, que confluiu com a vertente anarcosindicalista da Antônio Bernardo Canellas na formação do Grupo Comunista de Pernambuco, em 1º de janeiro de 1922. No sul, em Porto Alegre, havia desde 1918, a União Maximalista, de Abílio de Nequete, que em fins de 1921 passou a chamar-se Grupo Comunista de Porto Alegre, ao qual se juntaram ainda grupos semelhantes existentes em Livramento e Passo Fundo. Mantinha contatos próximos com o Uruguai e a Argentina, tanto que, no congresso de fundação do PCB, Abílio de Nequete representou também a Agência do Sul e o PC do Uruguai.

O pólo fundamental, no entanto, de atração e irradiação foi o Centro-Sul, particularmente o Rio de Janeiro, onde já havia a experiência da insurreição de 1918 e da fundação de um primeiro partido comunista que apenas anunciava a **cisão** que daria origem a uma nova organização e a uma nova cultura operária, inspirada no máximo de extração leniniana.³¹

De fato, os anos que se seguiram foram caracterizados pelo aumento substancial das divergências entre os militantes anarquistas e aqueles que, por

³⁰ KHOURY, Lara Maria Aun. op. cit. p.36.

³¹ ROIO, Marcos Del. O Impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil. In: MORAES, João Quartim de. e REIS, Daniel Aarão. op. cit. p.77. [grifo ao autor]

influência da Revolução Russa e por compreenderem que outra forma de atuação política poderia trazer resultados profícuos à organização, optaram pelo comunismo. Entre os anos 1920 e 1921 as rugas entre anarquistas e comunistas ganham forma, os últimos fortalecidos pela Revolução Russa se organizam em torno de seu próprio partido fundado em março de 1922.

Contando com seus nove fundadores³², e inaugurado como a “vanguarda do proletariado brasileiro”, o Partido Comunista do Brasil - Seção Brasileira da Internacional Comunista - ,³³ lança sua plataforma de lutas filiada ao que, de acordo com suas próprias construções teóricas, chamou de *bolchevismo* e que consistia na forma que esses indivíduos encontraram para se definirem ideologicamente como herdeiros da tradição revolucionária russa. De acordo com Eliezer Pacheco a fundação do PC do Brasil foi permeada por uma estrutura política muito simples:

O começo do PCB foi realmente, muito modesto, passando a ser constituído pelo conjunto dos grupos comunistas, agora transformados em organizações locais do Partido e submetidos a uma direção nacional e aos Estatutos. Eram ao todo 73 militantes, espalhados pelo país, sem grande ligação com as massas e com uma insuficiência teórica muito grande. Os Estatutos, embora fossem uma adaptação bastante aproximada dos Estatutos do Partido Comunista Argentino, refletiam o alheamento dos comunistas brasileiros das grandes questões teóricas em debate no movimento comunista. Octávio Brandão, também um dos fundadores, chama a atenção para o fato de o mesmo estabelecer como únicas condições para o ingresso no PCB ter 18 anos, assinar a ficha de filiação e pertencer ao sindicato da categoria, quando este existisse. Como se vê, assumiam não a fórmula de Lênin, exigindo de cada militante do partido a sua participação em uma organização do partido, mas a fórmula do menchevique Martov, questão que dividiu os social-democratas russos em 1903³⁴.

As considerações feitas por Eliezer Pacheco são pertinentes na medida em que retratam um período de formação partidária em que os próprios líderes fundadores da organização vinham de uma origem política ácrata; todas as suas

³² São eles: o jornalista carioca Astrojildo Pereira, Manuel Cendon, Joaquim Barbosa, João da Costa Pimenta, Luís Peres, José Elias da Silva, Hermogêneo Silva, o gaúcho Abílio de Nequete e Cristiano Cordeiro, Cf. PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da Ilusão: a revolução mundial e o Brasil 1922-1935**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. passim.

³³ Nos dias 25, 26 e 27 de março de 1922 é fundado no Rio de Janeiro o Partido Comunista - Seção Brasileira da Internacional Comunista, futuro PCB, mesmo tendo homologada sua filiação à Internacional Comunista somente em 1924, o partido já se coloca como herdeiro direto da tradição socialista revolucionária russa, como forma de se associar ideologicamente à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

³⁴ PACHECO, Eliezer. **O Partido Comunista Brasileiro (1922-1964)**. São Paulo: Alfa-Omega, 1984. p.88.

experiências políticas e as suas influências ideológicas ainda estavam muito presas ao que se estava acostumado a fazer em termos de política operária até os anos de 1920. O próprio Astrojildo Pereira reconhece, em uma de suas autocríticas, as falhas teóricas incorporadas à forma de atuação inicial do PC do Brasil: mesmo quando assumindo um caráter *bolchevista* de atuação política as tendências anarquistas ainda se faziam muito presentes. Segundo afirma Pereira, a sua “*aceitação entusiástica da ideologia anarquista desde 1910*” juntando-se à “*ausência de tradição marxista no país, constituía um lastro ideológico difícil de alijar*”.³⁵

Em verdade, as obras de Marx só chegam ao Brasil em maior grau e ainda assim com traduções simplificadoras e vulgarizadas na década de 1920 pela ação das próprias lideranças do PC do Brasil, pela interação do partido com o PC Argentino, ou por influência da Internacional Comunista a partir de 1924. Além das dificuldades de acesso às obras de Karl Marx, existia também outro empecilho, a linguagem utilizada pelo filósofo alemão era rebuscada demais para a grande maioria de trabalhadores semi-alfabetizados que participavam das “reuniões de leitura” promovidas pelos sindicatos; momento em que os textos publicados em jornais da agremiação eram lidos por representantes alfabetizados e discutidos entre todos os presentes. Também por esta razão é que, em geral, os jornais operários apresentam grande número de imagens, não raras vezes, em forma de sátiras que descrevem o sentido dos textos. Cláudio Batalha acrescenta que, nesse período, “*convém lembrar que a imensa maioria da produção com caráter doutrinário, escrita pelos socialistas brasileiros, aparece sob a forma de artigos na imprensa e as raras obras publicadas não passam de folhetos de intenção didática*”³⁶.

Em meio a esse cenário de transformações e cismas dentro do movimento operário há também que se levar em conta as mudanças ocorridas no Brasil em outros setores da sociedade. Os anos de 1920 têm como pano de fundo uma gama

³⁵ INTERVENÇÃO de Astrojildo Pereira ao prefácio de Silvio Romero em Obras Completas de Tobias Barreto. **Arquivo Astrojildo Pereira**. Centro de Documentação e Memória da UNESP. p.23.

³⁶ BATALHA, Cláudio H. M. A Difusão do Marxismo e os Socialistas Brasileiros. In: MORAES, João Quatim de. (org.). **História do Marxismo no Brasil: influxos teóricos**. op. cit. p.24.

Sobre a dificuldade interpretativa das obras de Marx pelos militantes brasileiros Leandro Konder complementa dizendo que “*mesmo que fosse superada a barreira do acesso aos textos, haveria a barreira da compreensão deles. Marx é, notoriamente, um autor complexo; mesmo leitores despreconceituosos podem ficar parados diante de seu pensamento como se estivessem em face de uma porta fechada à chave*”. Cf. KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta**. op. cit. p.87.

de agitações e revoltas que se alastram pelo país inteiro. Primeiramente há um desacordo de interesses entre os militares de médias e baixas patentes, com a política oligárquica sedimentada no país, entretanto, alguns militares com patentes mais elevadas também aderiram ao movimento que questionava a representatividade das classes médias através do voto secreto e o grande contraste evidenciado pelo impulso modernizador do início do século. De acordo com Mário Cleber Martins Lanna Júnior:

O tenentismo, como movimento de conspiração, pegou em armas para lutar contra as oligarquias dominantes. Nesse período, surgiu como única alternativa aos anseios das classes médias populares. As mudanças tinham de ser feitas pelas armas, o que teria transformado os militares rebeldes em vanguarda política da luta contra o domínio oligárquico da burguesia cafeeira e seus aliados. Entretanto, esse foi um liberalismo de fachada. Fundamentalmente, o tenentismo se manteve fiel à defesa da ordem e das instituições. Não tinha uma proposta militarista no sentido de um governo militar, mas era elitista; propunha a moralização política contra as oligarquias cafeeiras. Os jovens oficiais seriam os responsáveis por essa moralização, através da Revolução e da entrega do poder para políticos considerados por eles como “honestos”.³⁷

Três foram os principais movimentos provocados pela onda de protestos tenentistas. O primeiro deles se realizou a 05 de julho de 1922 na cidade do Rio de Janeiro onde soldados e oficiais do exército bombardearam o Forte de Copacabana sob a liderança do tenente Antônio de Siqueira Campos. O bombardeio durou toda a madrugada do dia 05 de julho, no entanto, de acordo com Hermes da Fonseca, então comandante do Forte, Siqueira Campos autorizou o abandono aqueles que não desejassem permanecer no confronto com as tropas legalistas; a grande maioria dos militares desertou, restando apenas 18 combatentes. Estes saíram às ruas do Rio de Janeiro de armas na mão, em direção ao Palácio do Catete. Durante o trajeto grande parte dos revoltosos morreu em virtude dos confrontos restando apenas dois deles, os tenentes Siqueira Campos e Eduardo Gomes.³⁸

O clima de agitação e revolta não parou por aí, em 05 de julho de 1924, um levante muito parecido teve início em São Paulo, liderado pelo General Isidoro Dias

³⁷ LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (orgs.). op. cit. p.316.

³⁸ Ibid.

Lopes, o capitão Joaquim Távora e o major Miguel Costa. Contando com o apoio da polícia militar o grupo de revoltosos conseguiu expulsar o governo estadual paulista, entretanto, em virtude do pesado confronto, foram obrigados a se retirar da cidade para que não fossem derrotados, dirigindo-se para o sul no anseio de expansão do movimento onde se encontrariam mais tarde com os revoltosos do Rio Grande do Sul.

Em 1924 a onda de rebeliões se alastra para o interior do Rio Grande do Sul, as lideranças do movimento eram o capitão Luís Carlos Prestes e o capitão Juarez Távora; o processo foi muito parecido com o paulista, sublevações de militares culminaram na ocupação de diversas localidades. Em confronto com as forças legalistas o grupo se desloca para São Luís, compondo a chamada Coluna Prestes, já que a mesma era liderada pelo capitão gaúcho.³⁹ Sobre o movimento tenentista e a fundação do PC do Brasil Nelson Werneck Sodré assinala:

São processos paralelos, ao longo dos anos do terceiro decênio do século: o da evolução do Tenentismo de um lado, e o da evolução do PCB de outro. Nascidos no mesmo ano, o da sucessão presidencial, 1922, caminham separados. O PCB deve, de início, emergir da crise infantil proporcionada pela sua estria anarquista. Para isso, entretanto, defronta obstáculos consideráveis, decorrentes das medidas de repressão que visam o Tenentismo, particularmente o longo estado de sítio, que o coloca na clandestinidade. O retorno à vida legal, em março de 1927, abre perspectivas, logo encerradas. Já em 1923, entre os dois movimentos tenentistas, o de 1922 e o de 1924, o PCB atravessa a crise ligada à filiação à Internacional Comunista, só solucionada com a vinda ao Brasil do dirigente argentino Rodolfo Ghioldi, que, em relatório de janeiro de 1924, recomenda à IC a aceitação da filiação do PCB.⁴⁰

A Coluna Prestes, como ficou conhecido o movimento coordenado por Luís Carlos Prestes, que andou por todo o interior do país tentando levar uma espécie de “justiça política” aos mais longínquos pontos do território nacional não tinha como objetivo transformar a sociedade brasileira de forma radical, pois segundo Anita Leocádia, Luís Carlos Prestes é taxativo ao definir que “*não existia noção de classe dentro do movimento*”,⁴¹ o que existia era um pensamento relacionado ao ideário de

³⁹ LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (orgs.). op. cit. p.327-329.

⁴⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. **A Coluna Prestes**. São Paulo: Círculo do Livro, 1968. p.65-66.

⁴¹ PRESTES, Anita Leocádia. **Uma Epopéia Brasileira: A Coluna Prestes**. São Paulo: Moderna, 1995. p.82.

“evolução política” no sentido de desvincular o Estado brasileiro do poder oligárquico, ainda detentor de grande poder político no país.

As concepções dessas lideranças sobre política estavam muito embasadas nas práticas reformistas e pequeno-burguesas, tanto é assim que a Coluna Prestes primava por evitar confrontos sempre que possível. Sua estratégia de luta se assemelhava muito à guerrilha; com o apoio das populações locais por onde passava a coluna ia adquirindo simpatias a tal ponto que Prestes ganhou o codinome de “Cavaleiro da Esperança”. Criou-se uma aura mística em torno da figura do capitão invicto que atravessou com seus homens o Brasil de ponta a ponta levando os ideais de justiça e liberdade e lutando incansavelmente contra o poder ilimitado do patronato brasileiro.⁴²

Em 1927, depois de longos anos de existência, e contabilizando poucas perdas, a coluna, sem êxito no fomento de revoltas locais contra os grupos dirigentes do Brasil, decide dirigir-se à Bolívia, país no qual se dará o início do processo de transformação política e ideológica de Luís Carlos Prestes. Ocorre, no entanto, que durante o período em que a Coluna percorreu o país aumentaram proporcionalmente as ondas de repressão estatal aos movimentos opositores surgidos nesse período. Data desse período o processo que levou o futuro PCB à ilegalidade. De acordo com Astrojildo Pereira:

Convém recordar que a formação do Partido [refere-se ao PC do Brasil] se processou durante meses de extrema tensão política, motivada sobretudo pela campanha de sucessão presidencial. Realizada a eleição de 1º de março de 1922, a luta política, em vez de amainar, cresceu de intensidade e virulência. A 5 de julho, o Forte de Copacabana tomou a palavra. Foi vencido, mas continuou fumegando. O governo decretou estado de sítio. Com isso, viu-se o Partido jogado na ilegalidade, três meses e pouco depois do congresso de fundação. Tudo se complicou enormemente daí por diante. Mas o fato mais significativo que devemos aqui salientar é que o Partido não desapareceu nem cessou a sua atividade, nas novas e difíceis condições criadas pelo estado de sítio⁴³.

⁴² Sobre o tema ver: SORDRÉ, Nelson Werneck. **A Coluna Prestes: análise e depoimentos**. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

⁴³ PEREIRA, Astrojildo. op. cit. p.80.

A ilegalidade do Partido Comunista do Brasil só será interrompida em 1927, no entanto, como Pereira narra, as iniciativas do partido não silenciaram durante os anos na ilegalidade, ao contrário, o afincamento em transformar o partido brasileiro em uma célula da Internacional Comunista de Moscou fez com que a atividade política de seus dirigentes redobrasse. Partiu-se do pressuposto de que para tornar o partido parte ativa dentro da IC se fazia necessário estudar a realidade brasileira de modo que as lideranças internacionais compreendessem a iminente necessidade de apoiar o partido brasileiro fundado no auge dos levantes opositores ao poder central. O pedido de admissão impetrado por Antonio Bernardo Canellas, um dos dirigentes do partido nesse momento, não foi, contudo, bem recebido em Moscou; o próprio Canellas, em relatório da delegacia operária à Rússia, divulgado em 1923 pelo PC do Brasil, pontua de forma categórica sua inexperiência política no que concerne à participação em congressos da Internacional Comunista.⁴⁴

Canellas, que já se encontrava há três anos no exterior,⁴⁵ dirigiu-se à Moscou com a intenção objetiva de levar ao conhecimento das lideranças bolcheviques a situação do PC do Brasil, ficando, todavia, muito surpreso com o alto grau de distanciamento que lhe foi dirigido e com o protocolo que norteava as reuniões, o qual era totalmente desconhecido por ele. Tal estranheza é narrada por Canellas ao longo de seu relatório. Em suas palavras:

Ignorando o protocollo, eu não conhecia bem as vias a seguir e os passos que cumpria dar para obter essa admissão official. Porém, pelo fato de o nosso Partido ter sido, como tal, convidado a participar do Congresso e, depois, receber eu um mandato com voto deliberativo, julguei que a nossa admissão de jure no seio da Internacional já estava conseguida. [...] Em todo caso, decidi que, se necessidade houvesse de fazer n'esse sentido quaesquer [sic.] representações junto ao Executivo, as deixaria para depois do congresso⁴⁶.

Como expresso pelas palavras do dirigente brasileiro, a falta de informações dificultava muito a participação dos delegados nas discussões. Ao que tudo indica,

⁴⁴ Sobre o assunto ver: CANELLAS, Antonio Bernardo. **Relatório da delegacia à Rússia**. Rio de Janeiro: s.e., 1923.

⁴⁵ De acordo com Leandro Konder a escolha de enviar Canellas ao congresso da IC se deve muito ao fato de que ele já estava na Europa, sua candidatura, ou seja, a candidatura do PC do Brasil, não foi admitida entre os 408 delegados que representavam os 58 países presentes, entretanto, ele pôde fazer uso da palavra e participou ativamente dos debates. Cf. KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o início dos anos trinta**. op. cit. p.135.

⁴⁶ CANELLAS, Antonio Bernardo. doc. cit. p.25.

e, levando-se em conta o testemunho de Canellas, os delegados latino-americanos muito pouco contribuíram nas decisões tiradas no IV Congresso da IC, e sua presença destinava-se mais à observação do que à participação efetiva⁴⁷. A atuação de Canellas no Congresso lhe valeu a negativa no pedido de admissão do PC do Brasil como membro da Internacional em decorrência de seu desconhecimento total da sistemática soviética. Nas explanações sobre a participação de elementos da maçonaria no movimento comunista, Canellas intervém salientando a presença de quadros importantes dentro do Partido Comunista do Brasil que eram maçons. À luz dessa e de outras observações adversas, a IC entende o PC do Brasil como uma organização que “*conservava restos da ideologia burguesa*”⁴⁸ e, portanto, não admite sua filiação.

O processo de filiação do Partido Comunista do Brasil à IC encaminhar-se-á até 1924, quando é enviado ao Brasil, Rodolfo Ghioldi, um dos dirigentes do PC da Argentina - desde 1921 filiado à IC. Ghioldi envia um relatório à Moscou solicitando a admissão do PC do Brasil à Internacional Comunista, homologada em 1925. A legitimidade almejada pelos comunistas brasileiros foi, enfim, alcançada, fortalecendo sua ação no plano nacional. Em contrapartida:

O Partido Comunista do Brasil (PCB) vai se deparar com algumas importantes características da IC já consolidadas: a revolução projetada para o futuro, sendo mais uma referência utópica do que uma perspectiva concreta; a submissão organizativa das seções nacionais à direção centralizada em Moscou; a imposição do modelo bolchevique de partido⁴⁹.

⁴⁷ “Os delegados ao Congresso da Internacional Comunista estão de fato divididos por trez categorias principais: 1º a dos russos participantes do Executivo que – e o fazem com brilhantismo inexcelável – fazem as honras da casa. Esses fallam quando e quanto quiserem e têm em mãos os meios de se attribuir a si mesmos as commissões que desejarem. A bem da verdade declaro que semelhante pratica a ninguém causa engulhos porque, por sua dedicação, intelligencia e experiência, tal posição lhes caberia mesmo que elles a evitassem; nem o communismo, nem o brilhantismo do Congresso têm nada a perder com isso; pelo contrário, ganham bastante. Em 2º lugar estão os delegados dos Partidos mais importantes (seja pelo numero, seja pelas circunstancias históricas), os quaes encontram muita facilidade em se manifestarem e podem, caso o queiram, fazer peso na balança. O *Congresso Soberano* pára ahi, porque a 3ª categoria é composta dos delegados de paizes pouco importantes, espécie de convidados cujo papel na assembléa é, por assim dizer, de simples effeito decorativo. A posição d’estes delegados é quase a de simples espectadores, sendo-lhes quase impossível obter a palavra, não lhes sendo dado intervir nos trabalhos do Congresso de uma maneira regular e efficiente. E’ por isso que o Congresso careceu de vivacidade. A presença ás sessões era insignificante, salvo quando estava anunciado o discurso de um grande paredro. Sessões havia que se abriam com a presença de pouco mais de trinta – sobre cerca de quatrocentos – congressistas e se encerravam com a salsa quase ás moscas”. Ver: CANELLAS, doc. cit. p.26.

⁴⁸ Cf. KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o início dos anos trinta**. op. cit. p.135.

⁴⁹ PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da Ilusão: a revolução mundial e o Brasil 1922-1935**. op. cit. p.49.

Tais normativas resultavam da política de ampliação do campo de atividade da URSS, que tencionava atingir os imperialismos britânico e norte-americano, já que ambos mantinham investimentos e relações diplomáticas com os países latino-americanos, e, nessa perspectiva, o Brasil adquiria uma colocação de destaque no que concerne aos interesses soviéticos. O que ocorre é que a ligação entre o PC do Brasil e a Internacional Comunista se articulava em bases instáveis, e, de acordo com Leandro Konder:

A direção da Internacional Comunista, aliás, ainda não dispunha, no começo dos anos 20, de condições materiais e técnicas para estabelecer um controle efetivo – exercido à distância – de partidos comunistas recém-formados e que atuavam em contextos tão remotos e obscuros como os contextos dos países latino-americanos. A inserção do PCB no movimento comunista mundial, lhe conferia assim, a almejada legitimação, sem lhe anular a autonomia⁵⁰.

Em razão do distanciamento e da inexperiência dos quadros políticos do Partido Comunista do Brasil em relação à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, é que, por diversas ocasiões, o cenário brasileiro inspirou movimentos insurrecionais sem sequer contar com o apoio do proletariado ao qual se dizia representante. Em virtude da inexpressividade em termos de lideranças, é que o PC do Brasil irá recorrer a Luís Carlos Prestes sem, contudo, levar em consideração que a base de apoio do “Cavaleiro da Esperança” era a pequena-burguesia, diretamente ligada ao ideário *prestista*.

A crise dos anos 20⁵¹ persiste no Brasil e, em meio à agitação provocada pelos movimentos tenentistas, tenta se afirmar de forma lenta e gradual o Partido Comunista do Brasil. Ocorre que em virtude do momento histórico em que foi construído, o PC do Brasil não poderia estar dissociado do ideal pequeno-burguês que norteou a política sindical, da qual se originou e dos movimentos armados da Primeira República, como foi o caso do tenentismo. Sua organização inicial foi tímida, pelo pequeno número de filiados dispersos pelo país, logo a necessidade de apoio de partidos mais antigos com maior tradição comunista se fez necessária. A

⁵⁰ KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o início dos anos trinta**. op. cit. p.136.

⁵¹ Para maiores detalhes sobre crise econômica que abalou o país na década de 20, ver: VIZENTINI, Paulo Fagundes. **A crise dos anos 20: conflitos e transição**. Porto Alegre: Editora da Universidade UFRGS, 1992.

aproximação do PC do Brasil com o PC da Argentina veio de encontro aos anseios dos dirigentes brasileiros, o Partido Comunista da Argentina, já marcava presença há alguns anos nos congressos realizados pela IC, que tinha interesse em ampliar o número de partidos comunistas na América Latina.

Durante esse período nas reuniões internas do PC do Brasil incorre a discussão acerca da necessidade do partido romper com o reformismo embrenhado em suas fileiras e, ao mesmo tempo, está submerso na dúvida entre manter o apoio, ou não, ao movimento tenentista. A decisão vem de Moscou, através da Internacional Comunista, que opta inclusive por uma nova classificação do movimento, que passa a ser chamada de “movimento nacional-revolucionário”.⁵² A justificativa para o apoio fica expressa pela crença de que a maior parte do exército era composta por camponeses e trabalhadores humildes, sendo importante, uma aliança mais próxima com esses grupos⁵³.

Por esses anos Luís Carlos Prestes saíra do exílio em que estava na Bolívia por intermédio de novos contatos políticos, após a retirada, em conjunto, da Coluna Prestes, do Brasil. Instalando-se em Buenos Aires, Prestes se aproxima de Rodolfo Guioldi, membro da direção do Partido Comunista da Argentina; lá Prestes funda a Liga de Ação Revolucionária (LAR), mantendo-se ainda contrário à idéia de filiar-se ao PC do Brasil. Sobre esse assunto Anita Leocádia Prestes complementa:

Na verdade, desde o exílio na Bolívia e depois na Argentina, Prestes começara a estudar o marxismo e estabelecera contato com os comunistas. A situação de miséria e abandono da maioria do povo brasileiro, constatada durante a marcha da Coluna, havia causado um grande impacto no Cavaleiro da Esperança, levando-o a busca no estudo da teoria a explicação para as causas dessa situação e a solução para a mesma. Ao cabo de um duro processo de revisão de suas concepções ideológicas e políticas, Prestes chegou à conclusão de que apenas no marxismo seria possível achar respostas racionais para os problemas que o preocupavam; e a resposta, em última instância, se resumia na necessidade de encontrar o caminho para a revolução socialista no Brasil⁵⁴.

⁵² Cf. PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estratégias da Ilusão: a revolução mundial e o Brasil 1922-1935.** op. cit. p.40.

⁵³ Cf. Ibid. p.41.

⁵⁴ PRESTES, Anita Leocádia. op. cit. p.102-103.

No Brasil, a direção do PC começa a ver na figura de Luís Carlos Prestes, conhecida em território nacional, a oportunidade de unificar e fortalecer o partido em torno de uma liderança notória. Logo, o nome de Prestes seria indicado para integrar a direção do partido, sendo necessário antes, certificar-se de que o “Cavaleiro da Esperança”, de fato, tornara-se um comunista; incumbido dessa missão, viaja à Argentina. O encontro de Pereira com Prestes, em Buenos Aires, inaugura uma nova fase na história do Partido Comunista do Brasil. Prestes, receptivo às informações que lhe indicassem a situação política do operariado organizado no país, interessava-se pelo que trazia Astrojildo: eram livros de Lênin, Marx, artigos de intelectuais brasileiros envolvidos, ainda que embrionariamente, na teoria marxiana, materiais pelos quais deveria destinar grande parte de seu tempo a estudar, o que, de fato, se dedicou a fazer.⁵⁵

Astrojildo Pereira expôs a Prestes o motivo do encontro: obter bases de apoio para o partido no Brasil através da aproximação política com o exército e com as classes médias, junto às quais o tenente adquiriu notória popularidade. A estratégia, contudo, não nascera no Brasil. Em Moscou, estudava-se a ação dos partidos comunistas da América Latina como forma de ampliar as bases de ação da União Soviética, a atividade configurava-se, sobretudo, como sustentáculo da diplomacia soviética plasmada na direção da Terceira Internacional Comunista. Prestes decide refletir sobre a proposta, estudar e conhecer mais profundamente o marxismo.

No final dos anos 20, o PC do Brasil enfrenta novamente o cenário já conhecido de adversidades; a repressão do Estado acompanhada da chancela da ilegalidade. Por esta razão, no II Congresso do partido realizado em 1925 a iniciativa se concentra em torno da formação de um bloco único das organizações operárias. Inicialmente a organização foi denominada Bloco Operário, sendo logo em seguida renomeada, passando a se chamar Bloco Operário e Camponês⁵⁶. O BOC representou a saída institucional capaz de impulsionar a participação das lideranças comunistas nas eleições através de alianças com os tenentes e o Partido Democrático Paulista, acreditando com isso que estariam firmadas as bases da revolução democrático-burguesa no Brasil, da seguinte maneira:

⁵⁵ Sobre o assunto ver: PRESTES, Anita Leocádia. op. cit. p.102-103.

⁵⁶ Cf. TRONCA, Ítalo. **Revolução de 1930: a dominação oculta**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p.46-47

Efetivamente, lendo a história do período através das lentes da Internacional, o BOC identifica, em primeiro lugar, o início da revolução democrático-burguesa nos movimentos armados de julho de 1924. Para as oposições, esse é o momento gerador da luta contra as oligarquias.

Em segundo lugar, os “revolucionários” de 1924 estariam cumprindo as tarefas da revolução agrária contra o feudalismo, tendo a Coluna Prestes como precursora das revoltas do campesinato. E finalmente, o BOC identifica na luta antioligárquica o esforço de criação da própria nação, até então inexistente, por causa do domínio imperialista.⁵⁷

Pela concepção do Bloco Operário e Camponês, o problema crucial do Brasil centrava-se no poder das oligarquias e dos latifundiários. Outra função específica que caracterizou a atuação do BOC no contexto da ilegalidade do PCB foi a afirmação contínua da necessidade de um partido de vanguarda que pudesse canalizar os interesses proletários numa única direção. Nesse discurso estava intrínseca a intenção de atacar o movimento anarquista ainda representativo nas organizações sindicais. As constantes referências ao poder de liderança de Luís Carlos Prestes afirmadas categoricamente pelo BOC também contribuía nessa direção, confirmando a força de um único nome que futuramente carregaria a bandeira da revolução com o apoio das massas. Fomentando greves e manifestações freqüentes, o Bloco Operário e Camponês logo é visto como ameaça à ordem pública, mas ocorre que nesse segundo momento uma nova estratégia de dominação será elaborada para dissolver o poder de ação da organização. De acordo com Ítalo Tronca:

Com o argumento de que era preciso “modernizar” as relações entre patrões e empregados, Vargas, Collor e Oswaldo Aranha assinam o famoso decreto 19.770, também conhecido como Lei de Sindicalização, em março de 1931.

De fato, os objetivos básicos da Lei de Sindicalização eram claros: 1) transformar o sindicato, de arma autônoma dos trabalhadores, em agência colaboradora do Estado; 2) disciplinar o trabalho, considerando-o como mero fato de produção; e 3) evitar a emergência da luta de classes, utilizando o sindicato como “pára-choque” entre o capital e o trabalho⁵⁸.

⁵⁷ Ibid., p.63.

⁵⁸ Ibid., p.93-94.

Perdendo o poder de ação, os sindicatos foram sendo reduzidos a meros espectadores da cena política brasileira, e a necessidade de estabelecer alianças se tornou ainda mais imediata para os comunistas no Brasil que seriam obrigados a abdicar do isolacionismo para ampliar sua atividade. Contudo, Luís Carlos Prestes mostrava-se contrário à idéia de filiar-se ao PC do Brasil, sem que, no entanto, suas posições políticas o distanciassem acentuadamente do pensamento marxista, o que culminou, por sua vez, em sua saída da Liga de Ação Revolucionária, com a qual deixa de compactuar ideologicamente pelas reminiscências teóricas do ideal pequeno-burguês presente em suas fileiras. A Internacional Comunista compreende a importância de se concretizarem alianças nesse sentido e, confirmando seu plano político para os países subdesenvolvidos ou semi-coloniais entre os quais se inclui nessa denominação o caso brasileiro, estabelece contatos com Prestes, na intenção de aproximá-lo do seu campo de ação.

Em 1931, Luís Carlos Prestes é convidado pelo Secretariado Sul-Americano da IC para visitar a URSS. Durante o tempo em que esteve em Moscou, o “Cavaleiro da Esperança” denuncia o prestismo como ideologia de caráter pequeno-burguês, e se define, objetivamente, como marxista, preparando-se para ingressar no PCB. Contudo, Prestes só retorna ao Brasil clandestinamente em 1935, já casado com Olga Benário, sendo admitido pelo Comitê Central do partido somente em 1934, por determinação direta da IC, pois como esclarece Konder “*A direção do PCB temia o que lhe parecia ser uma assustadora convergência de tendências contra-revolucionárias externas (o trotskismo) e internas (o prestismo e a conciliação oportunista com a Aliança Liberal)*”⁵⁹.

A temeridade das lideranças comunistas no Brasil, no entanto, foi infundada, na medida em que Luís Carlos Prestes não demonstrava inclinação para estabelecer parcerias políticas com a Aliança Liberal⁶⁰. Seu projeto de ação, nesse momento, já se fundamentava em bases marxistas. Ocorre, porém, que, nesse período, o PC do

⁵⁹ KONDER, Leandro. **A derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o início dos anos trinta.** op. cit., p.173.

⁶⁰ A única aproximação que pode ser levada em consideração para fins de análise se deu por intermédio de Oswaldo Aranha, que interessado em atrair Prestes para a Aliança Liberal, emprestou-lhe uma quantia em dinheiro para fundar a Liga de Ação Revolucionária, porém, este, encontrando-se já sob influência ideológica do marxismo, não leva adiante a LAR e tampouco participa da Aliança Liberal, que coloca Getúlio Vargas no poder, ver: KONDER, Leandro. **As idéias socialistas no Brasil.** p.37-40.

Brasil encerra seu programa político no caminho “obreirista”, afastando a intelectualidade de suas fileiras como forma de compor um partido “genuinamente” operário, sem promover o fortalecimento de suas bases; tal política resultou num amplo distanciamento teórico ladeado por uma série de dúvidas políticas. Vítima da repressão efetuada pelo Estado, o partido logo percebe que o isolacionismo não configurava a melhor decisão a ser tomada. É, sobretudo, observando o encaminhamento dado pelo PCB à situação e acreditando que o momento exigia concomitantemente cautela e iniciativa, é que a IC resolve intervir:

Levando em conta as debilidades do PCB e o reduzido número de quadros experimentados, a Internacional envia para o Brasil dois militantes comunistas do mais alto nível: o ex-deputado alemão Artur Ewert, utilizando-se do nome Harri Berger, e o secretário geral do Partido Comunista Argentino Rodolfo Ghioldi.⁶¹

O envio de lideranças que, de alguma forma, atuavam supervisionando a política dos Partidos Comunistas na América Latina acentuava a preocupação da URSS em implementar a organização partidária no Brasil, recebendo informações confiáveis que pudessem confirmar ou anular a iminência de uma insurreição classista no país. Através de uma classificação exageradamente “etapista”, e até certo ponto positivista, contrária a toda e qualquer teoria marxista ou leninista, mas profundamente característica do stalinismo, a União Soviética estabelece uma periodização política em que o Brasil deveria se encaixar:

O primeiro período, de 1919 a 1921, era aquele da ofensiva revolucionária e da crise do capital; o segundo, de 1921 a 1928, o da “frente única” na IC, da NEP na URSS e da reconstrução geral do capitalismo; o “terceiro período” se inicia em 1928 (um novo período, que não será classificado numericamente, se abrirá em 1935 com as “frentes populares”)⁶².

É justamente nos moldes dessa avaliação que é fundada a Aliança Nacional Libertadora em 1935, uma frente popular antifascista e antiintegralista que agregava em suas fileiras variações sociais, devendo, em última instância, impor resistência na defesa das instituições democráticas. Tomando conhecimento do programa articulado pela ANL, o PCB logo decide apoiar, sem, no entanto, aderir à frente de

⁶¹ PACHECO, op. cit., p.163.

⁶² PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil 1922-1935*. op. cit., p.201.

esquerda. Em comício realizado no Rio de Janeiro, contudo, Luís Carlos Prestes é aclamado presidente de honra da organização. É a partir daí que o antigo “Cavaleiro da Esperança” se torna verdadeiramente marxista e apregoa na essência no Partido Comunista do Brasil o marxismo-leninismo.

Grande parte dessa história é contada pelos próprios sujeitos que a fizeram. Anarquistas e comunistas narravam, através das páginas de diversas publicações, as dificuldades, articulações, parcerias e conflitos estabelecidos entre os grupos operários organizados desde as primeiras greves de São Paulo e do Rio de Janeiro. Suas narrativas expressam aquilo que mais nos interessa nessa pesquisa, as construções e apropriações político-ideológicas que permearam toda a prática política desses dois movimentos, isto é, o anarquista e o comunista em suas mídias impressas. Nesse sentido, buscamos compreender como se originaram as primeiras publicações operárias, em meio a tantas divergências e empecilhos, sua significação dentro do movimento operário e, sobretudo, procuramos nas páginas dos jornais a expressão teórica das transições ideológicas, das permanências e até mesmo das rupturas originadas de profundos cismas.

3.3. Imprensa operária: uma nova realidade no Brasil

Ao nos depararmos com a imprensa operária, independentemente de suas fases, para fins de análise, temos sempre de ter muita cautela quando nos dispomos a interpretar os textos produzidos pelos próprios personagens que compõem a narrativa. Não devemos nos deixar levar pela atração que a fonte nos provoca; vale sempre lembrar que atrás de uma disputa política ou ideológica pode existir um conjunto de interesses e dramas pessoais vinculados ao texto impresso.

Tal qual o processo de formação das primeiras organizações operárias no Brasil, as manifestações iniciais do operariado brasileiro, ou dos intelectuais que os representavam, apareceram marcadas pela teia de conflitos nos quais estavam inseridos esses sujeitos. Não nos referimos aqui, tão somente, aos conflitos sociais

externos ao movimento operário, mas sim aqueles originários da própria construção do coletivo. A imprensa operária representava, no início do século XX, para o movimento operário, além de um veículo de circulação de idéias, um instrumento de educação, de formação política, de informação e também de lazer.

As agremiações proletárias nessa época, período no qual estão inseridas as primeiras publicações operárias, são caracterizadas pela capacidade de incluir em um movimento essencialmente político, além do próprio militante, sua família e amigos. As festas, as quermesses, os campeonatos esportivos e de poesias tornavam o sindicato da categoria um centro de sociabilidade, onde as pessoas se encontravam não apenas para discutir política ou economia.

A participação do leitor militante foi sempre de fundamental importância na manutenção dessa ferramenta de luta proletária. Muitos dos textos publicados nos jornais sindicais ou partidários eram escritos pelos próprios operários; críticas e sugestões estavam reservadas, em algumas publicações, a algum espaço próprio no interior do jornal, aberto, unicamente, à participação daqueles leitores que não dispunham de conhecimento prático para elaborar uma crônica ou uma narrativa completa sobre eventos ocorridos em meio ao seu cotidiano. De acordo com John Foster Dulles, a necessidade de inclusão dos grupos operários dentro da organização sindical, num primeiro momento, fez com que a imprensa operária se expandisse através de diversas publicações. Segundo Foster Dulles, esse processo se deu da seguinte maneira:

Alguns dos primeiros militantes participavam de piqueniques dos operários e suas famílias, com o fim de atrair simpatizantes e divulgar a necessidade da formação de sindicatos mais fortes. Mas o trabalho era lento. Os militantes encontraram um proletariado local 'de escassa remuneração, com horário de 10 e 12 horas, e tratamento grosseiro – não estava em condições de tomar atitudes, não se apercebia do seu estado de sujeição, nem de sua miséria'.

Para auxiliar a convencer os trabalhadores, existia a imprensa proletária – uma enorme quantidade de periódicos – em geral com a divisa 'Proletários de todos os países, uni-vos!' Eram particularmente numerosos no Rio de Janeiro e em São Paulo, as duas cidades a apresentaram maior índice de desenvolvimento industrial no país. Dificuldades financeiras e diligências policiais garantiam vida breve

para a maioria desses periódicos, ou temporárias interrupções na publicação dos mais bem sucedidos⁶³.

Em verdade, as tentativas de impedir o funcionamento, tanto das agremiações operárias quanto dos veículos de difusão de suas idéias, foram corriqueiras nesse início de século; nem poderia ser diferente, se levarmos em consideração o contexto em que estavam inseridos esses organismos. O fato é que, mesmo sob o controle direto da repressão estatal, essas organizações conseguiram resistir, seja pela interrupção temporária na circulação de algum periódico, seja pela necessidade de mudança do endereço da sede onde se produziam os jornais, ou mesmo pela implementação de novas redes de contatos no intuito de impedir a destruição, por parte da polícia, dos equipamentos de impressão dos periódicos e dos próprios periódicos, os quais a ação repressiva costumava incendiar.

A história da formação do movimento operário brasileiro, já entendido como coletividade, também corresponde à história da construção das primeiras manifestações impressas do operariado. O jornal, fosse ele semanário, quinzenal ou periódico, de circulação mais espaçada, surgiu em paralelo às transformações ocorridas no interior das organizações operárias, tivessem essas caráter ácrata ou socialista. Para o movimento operário, o jornal passa a adquirir um papel *positivamente revolucionário*, no sentido de que além do seu papel combativo no terreno político, há também que se levar em consideração as transformações suscitadas em seus leitores no que tangencia a educação, a ética⁶⁴, a responsabilidade pela palavra propagada em nome do grupo, ou em nome próprio, a capacidade de interação e de identificação com determinado grupo, enfim uma gama de noções intimamente ligadas à sociabilidade que nem sempre a população de baixa renda, inserida quase que subitamente no mercado de trabalho, tinha acesso, domínio ou conhecimento.

Diante do arcabouço de fatores conjugados ao papel da imprensa operária há que se pensar também no leitor, o que, dentro da maioria das publicações operárias, corresponde falar também no produtor de textos, visto que o militante ou o simpatizante da causa que lê o jornal é, periodicamente, convocado a participar da

⁶³ DULLES, John Foster W. op. cit. p.23.

⁶⁴ Não nos referimos apenas à ética do trabalho estabelecida no interior das relações de produção ou de reprodução do trabalho, mas também à ética estabelecida nas relações sociais num sentido mais abrangente.

publicação contribuindo para o fortalecimento da mesma. A contribuição, além de financeira, é também intelectual, logo, não há como colocar esse leitor numa condição de passividade. Segundo Maria Nazareth Ferreira, o jornal operário “é um instrumento de informação, conscientização e mobilização; o receptor não é um elemento passivo, mas alguém que tem interesses comuns e participa da mesma forma da organização, a comunicação torna-se um instrumento de intercâmbio, não de dominação”.⁶⁵ Esse último certamente é um dos pontos principais que diferencia a imprensa operária da chamada *imprensa pequeno-burguesa* ou *grande imprensa*.

Outra função de suma importância agregada à imprensa operária é a capacidade de aproximar acontecimentos desenrolados nos mais longínquos pontos do mundo do operariado imerso nos mundos do trabalho. As lutas operárias internacionais ganham relevância e destaque, quando encaradas como objetivo comum do grupo que aqui ainda germinava. A constituição de um sentimento de pertença, ainda que remoto e relacionado às “majestosas” lutas travadas contra os grandes poderes constituídos na Europa, aproximava-se, não raras vezes, mais de um conto heróico publicado nos jornais como exemplo de bravura de mártires revolucionários do que à afirmação de um processo desenrolado pelas agruras do sistema.

Assim, nas páginas das publicações operárias, tão majestoso quanto o cenário internacional de lutas e conquistas do “proletariado uníssono” é o momento em que se encontra a organização operária no Brasil. É comum se tratar aqui do rápido engrossamento das fileiras proletárias seja na ocasião de uma greve ou boicote, seja na constituição de um partido genuinamente operário. A estratégia otimista de mobilização das massas é plasmada nas páginas das publicações e, certamente, compunham o grupo de matérias ou artigos lidos em voz alta nas assembléias. É bem verdade que a autocrítica e os obstáculos pelos quais passam as organizações operárias em atividade pelo país também são discutidos e aprofundados como forma de superação. De acordo com Maria Nazareth Ferreira outra característica essencial da imprensa operária é a forma com que as notícias eram publicadas:

⁶⁵ FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988. p.06.

Não existia a figura do repórter, do profissional da notícia. Ao invés de o jornal procurar a notícia, essa é que procurava o jornal, numa autêntica forma de comunicação participativa, verdadeira integração entre o emissor e o receptor, entre o jornal e o leitor. As salas de redação recebiam farto material sobre o movimento operário e notícias afins, transformando todo o proletariado em repórter de seu jornal. Esse material recebido pelos jornais era composto de relatórios dos sindicatos, cartas pessoais, denúncias etc.⁶⁶

Como espaço de sociabilidade, o jornal operário também servia como meio onde eram discutidas as rugas pessoais travadas entre os militantes no interior da agremiação, ou mesmo fora delas. Intrigas entre militantes de organizações distintas também eram levadas a cabo e discutidas amplamente com espaço à participação os leitores contando, inclusive, com a sugestão dos mesmos para sanar as tão corriqueiras discórdias. Quando trazemos para discussão as disputas e cismas estabelecidos entre operários não objetivamos de forma alguma diluir o caráter unitário do movimento operário brasileiro, apenas queremos mostrar que, como em todas as organizações de caráter político que tratem de interesses comuns, as disputas e as intrigas também entram em cena e se tornam quase que cenas corriqueiras, que também devem ser trabalhadas sem qualquer diminuição de importância.

Entender a vivência desses militantes operários e sua sociabilidade, quando organizados em grupos políticos, é de grande valia para a compreensão também da imprensa como veículo de expressão que ora servia aos interesses do grupo, ora servia, em pólo diametralmente oposto, para difundir, insuflar ou esclarecer as disputas pessoais travadas entre esses indivíduos na vida associativa.

Como instrumento de politização e disseminação de determinada carga ideológica a imprensa operária tinha o dever quase que “missionário” de se manter ativa; logo sua atuação, por mais afetada que fosse pelas forças repressivas do Estado, não podia ser interrompida por completo. Manter esses jornais em funcionamento, ainda que na clandestinidade, não foi tarefa fácil. Há uma série de correspondências internacionais do PC do Brasil transmitidas entre os anos de 1923

⁶⁶ Ibid. p.22.

e 1924 alertando, em especial a imprensa operária européia, sobre o decreto nº 4.743, em vigor no Brasil no ano de 1923, que determinava um conjunto de restrições à atuação dessas publicações. Nas palavras de Octávio Brandão, um dos principais líderes do PC do Brasil:

Suas finalidades são: 1) reforçar a legislação contra alguns crimes (calúnias, injúrias, insuficientemente punidos no código penal); 2) combater as propagandas subversivas (anarquistas e comunistas); 3) tornar impossível, de fato, qualquer crítica a administração de sua administração ou às autoridades...
E aí está a novidade. A administração passa a ser tabu. O governo, sagrado.⁶⁷

A perseguição policialista instituída pelo poder central contra as organizações de caráter operário atingem desde os organismos numericamente fracos e pouco institucionalizados como a própria organização partidária comunista, guardadas as devidas proporções, de pouca amplitude. Segundo o Secretariado Internacional do PC do Brasil, em correspondência internacional, a agressão policial direcionada especialmente à imprensa e à própria literatura do partido se torna tão alarmante que a ameaça eminente de derrota é difundida como um pedido de socorro às organizações proletárias internacionais. Como podemos constatar através da seguinte correspondência:

Há uma furiosa perseguição à literatura comunista. A direção dos Correios de Porto Alegre mandou queimar centenas de exemplares do **Manifesto Comunista** de Karl Marx, impresso no Brasil pela primeira vez! [...]. As sedes de várias associações operárias progressistas foram fechadas. É o caso do Centro Cosmopolita. Os órgãos sindicais **Voz Cosmopolita** e **O Alfiate** foram suspensos [...]. O Partido Comunista Brasileiro clama por socorro!⁶⁸

Além da repressão policial instaurada pelo Estado contra qualquer instrumento de luta do operariado brasileiro existia também outro empecilho, a falta de instrução, ou seja, a inexistência de educação formal à população de baixa renda. Em vista disso, a imprensa operária, desde os seus primórdios, estampou

⁶⁷ BRANDÃO, Octávio. **A correspondência internacional: uma lei sobre a imprensa brasileira, o decreto nº 4.743**. 28.12. 1923. p.1.

⁶⁸ SECRETARIADO Executivo do PC do Brasil. **A correspondência internacional, na América Medieval: Brasil Uma República Sul-Americana onde são queimadas obras de Karl Marx e Bukharin**. 19.11.1924. p.1-2. [grifo do autor]

capas e inúmeros artigos com charges ou ilustrações. O objetivo foi, certamente, tornar o texto mais acessível aos militantes que, inúmeras vezes, só tinham acesso à linguagem do texto impresso através das leituras coletivas dos jornais em reuniões e assembléias de sua respectiva organização. Também levando em consideração a população ativa de imigrantes dentro do movimento operário brasileiro é que se deu a necessidade de criação de publicações em língua estrangeira, o que, segundo Maria Nazareth Ferreira, facilita a suposição de que “o contingente de estrangeiros a ser informado e politizado era bastante significativo”.⁶⁹

A formação do movimento operário no Brasil na virada do século XIX para século XX com a constituição das primeiras organizações de caráter ácrata foi acompanhada pela constituição da imprensa operária. As primeiras manifestações impressas tinham um forte caráter anarcossindicalista, o que só mudou com a fundação do PC do Brasil; a partir daí as primeiras dissidências políticas formadas no interior do partido ou das agremiações sindicais já carregavam consigo a herança transmitida pelos primeiros grupos de intelectuais ou trabalhadores que se preocuparam em trazer a essência de suas lutas para as páginas dos jornais. Tanto é assim que, as publicações operárias desse início de século, sejam estas anarquistas, socialistas ou comunistas apresentam uma semelhança muito grande em se tratando de forma.

De um modo geral, as publicações operárias eram compostas por uma capa, que geralmente trazia maior número de imagens. Já as “matérias” ou artigos de preocupação imediata da categoria ou do partido eram publicados na segunda página, ou nas duas seguintes⁷⁰ são publicados os textos de origem estrangeira traduzidos ao em português e, na última página, constam os artigos locais, a participação dos leitores, a lista de subscrição das assinaturas e as obras disponíveis para leitura nas conhecidas *bibliotecas operárias*.⁷¹ Algumas publicações

⁶⁹ FERREIRA, Maria Nazareth. op. cit. p.15.

⁷⁰ A vasta quantidade de periódicos sindicais ou partidários que circulavam entre os anos de 1910 e 1920 é diretamente proporcional a variação de páginas que era adotada numa publicação; ou seja, alguns periódicos adotavam o formato de três páginas, outros optavam por quatro páginas, sendo a última, na maioria das vezes destinada aos patrocinadores ou apoiadores da “causa” operária. No entanto, dependendo das circunstâncias pelas quais a organização estava passando número seguinte da publicação poderia ser composto por apenas uma ou duas páginas, mas estes eram casos verdadeiramente excepcionais.

⁷¹ As chamadas bibliotecas operárias nem sempre correspondiam a algum espaço físico para apreciação de obras literárias ou políticas, às vezes apenas significavam um conjunto de livros angariados pela organização,

contam com uma última página dedicada aos patrocinadores da publicação. O espaço tem a função de divulgar o estabelecimento ou o produto em meio aos trabalhadores de um modo geral, mas também recebe por parte dos organizadores ou diretores da agremiação a recomendação de uso ou freqüência,⁷² tal prática era corriqueira entre os meios operários.

Outro ponto central na análise sobre a construção da imprensa operária no Brasil consiste no entendimento dos temas abordados pelos periódicos. Além dos conclames para manifestações, boicotes, greves, reuniões, assembléias e congressos, há também que se levar em consideração o espaço de discussão da publicação voltado não só às questões referentes ao operariado brasileiro, ou à determinada categoria profissional sindicalizada, mas também direcionado ao debate dos acontecimentos internacionais relacionados aos rumos políticos dos trabalhadores organizados fora do país. Segundo Maria Nazareth Ferreira, para que possamos compreender mais claramente o funcionamento da imprensa operária no Brasil é, antes de tudo, necessário que se tenha em mente as etapas pelas quais a imprensa operária passou e que servem, em larga escala, como mediadores das transformações sofridas pela mesma. Segundo esclarece Nazareth:

A primeira delas [das etapas] refere-se ao início do processo de urbanização do país, percorre grande parte do século XIX, acompanha toda a transformação ocorrida no país na virada do século, exaurindo-se entre 1922 e 30 com a mudança de orientação sofrida pelo operariado brasileiro. Pode-se defini-la como anarcossindicalista.

A segunda etapa pode ser considerada desde a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) até o golpe de Estado ocorrido em 1964. Essa etapa cobre dois acontecimentos de grande importância para a compreensão da história do trabalhador brasileiro: o nascimento do PCB, que iria modificar a trajetória da organização operária, até então sob forte influência anarquista, e o advento do getulismo, que, dando origem ao fenômeno do populismo no país, iria colocar sob o controle

geralmente obras de cunho político ou ideológico, que eram emprestadas aos sócios ou membros da agremiação para fins de estudo. O incentivo à leitura era uma constante dentro dessas organizações, por esta razão é que alguns núcleos operários, em geral os com maior número de associados fundavam um espaço chamado de "sala de leitura" onde os operários podiam ler e discutir com seus companheiros os textos contidos nas obras que dispunha a organização operária. Alguns sindicatos, e mais tarde o próprio PC do Brasil, instituíram as bibliotecas políticas, essas sim, salas destinadas ao empréstimo de obras políticas e literárias nos moldes das bibliotecas que conhecemos hoje, mas obviamente com tamanho e acervo bem reduzidos.

⁷² A recomendação de uso ou freqüência se dava da seguinte maneira, o patrocinador ou o apoiador do movimento publicava na última página do jornal operário a imagem do seu produto ou estabelecimento, mas a propaganda não era unicamente essa, em algum espaço do periódico, que pode variar, uma liderança da organização recomendava o produto ou indicava que aquele estabelecimento deveria ser freqüentado pelos trabalhadores, pois era um espaço de apoio genuíno da *causa operária*, o contrário, vale dizer, também era muito corriqueiro e geralmente se traduzia em boicotes.

do Estado os sindicatos operários. Pode-se denominar essa fase como de uma imprensa sindical-partidária.

A terceira etapa pode ser considerada a partir do momento em que o proletariado brasileiro se reorganiza – depois do total desbaratamento sofrido pela sociedade civil no pós-64 –, iniciando a luta contra o arrocho salarial e a falta de liberdades democráticas. É a etapa que vive atualmente a sociedade brasileira, correspondendo, a ela, uma imprensa sindical propriamente dita⁷³.

O período de que tratamos neste trabalho abarca apenas a primeira fase da imprensa operária no Brasil denominada por Maria Nazareth Ferreira como anarcossindicalista. Tal denominação nos parece um pouco estreita levando-se em consideração as diferentes formas de organização política do operariado brasileiro neste início de século. Por maior que fossem as influências ácratas ou anarcossindicalistas na conformação dessa mídia imprensa recém constituída, a partir de 1922, com a fundação do PC do Brasil (futuro PCB), a relação que se estabelece entre a mídia impressa e o partido já não se enquadra inteiramente dentro do que chamamos de anarcossindicalismo. O formato organizativo de parte do operariado brasileiro se traduz num partido e não mais em um sindicato. Por mais fortes que fossem as reminiscências ácratas, e de fato o foram como veremos na análise de alguns jornais, o fato é que o próprio conteúdo de determinadas publicações deixa de pertencer, eminentemente, ao anarquismo, e passa a absorver influências socialistas.

A coexistência de mais de um órgão ou de mais de uma estrutura organizativa do operariado brasileiro torna a definição do período que abrange a primeira fase de construção da imprensa operária no Brasil um pouco mais complexa, visto que não há apenas um lastro ideológico guiando a ação dos militantes, das lideranças ou da própria categoria intelectual do movimento, pois há períodos, principalmente neste início de atividade, em que coexistem a ideologia anarquista e a ideologia comunista, assim como há momentos em que ambas se colocam em pólos praticamente opostos em termos ideológicos.

Outro ponto crucial que deve ser levado em consideração nos estudos sobre imprensa operária e sobre discurso impresso propriamente dito do movimento

⁷³ FERREIRA, Maria Nazareth. op. cit. p.07-08.

operário brasileiro é referente à forma com que são abordadas e apresentadas as temáticas operárias de cunho social, político e econômico. Tais questões, em um jornal operário de caráter ácrata, estão muito mais vinculadas a problemas, ameaças e injustiças internas do país. Em outras palavras, ainda que grandes nomes do movimento anarquista internacional fossem muitas vezes lembrados, homenageados e que muitos de seus feitos servissem de inspiração, a vinculação da problemática política, social e econômica desses trabalhadores não aparece diretamente vinculada aos questionamentos de outros trabalhadores espalhados pelo resto do mundo, porém, representantes dessa mesma matriz ideológica.

Por outro lado, socialistas e comunistas no Brasil desde que fizeram circular seus primeiros números de jornais representativos da classe trabalhadora tentaram vincular a problemática local dos trabalhadores brasileiros à problemática mundial da classe operária. Tal diferenciação poder ser resultado do intuito comunista de preservar o internacionalismo proletário sempre presente nas obras de caráter marxista, ou ainda pode ser conseqüência de um processo de vinculação identitária, na associação do movimento operário brasileiro, pouco numérico e combativo, ao movimento operário europeu, presente até mesmo nas menores crônicas publicadas nos periódicos comunistas como exemplo de audácia, persistência e heroísmo. Faz-se necessário, contudo, levarmos também em conta, em se tratando do período formativo do primeiro partido comunista do país, que a vinculação pode ser entendida como uma estratégia de cooptação de militantes para o primeiro organismo verdadeiramente relacionado ao movimento comunista internacional, visto que desde o seu primeiro ato de fundação o PC do Brasil já se apresenta como herdeiro da tradição revolucionária russa e, portanto, uma extensão da grandiosa luta proletária, instaurada no Brasil.

Buscando compreender, através do discurso impresso, como se formaram as matrizes ideológicas tanto de anarquistas quanto de comunistas nos anos de 1910 e 1920 é que tratamos de analisar algumas publicações operárias constituídas ao longo desse período. A escolha das mesmas em meio a tantas outras se dá pela sua trajetória em comum. Ambas foram originadas no seio do movimento anarquista brasileiro dentro do eixo São Paulo – Rio de Janeiro. Também têm em comum as

suas lideranças, tendo, no entanto, seu caminho político modificado pelos cismas políticos e ideológicos entre anarquistas e comunistas pós Revolução Russa. Em meio aos obstáculos repressivos implantados pelo poder estatal e pelas próprias circunstâncias de revoltas de cunho político, como foi o caso do tenentismo, além, é claro, das transformações sociais advindas da “modernidade” é que esses militantes construíram a sua própria história; com que termos a narraram, que peso deram as suas escolhas, e de que forma as fizeram? Isso é o que buscamos compreender a seguir.

4. ESCRITAS E LEITURAS IDEOLÓGICAS

“A poesia da Revolução não está na descarga das metralhadoras nem no combate de barricadas; não está no heroísmo do vencido nem na vitória do vencedor. Todos esses momentos também existem nas guerras, onde o sangue igualmente corre, mesmo com maior abundância, as metralhadoras crepitam do mesmo modo e também há vencedores e vencidos. O patético e a poesia da Revolução residem no fato de que uma nova classe revolucionária se apossa de todos esses instrumentos de luta e, em nome de um novo ideal para elevar o homem e criar um novo homem, trava combate contra o velho mundo, com derrotas e triunfos alternados, até o momento decisivo da vitória”.

TROTSKI, Leon. **Literatura e revolução.**

O capítulo final deste trabalho alcança a verdadeira concretude de nossa pesquisa, evidenciando a forma e o conteúdo dos textos impressos nas páginas da imprensa operária anarquista emergida no início do século XX e mostrando a verdadeira essência política das primeiras manifestações comunistas plasmadas e organizadas em uma publicação periódica impressa. Nosso objetivo aqui é traçar o perfil ideológico de quatro publicações sindicais, duas originárias de São Paulo e duas do Rio de Janeiro, cidades em que emergiram as primeiras formas partidárias de organização proletária no Brasil. A partir deste momento a coletividade ganha expressão, palavra e voz; suas manifestações políticas passam a ser narradas pelos próprios sujeitos históricos que as conceberam. Chegar à verdadeira significação ideológica dos sentidos expressos em palavras escritas através de artigos, notas ou poemas e estabelecer uma ligação com suas matrizes ideológicas originárias torna-se, a partir desse momento, o princípio central de nossa busca.

4.1 A Lanterna: Folha Anticlerical e de Combate

A Lanterna (AL)¹ foi uma publicação libertária que iniciou sua circulação em 1901 na cidade de São Paulo, organizada pela Liga Anticlerical do Rio de Janeiro. Sobre esse período de sua atividade não se tem maiores informações, talvez pelo fato de que, em geral, os periódicos operários recém criados tivessem uma circulação bastante reduzida, somado às dificuldades financeiras da organização, que não tinha condições de organizar e imprimir um grande volume de números do jornal para distribuição ou venda. Sabe-se que era de praxe, no início de atividade de algum periódico ou revista operária, a distribuição gratuita de alguns exemplares para lideranças sindicais ou para núcleos operários relacionados a algum estabelecimento comercial ou industrial no intuito de divulgar o material e angariar novas assinaturas; ocorre que se a verba inicial é pequena tal prática fica substancialmente reduzida.

Talvez esse fosse o caso de *A Lanterna* em 1901, o que certamente não se confirmou do fim do ano de 1911 em diante, quando a publicação já tem sua circulação amplamente difundida pelos núcleos sindicais e operários do país. Sob a direção, desde 1909, de Benjamim Motta e Edgard Leuenroth, dois significativos líderes do movimento ácrata de São Paulo, *A Lanterna*, jornal fundamentalmente anticlerical, já era lido e discutido nas rodas de discussão de trabalhadores insatisfeitos com os mandos e desmandos patronais. De acordo com a professora Yara Maria Aun Khoury, o encontro de Leuenroth com Benjamim Motta se deu:

No convívio com livres-pensadores e anticlericais, Edgard Leuenroth tem em Benjamim Motta um companheiro constante. Conhece-o como um dos responsáveis por 'A Lanterna' (AL), órgão da Liga Anticlerical de São Paulo, desde 1901. Antes de se tornar também proprietário desse jornal, estreita laços de amizade com Benjamim Motta, participando de muitas campanhas pelo livre-pensar. Nessa mesma luta priva também com Everardo Dias, maçom, livre-pensador e editor de periódicos. Os três atravessam longos anos trabalhando e militando juntos, tanto no AL como no AP, [A Plebe] mas apenas Leuenroth assume-se claramente como anarco-sindicalista².

¹ Todos os números de *A Lanterna* analisados nesta pesquisa e que correspondem aos anos de 1911 até 1935, com algumas lacunas na série, encontram-se no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM), armazenados no fundo: Archivo Storico del Movimento Operaio Brasiliano (ASMOB) em propriedade do Instituto Astrojildo Pereira – (IAP).

² KHOURY, Yara Maria Aun. op. cit. p. 39.

Tanto a formatação quanto a impressão de *A Lanterna* estavam localizadas no antigo Largo de Sé, número 05, como descrito em sua primeira página, num sobrado, provavelmente um dos tantos existentes nessa localidade; cenário de um substancial fluxo urbano e cercada por diversos prédios comerciais, onde o vaivém de pessoas e a dinâmica das grandes cidades já se faziam perceber no início do século XX. Além disso, fica claro que, além de diretor de *A Lanterna*, Edgard Leuenroth também era possivelmente o editor, visto que no cabeçalho do jornal há a indicação de que toda a correspondência deveria ser dirigida ao diretor da publicação. Cabia, portanto, a Leuenroth, ao menos, parte da seleção do material que lhe era remetido para fins de publicação.

A Lanterna era diagramada da seguinte maneira: de um modo geral, o jornal era formado por quatro páginas, as três primeiras eram destinadas à publicação de artigos, crônicas, folhetins, poemas, enfim, todos os textos elaborados pelos militantes que contribuía com o periódico, sendo a última página reservada aos informes mais imediatos, às conclamações para assembleias, congressos ou manifestações públicas, à divulgação de obras e cartilhas elaboradas por apoiadores da “causa”, à divulgação da venda de *souvenirs* para angariar fundos à organização, além da propaganda de alguns produtos ou estabelecimentos que, por ventura, promoviam uma espécie de “patrocínio” à publicação.

Os anos de que dispomos de *A Lanterna*, para fins de análise, compreendem os anos de 1911, 1912, 1913, 1914 (ano em que há um volume maior de números do jornal), 1915 e 1916. Como constatar, esse período corresponde exatamente aos primeiros anos de organização do movimento operário no Brasil. Suas iniciativas ainda estavam concentradas na luta por melhorias na qualidade de vida individual e a reivindicações sociais muito pontuais, como a redução da jornada de trabalho, a proibição do trabalho infantil, a salubridade nos ambientes de trabalho, etc. Todas essas questões se relacionavam intimamente à plataforma de lutas do movimento anarquista, pouco numérico ainda no país.

Ainda que as reivindicações dos trabalhadores organizados no início do século estivessem muito ligadas a prioridades de caráter pequeno-burguês, como de fato estiveram, o jornal não se encarregou de expressá-las de forma veemente em

suas páginas. Por ser um órgão fundamentalmente anticlerical, a presença de críticas à Igreja, enquanto instituição, e aos diferentes credos religiosos é muito mais freqüente, nesse início de atividade política no Brasil. A iniciativa dessas lideranças ainda está muito mais centrada na possibilidade de “ferir a honra do inimigo” do que em apresentar seu programa de lutas ou sua plataforma política, até porque ainda não se sabia exatamente em que termos poderia se estabelecer esta plataforma.

O fato é que, durante o espaço de tempo em que Edgard Leuenroth se manteve na direção de *A Lanterna*, os artigos sobre o panorama internacional, bem como os textos acerca das condições de vida a que estavam expostos os trabalhadores no Brasil, ganharam maior relevância. As discussões promovidas pelas lideranças do movimento anarquista ligadas ao grupo anticlerical de São Paulo passaram a abarcar outras questões, que não apenas as locais. O cenário internacional passa a ser levado em consideração quando se fala da vida do operário brasileiro, o que conforma um primeiro passo na ampliação da idéia de coletividade e da própria concepção de classe.

Apesar de *A Lanterna* ser uma publicação paulista, Edgard Leuenroth teve a preocupação de ampliar a problemática da causa operária, quando relacionava os acontecimentos ocorridos em São Paulo àqueles ocorridos no interior de Minas Gerais ou nas pequenas cidades da Paraíba. Seguindo a linha editorial da publicação, o anticlericalismo servia de suporte para a denúncia dos axiomas sociais fomentados pela Igreja, tornando também este um problema universal, que atingia a todos os povos, nas mais variadas culturas, produzindo conformismo e espalhando a ignorância entre os povos. Como se faz claro no artigo escrito em Lisboa por Neno Vasco, militante anarquista e anticlerical:

Nas vespersas da celebração do primeiro anniversario da Republica, os partidarios do regimen deposto quizeram fazer no Porto uma tentativa de restauração. O movimento, conhecido a tempo pelas autoridades, foi promptamente suffocado, com troca de alguns tiros; e ao que parece estão já effectuadas para cima de duzentas prisões. Entre os conspiradores ha bastantes padres e grande quantidade de socios do Centro Catholico. A senha era: Sejamos com Deus. Este character clerical das tentativas retrógradas é uma das causas do seu mallogro e da sua innocuidade. Monarchia e clericalismo tornaram-se o mesmo corpo, o mesmo interesse. O resto, que acatava mais ou menos indifferentemente a realenza, achou vantagem ou

conveniência na democracia e aderiu, ou pelo menos não faz um gesto em favor do passado³.

Apesar de ser assumidamente um órgão de caráter libertário, *A Lanterna*, ainda carrega traços liberais visíveis, podendo ser confundida, no princípio de sua atividade, com uma publicação de caráter liberal. A tendência anarcossindical só se torna visível, de forma incontestada, alguns anos mais tarde, certamente pelo desenvolvimento teórico de suas lideranças. Neno Vasco, militante ácrata e colaborador da publicação, cujo texto citamos, foi grande defensor do anarcossindicalismo no Brasil; repudiou todas as formas ditatoriais que os regimes proletários pudessem adquirir; sua militância foi marcada pela enfática participação na imprensa operária, particularmente, de caráter libertário, com a qual contribuiu remetendo inúmeros artigos de sua autoria sobre a situação do movimento operário brasileiro e os embates travados entre anarquistas e socialistas no início do século XX.

A Lanterna, assim como outros periódicos operários desse período, é composta por uma série de textos longos. Artigos, crônicas e colunas fixas à publicação compunham o espaço de uma folha tamanho A3, com letra bem pequena e algumas ilustrações, o que corrobora a necessidade sempre muito presente de economia de espaço no interior do jornal; tal iniciativa serviu para expor maior número de idéias por menor custo de impressão. A falta de recursos fazia com que os esforços para colocar AL em circulação nas diversas regiões do país fossem redobrados; numa organização em que o quadro de militantes, ou simpatizantes como é mais correto afirmar no caso da Liga Anticlerical, não era fixo, tampouco amplo, a organização de postos de vendas ou de uma espécie de representantes de vendas foi uma prática usual.

As chamadas *listas de subscrição*, também características desse tipo de associação recém constituída, conformavam um mecanismo que facilitava o controle daqueles que ainda mantinham alguma dívida para com a organização. A lista era utilizada tanto para a solicitação de material político, quanto para o controle dos pagamentos efetuados sobre os pedidos de obras ou jornais vendidos através da

³ VASCO, Neno. Da Porta da Europa. **A Lanterna**. São Paulo, 25.10.1933. p. 1.

assinatura semestral ou anual⁴, ou através da venda de números avulsos ou de edições comemorativas, como corriqueiramente era feito no 1º de maio. A divulgação do local onde estavam os militantes da agremiação com a tarefa de vender números avulsos da publicação era feita sempre na última página do jornal em várias notas, onde constava o nome do representante e a cidade onde ele se encontrava; a aquisição da folha era feita diretamente com ele.

Em geral, os organismos operários eram compostos por trabalhadores e intelectuais. Não foram poucos os intelectuais que viajaram para países onde o movimento operário já se encontrava consolidado, em busca de obras de literatura política, contatos com as lideranças do movimento internacional ou então no anseio de trazer ao Brasil informações sobre as atividades promovidas pelos trabalhadores organizados pelo mundo e suas conquistas. Todas essas possibilidades eram apresentadas no interior dos jornais operários na tentativa de, em menor escala, ligar as atividades do operariado brasileiro às conquistas da classe trabalhadora na Rússia, na Espanha, em Portugal, ou em maior escala, no intuito de universalizar as problemáticas dos mundos do trabalho; esta foi, seguramente, uma das iniciativas adotadas em busca da identidade classista pelo movimento operário.

Por mais que não possamos trabalhar com a idéia de uma noção concreta de classe operária ou classe trabalhadora nos anos de circulação de AL, também é fato que não podemos desvinculá-la por completo do movimento anticlerical no qual a publicação originara-se. Para que fosse possível identificar as matrizes ideológicas presentes nessa publicação e, por conseguinte, o perfil ideológico de suas principais lideranças, ou daquelas mais significativas por sua participação dentro do jornal, estabelecemos uma busca entre os textos, crônicas, sátiras e notas publicados durante os seis anos em que o periódico esteve em circulação. Ao analisarmos periódicos com esse caráter político, não devemos perder de vista as corriqueiras falhas encontradas na sua série, visto que essas publicações eram vítimas de intensa repressão, censura e sabotagens⁵.

⁴ No caso de *A Lanterna* as formas de assinaturas possíveis eram: a anual, correspondente a 10\$000 ou a semestral no valor de 6\$000; outra forma de aquisição era o número avulso no valor de \$100.

⁵ *A Lanterna* foi criada no intuito de se tornar uma mídia semanal impressa de caráter anticlerical, entretanto, em seus primeiros anos, sua periodicidade sequer se aproximou do desejado. No primeiro ano em que circulou (1911), temos apenas um número da publicação, no segundo (1912), três números, no terceiro (1913), três números novamente, no quarto (1914), dispomos de nove números, no quinto ano (1915), contamos com apenas

Através da análise do conteúdo de *A Lanterna* entre os anos de 1911 e 1916, ano em que a mesma encerra seus trabalhos, encontramos alguns traços indicativos da composição de seu substrato ideológico inicial, se é que assim o podemos chamar. Não há como nominar o que ocorre em termos de teoria política como uma ideologia propriamente dita, há apenas como identificar os primeiros passos na trilha da mesma. Os elementos presentes nem sempre comungam de um mesmo objetivo político, não há a noção clara de uma classe amplamente representada por um grupo dirigente ou por ela mesma, sequer encontramos um conjunto homogêneo de projetos em comum, ainda que pulverizados em pequenos grupos eles já existam, mas não são propriamente os projetos determinantes de uma classe.

No primeiro número de AL que analisamos, datado de 1911, encontramos três textos de caráter essencialmente anticlerical relativos a questões locais, ou seja, textos anticlericais referentes aos problemas localizados dentro do país, o que, de fato, corresponde à média encontrada no ano de 1914 quando temos em nove números publicados um total de 39 textos indicativos de anticlericalismo local. Isso pressupõe, em média, que num jornal de quatro páginas existiam de dois a cinco textos voltados à crítica à Igreja enquanto instituição⁶ e aos problemas advindos desta, que afetavam a vida dos trabalhadores brasileiros, ainda que indiretamente.

Extraímos dois trechos de textos publicados no AL, um do ano de 1913, referente ao entendimento do anticlericalismo entre os simpatizantes das idéias do Centro Libertário de São Paulo (grupo editor de AL) e outro do ano de 1914, representando o conjunto de textos anticlericais voltados ao cotidiano brasileiro. O primeiro deles se intitula: *O nosso anticlericalismo*, e foi apresentado sob a forma de uma listagem de pontos que estabelece os seguintes termos:

um número e, em 1916, último ano de circulação do periódico, temos dois números disponíveis para análise. Mesmo tendo em mente que a circulação do jornal fosse superior a apenas um número ao ano, também sabemos que existiram muitas falhas em sua série, provavelmente provocadas pelas circunstâncias pelas quais esse tipo de publicação estava exposta no Brasil do início do século XX. O fato é que, mesmo com tão poucos exemplares a linha editorial de AL não se altera ao longo dos anos, nem sequer sua diagramação sofre qualquer alteração; esse é o típico caso em que um periódico operário que se mantém fiel à sua linha política, pois na medida em que as suas lideranças não mais representem tal ideário, ou ainda, caso ocorra a ampliação dos objetivos colocados sobre a mídia impressa representativa do movimento, a mesma é fechada, e inicia-se outra, com nova plataforma política e novo programa de ação.

⁶ Referimo-nos aqui à Igreja enquanto instituição, pois as denúncias, críticas ou contos de conteúdo pejorativo, nunca estiveram centrados em apenas uma religião, contrariamente, relacionavam-se ao protestantismo, ao catolicismo, à umbanda, enfim às mais variadas formas de manifestação religiosa, as quais eram taxativamente condenadas pelos “escritores” de *A Lanterna*.

- a) Luta contra os padres, para mostrar as contradições da sua vida com a sua doutrina, o seu sacerdócio como profissão, tendo o interesse material por base, etc., o que é importante para as camadas mais simples da população, que vêem o padre e não os dogmas e mitos, como importante foi, para o povo que não lia os enciclopedistas, a propaganda pelo libelo, pelo panfleto, contra a realeza, a nobreza e o clero.
- b) Discussão filosófica e histórica dos dogmas e mitos, isto é o anti-religiosismo, luta contra a base teórica da Igreja.
- c) Luta contra a influência política da Igreja – pela acção directa, pela propaganda extra-parlamentar.
- d) Propaganda para mostrar o poder econômico da Igreja, a Igreja como empresa, como auxiliar da exploração capitalista, como divisora do proletariado [...] ⁷.

Este trecho poderia ser entendido como a plataforma de lutas do Centro Libertário de São Paulo representado por AL, porém não há como afirmar verdadeiramente que esses pontos consistiam num programa de ação, visto que as iniciativas do grupo editorial da publicação não estavam exclusivamente restritas a iniciativas anticlericais, ainda que estas se fizessem presentes em todos os números de AL. O fato é que sua atividade política é extensiva a outras problemáticas que atingem a vida dos trabalhadores e que não se encontram citadas nesse que poderia ser o seu programa de ação. O segundo trecho de que falamos tangencia um núcleo de questões relacionadas ao cotidiano local de luta anticlerical, esse era o tipo de texto constituído por relatos de simpatizantes da “causa anticlerical” que, eventualmente, contribuía com a publicação através do envio de textos de caráter “denuncista”, como podemos ver a seguir acerca de um congresso realizado pelo clero católico no estado de Minas Gerais:

Minas vai se tornando um dos principais focos de clericalismo infame. E' evidente. As noticias que constantemente veem provam isso. E pelo que temos publicado a proposito não pode restar duvidas sobre essa constatação pouco animadora. Inegavelmente a corja negra do Vaticano trabalha com afinco no Estado das Alterosas, encontrando terreno fértil para a sua sementeira de intrigas e de explorações. E'para essa obra odiosa de corrupção social não lhes falta a ajuda farta da jesuitada de Iraque que governa o grande Estado. [...]
Façam quantos congressos católicos quiserem; o que não admitimos é que padres, bispos e encasacados se intrometam na questão operaria, porque não são operários.
O que se pretende salta aos olhos!

⁷ Sem autor, O Nosso Anticlericalismo, **A Lanterna**, São Paulo, 08.03.1913, p.1.

Fica aqui pois o nosso protesto contra a mistificação da burguesia clerical que mais uma vez quer nos embuir⁸.

Ambos os textos, apesar de suas peculiaridades, consistem no que, para fins de análise, categorizamos como *anticlericalismo local* (ACL)⁹, e que se traduz no conjunto de textos publicados com o intuito de ampliar as bases de apoio do anticlericalismo no Brasil, abrindo no jornal um espaço dedicado à apresentação das denúncias mais incomuns que tivessem alguma relação com o clero instalado no país ou que se dirigissem a qualquer manifestação ou culto religioso professado em território nacional. Nesse mesmo sentido, e quase que em paralelo numérico, encontramos os textos que relacionam questões anticlericais ao cenário político, social e econômico internacional. Encontramos no número de 1911 de AL quatro referências claras ao que categorizamos, também unicamente para fins analíticos, como *anticlericalismo internacional* (ACI).

O ACI é apresentado no interior dos textos geralmente publicados como colunas fixas na publicação. *A Lanterna* conta, inclusive, com uma coluna intitulada “Da Porta da Europa” que traz ora notícias sobre a atuação de elementos anticlericais na Europa, ora informações sobre a atuação política dos trabalhadores organizados ou sobre as injustiças e violências cometidas contra os mesmos. A estratégia utilizada é antiga e está intimamente ligada a necessidade de relacionar o grupo de anarquistas brasileiros àqueles que lutam, nos mais diferentes países, em prol dos mesmos interesses. São os interesses em comum que os unem e, são também estes, que lhes conferem uma identidade política coletiva, mas isso somente ocorre a partir do momento em que a consciência sobre esta comunhão de interesses e circunstâncias nas quais se expõem se fazem claras e são incorporadas à sua atividade política, este é o princípio para a posterior consciência de classe.

⁸ Sem autor, Em Minas: A clericanalha realiza um congresso mas os operarios protestam contra a sua mistificação, *A Lanterna*, São Paulo, 08.10.1914, p. 2.

⁹ Todas as categorias inseridas ao longo do texto e que se encaixam dentro da análise quantitativa dos dados presentes em *A Lanterna* estão compreendidas por dois gráficos que se encontram ao final deste item. Ambos desenvolvem em termos numéricos o grau de ocorrências de cada categoria citada e a média de exemplares por ano em que se baseia a análise, lembrando que há uma variação no número de exemplares que dispomos para estudo entre os anos de 1911 e 1916.

No conjunto de textos categorizados como ACI há também que se fazer menção há duas subcategorias que aí residem. A primeira diz respeito às denúncias anticlericais contra membros ou simpatizantes de alguma instituição religiosa do exterior ou contra a própria instituição e suas práticas; a segunda subcategoria está relacionada às notícias que chegam sobre as conquistas e realizações obtidas no exterior através da ação dos elementos anticlericais. Através de um simples cálculo quantitativo se conclui que a média de presença dos textos relacionados ao ACI publicados em AL fica em torno de duas ou três referências por número. Extraímos dois trechos representativos das duas subcategorias de que falamos, o primeiro deles tem caráter “denuncista” e data do ano de 1912. Segue abaixo nos seguintes termos:

Na Allemanha, os membros da União Christã dos mineiros continuaram a trabalhar durante a greve, inutilizando assim os esforços e sofrimentos dos seus companheiros de fadiga, de cuja victoria no entanto elles tirariam proveito. O presidente da União, apenas censurado pelos grevistas pela sua ignobil traição, fez fogo e matou um!¹⁰.

A denúncia recai nesse texto, especificamente, sobre um organismo católico de luta operária; a acusação reside, justamente, no caráter unitário da organização. Segundo o texto, a *União Cristã dos Mineiros*, na Alemanha, não tem comprometimento com a causa operária expondo aqueles, a quem se diz representante, aos mais humilhantes ultrajes, entrando inclusive em conflito com os mesmos se estes não aderissem aos seus interesses que estavam intimamente ligados ao poder do Estado. O segundo trecho de que tratamos faz referência a outro tipo de iniciativa relacionada ao que categorizamos como ACI e diz respeito às realizações de elementos anticlericais no exterior. Como representante de AL na Europa, Neno Vasco narra com entusiasmo seu contato com novas leituras sobre o anticlericalismo. De acordo com ele:

Através das 130 páginas do seu livro **Educação e Ensino (Educação Integral)**, é um rosário de ideias úteis e fecundas, de sugestões, de elucidacões, de ataques a nocivos preconceitos. Num capítulo sobre a educação religiosa militarista, diz o absurdo e os males da militarização das escolas e mostra-nos o espírito jesuítico ainda dominante, a despeito de tabuletas aparentemente contrárias, espírito

¹⁰ Sem autor, As Uniões christãs, **A Lanterna**, São Paulo, 25.05.1912, p. 1.

que tem uma das suas manifestações nas formaturas escolares. Noutro capítulo, é do ensino que Adolfo Lima se ocupa: dos seus programas e métodos, do ensino da educação social, do ensino primário, da refôrma ortográfica. E faz por fim uma série de justas observações sobre a educação e o ensino em Portugal, - dedicando aliás à criação dum ministério de instrução um septicismo não muito severo, porque no fim de contas, cá pra mim, melhor fôra que o Estado, ricamente dotado duma abundância incompetência em tais matérias, deixasse em completa paz a educação, a arte, a filosofia, a ciência, a religião...¹¹.

As críticas desenvolvidas pelo escritor português Adolfo Lima estão intimamente relacionadas às formas com que o anarquismo, particularmente a corrente coletivista, entendia a educação, secular e científica. Livre do que consideravam a influência “nefasta” da Igreja sobre a educação formal, os anarquistas brasileiros, vinculados ao periódico AL, acreditavam que a separação entre Igreja e Estado era uma necessidade imediata, que já não podia mais ser possível conviver com o domínio das instituições religiosas sobre os processos de formação do cidadão, pois, agregado a essa “ingerência”, como era entendida, estava se conformando, dentro das instituições de ensino, o conformismo e a crença quase mística de que nada podia ser alterado dentro da ordem existente.

O entendimento da educação pelos anarquistas vinculados À Lanterna, enquanto processo emancipador do homem, está intimamente ligado ao ideário político e às visões de mundo de Mikhail Bakunin, no que tange às formas de compreensão da educação e a aplicação destas em diferentes circunstâncias. Não se acreditava num único método de ensino dentro de uma sociedade desigual. As formas de apreensão do conhecimento deveriam estar de acordo com as circunstâncias que conformaram o indivíduo em toda a sua extensão humana. Exemplo disso foram as Escolas Modernas criadas por essas lideranças, ou com o apoio delas, em São Paulo, no Rio de Janeiro ou ainda em Porto Alegre. As condições em que essas instituições de ensino se instalaram no Brasil nunca foram as melhores, porém a Escola Moderna era vista como extensão de diversos organismos sindicais que congregavam anarquistas e socialistas do país inteiro. Os

¹¹ VASCO, Neno, Da Porta da Europa: Educação e Ensino, **A Lanterna**, São Paulo, 18.05.1914. p.1. [grifo do autor].

obstáculos e as dificuldades foram bem explorados em texto de Leão Aymoré¹², publicado em AL. Segundo ele:

Muitas pessoas com razão nos têm perguntando se não se faz mais nada pela realização desta iniciativa [a Escola Moderna de SP]; a todos temos respondido que a paralisação dos trabalhos da comissão tem sido devida a diversas causas independentes da nossa vontade [...].

Mas a nossa obra recomeça. Após a publicação das últimas listas, balancetes de benefícios e outras notas de ofertas, publicaremos o balancete geral demonstrativo de estado econômico desta iniciativa.

Terminados estes trabalhos faremos uma grande kermesse e daremos um espetáculo em benefício da Escola [...].

Presentemente os recursos com que conta a Escola Moderna, atingem a cerca de 12 contos. As importâncias recebidas têm sido depositadas na *Banque Française et Italienne per l’Amérique du Sud*.

Logo que os recursos pecuniários sejam suficientes, a Comissão discutirá e resolverá sobre o estabelecimento da casa editora¹³.

A constituição da Escola Moderna no Brasil pelo esforço do movimento ácrata brasileiro teve grande influência também do ideário de Francisco Ferrer y Guardia. As chamadas Escolas Modernas foram obra da luta política que ele empreendeu ao longo de toda a vida pela Europa. A presença de Ferrer y Guardia dentro de AL é tão emblemática que não se resume apenas a longas crônicas de homenagem ao seu papel político dentro do anarquismo. A lembrança do anarquista catalão é rememorada sob a forma de postais, medalhas e pôsteres com a sua imagem, o que foi por longa data parte da fonte de renda da organização.

A presença do pensamento de Ferrer y Guardia no interior de AL torna visível também o substrato ideológico do anarquismo comunista apropriado pelo jornal; com isso, podemos explicar a razão da forte presença de um traço linear internacionalista que perpassa os anos em que o periódico circula. O objetivo do internacionalismo com relação aos meios sindicais anarquistas é um só: fomentar nos militantes brasileiros, recém engajados num organismo embrionário e pouco definido ideologicamente, o sentimento de pertença aos grandes núcleos de atividade operária internacionais.

¹² Não temos maiores informações sobre quem foi Leão Aymoré, nem mesmo se esse era o seu nome, provavelmente, constituía apenas um pseudônimo, muito utilizado pelos militantes anarquistas e socialistas desse período quando manifestavam suas opiniões, sugestões críticas, ou mesmo quando teciam breves comentários acerca da organização a que pertenciam, provavelmente, este é o caso.

¹³ AYMORÉ, Leão, A Escola Moderna em S. Paulo, **A Lanterna**, São Paulo, 25.10.1911. p.2. [grifo do autor].

Em verdade, o internacionalismo é visto não só através das apropriações ideológicas feitas pelos diretores e editores da publicação, como também pela presença de textos que trabalham, única e exclusivamente, com abordagens teóricas referentes à problemática de lutas do proletariado enquanto coletividade, e por que não dizer a partir desse momento, enquanto classe. É válido mencionar que tal percepção talvez não tenha atingido, nesse período, grande parte dos militantes anarquistas ou socialistas leitores de *A Lanterna*. O fato é que, ao menos uma parte desse núcleo ativista, nos referimos particularmente às suas lideranças, já demonstrava certa inclinação e, em determinados casos, uma taxativa certeza sobre a condição classista, na qual os militantes e simpatizantes da “causa” proletária estavam inseridos.

Através da análise dos textos publicados nesta publicação encontramos um percentual que varia entre dois e cinco textos, em média, por número circulante correspondente ao que categorizamos como *Anticlericalismo Universal* (ACUNIV), que consiste na parcela de textos, crônicas, poesias ou notas que representam uma abordagem teórica sobre o anticlericalismo, ou ainda, determinada interpretação ou passagem explicativa atemporal acerca do anticlericalismo. Esses textos tendem a ser válidos, em termos políticos, para qualquer publicação ou para qualquer leitor voltado à problemática proletária em qualquer parte do mundo.

O *Anticlericalismo Universal* presente nos textos publicados em AL estabelece quase que um molde editorial; nos parece que a tentativa de desmistificar qualquer crença religiosa se apresenta nessas passagens encoberta por outra forma de linguagem, não em termos estilísticos, nem no tocante à sua forma, mas sim no que remete ao seu conteúdo propriamente. Esse tipo de texto é, em geral, apresentado sob formas variadas. Não há apenas um formato, seja ele crônica, poema ou artigo, encontramos, sim, uma diversidade de formas em que são apresentadas essas mensagens.

No intuito de tornar mais acessível ao nosso leitor tal constatação, extraímos duas passagens que ilustram muito bem as características presentes nesse tipo de abordagem textual. O primeiro exemplo citado diz respeito à modernidade e às guerras tecendo entre estes dois temas uma forte crítica à Inquisição. O formato é

de um poema, mas a mensagem é tão clara que parece estar dentro de uma crônica; segue abaixo:

Pois corra o sangue, dê que a sangria depura!
 Pois anda o incêndio, dê que o fogo apura!
 Venha a loucura,
 Para o final domínio da razão!

A História deve aos Estados o advento das novas pátrias; deve à inquisição o imprevisível esplendor do pensamento...
 A morte é caveira do renascimento e é das noites que os dias surgirão...

Que não fique a obra em meio!
 Venha a ruína afinal!
 Pois, desse colectivo bombardeio,
 do relepar dessa guerra universal,
 virá o início da Paz Definitiva,
 a paz perpetua a si,
 à Humanidade redentora de amanhã [...] ¹⁴.

O poema parece ter um tom de prece, esta talvez seja uma amostra das estratégias utilizadas na utilização de todo um aparato simbólico, em termos de linguagem, para, enfim, trazer à tona assuntos penosos para o proletariado militante, como a guerra e a inquisição. Outra forma com que é apresentado o *Anticlericalismo Universal* se dá através de uma espécie de crônica jornalística, muito presente nos periódicos sindicais desse período, como se pode observar no trecho abaixo extraído de *A Lanterna*:

A teologia – disse Proudhon – é a sciencia do infinitamente absurdo. Com effeito, a teologia (sciencia de Deus) ensina: Que Deus é infinito em todas as suas perfeições, a saber: Onipotente; Soberanamente livre; Infinitamente sabio; Sumamente bom; Eterno e Imutável; Imaterial, inextenso e sem forma. Deus não se manifesta a nenhum sentido do homem (León Diniz); é invisível, impalpável, sem cor, sem peso, sem medida, imponderável; numa palavra, é um ente desprovido de realidade concreta. (H. Salgado) [...].
 Ora a teologia prova a inexistência de Deus ¹⁵.

Mesmo sendo adepto do cristianismo, Proudhon soube reconhecer, ao longo de sua trajetória pelo movimento anarquista, as fragilidades e ingerências da Igreja Católica sobre assuntos que não lhe deveria caber qualquer julgamento ou poder

¹⁴ FONTES, Hermes, Ode Aurirubra, *A Lanterna*, São Paulo, 12.09.1914. p.1.

¹⁵ MARTINS, Jonó, A luta milenar entre Deus e os homens, *A Lanterna*, São Paulo, 27.02.1915. p.2.

decisório, ainda assim, o texto publicado em AL não cita em momento algum a crença religiosa do líder ácrata, ao contrário, a idéia central é desvincular o pensamento do mesmo de qualquer elemento presente na religião, seja esta filiada a instituição que for.

A supressão de certas informações fez parte da estratégia de cooptação desses organismos em seu período inicial quando o número de militantes era um diferencial na obtenção de conquistas sociais e políticas e a própria consciência política fundada sobre bases ideológicas sólidas não era, verdadeiramente, uma prioridade. Esse talvez seja um traço definidor da política anarquista brasileira nesse início de século, pois se nos voltarmos aos ícones do movimento ácrata, não encontraremos nenhum voltado à mistificação da realidade, encontraremos apenas o aspecto emocional muito presente em seus textos, o que em AL também encontramos como um traço norteador de sua linguagem.

Observamos, através da análise do periódico, que AL faz questão de deixar claro as apropriações teóricas feitas por quem escreve seus artigos ou crônicas. Quando existe a citação de parte de alguma obra de uma liderança anarquista, tal qual Proudhon, se vê ao pé do texto a nota correspondente com o título da obra em que foi extraído o trecho citado. No caso citado aqui, a nota corresponde à obra *O que é a propriedade?*; trabalho publicado em 1840, em que Proudhon centra sua análise na forma com que se constitui a propriedade privada e na sua teoria de propriedade coletiva interligada às livres associações anarquistas.

Mesmo encontrando certas acepções proudhonianas nos textos de AL, não identificamos sequer uma referência ao *mutualismo*, cerne dos estudos sociais e econômicos que desenvolveu ao longo de sua vida, o que, talvez, possa representar uma leitura não tão profunda por parte desses militantes acerca de sua obra, ou em situação oposta pode também representar a negação de tal concepção em razão das circunstâncias em que sua luta estava inserida no país. Ainda que estas sejam hipóteses que se contradigam, em parte, também poderia ser considerado que ambas estivessem presentes na ação dessas lideranças, visto que o acesso às obras era pouco facilitado e as circunstâncias de instauração de um *mutualismo* no

Brasil do início do século XX eram totalmente irreais, tendo em vista o nascimento de uma República que ainda comemorava suas primeiras décadas de vida.

Para que nos fosse possível analisar a atividade desse tipo de publicação, bem como a sua função e os possíveis vínculos estabelecidos entre esse e outros grupos anticlericais anarquistas e socialistas espalhados pelo país, utilizamos como uma de nossas categorias de análise as *realizações* (RZS) empreendidas por este organismo. Por *realizações* entendemos desde as quermesses e festas promovidas para obtenção de fundos necessários à manutenção do periódico e de sua circulação até os concursos de poesias anticlericais ou mesmo a participação de seus membros em greves e boicotes apresentados em AL sob a forma de artigos, crônicas ou pequenas notas.

Levando em consideração o número de ocorrências em que aparecem nas páginas de AL essas realizações, podemos inferir quais foram os períodos em que a organização teve mais dificuldade para efetuar suas atividades políticas. Em 1911, ano que podemos considerar como um dos primeiros em que AL estava circulando, encontramos cinco passagens que fazem menção às realizações promovidas pelo núcleo de AL, isso em apenas um número. Em 1912, ano que dispomos de três números, há uma média de duas passagens por jornal enquanto que, em 1916, ano em que a publicação deixa de circular, não encontramos sequer uma passagem que possa ser categorizada como RZS.

As razões pelas quais isso pode ter ocorrido são duas. A primeira delas é que, por AL estar deixando de ser publicada seus diretores optaram por não mais vincular suas atividades a este periódico, talvez por já estarem engajados em outro, como era de praxe¹⁶, ou por não desejarem mais vincular suas práticas políticas a uma publicação que se dizia quase que única e exclusivamente anticlericalista. Outra justificativa pode ser a pouca necessidade de se promover atividades em benefício de um órgão que já dava sinais de enfraquecimento no que concerne aos objetivos estipulados pelo seu atual grupo editor.

¹⁶ Sabe-se que o próprio Edgard Leuenroth coordenou mais de um periódico ao mesmo tempo sendo um destes *A Lanterna*, em seus últimos anos de circulação concomitantemente com *A Plebe*, publicação em que também foi diretor.

É válido mencionar que AL iniciou sua circulação antes mesmo que Edgard Leuenroth fosse seu diretor. São fases distintas, e logo que Leuenroth se retira da direção deste periódico, o mesmo encerra suas atividades apenas por um curto espaço de tempo, para que em breve fosse iniciada uma nova fase, não mais vinculada aos ideais de Leuenroth e ao grupo de anarquistas filiados à Liga Anticlerical de São Paulo. Extraímos duas notas referentes à forma com que eram divulgadas as realizações deste núcleo de atividade sindical. A primeira delas faz referência a um ciclo de palestras a serem realizadas em diversas localidades do país sobre a vida e a obra de Francisco Ferrer y Guardia. Segue a mesma abaixo nos seguintes termos:

O nosso companheiro Waldomiro Padilha realizará amanhã, domingo, a 1 hora da tarde, no teatro de Jundiahy, uma conferencia publica, desenvolvendo o thema: **Ferrer, os seus ideaes e a sua obra.**

A entrada será franca.

Também em outras localidades já estão sendo preparadas novas conferências. Entretanto, é necessário que os amigos do Interior nos escrevam imediatamente, para poder ser organizado o itinerário da viagem, pois o nosso companheiro deverá empreender dentro de poucos dias uma excursão completa por uma das linhas.

Como já dissemos em nosso número passado, estas conferencias serão gratuitas, devendo os amigos, por meio de rateios, pagar as despesas de passagens de estrada de ferro e a hospedagem, por não dispormos nós e o amigo dos recursos para esse fim¹⁷.

O trecho transposto nos traz informações acerca de como eram organizadas as atividades voltadas à politização dos membros da Liga Anticlerical. As chamadas “conferências”, ministradas por militantes do movimento operário ou por intelectuais também atuantes em defesa da “causa operária”, significavam exatamente o que hoje entendemos por *cursos de formação*. No contexto analisado, os cursos de formação não tinham longa duração, mas eram oferecidos ao maior número de militantes, no intuito de levar conhecimento teórico acerca do movimento, sua relevância histórica, e a trajetória das suas principais lideranças, lembradas como ícones da organização aos associados.

A segunda passagem extraída das páginas de AL retoma outra característica de que tratamos: a organização dos fundos necessários para manter tanto a

¹⁷ Sem autor, Conferencias de propaganda, **A Lanterna**, São Paulo, 25.10.1911, p.2

publicação quanto as instituições que recebiam seu apoio, entre elas as chamadas *Escolas Modernas* em pleno funcionamento. Segue abaixo trecho extraído de um artigo do ano de 1913:

Realizou-se no domingo, conforme noticiamos, a festa de inauguração das duas escolas montadas pela Escola Moderna de S. Paulo. A concorrência ao salão do Congresso Gil Vicente foi regular, saindo todos favoravelmente impressionados da interessante velada. O programa por nós anunciado, foi habilmente executado. Falaram, com geral agrado, os companheiros Florentino de Carvalho, professor da Escola Moderna n. 2, e Leão Aimoré, secretário do Comitê da Escola Moderna. Os pequenos cantaram os hinos escolares e recitaram bem escolhidas poesias¹⁸.

A narrativa trata da expansão dos trabalhos realizados em torno das Escolas Modernas. Através dos artigos contidos em AL, podemos concluir que o número de escolas cresceu entre os anos de 1910 e 1915. Esse foi o período em que mais se realizaram festas, conferências, reuniões e discussões acerca do funcionamento e do estatuto dessas instituições de ensino. A Escola Moderna tinha bases pedagógicas fundadas no pensamento de Ferrer y Guardia, por esta razão, realizava periodicamente homenagens ao líder anarquista morto na Espanha. O aniversário de sua morte era sempre lembrado com textos longos que elevavam sua atuação política em prol da coletividade, da igualdade, do racionalismo e da liberdade.

Para que seus objetivos políticos fossem concretizados A Liga Anticlerical, por intermédio de seu periódico, utilizava-o, também, como espaço de propaganda e divulgação. A propaganda se estabelecia sob a forma de anúncios de estabelecimentos, como já expomos anteriormente. A divulgação consistia exatamente na venda de cartilhas, obras literárias e políticas, imagens ilustradas de líderes anarquistas como Ferrer y Guardia e Bakunin, bem como moedas com a imagem estampada dos mesmos. A iniciativa, além de trazer leituras e imagens para um espaço mais próximo desses militantes que, não raras vezes, sequer sabiam ler, era também uma forma de engajá-los no movimento, de produzir neles o sentimento de pertença a um coletivo que ainda estava sendo moldado em termos ideológicos.

¹⁸ Sem autor, Escola Moderna: A Festa de Inauguração das Escolas, **A Lanterna**, São Paulo, 25.10.1913, p.3.

Simplesmente observando a diagramação do jornal e o espaço que era reservado ao que categorizamos para fins de análise como notas ou textos de *Propaganda e Divulgação* (PD), já temos uma boa noção do quão importante eram essas contribuições. Elas se fundavam não só na expectativa de recursos financeiros, como também na capacidade de ampliação e de aproximação de trabalhadores com pouco ou quase nenhum acesso a obras teóricas, aos conteúdos que de outra forma, em sua maioria, não teriam acesso. As cartilhas vendidas, em sua maior parte, eram produzidas por intelectuais ligados ao movimento anarquista como Florentino de Carvalho¹⁹, e objetivavam a transmissão de interpretações políticas e econômicas acerca do cenário brasileiro e da vida dos trabalhadores. Também eram vendidas obras de Bakunin, Proudhon e Errico Malatesta, entretanto, a sua escolha sempre era determinada, além da facilidade de acesso, pelo grau de dificuldade de compreensão, ou seja, as obras de mais fácil compreensão eram as que estavam à venda através do jornal.

Dando prosseguimento à análise quantitativa dos dados da publicação, identificamos que há uma variação bem ampla na quantidade de ocorrências de notas que podem ser identificadas na categoria de *propaganda e divulgação*. Há uma média que varia entre duas e onze referências em cada número do jornal, o que pode ser entendido como um aumento gradual na capacidade de apoios que a agremiação vai acumulando com o andamento de sua atividade política. Também podemos assinalar que em 1914²⁰, por ser o ano em que o periódico está com sua circulação mais estabilizada, a capacidade de dar seguimento a textos como folhetins de literatura operária e crônicas, que exigissem a participação do leitor, tinham uma continuidade garantida o que propiciava que apoiadores fizessem suas publicidades de forma que estas atingissem com maior assiduidade os leitores.

Outra característica pertinente nesse tipo de publicação é a presença, ainda que ínfima, de artigos de caráter classista, o que sugere um comprometimento inicial com o coletivo e com a própria noção de classe. Por ser um veículo de informação

¹⁹ Florentino de Carvalho era o pseudônimo utilizado por Raymundo Primitivo Soares, anarquista de origem espanhola que trabalhou no Brasil como tipógrafo e se notabilizou no movimento operário como líder anarquista, contribuindo com textos e livros que discutiam as problemáticas da militância libertária.

²⁰ 1914 é o ano de que dispomos de mais números de AL, talvez por ser um marco mediano de sua atividade em termos temporais, visto que não se enquadra nem nos princípios da organização nem no fim quando o jornal estava interrompendo sua circulação.

ligado a um órgão anticlerical, AL não tem o costume de expressar em textos classistas as denúncias ou a violência repressiva cometida apenas a uma categoria de ofício; ao contrário, as passagens classistas referem-se diretamente à noção de grupo e à idéia de interesses em comum ligados à luta contra a opressão Estatal e capitalista. Tal traço nos remete diretamente às correntes anarquistas e marxistas, todas apresentam de alguma forma a violência, a opressão e a exploração do trabalho como as práticas mais vis das sociedades capitalistas.

As denúncias e os textos de caráter classista podem ser encarados também como temas universais dentro dos mundos do trabalho; abordagens em que a identificação de um indivíduo que esteja submetido ao tipo de violência, opressão ou exploração de seu trabalho, terá uma identificação imediata com a causa, que lhe parecerá próxima, e, em alguns casos, idêntica ao cotidiano em que vive. A condição de pertencimento a um grupo que já mobiliza seus membros em prol de objetivos únicos compõe o alicerce da consciência de classe, e podemos dizer que aqui encontramos as primeiras manifestações desse objetivo no Brasil em termos de imprensa operária.

Enquanto que, em 1911, encontramos uma referência a textos e passagens de caráter *classista* (CT), em 1912 encontramos três passagens, em 1913, novamente três. Em 1914 o número aumenta para nove passagens o que sugere uma média de uma passagem por jornal, em 1915 o número é reduzido a apenas uma passagem e, em 1916, esse número sobe novamente correspondendo à sete passagens.

A razão pela qual não encontramos elementos classistas no primeiro ano em que AL circula sob a direção de Leuenroth talvez possa estar ligada à negação de um ideário propriamente classista por parte do grupo de anarquistas ligados a ele. A tradição sindicalista compunha a base de toda a sua prática política nesse início de século. Somado a isso, devemos levar em consideração que a construção de um texto classista ou com elementos que lhe confirmam características classistas não é algo muito fácil de ser composto, principalmente por homens que tinham pouco acesso a leituras políticas, o que muda gradualmente com o passar do tempo.

Em termos ideológicos alguns traços referentes a concepções ácratas de iniciativa política podem ser facilmente encontrados em AL. O apelo emocional e a pequena presença de teoria política, propriamente dita, são características típicas desse tipo de publicação, que inicia sua atividade sob bases instáveis de atuação. Somado a isso, há também que se considerar, o grau de instrução formal da grande maioria dos militantes associados à Liga Anticlerical que era muito pequeno, na década de 1910 e mesmo no decorrer dos anos 20. O pequeno grupo de intelectuais que dirigia esse tipo de publicação política constituía o núcleo de leitores e disseminadores de leituras de concepções políticas.

Não podemos dizer que uma única tendência ácrata norteou o pensamento desses intelectuais, essa seria uma falsa idéia acerca de suas influências ideológicas. O fato é que a diversidade de citações e de referências feitas a lideranças exponenciais do movimento anarquista fez também com que os leitores de AL tivessem acesso a mais de uma concepção teórica sobre o anarquismo. Também não podemos pressupor que os anarquistas brasileiros engajados no interior da Liga Anticlerical estivessem alheios ao caráter ideológico do que expressavam e das escolhas feitas no que concerne à editoração do jornal. O conhecimento desses poucos intelectuais que dirigiam essas publicações não era superficial, muitos tinham contato com elementos ácratas no exterior, com quem discutiam teoria e prática política, como foi o caso de Neno Vasco e também de Edgard Leuenroth.

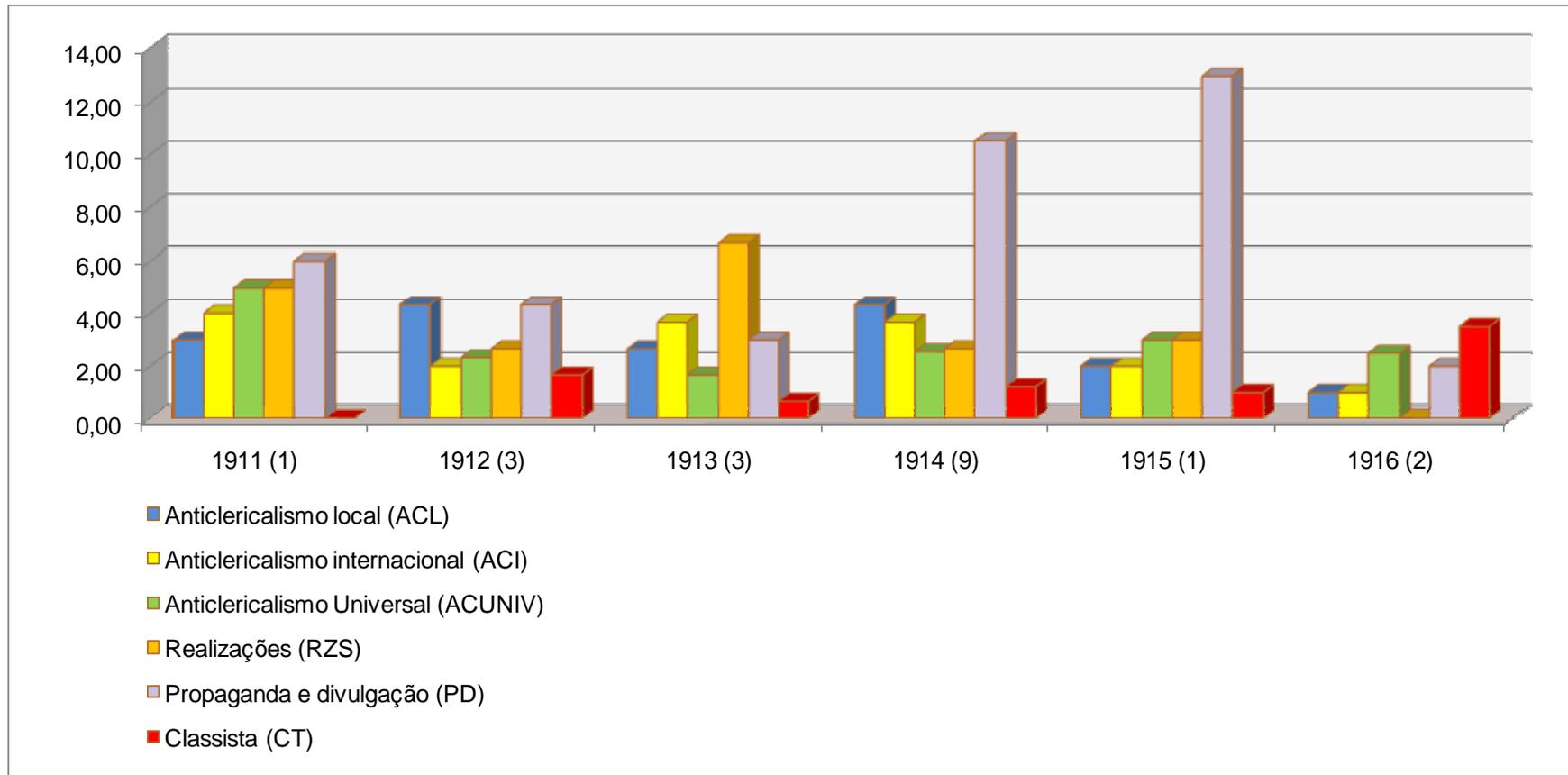
O que nós encontramos no interior de AL são citações pontuais à Kropotkin, Bakunin, Proudhon e Ferrer y Guardia o que não nos permite inferir que as variações ideológicas ácratas se restringiam ao terreno do *anarquismo comunista* de Kropotkin, ao *mutualismo* de Proudhon, ao *anarquismo socialista* Bakuniano ou ao pensamento pedagógico de Francisco Ferrer y Guardiã. O que ocorre é justamente uma miscelânea de todas essas concepções que convergem no que ficou conhecido como pensamento libertário que, em síntese, é a junção de elementos variados dentro do ideário ácrata que não se contradizem entre si.

A *Lanterna* ficou caracterizada por frisar em todos os seus números uma característica que permeia o pensamento libertário, que é o anticlericalismo. Este foi

o seu traço mais significativo e que também não pode ser definido dentro de apenas uma ideologia libertária, mas sim como elemento presente em todas as ideologias libertárias originadas no “velho mundo”. A única discrepância que podemos identificar nesse conjunto de apropriações teóricas foi a ênfase dada às publicações de caráter pedagógico de Ferrer y Guardia, esse fato pode ser amplamente comprovado pelo apoio intermitente da publicação nas Escolas Modernas criadas pelo país, o que deixamos claro ao longo do texto.

Ocorre, portanto, que não podemos traçar um limite temporal, tampouco um marco factual em que novas ideologias são agregadas à linha editorial da AL, apenas podemos identificá-las, como o fizemos, e constatar que não existia homogeneidade ideológica entre os associados da Liga Anticlerical; suas concepções políticas, por mais que estivessem firmadas dentro do pensamento libertário, eram definidas e moldadas por elementos de diversas tendências ácratas e que, dificilmente eram assimilados em razão de sua categorização. Certamente aquilo que podia ser apropriado e utilizado em solo brasileiro era o que mais interessava e o que era difundido em maior escala.

Outro fator que não podemos negligenciar é a condição em que cada dirigente de AL estabeleceu seu primeiro contato com o anarquismo, a forma com que as teorias lhe foram apresentadas e a maneira como eles as entenderam e as conceberam. Essas são opções pessoais que variam de acordo com as experiências de cada sujeito e que determinam em larga medida o grau de assimilação e de apropriação que determinado conjunto de idéias tem sobre outro. É, sobretudo, dessa forma, que compreendemos a conformação da estrutura ideológica de AL entre os anos de 1911 a 1916.

Gráfico 1: Gráfico quantitativo das categorias de análise de *A Lanterna*

4.2 O Cosmopolita: órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e classes congêneres

O *Cosmopolita*²¹ (OC) foi uma publicação de caráter anarquista que se originou no ano de 1914²², como veículo de propaganda e agitação sindical dos empregados em hotéis, restaurantes, bares e classes congêneres da cidade do Rio de Janeiro. Sua periodicidade era quinzenal e sua distribuição era articulada da mesma forma que *A Lanterna*, ou seja, através das listas de subscrição, da venda por representantes nomeados em diversas localidades ou ainda por meio da livre distribuição gratuita e pela necessidade de ampliação do número de associados no organismo sindical, visto que o jornal conformava o primeiro contato do militante com a associação.

Apesar de OC ser um veículo de mobilização corporativa, ligada intimamente a apenas uma categoria profissional da sociedade, o periódico trazia em suas páginas textos que reproduziam as visões de mundo de lideranças do movimento anarquista do início do século. Astrojildo Pereira, Neno Vasco e Edgard Leuenroth não só contribuíam com a publicação através de seus artigos e crônicas publicados regularmente no OC, como também tinham sua trajetória política acompanhada pela publicação.

Não há indícios que possam nos levar aos nomes daqueles que compunham a diretoria deste periódico, tampouco podemos inferir acerca dos editores ou redatores do mesmo; o que identificamos, entretanto, diz respeito ao espaço, demasiado amplo, que militantes, como Astrojildo Pereira, tinham para publicar seus pareceres políticos. Segundo indicação do próprio jornal o grupo editor era composto por *“um núcleo de empregados em hotéis, restaurantes, cafés e similares, cujo objetivo principal será propagar a cultura sindicalista, combatendo todos os sofismas políticos, religiosos e sociais e cooperar para o aperfeiçoamento moral, material e*

²¹ Todos os números de *O Cosmopolita* analisados nesta pesquisa e que correspondem aos anos de 1916 até 1918, com algumas falhas na série, encontram-se no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM), armazenados no fundo: Archivo Storico del Movimento Operaio Brasiliano (ASMOB) em propriedade do Instituto Astrojildo Pereira – (IAP).

²² FERREIRA, Maria Nazareth. op.cit. p.72

*intelectual da classe*²³". Com isso, entendemos que a composição do corpo editorial de OC se dava pela constante participação dos militantes e simpatizantes da "causa" sindical.

O *Cosmopolita* estava acessível aos seus leitores através de duas formas de assinaturas comuns entre os meios operários; a assinatura anual que equivalia a 5\$000 e a assinatura semestral correspondente à 3\$000. O local em que estava localizada a redação do jornal é claramente exposto na primeira página de todos os números que circulam, fazendo referência a Rua do Senado números 215 e 217 no centro da cidade.

Outra característica peculiar do jornal são os pseudônimos amplamente utilizados ao final dos textos. Em geral, os veículos de propaganda operária desse período utilizam esse mecanismo de identificação para a preservação da identidade de seus contribuintes, no entanto, em OC, dificilmente encontramos o verdadeiro nome dos autores. A identificação que fazemos dos pseudônimos utilizados nessas publicações tem como base os estudos desenvolvidos por Foster Dulles, Maria Nazareth Ferreira e pelo próprio Astrojildo Pereira²⁴.

O *Cosmopolita* deixa claro em seus textos a tendência em abordar assuntos que evidenciem a lógica e a razão, dois temas característicos do pensamento racionalista moderno, do qual o anarquismo é herdeiro. Também é importante mencionar que, assim como *A Lanterna*, *O Cosmopolita* promovia assembleias e reuniões que objetivavam aproximar os militantes e criar dentro da associação sindical um aspecto familiar. Claramente favorável à iniciativa das Escolas Modernas, OC dava especial atenção às questões educacionais e pedagógicas incentivando a leitura dentro do sindicato e criando a sua própria biblioteca de obras literárias e políticas.

Cabe acrescentar que, mesmo sendo o sindicato representativo de apenas uma categoria profissional, OC nunca restringiu sua atividade aos embates de sua

²³ Sem autor, Bazes de acordo do grupo editor do "Cosmopolita", *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 28.10.1916, p.2

²⁴ DULLES, John Foster. op. cit., FERREIRA, Maria Nazareth. op. cit. e PEREIRA, Astrojildo. **Ensaio histórico e políticos**. São Paulo: Alfa - Omega, 1979.

categoria; ao contrário, nos textos em que a publicação expõe seu programa de lutas há sempre a memória do coletivo proletário, da classe trabalhadora de um modo geral, mesmo que essa memória se concentre na necessidade de aproximar as categorias profissionais. É interessante constatar a importância que se dá à união das classes trabalhadoras num mesmo organismo, assinalando a existência de interesses em comum, o que corrobora a noção classista presente na expressão impressa desse grupo editorial.

Outra preocupação de OC é a comprovação dos gastos nas atividades promovidas pelo sindicato, por esta razão são publicadas regularmente as prestações de contas; estas relacionam os gastos empreendidos para a compra de material político como cartilhas e livros, vendidos pela publicação através de anúncios divulgados no jornal. Os valores arrecadados através da contribuição dos associados, seja através das assinaturas, dos auxílios voluntários, da venda de materiais políticos ou ainda pelos anúncios publicitários publicados nas páginas finais do jornal.

A comissão executiva de *O Cosmopolita* era composta por cinco membros que deveriam exercer suas atividades durante um período de três meses, reunindo-se semanalmente ou sempre que necessário para tratar das questões referentes ao sindicato e à publicação. Nessas reuniões é que eram elaborados os balancetes de despesas e receitas da organização. A partir do momento em que determinado militante passava a ser membro da administração do jornal o mesmo deveria contribuir com uma taxa de admissão no valor de 5\$000, que servia para sanar parte dos gastos da publicação.

No intuito de traçar um perfil ideológico dessa publicação criamos algumas categorias de análise que identificam, em termos quantitativos e qualitativos, algumas concepções teóricas presentes em *O Cosmopolita* entre os anos de 1916 e 1918. Em relação ao jornal AL o que observamos é a mesma constância no que diz respeito às referências libertárias. No ano de 1916, em que dispomos de quatro números do periódico, encontramos, exatamente, oito referências claras ao anarquismo, o que corresponde a uma média de duas ocorrências por jornal, o mesmo ocorre nos anos de 1917 e 1918 com uma leve variação para mais.

Os trechos em que observamos a presença de passagens que dizem respeito ao movimento ácrata, em geral, se apresentam sob a forma de artigos, crônicas e notas que abordam tanto a problemática operária nacional quanto a internacional. Extraímos duas passagens que assinalam a presença da temática libertária em OC. A primeira delas é um texto de Neno Vasco que trata dos princípios anarquistas adotados pelo grupo sindical dirigente de OC. Segundo o autor, a direção que o movimento deve seguir está definida, e é apresentada através da imediata necessidade de ação baseada nos seguintes princípios:

Abolir o dinheiro, a propriedade particular e o Estado que a defende.
[...] Pôr em comum a terra e os instrumentos de trabalho, os meios de produção. Libertar e aliviar o trabalho e produzir a abundancia: construir maquinas, cultivar as terras, fabricar produtos uteis, utilizar forças perdidas, braços inertes ou mal empregados.
Eis a obra grandiosa que se deve preparar e realizar.
O trabalho e seus frutos para todos!²⁵.

O trecho transcrito acima aborda uma série de elementos que podem ser compreendidos a partir do discurso político anarquista. A mensagem do texto de Neno Vasco assinala uma forte aproximação com o pensamento de Kropotkin no sentido de tornar o produto do trabalho mais próximo do produtor; este é o cerne da teoria política do anarquista russo que entendia a divisão do trabalho como a grande responsável pela “coisificação” do mesmo. O exemplo elucidada claramente a presença do *anarquismo comunista* no grupo diretor de *O Cosmopolita*.

O segundo artigo selecionado foi composto por um militante da associação que apresentou ao longo da narrativa, passagens de autoria do próprio Errico Malatesta. O referido artigo aborda a questão de distribuição equitativa dos produtos do trabalho humano para que se alcance e a harmonia social almejada por todos. O longo artigo é apresentado na primeira página do jornal, ao centro e com destaque; iniciando com as seguintes afirmações:

De Malatesta para cá, os conservadores de todas as escolas têm sustentado que a miséria não deriva da injusta distribuição da riqueza, mas da limitada produtividade ou da deficiente industria humana.[...]
O faminto que passa em frente dos grandes armazens abarrotados de generos alimenticios, aquele que de tudo carece e vê os esforços

²⁵ VASCO, Neno, O Trabalho, *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 07.03.1917, p.2.

feitos pelos comerciantes para venderem as mercadorias abundantes demais para os pedidos do público, pode supor que há produtos em abundância e que só lhes faltam meios para os poderem comprar. E na verdade, alguns anarquistas iludidos pelas cifras mais ou menos cabalísticas, e talvez ainda para terem na propaganda um argumento impressionante e de fácil compreensão para as massas ignorantes, puderam sustentar que a produção efetiva cede em muito todas as necessidades racionais, o que bastaria que o povo se apossasse dela para que todos pudessem viver na abundância²⁶.

O texto de autoria desconhecida que acabamos de citar tenta mostrar que não é a quantidade de produção que torna a sociedade igualitária, ou ainda, a apropriação por parte dos trabalhadores dos produtos de seu trabalho. O que poderia diminuir a desigualdade econômica e, por conseguinte, a social, é a apropriação por parte dos trabalhadores dos meios de produção. A crítica à propriedade privada e a ênfase na capacidade associativa dos trabalhadores compõem a base do ideário político de Malatesta. A própria utilização de trechos de obras políticas do anarquista italiano já bastaria para comprovar a apropriação de, ao menos parte, de seu arcabouço teórico. Entretanto, é interessante nos focarmos no fato de que esta já é a segunda variação ideológica ácrata apropriada pelo grupo editorial de OC.

Por ser uma publicação vinculada a um sindicato específico, OC traz uma série de referências em defesa do sindicato e das associações sindicais de um modo geral. No ano de 1919, do qual dispomos de quatro números da publicação, encontramos seis referências aos sindicatos organizados por categorias de ofício. Em 1917, ano em que dispomos de dezenove números do jornal, o número de referências aumenta, passando para quarenta e uma, o que, mesmo num cálculo que estabeleça a média entre as ocorrências e o número de jornais disponíveis, ainda haverá um crescimento. No ano de 1918, identificamos exatamente vinte e quatro referências aos sindicatos, há novamente uma variação, dessa vez, para menos; da mesma forma, esse valor sofre um decréscimo se calcularmos as ocorrências em números de jornais disponíveis para análise, que nesse último ano somam dezesseis²⁷.

²⁶ Sem autor, Produção e distribuição, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.10.1917, p.1.

²⁷ A relação entre o número de jornais disponíveis para análise em cada ano e o número de ocorrências de cada categoria criada para fins de análise encontram-se devidamente apresentados em gráfico quantitativo ao final deste item.

Como nossa análise está pautada nos conteúdos impressos dessas publicações operárias, encontramos a necessidade de traçar algumas categorias para que os conteúdos fossem compreendidos não só em termos qualitativos, mas também em termos quantitativos, visto que a quantificação pode nos elucidar sobre um aspecto mais generalizado da publicação, o que é também importante quando buscamos traçar um perfil do formato do periódico. Até o presente momento, já identificamos duas categorias: a primeira delas se refere a presença de elementos de caráter libertário (LT) e, a segunda, a elementos sindicais (SIND).

A terceira categoria analítica está pautada pela ocorrência de passagens que estejam relacionadas ao *internacionalismo* (INT); um conceito que pode nos remeter tanto ao movimento ácrata quanto ao comunista. Extraímos dois trechos que trazem o internacionalismo aos leitores de OC. O primeiro deles critica verticalmente o patriotismo e a idéia de fronteiras geográficas, inserindo o internacionalismo como bandeira de luta operária. A crônica de autoria de G. Costa afirma enfaticamente:

Maldito pedaço de terra que por querer-te possuir faz-se correr o sangue em torrentes; malditos interesses comerciais e industriais que fazes os homens matarem-se uns aos outros, não já nos milhares mas aos milhões!

Basta tigres ferozes! Cortai as garras e não mais craveis nos corações humanos, e, quando esse dia chegar não mais cercareis com fronteiras os habitantes da terra, citando contra eles o ódio de raças, como Nero colocava as feras no Colizeu de Roma para devorar os cristãos, mais tarde triunfantes.

Quando as populações se compenetrarem da verdade e compreenderem os seus verdadeiros interesses, a pátria será este planeta no qual todo o ser vivente tem parte, a raça humana será uma só, pois que todos somos iguais pela lei natural, nosso soalho é a terra que nos cria e come, nosso teto é a abobada celeste que nos dá a luz do sol²⁸.

O segundo trecho defende a idéia de que os povos não estão distribuídos pelo mundo de acordo com as suas raças, mas única e arbitrariamente pelo poder do capitalismo. É interessante também observarmos nesse texto a presença, ainda que indireta, pois este não é o assunto central abordado, de uma linguagem classista. O texto, de autoria de Raymundo Rodriguez Martínez, faz as seguintes considerações:

²⁸ COSTA, G., Fronteiras, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 28.10.1916, p.2.

Mas antes de terminar a nossa modesta apreciação sobre os últimos acontecimentos grevistas, temos a dizer que os direitos prescritos em todas as constituições do mundo foram conquistados pelo povo, pelos que sofrem, e não ha povo nenhum, isto é, concretizado nas estreitas fronteiras de uma pátria que posso vangloriar-se de somente com o seu único esforço ter feito reconhecer os seus direitos.

A gloria das leis liberais, embora hoje burladas e os direitos dos povos de todas as nações foram escritos com sangue pela humanidade em todas as Constituições do mundo²⁹.

A presença de referências *classistas* (CT) em OC passa, a partir desse momento, a compor parte de seu substrato ideológico. Entre as passagens que encontramos, e que podemos categorizar como referências *classistas* diretas, já há indícios de que a noção de coletividade estava sendo apregoada nos meios sindicais como forma de criar nos militantes a consciência de classe tão necessária na luta pela obtenção de conquistas que são comuns a determinado grupo social.

Dentro do que categorizamos como referências *classistas*, optamos por criar uma subcategoria que diferencia as passagens que estabelecem a condição *classista local* (CL), identificada a partir do grupo sindical OC ou do movimento operário brasileiro, das passagens relacionadas à condição *classista universal* (CUNIV), referente aos textos que tentam de alguma forma estabelecer uma ligação de classe entre o operariado brasileiro e o do restante do mundo. Partindo dessas categorizações encontramos uma média de três textos por jornal que tratam da condição *classista* do operariado, seja sob a forma local ou universal.

O que constatamos através da leitura do periódico foi que, mesmo sendo um jornal sindical, este já demonstrava uma inclinação ideológica diferenciada de *A Lanterna*, pois enquanto o primeiro abordava questões de maior vinculação com a problemática dos sindicatos, sua forma de atuação, seus princípios e as possibilidades de se obter conquistas através da expansão destes, em AL o mesmo não acontece. A preocupação central de *A Lanterna* foi sempre criticar o poder clerical e os dogmas criados pelas diversas religiões, mostrando, enquanto núcleo

²⁹ MARTÍNEZ, Raymundo Rodriguez, O proletariado, a policia e a imprensa, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.06.1917, p.1-3.

de atividade operária, sua filiação à Liga Anticlerical paulista, órgão assumidamente anarquista.

O *Cosmopolita*, por sua vez, originado poucos anos mais tarde que AL, parece não ter a mesma preocupação em expor uma filiação ideológica única. Sua estratégia de atividade parece mais próxima de uma união da própria classe operária como um todo e não apenas dos elementos anarquistas ou comunistas, nem da própria diferenciação existente entre eles. Algumas vezes encontramos artigos que, mesmo fazendo uso de elementos ideológicos tanto ácratas quanto comunistas, não os diferenciam, ao contrário, os colocam num mesmo grau de importância; cabe apenas ao leitor identificar o que mais lhe convém, ou o que lhe parece mais próximo de sua realidade e de seus anseios. Essa estratégia é muito comum na venda de material político. Enquanto as obras de Bakunin e Kropotkin circulam para venda nesse sindicato, Marx é citado em textos de forma tão veemente que se não fosse uma leitura cuidadosa poderíamos supor que este é um veículo de propaganda marxista singular, num período em que a grande maioria das organizações operárias ainda se pauta pelo anarquismo.

Vale lembrar que a presença de referências libertárias ainda supera a presença de passagens que desenvolvam elementos marxistas. Em nossa análise de dados encontramos, no ano de 1916³⁰, apenas uma referência do que categorizamos como *marxista* (MX) porém, em 1917,³¹ encontramos dez referências relacionadas à categoria MX ainda que, calculada a média entre o número de jornais disponíveis para análise, encontramos um aumento. No ano de 1918³² esse crescimento continua, pois encontramos doze referências relacionadas à categoria MX, o que assinala um aumento na importância que essa temática passa a ter para o grupo editor.

Para melhor elucidar a forma com que foram apresentadas as passagens que têm relação com o marxismo, ou abordam diretamente o mesmo, extraímos de OC dois trechos que desenvolvem de forma diferenciada o mesmo tema. O primeiro

³⁰ No ano de 1916 dispomos de quatro números do periódico quinzenal para análise.

³¹ No ano de 1917 dispomos de dezenove números do periódico para análise.

³² No ano de 1918 dispomos de dezesseis números do periódico para análise. O cruzamento dos dados é apresentado em gráfico ao final do capítulo.

deles é uma crônica de Anjelo Vizzotto em homenagem a Lênin e seus feitos na Rússia revolucionária. O texto de 1917 publicado em letras grandes e com destaque ao centro da página proclama:

Nós que te conhecemos; nós que sabemos que possues, no livro aberto da tua vida de propagandista do sublime ideal de redenção humana, um ativo de 25 anos de lutas, sofrimentos e de angustias, que pelo teu sonho dourado, que é o nosso, que será o da humanidade – se ela verdadeiramente quizer descançar, após cruciantes dores, no almejado porto da felicidade – sofreste perseguições, carcere, exílio. Nós que te sabemos incorruptível, puro e terão como cristal adamantino, não podemos acreditar nas infâmias e nas calúnias com as quais procuram dezonrar-te. Pelo contrario; mais te caluniam e difamam, mais o teu nome nos aparece circundado da auréola de gloria, com a qual são cobertos os martires e os herois. Neste momento em que as noticias vindas da lonjinqua terra de Gorki são ainda contraditorias, e não deixam prever qual será o resultado da luta final, seja qual for o destino da tremenda peleja, vencedor ou vencido que saías, ó Lénine, o teu nome brilhará de viva luz, e o ideal pelo qual te bates não parecerá, porque é ideal de vida e a vida se perpetúa incessantemente, através do espaço e do tempo³³.

O segundo trecho que selecionamos, de autoria de Euclides da Cunha, extraído da obra *Contrastes e confrontos*, como citado ao final do texto, data de 1917 também, e estabelece o caráter sólido do que chama de “doutrina marxista”. O autor desenvolve temas como valor, trabalho, dialética, questões complexas e de grande profundidade teórica. A presença deste texto em OC pode ser entendida como uma tentativa de aproximar do leitor um pouco da teoria política que regeu o movimento operário no velho mundo. Também pode ser entendida como um espaço destinado à participação dos militantes socialistas, tornando o jornal acessível não só aos anarquistas, visto que já identificamos um objetivo concreto nessa publicação, a união dos núcleos operários do Brasil, fossem estes anarquistas ou comunistas. O texto inicia tratando do socialismo científico, para isso remonta a um personagem conhecido entre os anarquistas, afirmando:

Assim ela chegou até meados do ultimo século – até Karl Marx – pois foi, realmente, com este inflexível adversário de Proudhon que o socialismo científico começou a usar uma linguagem firme, compreensível e positiva.

Nada de idealizações; fatos; e induções inabaláveis resultantes de uma análise rigorosa dos materiais objetivos; e a experiência e a

³³ VIZZOTTO, Anjelo, Lénine, *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 01.12.1917, p.1.

observação, adestradas em lucidos tirocinios ao travez das ciencias inferiores e a lógica inflexível dos acontecimentos; e essa terrível argumentação terra à terra, sem tortuosidades de silojismos, sem o idiotismo trancedental da velha dialéctica, mas toda feita de assiomas, de verdadeiros truísmos, por maneira a não ezijir dos 'espíritos' o mínimo esforço para a alcançarem, porque ela é quem os alcança independentemente da vontade, e os domina e os arrasta com a fortaleza da propria simplicidade.

A fonte unica da produção e do seu corolario imediato, o valor, é o trabalho. Nem a terra, nem as maquinas, nem o capital, ainda coligados, as produzem sem o braço do operário³⁴.

Apesar do crescente aumento da presença de referências marxistas, não há como afirmar que o jornal estava assumindo a ideologia marxista como parte do seu cadinho ideológico. Ao contrário, acreditamos que OC foi uma publicação de caráter libertário que simplesmente não barrava a participação de socialistas e comunistas, pelo fato de que, também estes, participavam das atividades sindicais. É válido lembrar que as primeiras conformações partidárias, eminentemente operárias, só se realizam em 1919, por iniciativa das lideranças envolvidas com essas publicações, mantendo-se também fiéis aos princípios ácratas de ação política.

Em texto extraído de *La Protesta*, um diário anarquista argentino e publicado em 1918 no OC, encontramos um indicativo de que, de fato, a ideologia anarquista era mais forte e mais próxima dos leitores da publicação e associados ao sindicato, pois caso não fosse essa a realidade encontraríamos, nos números seguintes, represálias ao texto, o que, em verdade, não ocorre. O texto disserta acerca do valor ético inestimável contido no interior dos princípios anarquistas, além de visualizar no ideário ácrata a única possibilidade de superação dos problemas sociais existentes. Com o emblemático título *Somos os fortes*, o texto inicia afirmando de forma veemente que:

A psicologia do povo está compendiada no programa mínimo do partido socialista. O socialismo reflete fielmente a incapacidade do povo, pois que sua doutrina representativa esta baseada na indolencia do trabalhador, e na incapacidade da massa que não se incomoda ante a idéia da acefalia governamental. Se esplica facilmente porque o socialismo tem idéias apesar de ser uma doutrina negativa que submete o indivíduo á sociedade, e anula a independência do cidadão, em beneficio dos interesses da nação, como os partidos

³⁴ CUNHA, Euclides, Pajinas alheias, *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 01.06.1917, p.2.

conservadores que reduzem a caprichozas interpretações da lei os distribuidores da justiça.

O anarquismo não conta com zeros somados á unidade para fazer uma cifra consideravel, porque sua força se baseia na qualidade e não na quantidade.

Eis aí porque o anarquismo é uma força social superior ao socialismo, porque, o anarquismo é a força qualificativa e o socialismo a quantitativa. Quem póde negar que os anarquistas, são a unica força efetiva capaz de dar uma racional solução ao problema social?³⁵.

Como podemos observar, a crítica desenvolvida acerca dos partidos socialistas está centrada na idéia de ditadura do proletariado. Por esta razão poderíamos excluir por completo aqui a influência Bakuniana nesse substrato ideológico ainda pouco conformado, pois Bakunin foi defensor da ditadura do proletariado, em moldes diferentes da apregoada pelos marxistas, de fato, mas sem deixar para trás a iniciativa que coloca um grupo a gerir os interesses dos demais.

Em termos de *realizações* (RZS) identificamos em OC um conjunto de quarenta e seis citações a essas iniciativas entre os anos de 1916 e 1918. Nessa categoria RZS encontram-se tanto artigos e crônicas que descrevem o sucesso ou os percalços pelos quais passou a organização para concretizar suas atividades políticas, quanto uma simples prestação de contas que não deixa de ser uma iniciativa que exige por parte do grupo diretor certa organização e comprometimento com os contribuintes. Também inserimos nessa categoria de análise todas as passagens que se referem a iniciativas grevistas em prol da “causa operária”, como o descanso semanal e o limite de doze horas para a jornada de trabalho³⁶.

Dois exemplos elucidam algumas das realizações do núcleo de *O Cosmopolita*. O primeiro é um relato contido no jornal no ano de 1916 sobre o sucesso da promoção de um festival com o fim de angariar fundos para a publicação³⁷. O segundo, narra as atividades de OC e o caráter que as mesmas têm de forma entusiasmada, incitando o leitor a se juntar à “causa” que não só é justa como também nela ele está inserido. A linguagem utilizada é característica desse

³⁵ Sem autor, Somos os fortes, *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 27.07.1918, p.2.

³⁶ Cf. A COMISSÃO, O Centro Cosmopolita inicia novamente a luta pelas 12 horas e descanso semanal, *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15.05.1917, p.2.

³⁷ Sem autor, O nosso festival, *O Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 28.10.1916, p.2.

tipo de texto que visa elevar a organização a um alto patamar de importância entre os meios operários. O texto segue da seguinte maneira:

‘O Cosmopolita’, não passa noite que não tenhamos palestras educativas, nas quais nos debatemos em entusiásticas polemicas sobre os principios filozoficos da ciência experimental das forças viças da natureza. [...]

A’ noite passada como em todas as noites precendentas, realizamos uma reunião afim de tratar de interesses do jornal e, naturalmente, como era de esperar, depois de terminados os trabalhos acerca da vida economica do ‘Cosmopolita’ surtiu a ideia da necessidade de uma palestra ideolojica³⁸.

O *Cosmopolita* realizava, além de reuniões administrativas, grandes assembléias gerais nas quais eram convocados todos os militantes associados. Os debates geralmente se centravam na prisão de companheiros do sindicato ou nas denúncias acerca das péssimas condições de trabalho de alguns estabelecimentos. Ao fim das assembléias eram decididas através de uma votação as resoluções a serem tomadas pela diretoria. Nas reuniões tratava-se da expulsão do sindicato dos membros que não cumprissem com as suas responsabilidades para com a associação e a própria categoria, como, por exemplo, deixar de pagar as anuidades do jornal, boicotar as iniciativas grevistas, ou “furar” uma greve.

O *Cosmopolita* se constituiu, através de sua atividade política, num organismo sindical capaz de congregiar anarquistas e socialistas, ainda que existisse claramente a preponderância de elementos anarquistas entre as suas fileiras. Podemos constatar, através da leitura dos periódicos, a presença decisiva do *anarquismo comunista* nas diretrizes editoriais do jornal, o que também fica evidente pelas constantes citações de Kropotkin³⁹, Ferrer i Guardia⁴⁰, Reclus⁴¹ e Malatesta⁴².

³⁸ O.R.M., Pauladas e pedradas, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 15.12.1916, p.2.

³⁹ Cf. KROPOTKINE, P., sem título, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.06.1917, p.1; KROPOTKINE, Pedro, A ordem burgueza, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 15.06.1917, p.2; KROPOTKINE, Pedro, Escolhei!, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.07.1917, p.2; KROPOTKINE, Pedro, Questões atuais: Estado e capital, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.09.1917, p.1; KROPOTKINE, Pedro, Carta aberta de Pedro Kropotkine aos trabalhadores ocidentais, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.11.1917, p.2; KROPOTKINE, Pedro, sem título, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.03.1918, p.2.

⁴⁰ Cf. FERRER I GUARDIA, Francisco, Aniversario trajico: Francisco Ferrer, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 15.07.1917, p.2.

⁴¹ Cf. RECLUS, Eliseu, Seleta, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.12.1916, p.3; RECLUS, Eliseu, sem título, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 15.12.1917, p.1.

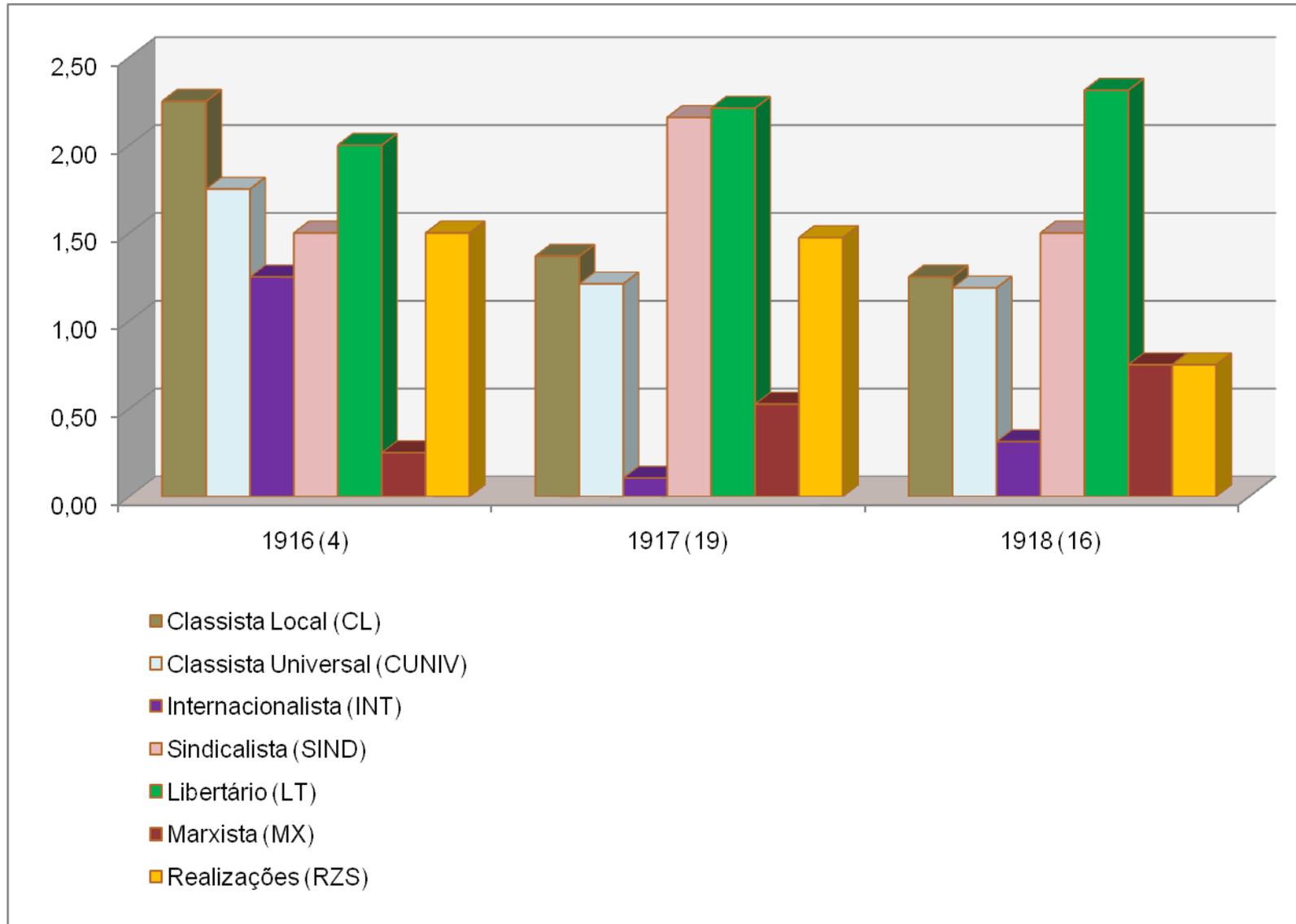
⁴² Cf. MALATESTA, Henrique, Produção e distribuição, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.10.1917, p.1.

Contudo, não há como ignorar o fato de que marxistas como Lênin⁴³, Trotsky⁴⁴ e Marx⁴⁵ também são citados, ainda que poucas vezes, o que não ocorreu em outros periódicos assumidamente ácratas.

⁴³Cf. VIZZOTTO, Anjelo, Lênine, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.12.1917, p.1; sem autor, Estrangeiro na própria pátria, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 15.01.1918, p.1.

⁴⁴ Cf. Sem autor, Sobre a revolução russa: Trotsky, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 15.12.1917. p.1; TROTSKY, Leão, Uma carta de Trotsky, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 25.03.1918. p.2-3.

⁴⁵ CUNHA, Euclides, Pajinas alheias, **O Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.06.1917. p.2 .

GRÁFICO 2: Gráfico quantitativo das categorias de análise de *O Cosmopolita*

4.3 A Plebe: herdeira da tradição ácrata impressa

A Plebe (AP)⁴⁶ foi uma publicação semanal que surgiu no ano de 1917 na cidade de São Paulo sob a direção de Edgard Leuenroth. O periódico afirmava dar continuidade a mesma linha editorial de *A Lanterna*, ou seja, um veículo de propaganda anarquista e anticlerical. Sua distribuição era feita através de representantes que vendiam o jornal em diversas localidades do país, assim como outros periódicos operários desse período; as assinaturas estavam periodizadas em anuais correspondendo ao valor de 10\$000 e semestrais por 6\$000⁴⁷.

A publicação de AP era feita, em geral, aos sábados e quem executava a seleção de textos era o próprio Leuenroth. Por esta razão é que em todos os números do jornal há um recado em destaque dizendo que toda a correspondência deveria ser enviada diretamente a Edgard Leuenroth, constando logo abaixo a caixa postal e a cidade. A redação e a administração do periódico estavam localizadas na Rua Cap. Salomão, junto ao Largo da Sé, no centro de São Paulo, num dos sobrados típicos da região.

De acordo com Iara Maria Aun Khoury, *A Plebe* se constituía como veículo de uma “*imprensa operária livre-pensadora e independente*”⁴⁸, isto significa que tal periódico divulga a luta e as conquistas que podem interessar única e exclusivamente a um grupo, ou seja, o anarcossindicalista, do qual Leuenroth sempre fez parte. Tal periódico vai assinalar a passagem da organização sindical dos trabalhadores para a organização partidária, a partir da conformação dos primeiros Partidos Comunistas do Brasil, de São Paulo (1919) e do Rio de Janeiro (1919), ambos de caráter, eminentemente, libertário.

Outro fator de extrema relevância para a compreensão da importância desta publicação é que a mesma presenciou o primeiro grande cisma nos meios operários

⁴⁶ Todos os números de *A Plebe* analisados nesta pesquisa e que correspondem aos anos de 1917 até 1927, com algumas falhas na série, encontram-se no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM), armazenados no fundo: Archivo Storico del Movimento Operaio Brasiliano (ASMOB) em propriedade do Instituto Astrojildo Pereira – (IAP).

⁴⁷ 1\$000 equivalem hoje à R\$ 2,75.

⁴⁸ Cf. KHOURY, Iara Maria Aun. op. cit. p.138.

do Brasil, que consistiu na divisão organizativa entre anarquistas e comunistas. A *Plebe* se mantém fiel aos ideais ácratas apregoados em *A Lanterna*, mas isso não constitui uma regra, como veremos adiante em outros casos. *Essa publicação* continua intimamente ligada à idéia de uma iniciativa política autônoma e independente do operariado, o que, a partir de 1917, não é mais um consenso entre as organizações operárias. Novas concepções políticas pululam por entre as assembléias e durante as reuniões sindicais, indicando que uma nova fase está se inaugurando na história do movimento operário brasileiro. Segundo Khoury, Edgard Leuenroth e seus pares concentraram sua militância:

No e pelo sindicalismo autônomo como princípio e como tática de luta. Identificam-se como grupo na defesa e ampliação das liberdades individuais e coletivas, tentando garantir que a organização do movimento, da revolução e da sociedade se constitua a partir das bases. Segundo eles, os indivíduos, fortalecidos em suas associações sindicais ampliarão suas possibilidades de luta contra a autoridade do Estado, do patrão, da Igreja, contra a autoridade presente das relações familiares, na escola e contra o autoritarismo crescente no movimento operário⁴⁹.

A *Plebe* tem uma organização superior a de muitos outros periódicos operários do mesmo período como se pode perceber através da identificação dos valores cobrados para que fossem publicados anúncios publicitários no jornal, o valor cobrado por anúncio era de 800 réis. Sempre concentrados na página quatro, ou seja, ao final do periódico, esses anúncios indicavam que o número de leitores não era tão pequeno, visto que no caso de AP já não se encontra mais a publicação dos anúncios de indicação e apoio, àqueles que, em geral, estavam relacionados aos estabelecimentos que apoiavam o grupo ou que contribuía com o periódico de alguma forma.

Segundo Maria Nazareth Ferreira, as publicações operárias que estavam inseridas no período que compreende a imprensa anarcossindicalista tinham “*formato que variava de acordo com as condições de papel e máquinas disponíveis, predominando, entretanto, o tablóide*⁵⁰”, este foi o caso de AP. Para que a análise do

⁴⁹ KHOURY, Iara Maria Aun. op. cit. p.137.

⁵⁰ FERREIRA, Maria Nazareth. op. cit. p.21.

conteúdo desse periódico fosse possível criamos nove categorias⁵¹, nas quais estão distribuídos os conteúdos dos textos no intuito de tornar mais fácil a identificação do caráter ideológico dos mesmos.

A *Plebe* era diagramada da seguinte maneira: a primeira página era composta, em geral, por duas colunas fixas, uma de Astrojildo Pereira e a outra de uma pessoa que assina sempre com a abreviatura R.F., a qual não conseguimos identificar quem seja. O fato é que, a primeira página estava destinada a abrigar textos mais longos e de autores fixos, a segunda página contém uma série de artigos e crônicas de formato menor, algumas citações e parte de algum folhetim. A terceira página traz notícias das atividades de várias organizações sindicais espalhadas pelo país, algumas epígrafes e a divulgação de enquetes e atividades promovidas pelo grupo de AP. A quarta e última página é formada por alguns artigos curtos, informações recebidas de outras agremiações e publicidade.

A *Plebe* também costumava abrir o jornal com alguma ilustração, alguma espécie de charge ou fotografia, que tivesse um caráter universal, ou seja, que tratasse de questões problemáticas a todos aqueles que militavam nas organizações operárias, como a desigualdade social e econômica, a luta de classes e a carestia de vida. Os poemas também compunham o arcabouço de técnicas textuais utilizadas pelos participantes da publicação para chamar a atenção do leitor aos problemas enfrentados pelo proletariado. Em poema de autoria de Antonio Cadete os contrastes existentes entre as classes ganham forma através das seguintes estrofes:

Quem tem em seu poder a boa terra
Que todo o necessario á vida encerra?
- O Gran- senhor! [...]

Quem vive em edifficio confortável
Construído pelo op'riario miseravel?
- O Gran-senhor!

Quem após a labuta quotidiana

⁵¹ As categorias criadas para análise são as seguintes: libertária (LT), sindical (SIND), anticlerical (AC), internacionalista (INT), classista local (CL), classista universal (CUNIV), marxista (MX), realizações (RZS) e repressão (RP). Todas as categorias são apresentadas ao final deste item sob a forma de dois gráficos quantitativos que estabelecem a média de ocorrências em relação à média de números de jornais disponíveis para análise por ano.

Tem pra abrigo lúgubre cabana?

- O produtor!

Quem acumula em cofres tanto ouro

Que a muita gente acalmaria o choro?

- O Gran-senhor!

Quem lá vivendo de confortos falho

Apenas come quando tem trabalho?

- O produtor!

Quem detem toda a social riqueza

Contrariando as leis da Natureza?

- O Gran-senhor! [...]

Quem dorme, enfim, na palha apodrecida

Dum catre immundo, até findar-lhe a vida?

- O produtor!⁵².

O poema ilustra parte do que categorizamos como referências classistas, sejam elas locais ou universais. No ano de 1917 encontramos vinte e quatro referências que podem ser classificadas como *classistas locais* (CL) e vinte e duas que podem ser categorizadas como classistas universais (CUNIV); isso se levarmos em consideração os vinte números de jornais disponíveis para análise, que sugerem uma média de uma passagem por jornal, tanto de textos que corroboram a idéia classista dentro no movimento ou no país, quanto textos que trabalham com a mesma idéia de forma genérica.

Selecionamos, como exemplo, um texto de Antonio Canellas, futuro membro do Partido Comunista do Brasil de 1922, que desenvolve uma severa crítica às penosas condições em que vivia a população rural do país. A miséria e o analfabetismo são os pontos principais da narrativa de Canellas, que encerra o artigo incitando os trabalhadores a buscarem a sua libertação. O texto intitulado *Uma cruzada que se impõe* conta a história da acumulação de riquezas pelos grandes proprietários de terras, enquanto a grande maioria da população rural trabalha exaustivamente sem a menor retribuição. Tal narrativa foi categorizada dentro do que entendemos como CL. De acordo com o militante anarquista:

Quem percorrer o interior deste Estado certamente ficará penalizado ante o espetáculo deprimente da miséria das suas populações.

⁵² CADETE, Andrade, Contrastes..., **A Plebe**, São Paulo, 28.07.1917. p.4.

Já nada diremos do analfabetismo: esse, ostenta insolentemente nas grandes capitais do paiz – não sendo, portanto, de admirar que a população do interior do Alagoas viva immersa na mais profunda ignorancia. O que queremos frisar é o estado de miseria e o conseqüente rebaixamento moral em que se acham os infelizes habitantes da zona rural.

A historia da miseria dessas populações e de riqueza dos grandes proprietarios é uma historia tenebrosa e, diremos até, é um sangrento corollário do massacre e espoliações.[...]

Pelo livro, pelo jornal, pela palavra, os homens idealistas deverão ir criando um ambiente moral e uma corrente de opinião que permittam ao trabalhador rural conhecer o meio de se libertar⁵³.

O texto não deixa clara a forma com que se daria essa libertação, no entanto, a linguagem classista já se faz muito presente. A compreensão de que os trabalhadores estão unidos em torno de uma mesma causa, ou seja, todos estão submetidos ao mesmo tipo de exploração, já conforma o princípio de uma identidade política de grande importância, pois foi a partir dela que se tornou possível a constituição de partidos políticos, fossem estes de caráter libertário ou comunista.

O segundo trecho que selecionamos foi categorizado como CUNIV, pois corrobora a idéia da luta de classes existente no seio da sociedade capitalista. Desta vez, a narrativa trata do trabalho e da injusta remuneração paga ao trabalhador, o que resulta na luta perene entre patrões e empregados; um embate onde os interesses são eternamente antagônicos e inconciliáveis. Segundo Ornazi Costa:

Os patrões procuram subtrahir aos empregados a mais elevada somma de energia productiva que puderem e pagar-lhes o mais mesquinho salario; os empregados, por sua vez, fogem do trabalho e desejam sempre ganhar um melhor ordenado; portanto, são inimigos reciprocos. O que devem fazer, pois, os que formam a maioria e que tiverem mais direito à vida, é congregar suas forças e exterminar os vampiros que lhes sugam o sangue⁵⁴.

A tendência do movimento em concentrar sua propaganda e incitação política em torno da condição classista que une os proletários de todas as partes do mundo também foi apregoada de forma veemente através do internacionalismo. Tal concepção vem imbuída nas publicações operárias de um substrato fortemente ideológico. Sua presença, nos textos desenvolvidos pelos militantes de base das

⁵³ CANELLAS, Antonio, Uma cruzada que se impõe, **A Plebe**, São Paulo, 23.06.1917. p.2

⁵⁴ COSTA, Ornazi, Verdades que não se dizem, **A Plebe**, São Paulo, 23.06.1917, p.3

organizações por lideranças do movimento, em geral, se dá através de uma enfática crítica ao patriotismo ou através da difusão da idéia de integração entre os trabalhadores militantes de associações distintas em prol da luta contra a sua exploração, amplamente exercida dentro do sistema capitalista.

Por esta razão é que categorizamos como *internacionalistas* (INT) todas as passagens que de alguma forma assinalam essas estratégias de ação. Em geral, o internacionalismo é apresentado em AP sob a forma de epígrafes de teóricos ou de personagens históricos importantes; como foi o caso de uma pequena citação transcrita ao pé da primeira página do jornal onde se afirma “*o amor da pátria é uma mistificação*”⁵⁵. Alphonse Karr, o autor da epígrafe, é um escritor e um novelista francês. Levando este fato em consideração, não podemos definir se a expressão foi usada pelo mesmo como forma de expressar sua própria concepção ou se fazia parte de alguma obra literária sua; também sobre isto não encontramos maiores informações em *A Plebe*.

O fato é que, o internacionalismo não foi uma idéia sempre presente no interior da publicação. Não houve sequer um crescimento nas ocorrências que encontramos de textos que apresentassem essa concepção, ainda que, indiretamente, nos leva a crer que este nunca foi um dos pilares em que se baseou o processo de conscientização política e classista desse grupo de anarquistas. Ao contrário, o que encontramos é a presença, essa sim constante, e de grande expressividade, de textos ou notas que remetam à defesa do sindicalismo como prática política.

É interessante nos concentrarmos a partir deste momento no que consiste o sindicalismo e o próprio sindicato. O *sindicalismo* é uma prática amplamente usada por grupos que queiram lutar em prol da melhoria da sua qualidade de vida e de condições menos degradantes de trabalho. Essa tendência à organização não-partidária é muito característica da prática política anarquista e, ainda que não seja completamente repudiada pelos grupos políticos ideologicamente herdeiros do marxismo, é deles, razoavelmente distante. Nas *teses sobre o trabalho comunista*

⁵⁵ KARR, Alphonse, sem título, **A Plebe**, São Paulo, 09.06.1917. p.1.

nos sindicatos, aprovadas no IV Congresso da III Internacional Comunista, realizado em 1921, a diferença existente entre sindicato e sindicalismo foi amplamente discutida, chegando-se a conclusão de que:

Um sindicato não é nada mais nada menos do que uma organização de massas não-partidária unindo operários de todas as tendências políticas, enquanto que o sindicalismo é simplesmente uma das tendências políticas existentes na base destas organizações. Embora o sindicalismo, em comparação com a perspectiva de mundo de outro tipo de sindicalismo (que se preocupa exclusivamente com as questões mais imediatas de salários e condições de trabalho) seja um grande passo à frente, muitas de suas características e tendências são muito perigosas e devem ser vigorosamente combatidas⁵⁶.

A presença maciça em AP de textos relacionados ao sindicalismo e às práticas sindicais corrobora a idéia de que este foi um periódico ácrata voltado ao incentivo e fortalecimento das organizações sindicais que atuavam no Brasil. No ano de 1917⁵⁷, encontramos um total de oitenta e uma referências ao sindicalismo, enquanto tendência política. No ano de 1919⁵⁸ esse número é de trinta e duas referências. Em 1920⁵⁹, as ocorrências passam a contabilizar um total de vinte e cinco. Em 1921⁶⁰, encontramos trinta e duas ocorrências. Em 1922⁶¹, sete ocorrências e, em 1927,⁶² apenas uma. Tal fato sinaliza a presença constante desse debate nas páginas da publicação que se apresentava sob formas diversas; seja através da divulgação e incentivo às diferentes associações que estavam sendo criadas no ano de 1917⁶³, seja na propaganda amplamente difundida dos sucessos obtidos através das greves e boicotes promovidos pelos organismos sindicais representativos de determinada categoria profissional⁶⁴.

⁵⁶ III Internacional Comunista. Teses sobre o trabalho comunista nos sindicatos. In: AGUENA, Paulo (org.). **O marxismo e os sindicatos**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008. p.155.

⁵⁷ Dispomos de vinte números de *A Plebe* correspondentes ao ano de 1917 para análise.

⁵⁸ Dispomos de doze números de *A Plebe* correspondentes ao ano de 1919 para análise.

⁵⁹ Dispomos de quatro números de *A Plebe* correspondentes ao ano de 1920 para análise.

⁶⁰ Dispomos de dezesseis números de *A Plebe* correspondentes ao ano de 1921 para análise.

⁶¹ Dispomos de três números de *A Plebe* correspondentes ao ano de 1922 para análise.

⁶² Dispomos de um número de *A Plebe* correspondente ao ano de 1927 para análise. A média dos dados é apresentada em gráfico quantitativo ao final deste capítulo.

⁶³ Cf. Sem autor, Ação Obreira: Liga Operaria da Moóca, **A Plebe**, São Paulo, 09.06.1917. p.2; Sem autor, Ação Obreira: Liga Operaria de Belemzinho, **A Plebe**, São Paulo, 09.06.1917. p.2; Sem autor, Ação Obreira: No Cambucy e na Lapa, **A Plebe**, São Paulo, 09.06.1917. p.2; Sem autor, Ação Obreira: Em S. Caetano, **A Plebe**, São Paulo, 09.06.1917. p.2.

⁶⁴ Cf. Sem autor, Ação Obreira: Movimento dos Canteiros, **A Plebe**, São Paulo, 09.06.1917. p.2; Sem autor, Ação Obreira: As greves de tecelões, **A Plebe**, São Paulo, 09.06.1917. p.2.

Também se fazem presentes em grande número em AP as referências ao movimento libertário. Categorizamos como *libertários* (LT) todos os textos que desenvolvessem de alguma forma a temática anarquista. Entre esses textos encontramos novamente o fiel apoio às Escolas Modernas⁶⁵, inspiradas no modelo educacional de Ferrer y Guardia, além de constantes referências à Kropotkin⁶⁶ e à Errico Malatesta⁶⁷. Em 1917, o número de ocorrências de textos que mantêm alguma relação com o movimento libertário totaliza oitenta e três, o que significa uma média de quatro textos, notas ou crônicas por jornal publicado, um número razoavelmente alto para uma publicação de até quatro páginas.

Apesar de se apresentar como continuidade de *A Lanterna*, AP não preserva em suas páginas o forte combate anticlerical, podemos perceber isso de duas maneiras. Pelo próprio formato do jornal que muda, pois dificilmente encontramos qualquer ilustração ou imagem crítica ao clero ou às diversas religiões. Além disso, o número de passagens *anticlericais* (AC) cai substancialmente, como se pode ver no gráfico que representa as médias de ocorrências das categorias de análise ao final do capítulo. Em geral, os textos referentes a essa temática, ainda publicados, se colocam nos mesmos moldes dos publicados em *A Lanterna*⁶⁸.

Através da análise dos diversos textos que foram publicados em AP ao longo desses seis anos em que há números de publicação disponíveis para estudo, encontramos textos que assinalam a idéia de que o *anarquismo comunista* era a tendência ideológica ácrata que orientava grande parte de suas iniciativas políticas. Exemplo disso é o texto de divulgação da constituição e das funções do Centro Libertário Terra Livre, publicado em 1922, em *A Plebe*. O texto disserta acerca da estrutura da organização, não sem antes que frisar que “*constituiu-se para desenvolver a propaganda do comunismo anárquico*”⁶⁹. O Centro Libertário Terra Livre era uma das tantas associações em que se organizavam os militantes anarquistas, o mesmo serviu, a partir de 1922, para administrar os interesses de AP.

⁶⁵ Cf. sem autor, Escola Moderna N. 1, **A Plebe**, São Paulo, 09.06.1917. p.3.

⁶⁶ Cf. Sem autor, Kropotkine: desfazendo calumnias, **A Plebe**, São Paulo, 05.04.1919. p.3; VILKENS, Seis meses na Rússia dos Soviets, **A Plebe**, São Paulo, 09.04.1921. p.1-2.

⁶⁷ Cf. B., A lição dos factos, **A Plebe**, São Paulo, 26.03.1921. p.1.

⁶⁸ Cf. BARROS, Osorio Machado de., Ao povo amigo, **A Plebe**, São Paulo, 09.06.1917. p.3; F. A. L., A Igreja Christã, **A Plebe**, São Paulo, 09.07.1917. p.4.

⁶⁹ Cf. Sem autor, Centro Libertario Terra Livre, **A Plebe**, São Paulo, 18.03.1922. p.3.

Outro fato importante que não podemos deixar de mencionar, em se tratando da trajetória política desse periódico anarquista, foi o incentivo dado à constituição dos Partidos Comunistas do Brasil (de caráter libertário), fundados no ano de 1919 na cidade do Rio de Janeiro e em São Paulo, em moldes completamente diferentes dos partidos burgueses, organizados através de uma hierarquia política de lideranças. De acordo com Iara Maria Aun Khoury:

Leuenroth, Astrogildo Pereira, José Oiticica, Octávio Brandão, Álvaro Palmeira, João da Costa Pimenta, ensaiam, no Rio de Janeiro e em São Paulo, a organização de um partido político não parlamentar desde 1918, Criam, pois, em 1919, o Partido Comunista Brasileiro, concebido como um partido do trabalhador, fora dos moldes dos partidos burgueses, ou seja, que não delegue poderes a alguns poucos que falam e agem em nome da classes e do movimento, nas câmaras e no senado. [...]

Seu programa preconiza a *'igualdade econômica e política, socializando a riqueza social e suprimindo o Estado'*; [...] preconiza a ação direta, num entendimento conjunto e livre entre federações, associações operárias e os núcleos partidários em cada Estado ou localidade. O PCBr (1919) representa um meio de coesão dos militantes em torno do projeto libertário, que vai passando de uma prática sindical como organização de resistência, a instrumento de construção da sociedade futura⁷⁰.

A constituição do PCBr de 1919 já vinha sendo trabalhada nas páginas de *A Plebe*. Em texto datado de março de 1919 e de autoria de Gigi Damiani, conhecido militante ácrata, a possibilidade de união entre anarquistas, socialistas e comunistas passa a ser debatida e encarada como uma nova opção de atividade política, válida enquanto estiver baseada, sobretudo, nos pilares ideológicos do anarquismo. A iniciativa de união da classe proletária no Brasil num único organismo torna-se válida, para tanto é preciso difundi-la entre os militantes da associação, o que de fato foi feito, como podemos observar no trecho abaixo:

Os tempos mudaram e com eles a atitude dos partidos. A guerra, nada tendo resolvido no sentido burguez, impõe uma solução revolucionaria.

Os partidos de vanguarda, em todo o mundo, estão, por isso, se aproximando, impellidos pela vontade proletária. As tendencias reformistas tornam ao seio da grande mãe barregã – a democracia burgueza, porque as multidões operarias querem apressurar-se à

⁷⁰ KHOURY, Iara Maria Aun. op. cit. p.159-160. [grifo da autora]

conquista da historia e não prestam mais ouvidos ás sereias do *pouco a pouco* eterno e insubstancial.
 Será, pois, possivel a concentração de todas as forças proletarias que professam um ideal de reivindicações sociaes?
 Sim, é possivel, desde que não haja equívocos⁷¹.

A iniciativa de congregar todos os proletários numa mesma organização fez com que a presença de referências que categorizamos como *marxistas* (MX) aumentassem paulatinamente em AP. No ano de 1917 encontramos sete referências claras ao marxismo nos textos publicados neste periódico. Esse número aumenta significativamente em 1919, quando encontramos dezessete referências. Em 1920 esse número cai para três e, em 1921, totalizamos vinte e duas referências, o que assinala novamente um aumento da presença dessa temática em AP.

Em geral, os textos que estabelecem qualquer ligação positiva com o marxismo consistem em crônicas, artigos e pequenas epígrafes de lideranças do movimento comunista, como Lênin. Seleccionamos um trecho do texto de Alex Pavel⁷², datado de abril de 1919, que trata da mudança de opinião da grande imprensa acerca do maximalismo. O mesmo passa a ganhar força entre os militantes ácratas brasileiros, principalmente, após o ano de 1917. A crônica narra o processo nos seguintes termos:

E' com indisfarçável alegria que acompanho a mudança de opinião, que se vai operando na grande imprensa, a respeito do maximalismo. Durante um anno e tanto, sem a menor discrepancia, os senhores jornalistas burguezes escreveram os mais graves desaforos contra os revolucionários russos, - ladrões, traidores, bebados, assassinos... Dahi para baixo.[...]
 Mas os mezes passaram, a revolução continuou a sua obra... e cá estamos, agora, acabada a guerra, assistindo ao inexoravel avanço da 'onda maximalista' – e, em consequencia, ao pendente reviravoltar de opinião dos jornalistas. Infinita razão tenho eu, pois, para alegrar-me nesta hora...⁷³.

A perspectiva favorável com que é visto o maximalismo na sociedade brasileira agrada o autor e corrobora a idéia de que ainda que este fosse, como de

⁷¹ DAMIANI, Gigi, Pela concentração dos partidos proletários!, **A Plebe**, São Paulo, 29.03.1919. p.4.

⁷² Alex Pavel era um dos pseudônimos utilizados por Astrojildo Pereira.

⁷³ PAVEL, Alex, Hontem e hoje, **A Plebe**, São Paulo, 14.04.1919. p.1.

fato foi, um periódico eminentemente anarquista, a presença de contribuições socialistas e comunistas ou o próprio apoio da publicação a esses grupos não poderia ser descartada por completo. As divergências eram trabalhadas internamente, sem que fossem rompidas as possibilidades de integração entre os grupos nas iniciativas políticas futuras. Essas iniciativas comuns visavam, entre outras coisas, o combate ou a preparação à repressão instituída pelo Estado contra as organizações operárias.

Inserimos a *repressão* (RP) em nossa pesquisa como mais uma categoria analítica, por compreendermos que, também as iniciativas promovidas para freá-la, pudessem evidenciar traços ideológicos da atuação deste grupo. Tendo por base essa indicativa, encontramos um total de dezoito textos ou notas que se referem diretamente à repressão policial contra as organizações operárias no ano de 1917; em 1919 esse número passa para vinte e três, em 1920 o total é de oito referências, em 1921, dezoito referências, em 1922 duas e, em 1927, último ano em que a publicação circula e que dispomos de apenas um número de jornal para análise, encontramos duas referências claras à repressão.

Os números sugerem que a publicação destinava um bom espaço de suas páginas para as denúncias de atos repressivos, pois entendia que dessa maneira os trabalhadores envolvidos com a “causa” se sentiriam mais próximos da problemática que os atingia, não só como indivíduos, como também enquanto grupo. Na medida em que liam a publicação e participavam dos atos em prol da melhoria de suas vidas, já estavam envolvidos diretamente no movimento, isto os tornava parte de algo muito maior, os punha em apenas um lado do conflito, do qual não podiam mais se isentar.

Os textos em forma de artigos, crônicas ou pequenas notas denunciavam atos de violência ou injustiça contra trabalhadores envolvidos, ou não, na associação. Encontramos um texto datado de 1917 que narra a deportação de vinte e cinco homens única e exclusivamente sob a acusação de vadiagem⁷⁴; outro também de 1917 descreve a tortura e a repressão policial sobre trabalhadores sem

⁷⁴ Sem autor, Commentarios de um plebeu, **A Plebe**, São Paulo, 09.06.1917. p.4.

qualquer envolvimento com organizações sindicais ou precisamente operárias⁷⁵, enquanto um terceiro denuncia a morte de trabalhadores envolvidos em conflito com a polícia durante ato grevista. Em tom de pesar o autor desabafa:

Compungidamente saudamos os que tombaram, varados pelas balas assassinas da policia, nesta Capital e em Campinas.

Operarios do progresso e do bem estar social, erguendo-se e exigindo o direito á vida, que é o supremo bem na ordem natural, cahiram, para não mais se levantar, sob a fasilaria dos proletarios inconscientes que, militarizados, contra elles proprios servem os interesses dos ricos e dos potentados.

E' cedo ainda para nomearmos todos os nossos mortos, porque nos cemitérios contam-se mais covas recentemente fechadas do que o numero dos cadaveres devidamente registrados⁷⁶.

As realizações desses grupos se davam, normalmente, em torno de ações em represália aos atos repressivos desencadeados pelo Estado ou em prol da manutenção da própria organização. Outra iniciativa dessas organizações de caráter sindical ou ácrata era o incentivo ao surgimento de novos periódicos e revistas, ou mesmo do surgimento de novas associações operárias. Comícios, greves, boicotes em que membros e associados do sindicato ou da associação tiveram participação direta também se inserem no conjunto do que categorizamos como RZS.

As reuniões, assembléias, conferências e a própria prestação de contas são algumas das realizações promovidas pelo bem interno da organização. Em geral, o maior número de referências publicadas sobre as realizações desses grupos diz respeito ao interesse dos trabalhadores, estivessem eles organizados ou não. As notificações publicadas para participação dos militantes nas atividades promovidas pela organização eram publicadas sob o formato de pequenas notas informativas. Em AP tais notas informativas estavam dispostas na terceira página do periódico, quase como uma coluna fixa, porém a mesma mudava de título periodicamente. Essa coluna concentrava as atividades recentes das associações operárias espalhadas por todo o país.

Em estimativa, o total de dados contabilizados foi de dezoito realizações publicadas no ano de 1917, catorze em 1919, vinte e duas no ano de 1920,

⁷⁵ Sem autor, A inquisição policial na cidade de São João da Boa-Vista, **A Plebe**, São Paulo, 09.07.1917. p.2.

⁷⁶ Sem autor, Os nossos mortos, **A Plebe**, São Paulo, 21.07.1917. p.4.

cinquenta e nove em 1921, oito em 1922 e três em 1927. A média de ocorrências por jornal variava de uma até cinco em cada número que circulava. As prestações de contas (categorizadas como RZS) apresentavam os valores arrecadados com as listas de subscrição, a venda de cartilhas políticas ou as despesas como o favorecimento às viúvas de trabalhadores mortos em conflitos ou deportados, as defesas judiciais de militantes presos, os gastos com o enterro de militantes mortos em conflito ou por causas naturais, quando fosse necessário, ou ainda nos gastos com o aluguel de automóveis para transporte da comissão ou de conferencistas.

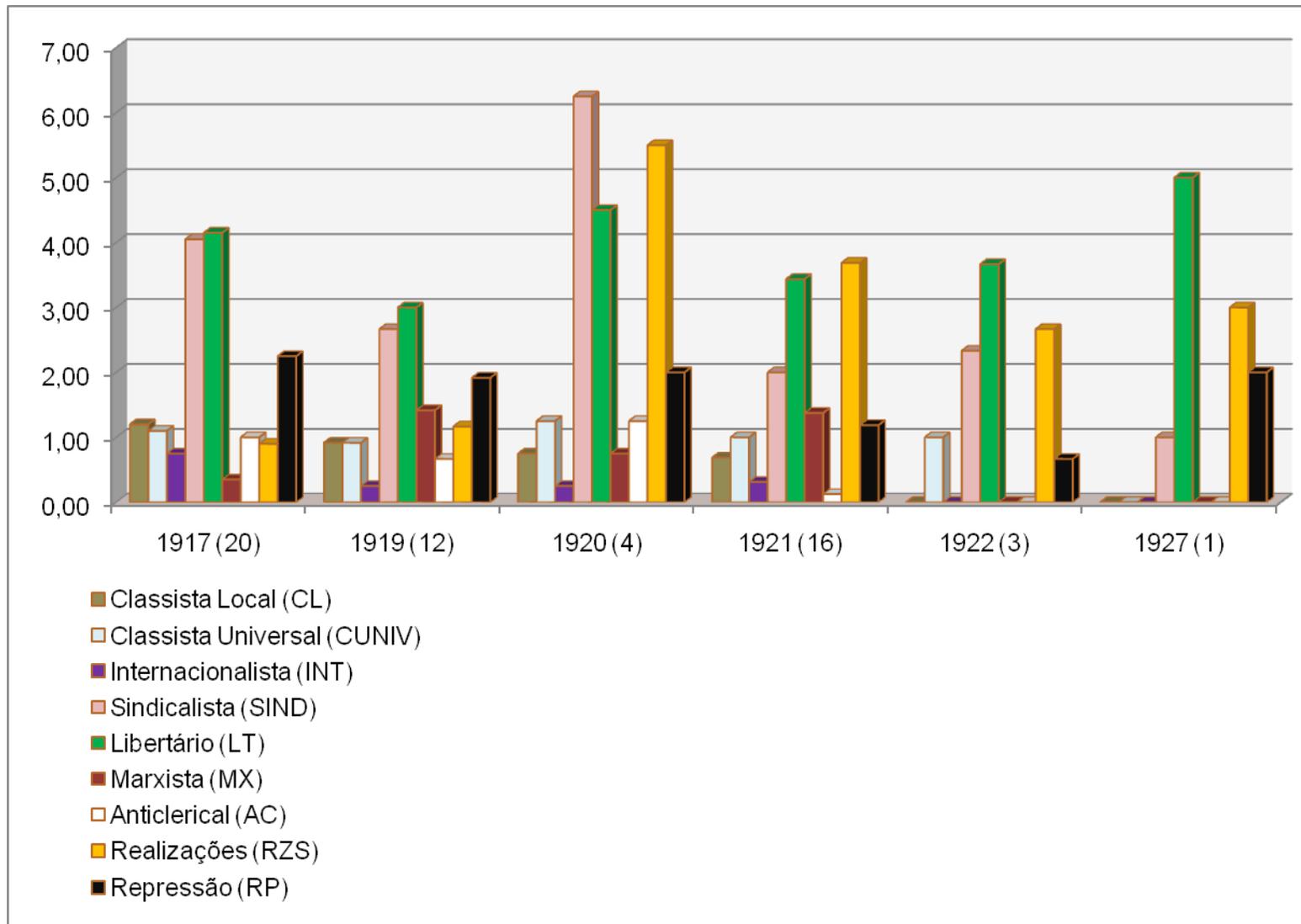
Contudo, o perfil ideológico de *A Plebe* assinala a presença contundente do *anarquismo comunista*. As apropriações teóricas de parte do ideário político de Kropotkin, Malatesta, Ferrer y Guardia e Reclus se fazem presentes nas páginas do jornal até o fim de seus dias. Muito significativo é o fato de que, mesmo após a fundação do Partido Comunista do Brasil de 1922 (PCB), a participação de Astrojildo Pereira e Octávio Brandão não cessa no interior da publicação ainda que, na prática, o cisma entre anarquistas e comunistas estivesse profundamente acentuado.

Cabe salientar que a união entre as duas tendências políticas sempre foi lembrada em *A Plebe*. Em pequena epígrafe de Octávio Brandão publicada neste jornal se lê o seguinte: “*Hoje o menor ideal, para ser realizado, requer sacrifícios imensos – o que poderia ser atenuado se houvesse o auxílio mútuo*”⁷⁷. Algumas questões continuavam sendo “universais” dentro do movimento operário tais como, a exploração dos trabalhadores pelo sistema capitalista, a violência patronal, o descaso estatal, a unidade classista, etc. Também em decorrência disso, a participação de comunistas em jornais anarquistas se mantém. Em 1921, ano em que os conflitos entre anarquistas e comunistas cresceram, há um pequeno comentário de Octávio Brandão, em *A Plebe*, reprovando a atitude de certos militantes que não liam as obras anarquistas⁷⁸, o que demonstra que a participação de comunistas nos periódicos anarquistas não parou nem mesmo nos momentos de maior conflito.

⁷⁷ BRANDÃO, Octávio, sem título, *A Plebe*, São Paulo, 18.03.1922. p.3.

⁷⁸ Cf. BRANDÃO, Octávio, Aphorismos e anotações, *A Plebe*, São Paulo, 30.07.1921. p.2.

As divergências entre comunistas e anarquistas, de fato geraram cismas, divisões e conflitos; todavia a imprensa era vista por esses organismos operários como órgão responsável não só pela informação, como também pela educação dos militantes. Em função disso, as lideranças operárias e os próprios indivíduos engajados na organização compreendiam que o debate, a autocrítica, as alianças e os conflitos faziam parte do seu crescimento político, seja qual fosse a matriz ideológica. Cada novo periódico operário, que emergia no cenário nacional, se traduzia na visão desses militantes numa nova luz, num facho de esperança, em mais um foco de disseminação de suas idéias e, sobretudo, na ampliação de suas conquistas.

GRÁFICO 3: Gráfico quantitativo das categorias de análise de *A Plebe*

4.4 Voz Cosmopolita: Órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, bares e classes congêneres

*Voz Cosmopolita*⁷⁹ (VC) foi uma publicação quinzenal produzida pelo Sindicato dos Empregados em Hotéis e Similares⁸⁰ do Rio de Janeiro, que afirmava dar continuidade ao que vinha sendo publicado em *O Cosmopolita*. Sua redação localizava-se no mesmo endereço de OC e sua distribuição era efetuada através dos mesmos mecanismos pelo quais o mesmo se fazia difundir, ou seja, listas de subscrição, vendas por número avulso no valor de \$100, distribuição gratuita, quando necessário, e assinaturas: semestral no valor de 3\$000 e anual no valor de 5\$000. Segundo o Grupo Editor da publicação, as funções do periódico eram:

A defesa dos interesses da classe, cooperando pelo seu aperfeiçoamento moral, material e intellectual.

Publicar sob o titulo *Voz Cosmopolita*, um jornal cujas columnas serão francas a toda e qualquer manifestação de pensamento dos companheiros, desde que sejam observadas a logica e a razão, e estejam de accordo com a orientação do Grupo.

Promover conferencias sociológicas, de propaganda associativa e meios de lucta contra a exploração capitalista, batendo-se desta forma pela emancipação collectiva.

Corresponder-se e manter assídua correnpondencia com todos os jornaes de classe congêneres. [...]

Empenhar seus eforços pelo congraçamento unilateral das classes congêneres de todo o paiz, creando um organismo maximo e forte.

Crear em seu seio um secção de debatetes sociais, afim de aprimorar e desenvolver os conhecimentos intellectuaes de seus componentes⁸¹.

Os fins da agremiação são apresentados pelo grupo editor através de uma linguagem essencialmente libertária, em termos ideológicos. A *classe* a que se refere o grupo editor significa unicamente a categoria profissional a qual o sindicato representa. É comum nesse período os periódicos sindicais definirem determinada categoria profissional como classe, todavia, não devemos perder de vista a diferença conceitual existente no mesmo termo quando empregado em circunstâncias distintas.

⁷⁹ Todos os números de *Voz Cosmopolita* analisados nesta pesquisa e que correspondem aos anos de 1922 até 1926, com algumas falhas na série, encontram-se no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM), armazenados no fundo: Archivo Storico del Movimento Operaio Brasileiro (ASMOB) em propriedade do Instituto Astrojildo Pereira – (IAP).

⁸⁰ Cf. FERREIRA, Maria Nazareth. op. cit. p.78.

⁸¹ Sem autor, Bases de accordo do grupo editor da *Voz Cosmopolita*, **Voz Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.01.1922. p.3.

O emprego do termo *classe* em VC aproxima-se mais da tendência ácrata de associação que, em geral, se dá através dos sindicatos, de grupos políticos ou pequenas agremiações do que da tendência marxista ou *maximalista*, que entende a organização partidária como pilar fundamental da luta proletária. Nesse segundo sentido, a *classe* ganha um significado universalista, pois não são os ofícios que definem os membros da classe, mas sim as condições de exploração a que todos os trabalhadores, inexoravelmente, estão expostos sob o sistema capitalista.

No que concerne à administração da publicação o grupo editor⁸² de VC preocupou-se também em fazer claras as suas respectivas atribuições. Nesse mesmo texto esclarecedor sobre os objetivos da publicação, o autor deixa evidente que os recursos disponíveis para manter o periódico em circulação advêm das quotas dos aderentes, das assinaturas e dos anúncios. Uma comissão executiva⁸³ seria formada por seis membros para realizar os trabalhos. Essa comissão seria aclamada por uma reunião de todo o grupo que deveria ocorrer uma vez ao mês. Ao secretário geral do grupo caberia a tarefa de redigir um balancete minucioso após a publicação de cada número do jornal com o movimento de receitas e despesas, o qual deveria ser apresentado ao grupo na próxima reunião. Cada aderente do grupo deveria contribuir com a quantia de 5\$000 no ato da inscrição, pagando mensalmente após a adesão o valor de 2\$000⁸⁴.

Como se pode ver, a distribuição das atribuições da administração de VC era muito semelhante à de um partido político, organizado através de uma diretoria subdividida por hierarquias de funções, pouco distante das primeiras expressões organizativas dos sindicatos profissionais.

⁸² O Grupo Editor de *Voz Cosmopolita* era constituído por: José Moreira, Sergio Gonzalez Blanco, Eladio Cid, Anthero Corrêa, José Baptista Ferreira, Antonio J. da Costa, Luiz do Nascimento, Francisco Bastos, José J. da Costa Junior, Argemiro Doval, Alexandre Rodrigues, Francisco Villar, José Gomes Pereira de Faria, Pedro Giotti, Augusto Moreira, Antonio Soares Valente, Angelo de Souza, Guilherme Saraiva, Antonio Pinto Moreira, Julio Moreno, Bento Alonso, José Ferreira Morgado, Manoel Solfo Aljam, Antonio Belmonte, Verissimo Solha Fernandes, Joaquim Ribeiro e Antonio Pontes. Cf. sem autor, "Grupo Voz Cosmopolita", **Voz Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.02.1922. p.3.

⁸³ A comissão executiva de *Voz Cosmopolita* do primeiro semestre de 1922 era composta por: José Moreira (secretário geral), Augusto Moreira (secretário de correspondência), José J. Costa Junior (tesoureiro), Argemiro Doval (corpo de redação), José Baptista Ferreira (corpo de redação) e Antonio Pontes (corpo de redação). Cf. *Ibid.* p.3.

⁸⁴ *Ibid.*, p.3.

Cabe acrescentar que *Voz Cosmopolita* retoma suas atividades no ano de 1922, após a interrupção de três anos desde a sua última publicação. Não coincidentemente este é o ano da fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB) de caráter comunista, ano em que VC se filia ao mesmo e se torna um veículo de propaganda comunista não oficial, visto que o periódico oficial do PC do Brasil era *A Classe Operária*, criado em 1925 pela direção do PCB.

O que é interessante observarmos é que mesmo assumindo abertamente a filiação com o comunismo, a presença de elementos claramente *libertários* (LT) acompanhou a publicação por longos anos, entretanto, a diminuição da presença de referências ao anarquismo foi gradual, assinalando a mudança de postura da publicação. No ano de 1922⁸⁵ encontramos vinte textos ou pequenas notas em que o anarquismo se faz presente. Em 1923⁸⁶, esse número diminui para cinco passagens, em 1924⁸⁷ cai novamente para uma passagem. Em 1925⁸⁸, devido ao aumento no número de jornais disponíveis para análise encontramos nove referências ao anarquismo e em 1926⁸⁹, último ano em que a publicação circula, encontramos um total de seis referências.

Entre os textos que categorizamos como *libertários* selecionamos dois exemplos que evidenciam as formas com que VC entendia o anarquismo e o apresentava aos seus leitores. O primeiro deles retrata em forma de poema os ideais libertários e a questão da desigualdade social; dois temas muito presentes nos debates operários. Lírio de Rezende, autor do poema, expressa em versos também o anticlericalismo, doutrina cara aos anarquistas como segue abaixo:

Affirman ser Deus bondoso
- Isso é o que mais me consome...
Trabalho, sou religioso,
E tenho passado fome...

Aos grandes naturalistas,
Que ao Gênesis fazem guerra,
Pergunto, alongado as vistas;

⁸⁵ Dispomos de nove números de *Voz Cosmopolita* correspondentes ao ano de 1922 para análise.

⁸⁶ Dispomos de oito números de *Voz Cosmopolita* correspondentes ao ano de 1923 para análise.

⁸⁷ Dispomos de dois números de *Voz Cosmopolita* correspondentes ao ano de 1924 para análise.

⁸⁸ Dispomos de vinte números de *Voz Cosmopolita* correspondentes ao ano de 1925 para análise.

⁸⁹ Dispomos de doze números de *Voz Cosmopolita* correspondente ao ano de 1926 para análise. A média dos dados é apresentada em gráfico quantitativo ao final deste capítulo.

- De que foi creada a Têrra?...

Vida é morte, morte é vida...
Ambas são tudo e são nada...
Sempre a sorte anda escondida
Durante a nossa jornada...

Confrontando os animais,
Seus costumes, seu viver;
- Os homens são canibais,
Gosam – fazendo soffer...

Ha de extinguir-se o Planeta,
Antes dele a Humanidade,
Sem attingirmos a meta
De livre comunidade...⁹⁰

O poema de Lírio de Rezende remonta diretamente ao ideal libertário fundado sob as bases do *anarquismo comunista*. Possivelmente por isso é que ainda encontramos nesse primeiro ano da publicação uma epígrafe sobre o ideário político de Errico Malatesta⁹¹, ainda que o tema desenvolvido pela mesma seja a propósito do “divisionismo” dentro do movimento operário. A mensagem de Malatesta é de apoio às atividades sindicais, entendendo, porém, o proletariado como uma classe única que deveria se dedicar a produzir reações no sentido de uma mesma fraternidade, ainda que as convicções ideológicas fossem um pouco distintas. O segundo exemplo de que falamos é uma epígrafe de Pi y Margall⁹² acerca da anarquia e do esforço que a classe trabalhadora deveria empreender para torná-la real. Nas palavras do autor:

Por uma direção habil e energica, é possível realizar ainda essa Anarchia que tanto assusta as gentes. Falamos, não da Anarchia que recorre ás bombas de dynamite, mas sim da Anarchia que tem por fim diluir a auctoridade em livres instituições. A actual revolução política não tem feito, senão ir cerceando a autoridade, para que os indivíduos e os povos sejam cada vez mais livres. A Anarchia racional não é mais, realmente, do que a ultima consecuencia dos principios sobre os quaes se baseia a nossa conducta⁹³.

⁹⁰ Cf. REZENDE, Lírio de., Reticências..., **Voz Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.02.1922. p.2.

⁹¹ Cf. MALATESTA, Errico, sem título, **Voz Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 01.07.1922. p.2.

⁹² Francisco Pi y Margall foi um político e escritor catalão que sofreu influências de Proudhon e utilizou-as em suas estratégias políticas enquanto esteve no poder.

⁹³ PI Y MALGALL, Francisco., sem título, **Voz Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 15.01.1922. p.3.

Os princípios elencados acima parecem deixar claro que as concepções políticas bakunianas estavam totalmente descartadas de seu programa de ação. Primeiramente, pelo fato de que muitos dos leitores e contribuintes dessa publicação estavam organizados desde 1919 sob as bases do Partido Comunista do Rio de Janeiro (de caráter libertário), o que Bakunin jamais poderia tolerar já que sempre se colocou em terreno contrário a qualquer formação partidária. Em segundo lugar, o *espontaneísmo* tão apregoadado por Bakunin nunca foi acreditado por parte desses militantes; ao contrário, a construção gradual de uma identidade política e o fortalecimento das instituições operárias é que sempre estiveram em primeiro plano.

Outro ponto essencial a ser levado em consideração quando trabalhamos com jornais operários deste período, é que os indivíduos engajados nas organizações que administravam a produção e circulação desses jornais buscavam a legitimidade enquanto movimento representativo dos trabalhadores. Coesão e unidade eram palavras de ordem nesse momento, já que os militantes engajados no sindicato vislumbravam na organização de suas ações o sucesso na conquista de seus direitos. Além disso, a própria busca por legitimidade, como organismo representativo, conforma parte de uma identidade que agrega novos elementos paulatinamente. A coesão tão almejada reverberou nas páginas de *Voz Cosmopolita* como podemos ver no trecho abaixo, extraído de um artigo sem autoria de fevereiro de 1922:

Uma analyse ponderada e reflexiva, aliada a uma experiência assaz amadurecida levou-nos á convicção absoluta de que urge a cooperação de todos os elementos para uma convergência mais real e positiva. Os gestos isolados, ainda que nobres, empregados até hoje no sentido de melhorar as condições de vida dos que soffrem as consequencias do desequilibrio economico e social, são a maior prova, pelo seu quase sempre infructifero resultado, das conclusões a que chegamos. A falta de methodo de organização societaria, a isenção de moralidade da applicação das energias e finalmente a ignorância em que muitos se encontram ainda, acerca dos fins das associações de classe contemporâneas, constituem evidentemente as razões do que vimos afirmando [sic]⁹⁴.

Os anos de 1920 representaram para o movimento operário o acirramento das ondas repressivas, por esta razão, também, é que, mesmo considerando as

⁹⁴ Cf. Sem autor, Novos Horizontes, *Voz Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 01.02.1922. p.1.

diferenças ideológicas existentes no interior dos sindicatos, a necessidade de união e de coesão se fazia cada vez mais presente. São muitos os textos que criticam a formação de tendências, não como uma forma de cercear a liberdade dos militantes, tampouco no intuito de conduzi-los a apenas uma tendência política. O interesse do Centro Cosmopolita, particularmente, reside na capacidade de fortalecer o movimento operário e atrair novos membros.

Outra norma vigente dentro do Centro Cosmopolita e, particularmente, no interior da diretoria de *Voz Cosmopolita* diz respeito às punições àqueles que descumprissem os acordos firmados em reuniões e assembléias, que causassem danos aos cofres da associação e que lesassem o ideal de solidariedade e respeito instituído pelo grupo. As punições, em geral eram a multa ou a expulsão do indivíduo do sindicato. Em consequência disso, o nome do militante envolvido no problema seria publicado nas páginas do jornal o que, provavelmente, lhe renderia a exclusão natural de qualquer outro organismo operário da cidade. Em texto de Astrojildo Pereira, datado de 1923, observados exatamente isso, quando o mesmo afirma:

Na passada directoria, foram demitidos dos cargos respectivamente o 2º thesoureiro e 2º secretario, os socios Coryntho de Souza e Antonio Gonçalves. Tal exemplo constitue uma demonstração de que de facto ainda há quem queira zelar e tomar a sério o desenvolvimento e a estabilidade de determinados principios que são o ponto de partida e a razão da propria existencia de uma associação de classe. Jamais se poderia permitir que, seja por ignorancia ou seja por vaidade, consciente ou inconscientemente, de pratiquem e sejam tolerados quaesquer attentados de lesa solidariedade. [...]

Lições e exemplos como este aproveitam sempre, e já que não livram de sermos atraídoos, ao menos servem para levar ao terrano pantanoso de onde jamais deviam ter sahido, esta ou aquella lesma que, arrastando-se da base aos píncaros das montanhas, conseguem de tal fórma, approximar-se dos ninhos dos condores⁹⁵.

A preocupação em resguardar a moral e a ética no seio da diretoria dessas organizações sempre esteve em primeiro plano, por esta razão é que se publicam comumente as expulsões de alguns elementos que não contribuem com a ordem e o bom andamento dos trabalhos da organização. Também por esta razão é que a diretoria é renovada regularmente. As eleições ocorrem sob a forma de convenções em que duas ou mais chapas que se candidatam e são eleitas, ou não, pelos

⁹⁵ A. P., Exemplos, *Voz Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15.12.1923, p.2.

associados. Imediatamente após a aprovação de determinada chapa, seu respectivo programa é publicado no jornal da organização⁹⁶.

No ano de 1926 foram publicadas duas estimativas de tiragem da publicação. Em 6 de fevereiro de 1912, a tiragem de VC alcançou um total de quinze mil exemplares, enquanto em 22 de fevereiro de 1926 esse número cai significativamente para cinco mil exemplares. Os valores são publicados na primeira página da publicação⁹⁷, talvez para incentivar a aquisição e venda por parte dos militantes da publicação ou, em hipótese diferente, para expor a variação constante nesses números, o que transmite uma impressão de “transparência” e honestidade por parte do grupo editor.

Partindo de nossas categorias de análise, encontramos uma mudança substancial na composição do jornal a partir do ano de 1924. Este foi o ano de homologação da inscrição do PCB na Internacional Comunista de Moscou, o que pode ter relação com o aumento da presença de textos que trouxessem de alguma forma o *marxismo* (MX) para as páginas de *Voz Cosmopolita*. Esse traço deve ser levado em consideração, pois a partir desse momento muda completamente o perfil da publicação, que iniciou suas atividades como um veículo de propaganda e agitação anarquista, para se tornar a partir de 1924, um veículo de propaganda e agitação eminentemente marxista.

De 1924 em diante diminuem as referências libertárias e aumentam em grande proporção as referências marxistas. No ano de 1925 encontramos um total de quarenta e nove passagens que estabelecem uma relação positiva com o marxismo; esse número só é inferior à presença de referências *sindicais* (SIND) que nesse ano é de cem, o que, em se tratando de uma publicação ligada a um organismo sindical, não é de se estranhar. A divulgação de periódicos e revistas ligados ao PCB, como *A classe operária* (jornal oficial do partido) também passa a fazer parte da composição de *Voz Cosmopolita*.

⁹⁶ Cf. sem autor, Eleições administrativas para 1925-26: chapa aprovada na convenção do dia 7 de julho, **Voz Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 15.07.1925. p.2.

⁹⁷ Cf. sem autor, sem título, **Voz Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 06.02.1926. p.1; sem autor, sem título, **Voz Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 22.02.1926. p.1.

A partir de 1924 encontramos também obras de Marx como *O manifesto comunista* e *O dezoito de Brumário*, publicadas em VC como folhetins. O *Pravda*, periódico oficial da URSS, também é referenciado na publicação de forma simpática no que se refere a sua administração pela irmã de Lênin e Zinoviev, (líder revolucionário russo), no ano de 1925⁹⁸. A presença do marxismo no interior do VC é tão enfática que até mesmo os problemas envolvendo o trotskismo e o marxismo-leninismo dentro do PCB eram debatidos nas páginas do jornal⁹⁹. Uma espécie de cartilha para atuação política foi publicada no jornal no ano de 1925. Sob autoria de Francisco Silva o texto desenvolve os avanços obtidos através da conscientização política dos militantes. Segundo ele:

Aprofundamo-nos nas obras de Marx, Engels e Lenine;
 Não fazemos a mínima concessão à philosophia idealista, mesmo de um Hegel, em que a realidade é subordinada à Idea de cada um, à phantasia de cada um;
 Subordinarmos as nossas idéias, os nossos desejos, à realidade histórica; [...]
 Compreendemos que toda a luta econômica e política é uma luta de classes, e vice-versa; [...]
 Lançaremos as massas a palavra de ordem: Todo o poder aos trabalhadores das cidades e dos campos! Todo o poder ao governo dos operários e de lavradores pobres!¹⁰⁰.

A mudança de foco da publicação também afeta a presença de elementos anticlericais, típicos das publicações ácratas. Entre o que categorizamos como *anticlericalismo universal* (ACUNIV) e o que categorizamos apenas como *anticlericalismo* (AC) contabilizamos um total de trinta e quatro referências distribuídas entre todos os números de jornais disponíveis para análise ao longo dos cinco anos estudados, o que significa um número muito baixo em se tratando de uma publicação que surge como um periódico eminentemente anarquista.

Entendemos, com base nesses dados, que VC não persiste até o fim de sua publicação como um periódico ligado essencialmente ao anarquismo. Tampouco encontramos nessa publicação um espaço aberto aos dois grupos políticos, ou seja, anarquistas e comunistas, para publicação de suas idéias, e embate entre elas unicamente. O que percebemos através da análise dos conteúdos impressos é a

⁹⁸ Cf. Sem autor, A Pravda, *Voz Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 01.02.1925. p.3.

⁹⁹ Cf. Sem autor, Trotski, *Voz Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15.02.1925. p.1.

¹⁰⁰ SILVA, Francisco., Nossas tarefas, *Voz Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15.02.1925. p.2.

mudança substancial na presença de elementos ácratas, que diminui muito, e o aumento significativo da presença de elementos marxistas. O crescimento dos últimos, por sua vez, acompanha a afirmação do Partido Comunista do Brasil (PCB). Em artigo de D. Cerqueira, datado de janeiro de 1926 e publicado na primeira página de *Voz Cosmopolita*, encontramos a seguinte mensagem:

A luta sem esmorecimento do proletariado contra os capitalistas e os escravizadores de todo genero, tornou-se no Brazil uma necessidade igual á de Russia contra o czarismo. [...]

E' chegada a hora da actuação, sem desfallecimentos , daquelles que têm fé e sabem querer. Só a disciplina dos communistas existentes no Brazil, constituídos em partido invencível, poderá realizar a grande obra da Internacional inspirada por Lénine. [...]

Só o Estado proletario, o grande internacionalismo poderá salvar o Brazil e fazer a felicidade dos que trabalham e que suam o sangue para obter o pão. Não nos esqueçamos nunca de Lénine, o mestre, o guia immortal: ou o bolchevismo ou a morte. Quem não estiver comnosco é contra nós. Unamo-nos, proletários que vivem no Brazil. Viva o communismo apostolado por Marx e Lénine!¹⁰¹.

Em paralelo a esse tipo de texto, já no ano de 1923, um ano após o cisma irrompido entre anarquistas e comunistas e a constituição do PCB, encontramos um texto sem autoria criticando as formas de organização sindicais que, segundo o autor, tinham pouca efetividade na luta contra o capitalismo. A crítica é direcionada às organizações ácratas e a forma como entendiam a organização operária no início do século XX. Nas palavras do autor:

Vai-se refazendo a organização syndical. Vão engrossando os quadros syndicaes, distribuem-se mais cadernetas e coliza-se um pouco mais cada semana. E para muitos chama-se isto fazer organização. [...]

Se é assim, que valor tem uma organização condemnada irresistivelmente a ser pulverizada quando bem entende a classe opposta, burgueza? Que mérito teria um exercito numeroso em tempos de paz, mas que se desarticula totalmente ao primeiro embate da guerra?

O mal é devido a que nos empenhamos em manter de pé modalidades de organização surgidas no período anterior á guerra. E não obstante, a correlação das forças sociaes e a coordenação economica mudaram completamente. [...]

As greves não logravam erriçar o mar pacífico da estabilidade capitalista. Os methodos de luta empregados nessa época são hoje inefficazes¹⁰².

¹⁰¹ CERQUEIRA, D., Para effectivar o marxismo no Brasil, *Voz Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 19.01.1926. p.1.

¹⁰² Sem autor, A teia de Penélope do Syndicalismo, *Voz Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 15.06.1923. p.3.

Ao que nos parece, a preocupação de VC após 1922 se concentra muito mais em torno do fortalecimento do marxismo entre os meios operários, do que na promoção de atividades sindicais (tendo em vista que este jornal é o veículo impresso de propaganda sindical). No ano de 1922 encontramos apenas sete referências do que categorizamos como *realizações* (RZS) e que, nesse caso, englobam a prestação de contas, as festas promovidas pela associação para integrar seus membros e angariar fundos, as assembléias, conferências e os atos grevistas ou venda de material político. Em 1923, esse número aumenta para oito referências; em 1924 não há nenhuma referência; no ano de 1925¹⁰³, esse número sobe novamente para vinte e sete, finalizando em 1926 com apenas dez referências.

Outro elemento importante para análise é a presença que textos que estabelecem uma relação íntima com o conceito de classe. Categorizamos esses textos como *classistas* (CT). Entre estes artigos e crônicas, o texto de J. Madruga se destaca. O militante coloca em evidência a condição classista dos trabalhadores do mundo todo e os convoca para a luta contra as classes opressoras. Conforme afirma Madruga:

Aproxima-se cada vez mais, em todas as partes, o movimento decisivo para a causa dos trabalhadores. [...]
 O malestar aumenta e a miséria alastra-se. O trabalhador bem sabe que produz mais, mas não ganha relativamente ao preço dos artigos de que necessita. Entre aflicto e cansado, passa a interrogar-se e a todos que como elle se estiolam nas fabricas, empresas, ou locais de trabalho, sobre as causas da situação que atravessamos. [...]
 A machinaria e o tempo criarão para os trabalhadores condições que, orientadas pela táctica comunista, conduzi-los-ão infallivelmente á Victoria, obrigando a burguezia a pegar no pesado.
 Acabar-se-ão as classes e só haverá no mundo trabalhadores¹⁰⁴.

Ainda que os textos com elementos classistas sejam bem explícitos na linguagem que utilizam, e com isso expressem o que para boa parte dos militantes dessa organização significava fazer parte de uma classe, o fato é que a expressão numérica da presença desses elementos no periódico é ínfima, como se pode constatar no gráfico quantitativo ao final deste item. Também é ínfima a presença de

¹⁰³ O ano de 1925 é aquele do qual mais dispomos de jornais para análise, totalizando vinte números.

¹⁰⁴ MADRUGA, J., A acção, a reacção e a Victoria, **Voz Cosmopolita**, Rio de Janeiro, 15.02.1925. p.2.

elementos que categorizamos como *internacionalistas* (INT), e que somam ao final de todos os anos um total de apenas quinze referências. Entre os textos e notas categorizados como *internacionalistas* encontramos uma série de epígrafes de diferentes autores criticando o patriotismo e o nacionalismo, bem como textos que desenvolvem a idéia de solidariedade entre os povos indiferentemente de suas crenças ou nacionalidades.

Mais um fator que corrobora a idéia de que VC tinha a partir de 1922 o papel de fortalecer a ideologia marxista entre os militantes operários brasileiros, consiste no fato de que eventos de grande importância, como a repressão do Estado sobre os trabalhadores militantes, foram pouco noticiados nas páginas da publicação. As iniciativas do grupo vinculado ao Centro Cosmopolita eram, em sua maior parte, cercadas por uma aura vitoriosa. Suas conquistas não eram narradas como fáceis ou simples, em contrapartida os obstáculos vencidos também não eram descritos.

As denúncias diminuem substancialmente nesse periódico, e se o comparamos com *A Plebe* percebemos, inclusive, mudanças na linguagem utilizada para narrar as vitórias operárias. Seleccionamos um trecho de um texto, sem autoria, que convoca os trabalhadores organizados nas mais diversas associações para se unirem em defesa dos trabalhadores anarquistas deportados e dos comunistas presos em razão de suas iniciativas contra a ordem capitalista. A conclamação é feita nos seguintes termos:

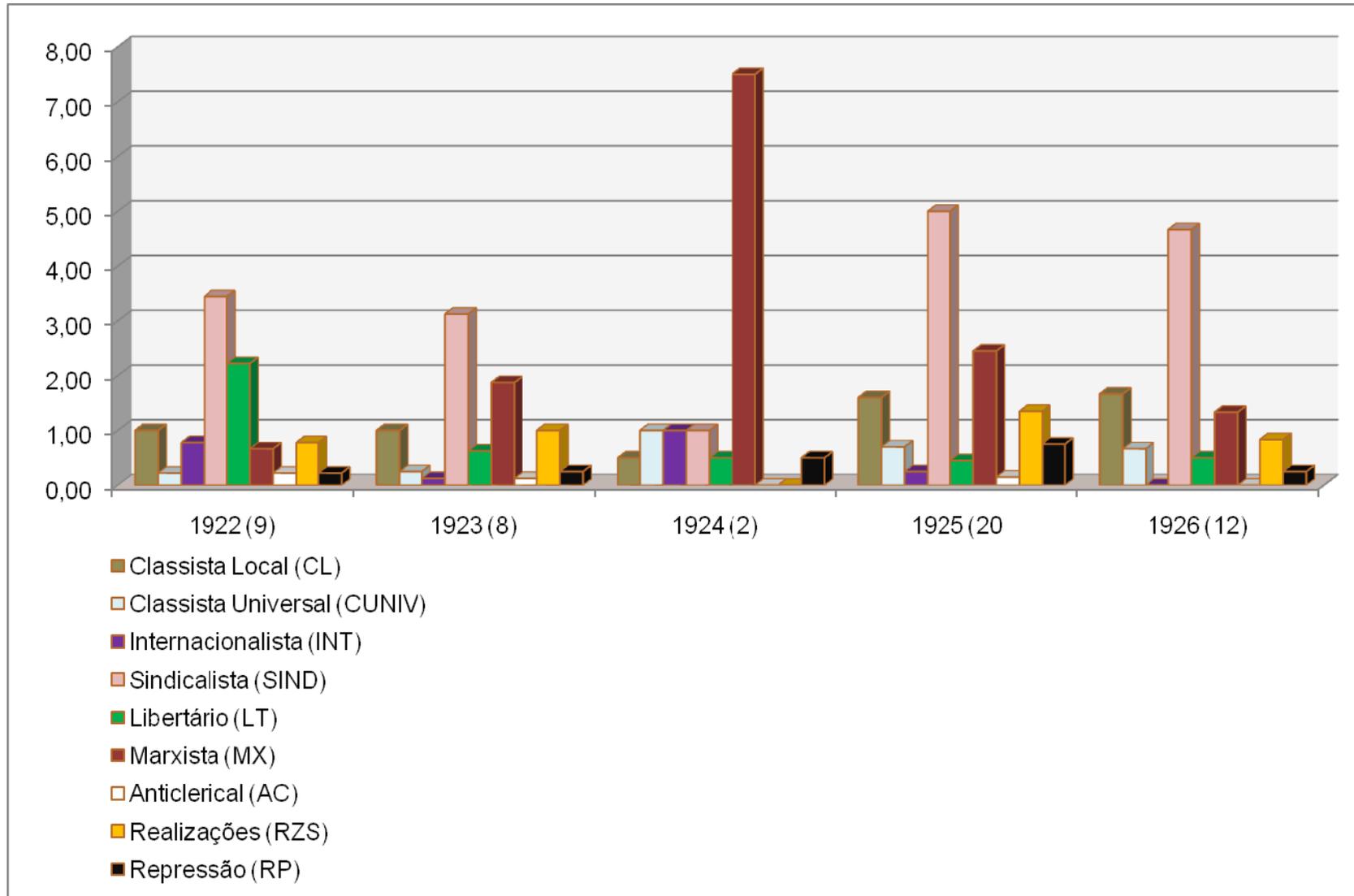
A burguezia feudal do Brazil deportou para o Oyapok, perto das Guyanas, vários trabalhadores anarquistas. Embora a maioria delles nos tenha combatido injustamente, no emtanto nesta hora esquecemos tudo quanto disseram e fizeram contra nós. Protestamos contra a sua deportação como protestamos contra a prisão dos communistas que ainda se encontram na ilha das Flores. Levamos aos deportados anarquistas toda a nossa solidariedade¹⁰⁵.

No trecho acima fica evidente a posição de quem escreve para o periódico, um militante comunista. É interessante observarmos como esse processo de transformações ideológicas se deu no início do século XX no Brasil. Enquanto parte

¹⁰⁵ Sem autor, No Oyapok, *Voz Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 01.05.1925. p.2.

do grupo de militantes liderados por Edgard Leuenroth manteve-se fiel aos ideais anarcossindicalistas e, por isso se tornaram, historicamente, elementos de resistência do movimento anarquista no Brasil, aqueles que, após a Revolução Russa de 1917 e a aproximação com lideranças comunistas da Argentina aderiram ao comunismo, como foi o caso de Astrojildo Pereira, Octávio Brandão, Antonio Canellas entre tantos outros, conformaram outro tipo de discurso impresso, inaugurado no país nas páginas de inúmeros periódicos sindicais como *Voz Cosmopolita*.

O processo no qual construíram sua identidade política dentro dos meios operários foi lento e gradual e não consistiu apenas na mudança de linguagem utilizada por esses militantes; tampouco se deu pela construção de um partido único ou pela pulverização em organismos sindicais. A construção ideológica desses grupos, sobretudo, através da consciência sobre as razões pelas quais se organizavam e lutavam não se concluiu ao longo desses poucos anos em que esses periódicos circularam. Entretanto, a imprensa operária foi parte importante desse processo, nos trazendo indícios das primeiras apropriações teóricas feitas por esses grupos e evidenciando, por fim, a forma com que essas apropriações foram compreendidas e utilizadas.

GRÁFICO 4: Gráfico quantitativo das categorias de análise de *Voz Cosmopolita*

CONCLUSÃO

Os comunistas recusam-se a dissimular suas concepções e seus propósitos. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser atingidos pela derrubada violenta de toda ordem social passada. Que as classes dominantes tremam à idéia de uma revolução comunista. Os proletários nada têm a perder, exceto seus grilhões. Têm um mundo a ganhar.

MARX, Karx. e ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista.**

Iniciamos este estudo em busca da compreensão das formas com que foram apreendidas as primeiras acepções ideológicas ácratas e comunistas no interior do movimento operário brasileiro; sobretudo, através da análise de parte de sua mídia impressa, por entendermos que nesse veículo de informação e educação estão manifestos os primeiros esforços em torno da construção de uma identidade político-ideológica. De fato, o que encontramos nas páginas dessas publicações conforma parte do que foi incorporado como substrato ideológico por esses grupos.

Desenvolvemos nossa análise a partir de um núcleo de atuação política, ou seja, o grupo de anarquistas ligados a Edgard Leuenroth, Astrojildo Pereira, Octávio Brandão, Everardo Dias, Antonio Canellas, enfim todos aqueles que militavam nas Ligas Operárias de São Paulo e do Rio de Janeiro ou nos sindicatos respectivos às associações em que atuavam. Nosso interesse por esses sujeitos históricos consiste no fato de que foram eles os primeiros a se organizarem através da forma partidária em prol dos interesses de uma única classe, a classe operária.

A própria concepção de classe entre o operariado brasileiro foi conseqüência dos acalorados debates inaugurados a partir de assembléias e em reuniões; através de conferências baseadas em obras políticas, em palestras, tendo também como base a expressão impressa da diversidade de concepções inaugurais acerca dos interesses comuns entre os trabalhadores.

A compreensão, por parte desses indivíduos, de que determinados fatores os interligavam num círculo de interesses comuns e que, sobretudo, através de sua união poderiam conquistar vitórias em prol da melhoria da sua existência foi descrita ao longo do século XX através de versos, de crônicas, de artigos e de pequenas notas anônimas.

O debate inaugurado nos meios operários nesse início de século, no interior da imprensa operária, legou às gerações futuras uma tradição de política operária singularmente brasileira. As escolhas feitas nesse momento histórico reverberam até hoje na memória das organizações sindicais presentes. A compreensão de que a imprensa podia auxiliá-los em sua luta ultrapassou os obstáculos cruéis da repressão e da censura. Mesmo anônimos muitos desses trabalhadores denunciaram os mandos e desmandos patronais, a exploração de seu trabalho e a violência empregada pelo Estado no intuito de calar suas vozes, que hoje sabemos, não foi suficiente.

Esses trabalhadores engajados visualizaram num horizonte nem tão próximo, mas acima de tudo real, a possibilidade de se livrarem do julgo a que estavam submetidos no interior de um sistema que os utilizava como parte descartável de uma engrenagem circular e degradante. A inconformidade desses sujeitos com a imagem do seu trabalho, reduzido ao fortalecimento dessa engrenagem, fez com que a mídia impressa operária se tornasse tão rica e complexa em formas e conteúdos.

O interesse por este estudo partiu da necessidade de buscar maior aprofundamento acerca do processo de construção da identidade político-ideológica de militantes anarquistas e comunistas concentrados em São Paulo e no Rio de Janeiro no início do século XX. Sabemos que são ínfimos os estudos que buscam compreender através da mídia impressa desses grupos a expressão latente de suas primeiras acepções ideológicas, bem como de suas primeiras escolhas políticas em termos de organização. Também por essa razão é que nos incursionamos dentro de um estudo que abrangeu um volume grande de material em poucos anos de atividade política.

Os quatro periódicos selecionados para análise nesta pesquisa têm uma série de características em comum e podem, a partir de agora, ser divididos em dois grupos que assinalam perspectivas diferentes, no que concerne à atividade política e operária no Brasil. *A Lanterna* e *A Plebe* conformam, através de sua história, a trajetória de permanências do grupo de anarquistas filiados ao anarcossindicalismo no Brasil, enquanto *O Cosmopolita* e *Voz Cosmopolita* percorrem o caminho inverso, ou seja, estabelecem uma trajetória de rupturas ideológicas que, gradualmente, culminam no marxismo-leninismo.

Através da análise das quatro publicações selecionadas nesta pesquisa encontramos alguns traços que se cruzam, ainda que a constância dos mesmos em determinado contexto ou circunstância sofra uma diminuição. A primeira manifestação coletiva encontrada no interior dessas publicações foi a concepção classista, que envolveu trabalhadores de todos os pontos do país em torno de uma série de conflitos e inconformidades, no que diz respeito à sua existência e que passaram a lhes parecer comuns a partir da integração política dos diversos organismos sindicais e corporativos atuantes nesse momento.

A Lanterna, por se mostrar mais inclinada ao combate anticlerical no Brasil, e por se configurar numa das primeiras manifestações impressas do pensamento ácrata, concentrou em suas páginas uma gama maior de assuntos que, nem sempre, estabeleciam uma relação concreta com questões teóricas de cunho ideológico. Por se tratar de um periódico que pode ser chamado de “experimental” e que teve sua história marcada pelas substituições de seu corpo editorial, identificamos em *A Lanterna*, uma linha muito tênue que tenta demarcar os territórios políticos de seus leitores de forma categórica, porém desprovida de qualquer equilíbrio narrativo.

A publicação tendeu sempre a enquadrar os seus leitores dentro dos limites do anticlericalismo, concentrando praticamente todos os seus esforços na luta contra o domínio das religiões sobre o proletariado brasileiro. Neste sentido, poucas de nossas categorias foram encontradas e contabilizadas neste periódico. Cabe afirmar que o mesmo inaugura um modelo imperfeito do

que Edgard Leuenroth chamou de “luta emancipadora”. Apesar de ser um veículo de expressão anarquista, a própria essência teórica ácrata se fez pouco presente em AL. Talvez por entenderem que a religião consumia um bom tempo dos trabalhadores é que essas lideranças optaram por concentrar seus esforços na degradação de todos os tipos de crenças imateriais.

Ocorre que, com a experiência prática de greves, de assembléias, de reuniões, de boicotes e de piquetes, a complexidade de suas ações passa a ganhar maior expressão, logo, a busca por novos significados aos seus anseios também se coloca como necessidade imediata. Nessa direção, encontramos em *A Plebe* outras escolhas editoriais. A afirmação do sindicalismo, bem como a presença constante de referências ao movimento libertário, evidenciam as transformações ocorridas durante a trajetória política dos sujeitos envolvidos diretamente nessas duas publicações.

Apesar de mostrar-se como continuadora do que se vinha publicando em *A Lanterna*, *A Plebe* não parece representar mais os interesses essencialmente relacionados à Liga Anticlerical de São Paulo como outrora o fez. Suas escolhas temáticas não se reduzem unicamente ao combate anticlerical no Brasil; ao contrário, seu campo de ação sofre grande expansão. As contribuições de leitores e militantes da organização aumentam tanto financeiramente quanto intelectualmente, ou seja, o jornal passa a contar com uma verba maior, o que torna possível aumentar sua periodicidade.

A Plebe passa, desde 1917, a ser um veículo impresso de informação e educação operária semanal, o que não era algo comum nos meios operários desse período por falta de recursos. Além disso, a diversificação de autores que assinam seus textos (ainda que com pseudônimos) e a mudança efetuada na própria linguagem utilizada pelo jornal validam a idéia de que ocorreu, entre 1916 e 1917, um conjunto de alterações nas necessidades incorporadas à folha anticlerical e de combate, como se intitulava *A Lanterna*.

O ano de 1917 trouxe ao movimento operário brasileiro, sobretudo, através de sua mídia impressa, uma série de informações acerca dos últimos

acontecimentos internacionais. A Primeira Guerra Mundial e o clima de hostilidades instaurado entre os países beligerantes ao seu término e, a Revolução Russa tanto de fevereiro quanto de outubro de 1917, estamparam diversos números de jornais anarquistas e comunistas no Brasil e influenciaram, mesmo que indiretamente, as suas escolhas teóricas.

A Primeira Guerra Mundial fez com que as referências ao internacionalismo estivessem sempre presentes nas páginas de publicações operárias. Não foram poucos aqueles que se escandalizaram com os horrores praticados no front. Tampouco houve quem se mantivesse alheio às perdas e sofrimentos de muitas famílias. O poder dos grandes Estados embrenhados nas disputas por novos territórios e mercados no ciclo vicioso do imperialismo assombrou corações e mentes de uma infinidade de trabalhadores que já se colocavam contra qualquer tipo de opressão ou cerceamento de suas liberdades.

Cabe aqui afirmar que o anarquismo teve espaço suficiente para triunfar nos primeiros anos do século XX no Brasil. Em meio aos inúmeros Sindicatos e Ligas Operárias que agiam através de agitações pontuais consolidou-se o ideário de libertação do homem, de crença nas infinitas potencialidades humanas, de esperança na força de iniciativas conjuntas e, sobretudo, na crença de que todos esses elementos caminhavam numa só direção, a libertária.

Em realidade, não evidenciamos no conjunto de idéias presentes nessas publicações o abandono completo do anarquismo a partir de 1917. Por outro lado, também não nos é permitido afirmar que o movimento ácrata no Brasil se manteve intacto à vitória dos bolcheviques na Rússia e à posterior difusão dos ideais comunistas pelo mundo. Ao contrário, muitos dos líderes anarquistas, atuantes politicamente e manifestantes dos ideais de emancipação da classe trabalhadora, optam, a partir de 1917, pela ruptura com o anarquismo, porém não se deve entender esse corte como algo violentamente pontual.

Todas as transformações, assimilações e compilações originadas em meio às notícias vindas da Rússia, se deram de forma processual. Seria incorreto afirmar que tais mudanças incorreram em enganos, posteriormente corrigidos com o retorno do anarquismo em meio às organizações de caráter comunista, como foi o caso do Partido Comunista do Brasil de 1922. Não ocorreram enganos nesse sentido, tampouco escolhas erradas, como algumas interpretações redutoras ousam afirmar, e o anarquismo não voltou a “contaminar” o PCB, pelo simples fato de que ele jamais esteve desvinculado da trajetória do mesmo.

Em geral, as mudanças estruturais que se perfazem por entre as linhas difusas e translúcidas das mentalidades coletivas se realizam através da busca por novos significados, da resignificação de antigos conceitos, conformando, ao final do processo, a síntese de todos esses elementos em algo novo, próprio, criativo em sua essência. Processos dessa espécie são lentos e ao iniciarem definem-se através de seu caráter infinito, pois não há limites seguros estabelecidos no fértil terreno das mentalidades coletivas.

O que construímos através da análise dessas quatro publicações operárias foi uma teia que identifica alguns significados e suas possíveis resignificações. Tentamos identificar as razões de determinadas escolhas sem perder de vista as circunstâncias em que foram efetuadas. Por essa razão é que assinalamos, que esta é uma pesquisa inacabada que contempla apenas uma das interpretações possíveis sobre o tema. Primeiramente porque há inúmeros periódicos oficiais e não oficiais dirigidos por diferentes organizações operárias do Brasil que sequer saíram dos arquivos. Em segundo lugar, porque mesmo nos debruçando sobre as manifestações escritas desses sujeitos, foi impossível esgotar todas as leituras latentes que dirá as não aparentes, ou mesmo subliminares, que também se fazem presentes em fontes tão ricas e complexas como essas.

O que, contudo, evidenciamos assinala a incapacidade de estabelecermos uma interpretação de que havia homogeneidade ideológica entre os dois grupos aqui analisados. A preocupação dos anarquistas do

núcleo político de Edgard Leuenroth, Neno Vasco, Everardo Dias, Astrojildo Pereira, Octávio Brandão, entre outros, durante toda a década de 1910, consistiu na construção de uma identidade classista e operária no Brasil. Num segundo momento, o que percebemos foi uma concentração de esforços no sentido de fortalecer as pulverizadas organizações classistas recém fundadas no país, conferindo-as um caráter representativo firme e estável.

A partir do momento em que essas organizações passam a existir e recebem a confiança de seus militantes acerca de sua representatividade, uma nova etapa é inaugurada, traduzindo os primeiros embates acerca das implementações necessárias para o fortalecimento desses grupos. Acreditamos que foi exatamente isso que ocorreu entre os anos de 1919 e 1920. As disputas em torno das divergências originadas na própria vivência de militância política culminaram com a fundação dos Partidos Comunistas de 1919, de caráter libertário.

Assim sendo, a estrutura partidária tornou as ações de seus membros mais próximas de tantos outros organismos localizados em pontos distantes do país. A comunicação, os encontros, as assembléias e até mesmo as iniciativas políticas de ordem prática e coletiva ganharam efetividade com a centralização de determinadas decisões, e com um “corpo” de regras claras instaurado no interior de uma organização relativamente ampla. Trabalhadores militantes de todo o país produziram, a partir de 1919, um programa de suas atividades centralizado num mesmo organismo, ainda que este se mostrasse aberto aos apoios das mais variadas associações sindicais.

Dentro dessa organização, e em função da própria vivência política desses militantes, divergências começaram a surgir, algumas plenamente administráveis como provavelmente deve ter sido a variação de acepções ácratas presentes dentro de um mesmo organismo; como foi o caso da adoção do modelo pedagógico de Ferrer i Guardia para aplicação nas Escolas Modernas criadas no Brasil, em paralelo às constantes referências às iniciativas grevistas e ao fortalecimento dos organismos sindicais, amplamente reconhecidos pelos Partidos de 1919.

Algumas das divergências iniciadas em 1919 e debatidas até 1921 não lograram êxito dentro das organizações de caráter libertário, pois concebiam a organização partidária e a própria organização operária como um todo para fins diferentes dos até então apregoados. A emancipação humana continuava sendo bandeira de luta para todos esses indivíduos, entretanto, parte deles entendia que as etapas para que se alcançar tal condição não eram compatíveis com a forma com que vinham sendo conduzidas no Brasil.

Criou-se, a partir desse momento, talvez o maior fosso doutrinário entre anarquistas e comunistas visto na História do Brasil. O cisma foi inevitável. Em 1922, é fundado o Partido Comunista do Brasil, futuro PCB. Mesmo inaugurado como a vanguarda do proletariado no país e, levantando, sobretudo, a bandeira bolchevista, o PC do Brasil não consegue se livrar dos lastros ideológicos ácratas presentes na formação de suas lideranças há tanto tempo.

Muito se especulou em alguns estudos sobre este assunto. Entendemos que talvez não existisse, de forma categórica, a intenção de desvincular imediatamente após a ruptura, o caráter libertário dessas lideranças, substituindo-o pelo ideário maximalista. Ao contrário, devemos também levar em consideração a hipótese de que talvez esse vínculo fosse necessário nos primeiros anos de afirmação do PCB para que o mesmo forjasse também sua representatividade no país.

O que percebemos através da análise, sobretudo, de *O Cosmopolita* e *Voz Cosmopolita* é que esse momento de mudanças foi permeado por muitas dúvidas e conflitos; manifestos impressos de longos anos de atividade operária engajada. As referências ideológicas em *Voz Cosmopolita*, particularmente a partir de 1924, assinalam uma forte alteração no perfil desse periódico sindical. As razões são claras. Filiando-se ao PCB, em 1922, suas normativas deveriam estar incondicionalmente de acordo com o programa do Partido.

Cabe ressaltar ainda que, nessa linha de ação, o próprio nome da publicação é alterado, passando de *O Cosmopolita* para *Voz Cosmopolita*;

propondo aos leitores que, apesar da publicação manter-se fiel aos ideais de emancipação da classe trabalhadora, a partir de agora, novas concepções deveriam ser agregadas ao arcabouço teórico do militante. Novas leituras são sugeridas, novos debates, novos líderes passam a fazer parte do imaginário desses sujeitos.

Um horizonte novo se abre na perspectiva de lutas desses militantes. O anarquismo não é abatido, como muitas análises sugeriram, tampouco os comunistas rompem com seus antigos companheiros de luta, única e exclusivamente pela exaltação de ânimos após a vitória da Revolução Russa de 1917. O anarquismo continuou presente por longa data no interior do Partido Comunista do Brasil guiando suas iniciativas políticas, ainda que indiretamente.

A Revolução Russa foi cara não só aos comunistas, mas também aos anarquistas que incorporaram às suas discussões problemáticas libertárias sublevadas durante o processo revolucionário russo. Apesar de *A Lanterna* e *A Plebe* constituírem os veículos de propaganda e informação diretamente ligados aos Partidos Comunistas de 1919, os mesmos foram engendrados a partir de inúmeras reuniões organizadas no seio do Centro Cosmopolita do Rio de Janeiro¹, do qual também faziam parte Edgard Leuenroth, Astrojildo Pereira, Neno Vasco, Canellas, Everardo Dias, entre outros.

É lícito afirmar que o Partido Comunista do Brasil de 1922 não pôs fim ao movimento ácrata do Brasil, tampouco enfraqueceu suas iniciativas pela desvinculação de seus principais líderes. Ao contrário, muitos destes continuaram militando em sindicais de orientação anarcossindicalista. O enfraquecimento do anarquismo no Brasil talvez possa ter se dado pela força violenta da repressão e da censura sobre suas associações e periódicos, ou ainda por estratégias equivocadas de iniciativa política.

¹ Cf. LIMA, Heitor Ferreira. Apresentação. In: PEREIRA, Astrojildo. op.cit. p.17

Contudo, não nos é permitido afirmar, em momento algum, que seu enfraquecimento tenha se dado em virtude da constituição do PCB, tampouco pela concentração do poder repressivo do Estado exclusivamente sobre tais associações; essa seria uma grande inverdade, pois ambos os grupos sofreram, em larga escala, com a repressão e a censura empreendidas pelas forças governamentais e oligárquicas da Primeira República Brasileira.

São, sobretudo, valiosos os estudos que buscam compreender as múltiplas escolhas feitas durante esse período de transformações estratégicas e ideológicas para o movimento operário brasileiro. Tais experiências continuam vivas na história de organizações herdeiras, ao menos em parte, dessa tradição política. A expressão do anarcossindicalismo no Brasil dos anos 20 foi de fato relevante. Identificar suas origens, seus princípios e seus “heróis”, (como eram encaradas as grandes lideranças internacionais do movimento ácrata), faz parte da complexa compreensão do processo de constituição das primeiras formas manifestas de expressão operária no país. Também por esta razão, é que identificar, em sentido análogo, as primeiras apropriações e acepções marxistas conformadas no desenrolar da experiência política desses sujeitos é também contribuir no desvendar de identidades político-ideológicas complexas.

As divergências entre comunistas e anarquistas estabelecidas ao longo desse processo, de fato geraram cismas, divisões e conflitos; todavia a imprensa era vista por esses organismos operários como órgão responsável não só pela informação, como também pela sociabilização e educação dos militantes. Em função disso, as lideranças operárias e os próprios indivíduos engajados na organização compreendiam que o debate, a autocrítica, as alianças e conflitos faziam parte do seu crescimento político seja qual fosse a sua respectiva matriz ideológica.

Cada novo periódico operário que emergia no cenário nacional, se traduzia, na visão desses militantes, num rasgo de esperança, em mais um foco de fortalecimento de suas iniciativas políticas e, sobretudo, na ampliação de suas tão almejadas conquistas. Muitos são os pontos que ainda precisam

ser investigados através de pesquisa historiográfica para que se tenha uma noção mais clara dos meandros desse processo. As perspectivas de pesquisa acerca da conformação da identidade da classe operária organizada no Brasil são infindáveis, não só a partir da imprensa, como também através de fontes primárias riquíssimas esquecidas nos nossos arquivos. Contudo, não devemos perder de vista que compreender o funcionamento da imprensa operária é, em parte, atingir ponto nevrálgico nos estudos referentes às relações estabelecidas nos mundos do trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUENA, Paulo (org.). **O marxismo e os sindicatos**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira**. São Paulo: Ática, 1990.

BAKUNIN, Miguel. A educação integral. In: MURIYÓN, F. G. (org.). **Educação Libertária**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989. p. 34-49.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 1977.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CALDAS, Waldenyr. **Iniciação à música popular brasileira**. São Paulo: Ática, 1989.

CARONE, Edgard. **O marxismo no Brasil: das origens a 1964**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

_____. **Socialismo e Anarquismo no início do século**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CARR, Edward Hallet. **A revolução russa de Lênin a Stalin (1917-1929)**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1981.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Teoria da História e reabilitação da oralidade: convergência de um processo. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. **A Aventura (Auto) Biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DÍAZ, Carlos. **Las teorías anarquistas**. Madri: Zero, 1976.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Crime e Castigo**. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. **Os Irmãos Karamazov**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

DULLES, John W. Foster. **Anarquistas e comunistas no Brasil: 1900-1935**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

EAGLETON, Terry. **Ideologia: uma introdução**. São Paulo: UNESP, 1997.

FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucila de Almeida Neves. (orgs.). **O Brasil Republicano**. Vol.I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo do início a década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Vol.II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa Operária no Brasil**. São Paulo: Ática, 1988.

FIGES, Orlando. **A tragédia de um povo: a revolução russa (1891-1924)**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GÓGOL, Nicolai Vassílievitch. **Almas Mortas**. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

GONZÁLEZ, Horácio. **A revolução russa**. São Paulo: Moderna, 1986.

GORKI, Máximo. **A mãe**. São Paulo: Expressão popular, 2000.

_____. **Infância**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **Ganhando meu pão**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

_____. **Minhas Universidades**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GUIMARÃES, Antonio Monteiro. (org.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

HOBBS, Thomas. **Leviatã, ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. São Paulo: Abril Cultural, 1989.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das revoluções: Europa (1789-1848)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

HOBSBAWM, Eric J. (org.). **História do Marxismo: O Marxismo na Época da Segunda Internacional**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Revolucionários: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

KONDER, Leandro. **A Derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

_____. **As idéias socialistas no Brasil**. São Paulo: Moderna, 1995.

- _____. **O que é dialética.** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002
- KROPOTKIN, Pedro. Trabalho cerebral e braçal. In: MURIYÓN, F. G. (org.). **Educação Libertária.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1989. p. 50-67.
- LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça.** São Paulo: Claridade, 2003.
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Obras escolhidas.** Rio de Janeiro: Vitória, 1955.
- _____. **O Estado e a Revolução.** São Paulo: HUCITEC, 1986.
- _____. **O que é marxismo?.** Porto Alegre: Movimento, 1980.
- _____. **O trabalho do partido entre as massas.** São Paulo: Livraria Editora das Ciências Humanas Ltda, 1979.
- LÓPEZ, Chantal e CORTÊZ, Omar. (orgs.). **La escuela moderna.** Digitalização baseada na obra La Escuela Moderna de Francisco Ferrer i Guardia.. Federación Obrera Regional Uruguaya, 1960.
- LOWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista.** São Paulo: Cortez, 1995.
- MALATESTA, Errico. **Anarquistas, socialistas e comunistas.** São Paulo: Cortez, 1989.
- MANDEL, Ernest. **Introdução ao marxismo.** Porto Alegre: Movimento, 1982.
- MARX, Karl. **Marx, Engels, Lênin: acerca del anarquismo y el anarcosindicalismo.** Moscou: Editorial Progreso, 1976.
- MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. **O Capital: crítica da economia política: livro I parte II.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- _____. **O Capital: crítica da economia política: livro II.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____. **O 18 Brumário e cartas a Kugelmann.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã e Feuerbach: a contradição entre as cosmovisões materialista e idealista.** São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. **Manifesto do Partido Comunista.** Petrópolis: Vozes, 1988.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich, LÊNIN, Vladimir Ilitch. **Acerca del anarquismo y e anarcosindicalismo.** Moscou: Progresso, 1976.

_____. **Obras Escolhidas.** Vol. 3. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1963.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx.** São Paulo: Boitempo, 2006.

MORAES, Dênis de. **O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53).** Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

MORAES, João Quartim de. (org.). **História do Marxismo no Brasil: influxos teóricos.** Campinas: UNICAMP, 2007.

MORAES, João Quartim de. e REIS, Daniel Aarão. **História do Marxismo no Brasil: o impacto das revoluções.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

MURYYÓN, F.G. (org.). **Educação libertária.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PACHECO, Eliezer. **O Partido Comunista Brasileiro (1922-1964).** São Paulo: Alfa-Omega, 1984.

PEREIRA, Astrojildo. **Ensaio Histórico e Político.** São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

PINHEIRO, Paulo Sérgio e HAAL, Michael M. **A Classe Operária no Brasil: documentos (1889 a 1930, volume I – O Movimento Operário).** São Paulo: Alfa Omega, 1979.

_____. **Estratégias da Ilusão: a revolução mundial e o Brasil (1922-1935).** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PRESTES, Anita Leocádia. **Uma Epopéia Brasileira: a Coluna Prestes.** São Paulo: Moderna, 1995.

PRESTES, Luís Carlos. **Carta aos comunistas.** São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

PROUDHON, Joseph Pierre. **El Estado.** Buenos Aires: Tor, 1930.

RECLUS, Élisée. **A evolução, a revolução e o ideal anarquista.** São Paulo: Imaginário, 2002.

- _____. **Evolucion y revolucion.** Rio de Janeiro: Tor, 1983.
- RESENDE, Beatriz e VALENÇA, Rachel. **Toda Crônica: Lima Barreto.** Rio de Janeiro, Agir, 2004.
- RIDENTI, Marcelo, REIS, Daniel Aarão. (orgs.). **História do Marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1910-1960.** Campinas: UNICAMP, 2007.
- RIBEIRO, Manuel Alves. **Caminho.** Florianópolis: Guarapuvu, 2001.
- RICOUER, Paul. **Ideologia e utopia.** Lisboa: Edições 70, 1991.
- RIDENTI, Marcelo e REIS, Daniel Aarão. (orgs.). **História do marxismo no Brasil: partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- SARDENBER, Carlos Alberto. **Trotsky: 1879-1940.** São Paulo: Três, 1973.
- SEVCENKO, Nicolau. (org.). **História da vida privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol.III.
- SINGER, Paul. **O que é socialismo, hoje.** Petrópolis: Vozes, 1993.
- SLANG, F. **O encouraçado "Potemkin".** São Paulo: 1931.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **A Coluna Prestes: análise e depoimentos.** São Paulo: Círculo do Livro, 1978.
- THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TRONCA, Ítalo. **Revolução de 30: a dominação oculta.** São Paulo: Brasiliense, 1982.
- TROTSKY, Leon. **Literatura e Revolução.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.
- _____. **Minha Vida: ensaio autobiográfico.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- VINCENT, Andrew. **Ideologias políticas modernas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. **A crise dos anos 20: conflitos e transição.** Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 1992.
- _____. **A Revolução Soviética 1905-45: o socialismo num só país.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

WEBER, Max. **Estudos Políticos: Rússia 1905 e 1917**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

WHEEN, Francis. **O capital de Marx: uma biografia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007

WILSON, Edmund. **Rumo à estação Finlândia**. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

ZIUGÁNOV, Guennádiy. **URSS: Rússia ontem, hoje, amanhã**. Brasília: Edições Alva, 1996.

ARTIGOS DE REVISTAS

COURTOIS, Stéphane. A ruptura de um sonho. **História Viva**, local da publicação, **volume** (fascículo): 36-37, jun. 2005.

FERRO, Marc. O episódio em que o czarismo decretou sua morte. **História Viva**, local da publicação, **volume** (fascículo): 39-43, jun. 2005.

_____. A tomada do poder em um único dia. **História Viva**, local da publicação, **volume** (fascículo): 44-49, jun. 2005.

MASSON, Philippe. Os amotinados do Potemkin. **História Viva**, local da publicação, **volume** (fascículo): 40, jun. 2005.

RUCKER, Laurent. De um Império a outro. **História Viva**, local da publicação, **volume** (fascículo): 34-35, jun. 2005,

VAKSBERG, Arcadi. A longa caminhada para a liderança. **História Viva**, local da publicação, **volume** (fascículo): 50-53, jun. 2005.

SKLARZ, Eduardo. A grande farsa. **Super Interessante: aventuras na história**, local da publicação, **volume** (fascículo): 30-39, 15 de nov. 2004

WERTH, Nicolas. Tensões e violência. **História Viva**, local da publicação, **volume** (fascículo): 49, jun. 2005.

JORNAIS

A LANTERNA. São Paulo, nº 110 a 492, 1911 a 1916.

A PLEBE. São Paulo, nº 1 a 245, 1917 a 1927.

O COSMOPOLITA. Rio de Janeiro. Órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e classes congêneres, nº 1 a 39, 1916 a 1918.

VOZ COSMOPOLITA. Rio de Janeiro. Órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e classes congêneres, nº 1 a 95, 1922 a 1926.

DOCUMENTOS

BRANDÃO, Octávio. **A correspondência internacional: uma lei sobre a imprensa brasileira, o decreto nº 4.743.** 28 de dezembro de 1923.

CANELLAS, Antonio Bernardo. **Relatório da delegacia á Rússia.** Rio de Janeiro: s.e., 1923.

INTERVENÇÃO de. Astrojildo Pereira ao prefácio de Silvio Romero em Obras Completas de Tobias Barreto. **Arquivo Astrojildo Pereira.** Centro de Documentação e Memória da UNESP, 1890.

SECRETARIADO Executivo do PC do Brasil. **A correspondência internacional, na América Medieval: Brasil Uma República Sul-Americana onde são queimadas obras de Karl Marx e Bukharin.** 19 de novembro de 1924.

FONTES ELETRÔNICAS DE DADOS

GUIRAO, Pedro García. Francisco Ferrer y las misiones pedagógicas Del anarquismo español. Disponível em: PDF. Acesso em 24 out. 2009.

SEMERARO, Giovanni. Anotações para uma teoria do conhecimento em Gramsci. Disponível em: <http://www.artnet.com.br/~gramsci/arquiv181.htm>. Acesso em: 26 mar. 2008.

FONTES DE CONSULTA

BARTZ, Frederico Duarte. **O Horizonte Vermelho: O impacto da revolução russa no movimento operário do Rio Grande do Sul, 1917-1920.** Porto Alegre, UFRGS, 2008. (Dissertação de mestrado em História)

KHOURY, Iara Maria Aun. **Edgard Leuenroth: uma voz libertária; imprensa, memória e militância anarco-sindicalista.** São Paulo: USP, 1988. (Tese de doutorado em Sociologia).

APÊNDICE - DADOS DA PUBLICAÇÃO

TÍTULO: A Lanterna: Folha Anticlerical e de Combate.

ARQUIVO: Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM)

FUNDO: Archivio Storico del Movimento Operaio Brasileiro (ASMOB), em propriedade do Instituto Astrojildo Pereira – (IAP).

LOCAL DA PUBLICAÇÃO: São Paulo, Largo da Sé, 05.

VALORES: nº. avulso: \$100, assinatura anual: 10\$000, assinatura semestral: 6\$000.

CATÁLOGO POR ANO – 1911

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
25/10/1911	p.1	Da Porta de Europa	coluna	Denúncia da existência de padres conspiradores em Lisboa e aproximação entre monarquia e clericalismo
25/10/1911	p.1	Sermões ao ar livre	artigo	Divergências entre protestantismo e catolicismo separam as pessoas ao invés de uni-las
25/10/1911	p.2	A Escola Moderna em S. Paulo	artigo	Realização da Escola Moderna em São Paulo
25/10/1911	p.2	Napoleão e Guerra Junqueiro contra Lourdes	crônica	Denúncia sobre a superstição e a contaminação presente nas águas de Lourdes
25/10/1911	p.2	Proezas dum padre	crônica	Denúncia de padre de Belo Horizonte que mantém 12 praças para fazer sua segurança em sua residência em razão de ter inimigos pessoais
25/10/1911	p.2	A morte de Jehovah e o desaparecimento do Paraizo	artigo	Jehovah é implacável e cruel ao contrário do que prega a religião
25/10/1911	p.2	Conferencias de propaganda	nota	Informe de Conferência em Jundiaí sobre Ferrer, os seus ideais e sua obra
25/10/1911	p.2	13 de outubro	artigo	Um ano do falecimento de Francisco Ferrer
25/10/1911	p.2	Christianismo puro ou tolerancia protestante	artigo	Crítica a Calvino e Lutero, considerados dois hereges
25/10/1911	p.3	O aniversario da "Lanterna"	nota	Recebimento de felicitações pelo segundo aniversário de <i>A Lanterna</i>
25/10/1911	p.3	A Lanterna Magica	crônica	Denúncia de padre canadense que enviou correspondência amorosa para mulher casada
25/10/1911	p.3	O negócio dos milagres	crônica	Denúncia da farsa que são os milagres e os santos
25/10/1911	p.3	Padre Valentão	crônica	Denúncia de Vigário que agrediu um moço a cacete e bofetadas por dívida de 5 mil réis
25/10/1911	p.3	O Christo dos evangelhos	crônica	Denúncia de que milagres não existem e argumentação sobre a ciência como força capaz de comprovar essa farsa

25/10/1911	p.3	Secção amena	crônica	Denúncia de padre embriagado que cambaleou nas ruas
25/10/1911	p.3	Luiz Bezzi	nota	Informe sobre o falecimento desse colaborador
25/10/1911	p.3	Os matyrres de Chicago: Guerra á guerra!	artigo	Reunião de propaganda do Grupo Libertário Guerra Social em memória do sacrifício dos matyrres em Chicago
25/10/1911	p.3	A Lanterna em Porto Alegre	nota	Locais para assinatura da publicação em Porto Alegre
25/10/1911	p.4	Bibliotheca da "Lanterna"	nota	Lista de livros para venda e sugestão de leituras para os colaboradores
25/10/1911	p.4	Evangelho da Hora	nota	Divulgação da obra para venda
25/10/1911	p.4	Bilhetes postaes	nota	Bilhetes postais com ilustrações anticlericais para venda
25/10/1911	p.4	<A Lanterna> no Interior	nota	Informe de que a publicação já está à venda no interior do estado também
25/10/1911	p.4	Novo folheto: A confissão	nota	Folheto anticlerical para ser distribuído entre os crentes
25/10/1911	p.4	Medalhas de Ferrer	nota	Medalhas com a imagem de Ferrer para venda

CATÁLOGO POR ANO – 1912

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
25/05/1912	p.1	O propheta Julio	artigo	Denúncia de mentiras professada por um padre ao povo sobre a volta de Cristo em breve
25/05/1912	p.1	Proibição astuta	crônica	Denúncia de despotismo inquestionável da Igreja Católica: crentes só podem ler obras devotas
25/05/1912	p.1	As crianças terríveis	nota	Piada sobre o costume popular de fazer o saudar uma cruz ao passar por ela
25/05/1912	p.1	As Uniões Christãs	nota	Denúncia de fura-greves membros da União Cristã dos mineiros na Alemanha
25/05/1912	p.1	Doutrina ecclesiastica	artigo	Jornal católico belga publicou matéria pedindo o direito à Igreja Católica de julgar e executar hereges
25/05/1912	p.1	A relação dos jesuítas de casaca	crônica	Crítica ao apoio da Igreja Católica ao Estado que oprime os trabalhadores
25/05/1912	p.2	Inquisição policial	crônica	Denuncia de tortura e prisão de um grevista
25/05/1912	p.2	Contra a carestia de vida	nota	Informe sobre a continuidade da agitação contra a carestia de vida
25/05/1912	p.2	Da Porta de Europa	coluna	Notícia de morticínio executado pro tropas do Czar na Rússia e apelo a administração direta das coisas pelos próprios produtores e consumidores
09/06/1912	p.1	O Propheta Julio: desafiado para uma controvérsia com um	crônica	Crítica a padre que professa ao povo a volta de Cristo

		livre-pensador		
09/06/1912	p.1	A controvérsia entre o vigário e um nosso colaborador está despertando grande interesse	crônica	Discussões acerca da Igreja entre um colaborador e um vigário
09/06/1912	p.1	Antonio de Padua	artigo	Crítica ao comércio e artigos religiosos
09/06/1912	p.2	Contra a carestia de vida	nota	Informe da realização de comícios contra a carestia de vida
09/06/1912	p.2	Da Porta da Europa	coluna	Congresso em Lisboa que discute a separação entre Igreja e Estado
09/06/1912	p.2	Capital e trabalho	crônica	Sobre as reais condições de instrução dos filhos do proletariado
09/06/1912	p.2	Mais Violencias	artigo	Polícia impede reunião de tecelões através da repressão
09/06/1912	p.2	Antagonismo	crônica	Crítica à alienação provocada pelo discurso do clero
09/06/1912	p.3	Vida operaria em S. Paulo	crônica	Notícias sobre as vitórias obtidas pela ação da Empresa Graphica Moderna
09/06/1912	p.3	Inquisição policial	crônica	Repúdio dos leitores e colaboradores à repressão policial contra grevistas
09/06/1912	p.3	O comércio no Rio	nota	Informe sobre o comício organizado pela Federação Operária no Rio
09/06/1912	p.3	Declarações de protesto e de solidariedade	artigo	Informe sobre o recebimento de ofícios de outras organizações que se manifestaram contra a repressão policial ao operário Calvo
09/06/1912	p.3	A "Lanterna" em Portugal	nota	Informe sobre a atuação de Neno Vasco como representante do movimento em Lisboa
09/06/1912	p.3	Festa de propaganda	nota	Informe sobre festa que será realizada para angariar fundos
09/06/1912	p.3	Núcleos da Vanguarda	nota	Informe sobre o apoio político ao periódico <i>A Guerra Social</i> do Rio
09/06/1912	p.3	O cancro religioso: Conferencia realizada na Liga Anti-Clerical do Rio	artigo	Resumo das discussões acerca da atuação da Igreja ao longo da História
09/06/1912	p.3	Carta do Ceará	artigo	Notícias sobre o repúdio da Igreja ao ateísmo e á todos àqueles que possam se aproximar de ateus
09/06/1912	p.3	Historia da luta entre a Sciencia e a Theologia	nota	Informe acerca da venda da obra de A.D. White
09/06/1912	p.4	"A Velhice do Padre Eterno"	nota	Informe acerca da venda por 1\$500 do exemplar dessa obra de Guerra Junqueira
09/06/1912	p.4	C.E.S. "Francisco Ferrer"	nota	Pedido do Círculo de Estudos Sociais Francisco Ferrer de exemplares de <i>A Lanterna</i> para deixa-los em sua sala de leitura
09/06/1912	p.4	A "Lanterna" em Pelotas	nota	Informe sobre a chegada do período na cidade de Pelotas

09/06/1912	p.4	Bibliotheca del Apostolado de La Verdad	nota	Indicações de leituras anticlericais para colaboradores
09/06/1912	p.4	A "Lanterna" em Porto Alegre	nota	Informe sobre a chegada do periódico na cidade de Porto Alegre
09/06/1912	p.4	Bibliotheca da "Lanterna"	nota	Indicações de leituras para colaboradores e listagem de obras à venda
21/12/1912	p.1	Rubro Natal	crônica	Crítica às comemorações do natal quando a vida do povo não melhora
21/12/1912	p.1	Não lhes perturbeis a digestão	artigo	Burguesia está começando a se preocupar com a ação dos trabalhadores
21/12/1912	p.1	Natal	crônica	Sobre a vida penosa dos trabalhadores que não se altera ao longo do tempo
21/12/1912	p.1	Cristianismo	crônica	Crítica à filosofia do cristianismo
21/12/1912	p.2	Os mitos na formação do cristianismo	artigo	Divulgação de artigo de Amos Kidder Fiske intitulado <i>Elementos Mítico no Cristianismo</i>
21/12/1912	p.2	Da Porta da Europa	coluna	Contra as guerras na Europa
21/12/1912	p.2	Contra a lei scelerada	artigo	Contra a lei que previa a expulsão de estrangeiros do Brasil
21/12/1912	p.2	O Deus dos combates	crônica	Crítica à diplomacia internacional que não intervém para evitar guerras
21/12/1912	p.3	Ainda a fita clerical	crônica	Apoio a trabalhador que agrediu padre em Mogi das Cruzes
21/12/1912	p.3	A "Lanterna" em S. Simão	crônica	Crítica ao bispo que de conluio com o padre S. Simão quer cobrar 50\$000 de cada proprietário por terras
21/12/1912	p.3	Vida operária no Rio	artigo	Sobre a segunda circular da Confederação Operária Brasileira
21/12/1912	p.3	Contra o polvo municipal	matéria	Denúncia de alta cobrança de impostos determinada pela Câmara Municipal de Batatais
21/12/1912	p.4	Coluna Esperantista	crônica	Divulgação da idéia de colocar o esperanto como língua universal
21/12/1912	p.4	A "Lanterna" em Portugal	nota	Informe sobre o representante do jornal, Neno Vasco, e seu endereço para correspondência em Lisboa
21/12/1912	p.4	Obras da Escola Moderna de Barcelona	nota	Sugestão de obras aos colaboradores
21/12/1912	p.4	La Escuela Popular	nota	Divulgação de revista publicada em Buenos Aires pelo Órgão da Liga de Educação Racionalista
21/12/1912	p.4	Bibliotheca da "Lanterna"	nota	Lista de obras para venda
21/12/1912	p.4	Biblioteca del Apostolado de la Verdad	nota	Lista de folhetos para venda por 200 réis
21/12/1912	p.4	A Lanterna no Rio	nota	Informe sobre os locais onde está a venda a publicação

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
08/03/1913	p.1	O Nosso Anticlericalismo	crônica	Lista de pontos esclarecendo em que consiste a luta anticlerical
08/03/1913	p.1	O que urge fazer	artigo	Apelo à reunião dos elementos dispersos anticlericais
08/03/1913	p.1	Adolfo Vasquez Gomez	artigo	Informe sobre a chegada de Adolfo Vazquez, um dos líderes da causa da emancipação social
08/03/1913	p.1	A carestia de vida	nota	Informe sobre a organização de um Comício pela Liga Popular Contra a Carestia de Vida
08/03/1913	p.1	A Religião e a Literatura	crônica	Sobre a literatura pagã que superou a literatura religiosa
08/03/1913	p.1	Catecismo Ateu	nota	Divulgação e anúncio de venda da obra Catecismo Ateu
08/03/1913	p.1	As quaresmais de D. S. Leme	crônica	Crítica à postura social assumida pela Igreja católica
08/03/1913	p.2	Da Porta da Europa	artigo	Crítica à pouca ação dos diplomatas internacionais e às guerras nos Bálcãs e na Ásia Menor
08/03/1913	p.2	O Regimen da fome	crônica	Denúncia das péssimas condições de vida dos trabalhadores e da falta de iniciativa dos governantes
08/03/1913	p.2	Nova Lourdes	matéria	Matéria francesa denuncia a farsa contida nos milagres das <i>águas de Lourdes</i>
08/03/1913	p.3	A "Lanterna" transformada em diário	artigo	Cartas de adesão ao projeto de transformar <i>A Lanterna</i> em diário
08/03/1913	p.3	Scarpia domina	crônica	Crítica ao regime de perseguição e violência aos trabalhadores
08/03/1913	p.3	Liga Anticlerical do Rio de Janeiro	artigo	Informe sobre a ocorrência da sessão comemorativa do segundo aniversário da fundação
08/03/1913	p.3	A lei de arrocho	artigo	Repercussão na imprensa européia da lei de arrocho
08/03/1913	p.3-4	Vida Operaria	artigo	Assembléia Geral realizada pelo Sindicato Operário de Ofícios Vários estabelece estatuto
08/03/1913	p.4	"A Lanterna" em viagem	artigo	Informe sobre a conferência de propaganda realizada pelo companheiro João Penteado, o tema discutido foi: <i>A Pátria, O Operário e A Humanidade</i>
30/08/1913	p.1	Da Porta da Europa: À propósito da reação vermelha	crônica	Repressão e injustiça contra sindicalistas em Lisboa
30/08/1913	p.1	Cobrança na cidade	nota	Cobrança das assinaturas de <i>A Lanterna</i> em São Paulo
30/08/1913	p.1	Concurso indispensavel	crônica	Apelo à participação das mulheres na luta pela emancipação coletiva
30/08/1913	p.1	Bíblia vermelha: Deus e o dinheiro	crônica	Crítica à idéia estagnada da Igreja Católica sobre a existência perene de ricos e pobres
30/08/1913	p.1	Os bastidores da guerra: O Reverso duma cruzada	matéria	Publicação em revista francesa de artigo sobre as

				causas do conflito balcânico
30/08/1913	p.2	O despotismo em São Paulo	artigo	Agitação promovida pelo Centro de Estudos Sociais em prol de dois sindicalistas vítimas da repressão
30/08/1913	p.2	O lugar propício	artigo	Denúncia de romance de um padre com a poetisa Alice Crespy
30/08/1913	p.2	A "Lanterna" em Minas	nota	Cobrança de assinaturas de <i>A Lanterna</i> em Minas Gerais
30/08/1913	p.2	Civilização cristã	artigo	Tirocínio praticado pelo exército búlgaro contra a população civil
30/08/1913	p.2	Um processo ruidoso: Uma tragédia de amor entre um padre e uma poetisa	crônica	Sobre o romance trágico da poetisa com o padre francês
30/08/1913	p.2	Porinde ao cadaver	crônica	Censura da Igreja Católica à obra <i>Almas Judias</i> , escrita pelo padre francês Coube
30/08/1913	p.2	C.O.B. 2º Congresso Operário Brasileiro	artigo	Sobre a realização e o êxito do 2º Congresso Operário Brasileiro
30/08/1913	p.3	Na Penitenciaria	crônica	Crítica ao regime penitenciária do estado de São Paulo
30/08/1913	p.3	Vida Operária em S. Paulo	nota	Deliberação do Sindicato Operário de Ofícios Vários pela organização das classes em sindicatos autônomos
30/08/1913	p.3	Vida Operária no Rio	nota	Deliberação de nova sede para as sociedades operárias filiadas à Federação Operária
30/08/1913	p.3	Balancete correspondente ao mez de julho ultimo	nota	Prestação de contas
30/08/1913	p.3	Curso de preleções sobre sociologia	artigo	Realização de curso na associação sobre sociologia ministrada por José Oiticica
30/08/1913	p.4	Viram por aí o padre João do Carmo da Cruz magro?	crônica	Denúncia da fuga de padre galanteador
30/08/1913	p.4	Escola Moderna N.2	artigo	Informe sobre a instalação da Escola Moderna em São Paulo
30/08/1913	p.4	Biblioteca da "Lanterna"	nota	Sugestão de leituras aos colaboradores e listagem de obras à venda
25/10/1913	p.1	As nossas escolas	crônica	Obstáculos à educação racionalista
25/10/1913	p.1	Bíblia vermelha	crônica	Hipocrisias da vida social
25/10/1913	p.1	Antropomorfismo	crônica	Farsa religiosa empreendida por um livreiro norte-americano
25/10/1913	p.1	A Igreja e o socialismo	crônica	Cardeal James Gibbons expressa simpatias pelo movimento operário
25/10/1913	p.1	Corretores religiosos	crônica	Busca por padres de fregueses para compra do diário parisiense
25/10/1913	p.2	Um brado de alerta! Minas Gerais nas garras do terrível abutre clerical	artigo	Centro Católico instalado na capital mineira vem trabalhando pelo domínio do clero nessa região

25/10/1913	p.2	Logica de jesuita e do governo	artigo	Preocupação do governo com professor jesuíta que critica a Igreja Católica
25/10/1913	p.2	Em Espanha: Nobre exemplo de inteireza e de firmeza	matéria	Liberdade de Pablo Giner na Espanha, republicano que sempre lutou por seus ideais
25/10/1913	p.2	13 de outubro em Recife (Pernambuco)	artigo	Sessão de comemoração realizada pela Liga Anticlerical em homenagem ao quarto aniversário da morte de Francisco Ferrer
25/10/1913	p.2	A "Lanterna" em Pindamonhangaba	artigo	Acusações de <i>A Lanterna</i> à Igreja Católica exigem atitude defensiva por parte dos padres
25/10/1913	p.3	Em Petrópolis: A comemoração do 13 de outubro	crônica	Sessão de comemoração do quarto aniversário do fuzilamento de Francisco Ferrer
25/10/1913	p.3	Escola Moderna: A festa de inauguração das escolas	crônica	Festa de inauguração das duas escolas montadas em São Paulo
25/10/1913	p.3	Conferencias scientificas	nota	Informe de conferência sobre investigações de parasitologia em Bauru
25/10/1913	p.3	Em Porto Alegre: Funda-se uma Liga Anticlerical	artigo	Estatutos da Liga Anticlerical de Porto Alegre
25/10/1913	p.3	O que vai pelo mundo	matéria	Anatole France fala da separação entre Igreja e Estado na França
25/10/1913	p.4	C.O.B. 2º Congresso Operário Brasileiro	artigo	Algumas moções aprovadas no congresso
25/10/1913	p.4	Mentiras Divinas	nota	Propaganda de livro anticlerical de Chacon Stelliani
25/10/1913	p.4	Anti-clericais! Livre-pensadores	nota	Informe sobre a necessidade de fundar a Federação Brasileira do Livre-Pensamento
25/10/1913	p.4	Escola Moderna N.1	artigo	Divulgação do Instituto de educação e instrução segundo o método racionalista
25/10/1913	p.4	Biblioteca da "Lanterna"	nota	Sugestão de leituras aos colaboradores e listagem das obras a venda
25/10/1913	p.4	Catecismo Ateu	nota	Informe da venda da obra pelo Grupo de Educação Social

CATÁLOGO POR ANO – 1914

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
18/05/1914	p.1	Formidável escândalo num convento	crônica	Notícia de freira que queria casar
18/05/1914	p.1	Da Porta da Europa	matéria	Matéria sobre as obras de Adolfo Lima: <i>Educação e Esino</i> , <i>O Ensino da História</i> e <i>O Teatro na Escola</i>
18/05/1914	p.1	Anti-clericais! Livre Pensadores!	nota	Necessidade de fundar a Federação Brasileira do Livre-Pensamento
18/05/1914	p.1	Deus e deuses	crônica	Alerta para que não se confunda religião com as invenções dos teólogos
18/05/1914	p.1-2	O inimigo se apresta	artigo	Necessidade de aumentar iniciativas para frear a

				atuação da Igreja
18/05/1914	p.2	Formidável escândalo num convento	artigo	Denúncia de romance entre padres e freiras
18/05/1914	p.2	Postais de Ferrer	nota	Anúncio de venda de postais com retratos de Francisco Ferrer
18/05/1914	p.3	Uma obra importante	artigo	Divulgação da obra <i>História da Inquisição na Idade Média</i>
18/05/1914	p.3	Ecos do 1º de maio	artigo	Notícias da comemoração do 1º de maio em Bauru
18/05/1914	p.3	O que vai pelo mundo: Rússia	matéria	Fundação em São Petersburgo de uma seita intitulada O começo do século
18/05/1914	p.3	Cronica de Santa Catarina	artigo	Fanáticos religiosos fazem sublevação no sertão catarinense
18/05/1914	p.3	"Novos Horizontes"	nota	Informe sobre o lançamento de revista quinzenal de sociologia, arte, ciência, literatura e critica
18/05/1914	p.4	Escola Moderna N.2	nota	Informe sobre a atividade da Escola Moderna N.2
18/05/1914	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Informe sobre a atividade da Escola Moderna N.1
18/05/1914	p.4	Entre camponeses	nota	Informe da venda da obra de Errico Malatesta: <i>Entre camponeses</i>
18/05/1914	p.4	Mentiras Divinas	nota	Divulgação da venda da obra anticlerical de Chacon Stelliani
18/05/1914	p.4	A "Lanterna" no Rio	nota	Divulgação dos locais onde é vendida <i>A Lanterna</i> no Rio de Janeiro
18/05/1914	p.4	Biblioteca da "Lanterna"	nota	Informe de obras à venda e sugestão de leituras para colaboradores
18/05/1914	p.4	Catecismo Ateu	nota	Informe sobre o preço e o local de venda da obra
06/06/1914	p.1	As clericrapulices da Gazua do Polvo	crônica	Sobre a noção falsa de que o cristianismo é adotado no mundo todo
06/06/1914	p.1	Da Porta da Europa: Uma linchagem em Portugal	artigo	Proletário soldado reservista foi linchado por matar um oficial do regimento onde servia
06/06/1914	p.1	Desaparece misteriosamente a filha de Ferre	artigo	Insinuação de que o desaparecimento da filha de Ferrer foi obra do ódio jesuíta
06/06/1914	p.2	Grande Reunião Literaria	artigo	Reunião de anarquistas de São Paulo e arredores promovida pelo Centro Libertário
06/06/1914	p.2	O que vai pelo mundo	crônica	Poeta operário acusado de ultraje aos bons costumes por publicação da brochura <i>Como confessem os padres as jovens casadas e solteiras</i>
06/06/1914	p.2	Uberaba: Os efeitos funestos da obra clerical	artigo	Chegada dos jesuítas em Uberaba teria trazido decadência moral e intriga aos lares
06/06/1914	p.2	A "Lanterna" em Pitangueiras	artigo	Catolicismo atinge seu auge nessa localidade, por isso há necessidade de combater essa "invasão de jesuitismo"

06/06/1914	p.2	No Rio: Grande Festival de Propaganda Pró “Novos Horizontes”	artigo	A realizar-se no salão do Centro Cosmopolita com a palestra: <i>O papel da imprensa na propaganda social</i>
06/06/1914	p.2	Sempre os mesmos!	crônica	Jesuitismo traz desarmonia entre os homens e ganha espaço através do conluio com autoridades públicas
06/06/1914	p.2-3	Formidável escandalo num convento	artigo	Ex freira é perseguida por jesuítas odiosos
06/06/1914	p.3	Escola Moderna de S. Paulo	artigo	Reunião com palestras sobre o funcionamento da Escola
06/06/1914	p.3	Uma obra importante	artigo	Campanha de arrecadação de fundos para publicação da obra de José Oiticica: <i>História da Inquisição na Idade Média</i>
06/06/1914	p.3	Vida Operaria em Belém (Para)	artigo	Polícia reprime grevistas que foram ameaçados de expulsão
06/06/1914	p.3	O Nosso 3º Concurso	nota	Concurso que daria três prêmios às melhores respostas à pergunta: Qual é a origem do padre?
06/06/1914	p.3	Lanterna Mágica: Regime de Santo	artigo	Bispo Gregório Barbarigo Cardeal de Pádua trazia no corpo marcas de auto-penitência
06/06/1914	p.3	De Belo Horizonte: Como a clericalinha faz a caridade	artigo	Zeladora de escola jesuíta é condenada pela Igreja por angariar fundos com donativos para construir uma cabana para viver
06/06/1914	p.4	Escola Moderna N.2	nota	Divulgação da abertura da escola
06/06/1914	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação da abertura da escola
06/06/1914	p.4	Todo o trabalhador deve ler e auxiliar “A Voz do Trabalhador”	nota	Divulgação da publicação quinzenal da Confederação Operária Brasileira
06/06/1914	p.4	Entre camponeses	nota	Divulgação da venda da obra de Errico Malatesta
06/06/1914	p.4	Mentiras Divinas	nota	Divulgação da venda da obra de Chacon Sicilliasi
06/06/1914	p.4	Biblioteca da “Lanterna”	nota	Sugestão de leituras aos colaboradores e listagem de obras à venda
06/06/1914	p.4	Catecismo Ateu	nota	Divulgação dos preços da obra à venda
06/06/1914	p.4	A “Lanterna” no R.G do Sul	nota	Divulgação dos representantes de <i>A Lanterna</i> em: Porto Alegre, Pelotas, Jaguarão, Bagé e Rio Grande
22/08/1914	p.1	Apuram-se as responsabilidades	matéria	Crítica à guerra na Europa e a atuação do Vaticano no conflito
22/08/1914	p.1	Bíblia Vermelha	epígrafe	Citação de Eça de Queiroz sobre a religião como instinto rudimentar comum a todos os brutos
22/08/1914	p.1	Da Porta de Europa: A Guerra!	coluna	Não há contradição entre a indústria capitalista e a guerra.
22/08/1914	p.1	Anti-clericais! Livre-pensadores!	nota	Necessidade de fundar a Federação Brasileira do Livre Pensamento
22/08/1914	p.1-2	Cartas aos trabalhadores	crônica	Burguesia afirma que o operariado é um elemento passivo, em contraposição o movimento publica suas

				deliberações
22/08/1914	p.2	Liga Anticlerical do Rio de Janeiro	artigo	Sobre a reunião familiar promovida em benefício da Liga com palestras de José Oiticica e Carlos A. Lacerda
22/08/1914	p.2	Um novo caso Calvo	artigo	Sobre o desaparecimento do operário Manuel Campos, preso em Santos por participação em comício
22/08/1914	p.2	As riquezas dos conventos: O povo deve retoma-las	artigo	Denúncia das riquezas colossais dos conventos russos em contraste com a fome dos mujiques
22/08/1914	p.2	Abaixo a guerra!	artigo	Crítica à guerra nos Bálcãs e ao nacionalismo pansérvio
22/08/1914	p.3	Lepra não, padre sim!	crônica	Sobre os apelidos que se devem nomear os padres
22/08/1914	p.3	S.S. infalível esticou as canelas	matéria	Sobre a morte do Papa Pio X
22/08/1914	p.3	A "Lanterna" em Jequitibá (Minas)	crônica	Sobre a importância demasiada da religião na vida das pessoas
22/08/1914	p.3	Males da Guerra: Sob o regimento da fome	artigo	Irmandades e sociedades religiosas pretendem dar esmolas aos trabalhadores
22/08/1914	p.4	Biblioteca da "Lanterna"	nota	Sugestão de leituras aos colaboradores e listagem de obras à venda
22/08/1914	p.4	"Da Porta da Europa"	nota	Divulgação da coleção de crônicas de Neno Vasco à venda
22/08/1914	p.4	Escola Moderna N.2	nota	Divulgação do funcionamento da escola
22/08/1914	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
22/08/1914	p.4	A aparecer brevemente "Novos Horizontes"	nota	Divulgação da revista quinzenal de sociologia, arte, ciência, literatura e crítica
22/08/1914	p.4	Postais de Ferrer	nota	Informe da venda de postais com o retrato de Francisco Ferrer
22/08/1914	p.4	Todo o trabalhador deve ler e auxiliar "A Voz do Trabalhador"	nota	Divulgação da publicação quinzenal do Órgão da Confederação Operária Brasileira
22/08/1914	p.4	A Inquisição	nota	Divulgação da venda do folheto que denuncia o efeito dos atos do Santo Ofício
22/08/1914	p.4	Entre Camponeses	nota	Divulgação da venda da obra de Errico Malatesta
22/08/1914	p.4	Catecismo Ateu	nota	Divulgação dos preços da obra à venda
29/08/1914	p.1	Matai, matei muito!	artigo	Sobre as mortes provocadas pela guerra na Europa e os fuzilamentos de Liebnicht e Rosa Luxemburgo
29/08/1914	p.1	Tambem o Papa Negro esticou o pernil	artigo	Sobre a morte do Papa Pio Xis e o chamado Papa Negro, o superior da Companhia de Jesus
29/08/1914	p.1	Violências Policiais	artigo	Repressão policial e prisão de operários sob o pretexto de distribuição de boletins revolucionários
29/08/1914	p.1	De Paris: O caso Madame Caillaux	crônica	Sobre as madames francesas que fazem festas caras

				enquanto a multidão trabalha para mantê-las
29/08/1914	p.1	Lgrimas de crocodilo	crônica	Classes ilustradas no Brasil não são religiosas
29/08/1914	p.1-2	Carta aos trabalhadores	artigo	Denúncia sobre boletim espalhado pelo governo que acusa os anarquistas de explorar a boa fé e o desespero dos trabalhadores
29/08/1914	p.2	Males da Guerra: Sob o regimen da fome	artigo	Situação de miséria é grave e pode levar ao levante das massas trabalhadoras
29/08/1914	p.2	Da Porta da Europa: O apóstolo dos campos	crônica	Sobre camponês português que largou a música para militar na juventude sindicalista
29/08/1914	p.2	Na Escola Moderna N.2	artigo	Informe sobre palestra a ser realizada na escola por João Penteado sobre a paz universal
29/08/1914	p.3	Ecos e Notas: A Guerra	nota	Sobre a publicação no jornal oficial de Paris da notícia sobre a suspensão de lei relativa ao fechamento e dissolução das congregações religiosas
29/08/1914	p.3	Ecos e Notas: O dedo de Deus	nota	Sobre incêndio provocado internacionalmente contra a Igreja de Saint Antoine de La Louvière
29/08/1914	p.3	Ecos e Notas: Naturalmente	nota	Sobre a notícia do Vaticano de que a guerra deu lugar a manifestações de simpatia entre religiosos e militares
29/08/1914	p.3	Vida Operaria em Santos	nota	Sobre a absolvição de dois companheiros em julgamento
29/08/1914	p.3	A "Lanterna" em Bocaina	artigo	Denúncia de especulação clerical na cidade de Bocaina em razão da disputa ao cargo de vigário
29/08/1914	p.3	Sobre a Morte de Pio Xis	artigo	Insinuação de que a morte do Papa se deu em virtude da notícia recebida sobre a guerra na Europa
29/08/1914	p.3	A "Lanterna" em Mocóca	artigo	Sobre conferência feita pelo ministro protestante Sr. Ferraz acerca da guerra
29/08/1914	p.4	Biblioteca da "Lanterna"	nota	Sugestão de leituras aos colaboradores e listagem de obras à venda
29/08/1914	p.4	"Da Porta da Europa"	nota	Divulgação da venda de crônicas de Neno Vasco
29/08/1914	p.4	Escola Moderna N.2	nota	Informe sobre o funcionamento da escola
29/08/1914	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Informe sobre o funcionamento da escola
29/08/1914	p.4	A aparecer brevemente "Novos Horizontes"	nota	Divulgação da venda da revista quinzenal de sociologia, arte, ciência, literatura e crítica
29/08/1914	p.4	Postais de Ferrer	nota	Divulgação da venda de postais com o retrato de Francisco Ferrer
29/08/1914	p.4	Todo o trabalhador dele ler e auxiliar "A Voz do Trabalhador"	nota	Divulgação da publicação quinzenal do Órgão da Confederação Operária Brasileira
29/08/1914	p.4	A Inquisição	nota	Divulgação da venda de folheto sobre o efeito dos atos do Santo Ofício

29/08/1914	p.4	Entre Camponeses	nota	Divulgação da venda da obra de Errico Malatesta
29/08/1914	p.4	Mentiras Divinas	nota	Divulgação da venda da obra de Chacon Stelliani
05/09/1914	p.1	D. Caridade trabalha...	artigo	Governo e Igreja se unem para criar mecanismos de caridade para sanar a crise advinda da guerra
05/09/1914	p.1	Nos bastidores dos ergastulos clericais	artigo	Sobre a fuga de duas meninas de um colégio religioso por terem sofrido maus tratos
05/09/1914	p.1	Religião e trabalho	crônica	Crítica à religião promotora da ignorância, da preguiça e da covardia
05/09/1914	p.1	Carlos Liebknecht: Vítima heróica da guerra	matéria	Sobre a vida de Karl Liebknecht e sua luta política
05/09/1914	p.1	Mais um que estica o pernil	artigo	Sobre a morte do Dr. Bautroul também da Igreja Católica
05/09/1914	p.1	A Miséria do Povo: Uma opinião de Marat	crônica	Crítica às leis criadas para indivíduos iguais quando há graves diferenças sociais que os distinguem
05/09/1914	p.1-2	O principio do fim	matéria	Sobre a guerra na Europa que levou à morte milhões de trabalhadores
05/09/1914	p.2	Escola Moderna N.1	matéria	Sobre a festa escolar que contou com a conferência de Ângelo Scala
05/09/1914	p.2	Da Porta da Europa: A conflagração Européia	matéria	Sobre a guerra e a posição política de Bakunin
05/09/1914	p.2	Habemus pontificem!	artigo	Sobre a substituição do Papa por Giacomo Della Chiesa que tomou o nome de Benedito XV
05/09/1914	p.2	Cristo e o Papa	crônica	Sobre a pobreza do povo e a opulência da Igreja Católica
05/09/1914	p.2	Males da Guerra: Sob o regimen da fome	artigo	Sobre a campanha da Igreja Católica de angariar fundos para ajudar os pobres
05/09/1914	p.2	Secção amena	nota	Sátira aos padres e à idéia do pecado apregoada pela Igreja Católica
05/09/1914	p.3	A Inovação	crônica	Sobre a idéia da Igreja de criar novas interpretações da Bíblia
05/09/1914	p.3	O povo!	poema	Poema sobre a guerra na Europa e a morte de operários
05/09/1914	p.3	S.S.G. em Maceio: A nossa defesa	crônica	Sobre a História da Igreja Católica
05/09/1914	p.3	O que vai pelo mundo	artigo	Sobre a perda de fiéis que a Igreja Católica vem tendo
05/09/1914	p.3	A "Lanterna" em Santa Catarina	crônica	Crítica ao fanatismo religioso e à expulsão de pobres e negros da Igreja em Santa Catarina
05/09/1914	p.4	Biblioteca da "Lanterna"	nota	Sugestão de leituras aos colaboradores e listagem de obras à venda
05/09/1914	p.4	"Na Porta da Europa"	nota	Divulgação da venda da coleção de crônicas de Neno Vasco
05/09/1914	p.4	Escola Moderna N.2	nota	Sobre o funcionamento da escola

05/09/1914	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Sobre o funcionamento da escola
05/09/1914	p.4	A aparecer brevemente "Novos Horizontes"	nota	Divulgação da revista quinzenal de sociologia, arte, ciência, literatura e crítica
05/09/1914	p.4	Postais de Ferrer	nota	Divulgação da venda de postais com o retrato de Francisco Ferrer
05/09/1914	p.4	Todo o trabalhador deve ler e auxiliar "A Voz o Trabalhador"	nota	Divulgação da venda da publicação quinzenal
05/09/1914	p.4	A Inquisição	nota	Divulgação da venda do folheto sobre os efeitos dos atos do Santo Ofício
05/09/1914	p.4	Entre Camponeses	nota	Divulgação da venda da obra de Errico Malatesta
05/09/1914	p.4	Catecismo Ateu	nota	Divulgação dos preços da obra à venda
05/09/1914	p.4	Mentiras Divinas	nota	Divulgação da venda da Obra da Chacon Sicilliani
12/09/1914	p.1	A primeira tartufice	artigo	Sobre a declaração do Papa Benedito XV que falou que a guerra mundial é consequência de irreligiosidade
12/09/1914	p.1	Anti-clericais! Livre-pensadores!	nota	Sobre a necessidade de fundar a Federação Brasileira o Livre Pensamento
12/09/1914	p.1	Ode Aurirubra	poema	Sobre a história das barbáries cometidas pela Igreja Católica
12/09/1914	p.1	A "Lanterna" em Belo Horizonte	artigo	Crítica aos leilões promovidos pelos padres para arrecadar fundos para construir igrejas opulentas
12/09/1914	p.1	A religião, filha do medo	crônica	Sentimento religioso só se desenvolve no indivíduo pela pressão do medo
12/09/1914	p.1-2	Cartas aos trabalhadores	crônica	Sobre a vida de um menino de 13 anos que passa fome nas ruas
12/09/1914	p.2	Secção amena	nota	Sátira aos padres considerados desocupados
12/09/1914	p.2	Secção amena	nota	Sátira aos padres considerados exploradores dos fiéis
12/09/1914	p.2	Revoltante!	nota	Sobre o desaparecimento de Manuel Campos e a prisão de Alfredo Ovidi por distribuir boletins de convocação para comício
12/09/1914	p.2	Morreu um bandido!	artigo	Sobre a morte de Francisco José que ajudou a desencadear a guerra
12/09/1914	p.2	A "Lanterna" em Santa Catarina	artigo	Sobre padre que não guardava segredos de confissão
12/09/1914	p.2	Uma obra importante	artigo	Sobre a idéia de publicação da obra <i>História da Inquisição na Idade Média na Lanterna</i>
12/09/1914	p.2	Os frades e a guerra	matéria	Sobre o apoio da Igreja Católica à Francisco José e Guilherme II
12/09/1914	p.3	Males da Guerra: Sob o regimen da fome	artigo	Sobre a miséria do povo causada pela guerra e a organização de comícios para protestar contra a crise
12/09/1914	p.3	Nas obras da catedral	crônica	Sobre a miséria do povo em contraste com o

				favorecimento pelo governo da importação sem taxas alfandegárias de material de construção para o clero
12/09/1914	p.3	A Santa Casa do Rio	artigo	Sobre o fraco atendimento dirigido às pessoas pobres na Santa Casa
12/09/1914	p.3	Vida Operaria	nota	Sobre a fundação de Ligas Operárias em Sorocaba e em Uberlândia
12/09/1914	p.3	A "Lanterna" em Cruzeiro	crônica	Sobre o não cumprimento dos juramentos de castidade, pobreza e obediência pelos padres
12/09/1914	p.4	Biblioteca da Lanterna	nota	Sugestão de leituras aos colaboradores e listagem de obras à venda
12/09/1914	p.4	"Da Porta da Europa"	nota	Divulgação da venda da coleção de crônicas de Neno Vasco
12/09/1914	p.4	Escola Moderna N.2	nota	Divulgação do funcionamento da escola
12/09/1914	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
12/09/1914	p.4	A aparecer brevemente "Novos Horizontes"	nota	Divulgação da revista quinzenal de sociologia, arte, ciência, literatura e crítica
12/09/1914	p.4	Postais de Ferrer	nota	Divulgação da venda de postais com o retrato de Francisco Ferrer
12/09/1914	p.4	Todo o trabalhador deve ler e auxiliar "A Voz do Trabalhador"	nota	Divulgação da publicação do Órgão da Confederação Operária Brasileira
12/09/1914	p.4	A Inquisição	nota	Divulgação da venda do folheto que denuncia o efeito dos atos do Santo Ofício
12/09/1914	p.4	Entre Camponeses	nota	Divulgação da venda da obra de Errico Malatesta
12/09/1914	p.4	Catecismo Ateu	nota	Divulgação dos preços da obra à venda
12/09/1914	p.4	Mentiras Divinas	nota	Divulgação da obra de Chacon Sicilliani
19/09/1914	p.1	A Guerra e a Igreja	crônica	Militantes socialistas, anarquistas e sindicalistas tentam levar aos homens o terror à guerra, enquanto a mesma é incentivada pela burguesia, pelo clero e pelo oficialato
19/09/1914	p.1	Da Porta da Europa: incertezas e esperanças	artigo	Clero dá notícias incompletas e contraditórias da guerra ao povo
19/09/1914	p.1	De Paris: Da costa normanda a Paris	matéria	Sobre o assassinato de Jaurés
19/09/1914	p.1	Anti-clericais! Livre-pensadores!	nota	Necessidade de fundar a Federação Brasileira do Livre-Pensamento
19/09/1914	p.1	O medo e a religião	artigo	Imprensa clerical européia divulga que a guerra é castigo de Deus
19/09/1914	p.1	Palavras de Imperador	matéria	Guilherme, imperador da Alemanha e rei da Prússia é muito religioso
19/09/1914	p.2	A jesuitada e o imperialismo	matéria	Igreja católica está ansiosa para ver o Papa reinstalado pelos soldados alemães e austríacos no

				trono dos estados pontifícios
19/09/1914	p.2	Os insaciáveis	crônica	Apesar dos golpes que tem sofrido, a Igreja não abandonou o combate à ciência e ao progresso
19/09/1914	p.2	Secção amena	nota	Sátira ao jejum dos padres e à relação com as carestia de vida
19/09/1914	p.2	Abaixo a guerra!	matéria	Trabalhadores se opõem à guerra na Bélgica e na Alemanha
19/09/1914	p.2	Uma obra importante	artigo	Sobre a idéia de publicar a obra <i>História da Inquisição na Idade Média</i> no jornal <i>A Lanterna</i>
19/09/1914	p.2	Morcego, sim	crônica	Padre é produto da trindade: peste, fome e guerra, por isso deve ser apelidado de morcego
19/09/1914	p.3	Sobre o regimen da fome	artigo	Sobre greves e comícios realizados com apoio do Comitê Proletário de Defesa Popular
19/09/1914	p.3	Nucleos da vanguarda no Rio	artigo	Sobre a fundação no Rio de Janeiro do Grupo de Educação Racional
19/09/1914	p.3	O que é a guerra	crônica	Comentários de colaboradores sobre os horrores causados pela guerra
19/09/1914	p.3	Escola Moderna de S. Paulo	nota	Informe sobre quermesse que será realizada para angariar fundos para a escola
19/09/1914	p.3	Vida Operaria	nota	Sobre a posse da nova diretoria da União Tipográfica de Porto Alegre
19/09/1914	p.3	O Grupo "Novos Horizontes"	artigo	Prestação de contas do editor da revista
19/09/1914	p.3	Violências Policiais	artigo	Sobre a prisão de um operário e o contínuo desaparecimento do operário Manuel Campos
19/09/1914	p.3	Escola Moderna N.1	artigo	Informe sobre a transferência de data da quermesse organizada para angariar fundos para a escola
19/09/1914	p.4	Biblioteca da "Lanterna"	nota	Sugestão de leituras aos colaboradores e listagem de obras à venda
19/09/1914	p.4	"Da Porta da Europa"	nota	Divulgação da venda da coleção de crônicas de Neno Vasco
19/09/1914	p.4	Escola Moderna N.2	nota	Divulgação do funcionamento da escola
19/09/1914	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
19/09/1914	p.4	A aparecer brevemente "Novos Horizontes"	nota	Divulgação da revista quinzenal de sociologia, arte, ciência, literatura e crítica
19/09/1914	p.4	Postais de Ferrer	nota	Divulgação da venda de postais com o retrato de Francisco Ferrer
19/09/1914	p.4	Todo o trabalhador deve ler e auxiliar "A Voz do Trabalhador"	nota	Divulgação da venda dessa publicação do Órgão da Confederação Operária Brasileira
19/09/1914	p.4	A Inquisição	nota	Divulgação da venda de folheto que trata do efeito dos atos do Santo Ofício

19/09/1914	p.4	Entre Camponeses	nota	Divulgação da venda da obra de Errico Malatesta
19/09/1914	p.4	Catecismo Ateu	nota	Divulgação dos preços da obra à venda
19/09/1914	p.4	Mentiras Divinas	nota	Divulgação da obra de Chacon Sicilliani
26/09/1914	p.1	Da Porta da Europa: No meio da tempestade	crônica	Deus tem muito trabalho para atender às preces dos soldados de todas as crenças envolvidos na guerra
26/09/1914	p.1	Deus	crônica	Deus é mera criação do homem
26/09/1914	p.1	De Paris: Da costa normanda a Paris	crônica	Crítica ao imperialismo e sua insuportável e pedante hegemonia
26/09/1914	p.1	Em Portugal: Os horrores do fanatismo	artigo	Uma mulher doente e abandonada é considerada santa
26/09/1914	p.1	Alemanha: A Igreja e a social-democracia	matéria	Crítica à atuação da social-democracia que interrompeu as hostilidades com a Igreja
26/09/1914	p.1	Anticlericais! Livre-pensadores!	nota	Necessidade de fundar a Federação Brasileira do Livre-Pensamento
26/09/1914	p.2	A Guerra	artigo	Contra o engajamento da guerra mesmo que o Brasil se envolva no conflito
26/09/1914	p.2	Santa	poema	Devassidão de Madalena não impediu que a mesma se transformasse em santa
26/09/1914	p.2	Uma pagina de Historia	matéria	Denúncia dos horrores cometidos pela Igreja Católica na Idade Média
26/09/1914	p.2	O 20 de setembro no Rio	artigo	Realização de sessão sobre a queda do poder dos Papas
26/09/1914	p.2	Achatando clericrapulas	crônica	Igreja Católica cometeu abomináveis crimes: não civilizou os povos nem levou a felicidade a eles
26/09/1914	p.2-3	A avó da Revolução Russa	artigo	Denúncia de mulher de 70 anos que foi enviada para o deserto polar por suspeitas de conspirar contra o regime
26/09/1914	p.3	Sob o regimen da fome	artigo	Sobre comício realizado na Barra Funda pelo Comitê Proletário de Democracia Popular
26/09/1914	p.3	Escola Moderna	artigo	Informe sobre festa escolar par angariar fundos para a compra de livros e materiais escolares
26/09/1914	p.3	Uma obra importante	artigo	Arrecadação de verbas e assinaturas para publicação da obra <i>História da Inquisição na Idade Média na Lanterna</i>
26/09/1914	p.3	Liga Anticlerical do Rio de Janeiro	nota	Informe sobre assembléia geral para associados à realizar-se em 1º de outubro
26/09/1914	p.3	Festa de propaganda	nota	Realização de festa de propaganda com conferências promovida pelo Centro Libertário de São Paulo
26/09/1914	p.4	Biblioteca da "Lanterna"	nota	Sugestão de leituras aos colaboradores e divulgação de obras à venda

26/09/1914	p.4	"Da Porta da Europa"	nota	Divulgação da venda da coleção de crônicas de Neno Vasco
26/09/1914	p.4	Escola Moderna N.2	nota	Divulgação do funcionamento da escola
26/09/1914	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
26/09/1914	p.4	A aparecer brevemente "Novos Horizontes"	nota	Divulgação da venda de revista quinzenal de sociologia, arte, ciência, literatura e crítica
26/09/1914	p.4	Postais de Ferrer	nota	Divulgação da venda de postais com o retrato de Francisco Ferrer
26/09/1914	p.4	Todo o trabalhador deve ler e auxiliar "A Voz do Trabalhador"	nota	Divulgação da venda da publicação do Órgão da Confederação Operária Brasileira
26/09/1914	p.4	A Inquisição	nota	Divulgação da venda de folheto que trata dos efeitos dos atos do Santo Ofício
26/09/1914	p.4	Entre Camponeses	nota	Divulgação da venda da obra de Errico Malatesta
26/09/1914	p.4	Catecismo Ateu	nota	Divulgação dos preços da obra à venda
26/09/1914	p.4	Mentiras Divinas	nota	Divulgação da venda da obra de Chacon Sicilliani
08/10/1914	p.1	Bento XV fala...	artigo	Guerra foi desencadeada com o apoio da Igreja Católica
08/10/1914	p.1	Bíblia Vermelha	nota	Guerra é uma atrocidade que humilha a natureza humana
08/10/1914	p.1	Da Porta da Europa: Uma Nova Internacional	matéria	Crítica à social-democracia alemã, formalista e autoritária
08/10/1914	p.1	O futuro das religiões: opinião dum socialista	crônica	Sobre a dissolução do sentimento religioso
08/10/1914	p.1	De Paris: Em tempo de guerra na cidade e no campo	artigo	Auxílio mútuo entre as pessoas que não foram à guerra
08/10/1914	p.1	Pela Manhã...	poema	Sobre abade que passa galanteios em moça
08/10/1914	p.2	Aos homicidas	crônica	Crítica aos Estados que se lançam em guerras querendo aniquilar uns aos outros
08/10/1914	p.2	No afam da cavação, os padres provocam protestos em Belo Horizonte	crônica	Os padres seriam mais úteis se fossem enviados aos campos de batalha
08/10/1914	p.2	Os clericais são pelo imperialismo alemão	artigo	Denúncia de germanfilia dos militantes do clericalismo
08/10/1914	p.2	Festa de propaganda	nota	Divulgação de festa familiar e de propaganda à ser realizada por iniciativa do Centro Libertário de São Paulo
08/10/1914	p.2	Que fez a polícia de Manuel Campos?	artigo	Sobre o contínuo desaparecimento do operário Manuel Campos
08/10/1914	p.2	Em Minas a clericalinha realiza um congresso	artigo	Crítica à intromissão de padres e bispos em questões operárias
08/10/1914	p.3	Escola Moderna de S. Paulo	nota	Informe sobre o cancelamento da quermesse escolar por crise financeira
08/10/1914	p.3	Despertar feminino	artigo	Sobre a atuação do movimento feminista em busca

				do direito de voto
08/10/1914	p.3	Pio X foi um Papa nefasto para a Igreja	matéria	Crítica à crença do Papa no poder religioso
08/10/1914	p.3	Por lere a "Lanterna", dois moços foram expulsos da "Santa" Casa	artigo	Dois jovens são expulsos por uma enfermeira do hospital por lerem <i>A Lanterna</i>
08/10/1914	p.3	O que é a guerra: como a consideram vários escritores brasileiros	artigo	Crítica de Edgard Leuenroth à guerra que vai de acordo com os interesses capitalistas e contra o povo
08/10/1914	p.3	Secção amena	nota	Sátira ao homossexualismo de alguns padres
08/10/1914	p.3	Vida Operaria: Como são espoliados os trabalhadores neste momento de crise	artigo	Patrões oferecem salário miserável e aumentam o horário de trabalho neste período de crise
08/10/1914	p.4	Biblioteca da "Lanterna"	nota	Sugestão de leituras aos colaboradores e listagem de obras à venda
08/10/1914	p.4	"Da Porta da Europa"	nota	Divulgação da venda da coleção de crônicas de Neno Vasco
08/10/1914	p.4	Escola Moderna N.2	nota	Divulgação do funcionamento da escola
08/10/1914	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
08/10/1914	p.4	A aparecer brevemente "Novos Horizontes"	nota	Divulgação da venda de revista quinzenal de sociologia, arte, ciência, literatura e crítica
08/10/1914	p.4	Todo o trabalhador deve ser e auxiliar "A Voz do Trabalhador"	nota	Divulgação da venda da publicação do Órgão da Confederação Operária Brasileira
08/10/1914	p.4	Entre Camponeses	nota	Divulgação da venda da obra de Errico Malatesta
08/10/1914	p.4	Catecismo Ateu	nota	Divulgação dos preços da obra à venda
08/10/1914	p.4	Mentiras Divinas	nota	Divulgação da venda da obra de Chacon Sicilliani

CATÁLOGO POR ANO – 1915

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
27/02/1915	p.1	Paginas de actualidade: A Igreja e o Proletariado	crônica	História de submissão dos povos é a história do predomínio religioso
27/02/1915	p.1	Da Porta da Europa: Uma lição severa	matéria	Sobre Brito Camacho que lutou pela realização de eleições com a sua União Republicana em Portugal
27/02/1915	p.1	Pilherias clericais	artigo	Sobre Henrique Lavedan: membro da Academia Francesa que incentiva a vitória na guerra mesmo não sendo soldado
27/02/1915	p.1	Um interessante concurso	matéria	Informe sobre concurso de poesias
27/02/1915	p.1-2	De Paris: As sopas populares	artigo	Sobre a promoção de campanhas de caridade em benefício dos pobres feitas pelo Estado e pela Igreja
27/02/1915	p.2	Notas simples	crônica	Crítica à imprensa em geral que mascara as notícias
27/02/1915	p.2	A luta milenar entre Deus e os homens	crônica	Sobre a inexistência de Deus, com pareceres de Proudhon, Voltaire e Bakunin
27/02/1915	p.2	O carnaval e os mistérios egípcios	crônica	Similitudes entre as origens de carnaval e a religião

				no Egito Antigo
27/02/1915	p.2	A sanha clerical no Estado de Alagoas	artigo	Padre petulante não permite oposição às suas idéias
27/02/1915	p.2	O Deus dos exercitos	matéria	Kaiser é religioso e ao mesmo tempo agente provocador da guerra
27/02/1915	p.3	Liga Anticlerical do Rio de Janeiro	artigo	Eleição da diretoria e da Comissão de Propaganda, diretor eleito: Carlos Lacerda
27/02/1915	p.3	Mundo Operário: Confederação Operaria Brasileira	artigo	C.O.B. sobre conseqüências da crise geral pela qual se passa
27/02/1915	p.3	União Geral dos Trabalhadores	nota	Prestação de contas do mês de novembro e dezembro
27/02/1915	p.3	Secção amena	nota	Sátira aos santos que deveriam sentir vergonha ao ver os homens serem governados pelas eminências atuais
27/02/1915	p.3	Nucleos da Vanguarda	nota	Informe sobre a fundação do Grupo Anarquista Os Perseguidos em Belém do Pará
27/02/1915	p.3	Em S. Paulo	nota	Prestação de contas do Centro Libertário de São Paulo
27/02/1915	p.3	Anti-clericais! Livre-pensadores!	nota	Necessidade de fundar a Federação Brasileira do Livre-Pensamento
27/02/1915	p.4	Uma obra importante	artigo	Sobre a necessidade de publicação em <i>A Lanterna</i> da obra <i>História da Inquisição na Idade Média</i> traduzida por José Oiticica
27/02/1915	p.4	Biblioteca da "Lanterna"	nota	Sugestão de leituras aos colaboradores e listagem de obras à venda
27/02/1915	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
27/02/1915	p.4	Todo o trabalhador deve ler e auxiliar "A Voz do Trabalhador"	nota	Divulgação da publicação quinzenal do Órgão da Confederação Operária Brasileira
27/02/1915	p.4	Entre Camponeses	nota	Divulgação da venda da obra de Errico Malatesta
27/02/1915	p.4	Catecismo Ateu	nota	Divulgação dos preços da obra à venda
27/02/1915	p.4	Escola Moderna N.2	nota	Divulgação do funcionamento da escola
27/02/1915	p.4	"Da Porta da Europa"	nota	Divulgação da venda da coleção de crônicas de autoria de Neno Vasco
27/02/1915	p.4	A Inquisição	nota	Divulgação da venda de folheto que denuncia o efeito dos atos do Santo Ofício
27/02/1915	p.4	Mentiras Divinas	nota	Divulgação da venda da obra de Chacon Sicilliani
27/02/1915	p.4	O Sagrado Coração de Jesus	nota	Divulgação da venda de exemplares do folheto anticlerical
27/02/1915	p.4	Livres-pensadores leiam "A Vida"	nota	Divulgação da venda de publicação mensal anarquista

CATÁLOGO POR ANO – 1916

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
15/04/1916	p.1	O Brazil a caminho da teocracia	crônica	Crítica às nações da América do Sul, em especial o Brasil, onde a Igreja está exercendo seu domínio
15/04/1916	p.2	A crise e as suas causas	crônica	Denúncia de uma minoria que se apoderou da terra e dos instrumentos de trabalho
15/04/1916	p.2	O jubileu bispalino e a visita do cardeal	artigo	Denúncia de cobrança de taxa dos fiéis que quisessem ver o jubileu do bispo
15/04/1916	p.3	Militarismo, Pátria e Questão Social	artigo	Crítica ao serviço militar obrigatório imposto no Brasil
15/04/1916	p.3	Aproveitam-se os patrões do momento crítico para aumentar a sua tirania	artigo	Denúncia de atraso nos pagamentos, demissões de trabalhadores sem razões claras e exploração de seu trabalho
15/04/1916	p.3	Vigário que leva uma “taboa” e fica “ranzinza”	crônica	Denúncia de vigário que tentou galantear uma moça e não foi correspondido
15/04/1916	p.3	Lasso de la Vega	matéria	Sobre falecimento de Leoncio Lasso de la Veja, defensor da classe proletária em Montevideu
15/04/1916	p.3	A Revolta	poema	Crítica à opressão imposta pelo capitalismo e apelo à vitória anarquista
15/04/1916	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
15/04/1916	p.4	A sociedade futura	artigo	Crítica ao comunismo e aos outros sistemas políticos e apelo à vitória do anarquismo
15/04/1916	p.4	[s.t.]	crônica	Crítica ao protecionismo e aos privilégios que atingem o domínio do Papa
15/04/1916	p.4	Biblioteca da “Lanterna”	nota	Sugestão de leituras aos colaboradores e listagem de obras à venda
01/05/1916	p.1-2	O Evangelho da Hora	conto	Conto publicado por capítulos discorre sobre o associativismo
01/05/1916	p.3	A Margem da Guerra	artigo	Sobre a futura revolução social e a participação do povo nela
01/05/1916	p.3	Ecos e Notas	artigo	Divulgação da nova publicação de propaganda socialista intitulado <i>O Povo</i>
01/05/1916	p.3	Pela mulher	artigo	Sobre a luta pela emancipação da mulher
01/05/1916	p.3	O Evangelho da Hora	nota	Sobre a publicação deste folheto em <i>A Lanterna</i> e a necessidade de novas assinaturas
01/05/1916	p.3	Bíblia Vermelha	nota	Sátira à moral católica
01/05/1916	p.3	Bíblia Vermelha	nota	Crítica ao Estado enquanto detentor do monopólio da violência
01/05/1916	p.3	Bíblia Vermelha	nota	Crítica a Bíblia causadora da ignorância e da resignação

01/05/1916	p.3	Deus	crônica	Sobre a existência de Deus
01/05/1916	p.3	[s.t.]	crônica	Deuses são criações humanas, construídos de acordo com as suas predileções
01/05/1916	p.4	1º de Maio	página ilustrada	Sobre a emancipação dos trabalhadores com imagens dos líderes anarquistas

DADOS DA PUBLICAÇÃO

TÍTULO: A Plebe.

ARQUIVO: Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM)

FUNDO: Archivio Storico del Movimento Operaio Brasileiro (ASMOB), em propriedade do Instituto Astrojildo Pereira – (IAP).

LOCAL DA PUBLICAÇÃO: São Paulo, Largo da Sé.

VALORES: nº. avulso: \$100, assinatura anual: 10\$000, assinatura semestral: 6\$000.

CATÁLOGO POR ANO – 1917

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
09/06/1917	p.1	Rumo á Revolução Social	artigo	<i>A Plebe</i> é a continuação de <i>A Lanterna</i> e propõe a luta pela emancipação social
09/06/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Alphonse Karr criticando o patriotismo
09/06/1917	p.1	O pobre é um vadio?	crônica	O trabalhador é quem firma os alicerces da sociedade
09/06/1917	p.2	Os crimes da burguezia: O horroroso desastre do Rio	artigo	Sobre o desabamento de um prédio em construção e a sentença do inquérito sobre a inculpabilidade dos construtores
09/06/1917	p.2	Ação Obreira: Liga Operaria da Moóca	nota	Informe sobre o desenvolvimento rápido desta associação
09/06/1917	p.2	Ação Obreira: Liga Operaria do Belemzinho	nota	Informe sobre a fundação desta associação
09/06/1917	p.2	Ação Obreira: No Cambucy e na Lapa	nota	Informe sobre o lançamento das bases das Ligas Operárias locais
09/06/1917	p.2	Ação Obreira: Em S. Caetano	nota	Informe sobre a constituição de uma associação de trabalhadores metalúrgicos
09/06/1917	p.2	Ação Obreira: Movimento de Canteiros	nota	Informe sobre movimento grevista
09/06/1917	p.2	Ação Obreira: As greves de tecelões	nota	Informe sobre a greve vitoriosa de trabalhadores do ramo da tecelagem
09/06/1917	p.2	Pampeiro rebelde	artigo	Sobre organização de uma escola moderna em Porto Alegre
09/06/1917	p.2	Ação Obreira: Os conquistadores	nota	Informe sobre a necessidade da Itália de conquistar novos domínios
09/06/1917	p.2	“Guerra Sociale”	nota	Informe sobre o surgimento desse periódico anarquista
09/06/1917	p.2	Prenuncios de liberdade	artigo	Sobre a revolução russa
09/06/1917	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação de Mylab sobre o patriotismo
09/06/1917	p.3	Ao povo amigo	crônica	Texto criticando os padres e a Igreja

09/06/1917	p.3	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
09/06/1917	p.3	Pela Desordem!	artigo	Sobre os movimentos reivindicatórios dos trabalhadores pelo mundo
09/06/1917	p.4	Aos amigos e antigos assignantes da <A Lanterna>	nota	Informe sobre <i>A Plebe</i> ser continuidade de <i>A Lanterna</i>
09/06/1917	p.4	Rebelião	poema	Poema sobre a revolução social
09/06/1917	p.4	Vida Libertaria	artigo	Sobre a Aliança Anarquista constituída em São Paulo e suas atividades
09/06/1917	p.4	Comentarios de um plebeu	matéria	Sobre os vinte e cinco homens condenados à deportação por vadiagem
16/06/1917	p.1	Em nome do Povo, não!	artigo	Sobre a decisão dos deputados de aprovar a entrada do Brasil na guerra
16/06/1917	p.1	C'est la lutte finale...!	artigo	Sobre as manifestações na França contra a guerra
16/06/1917	p.1	Sermões ao ar livre	coluna	Sobre o anarquismo-comunista revolucionário que possui um método de ação
16/06/1917	p.2	Inevitável solução	artigo	Sobre a guerra e as transformações pelas quais o mundo vem passando
16/06/1917	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação de Erasmo sobre os vícios da sociedade
16/06/1917	p.2	A's Mães	artigo	Texto para que as mães se manifestem contra a guerra que leva seus filhos para a morte
16/06/1917	p.2	A revolução russa	crônica	Texto sobre a relação existente entre a guerra e a revolução russa
16/06/1917	p.2	A falência do Estado	crônica	Texto de Astrojildo Pereira sobre a guerra que está acarretando na falência do Estado
16/06/1917	p.2	"A Plebe" é a continuação d' "A Lanterna"	nota	Informe sobre a continuidade da publicação
16/06/1917	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação de J. Serji sobre a servidão dos homens
16/06/1917	p.2	O horrivel desastre do Rio	artigo	Sobre protesto do proletariado carioca contra a burguesia e suas ações
16/06/1917	p.3	Acção Obreira: Os Tecelões	nota	Sobre a greve dos trabalhadores da fábrica de tecidos Rodolpho Crospi
16/06/1917	p.3	Acção Obreira: na Comp. de Industrias Textis da Moóca	nota	Informe sobre greve dos trabalhadores desta indústria
16/06/1917	p.3	Acção Obreira: Os canteiros	nota	Informe sobre greves em São Paulo, Ribeirão Pires, Cotia e Itaquera
16/06/1917	p.3	Acção Obreira: Liga Operaria da Moóca	nota	Sobre a prosperidade desta associação
16/06/1917	p.3	Acção Obreira: Liga Operaria do Belemzinho	nota	Sobre a organização do operariado neste bairro
16/06/1917	p.3	Acção Obreira: Em S. Caetano	nota	Sobre a constituição do Sindicato dos Laminadores nesta localidade
16/06/1917	p.3	Acção Obreira: Syndicato Graphico	nota	Sobre a organização dos trabalhadores gráficos neste sindicato
16/06/1917	p.3	O crime social de Buenos-Aires	matéria	Sobre manifestação dos anarquistas de Buenos Aires

16/06/1917	p.4	Contos da Guerra: O Filho	conto	Conto sobre mãe que viu seu filho ir para a guerra e não voltar mais
16/06/1917	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
16/06/1917	p.4	[s.t.]	epígrafe	Citação de George Clemenceau criticando o Estado
16/06/1917	p.4	Desprestigiemos a guerra	crônica	Sobre a necessidade de se discutir as atrocidades da guerra
23/06/1917	p.1	Não tardará a vindicta da plebe	artigo	Texto de Edgard Leuenroth sobre a luta de classes
23/06/1917	p.1	Guanabarinhas	artigo	Texto de Astper contra as manifestações dos trabalhadores
23/06/1917	p.1	Commentarios de um plebeu	artigo	Sobre denúncia falsa de que anarquistas argentinos estariam fazendo protestos violentos
23/06/1917	p.2	Uma cruzada que se impõe	crônica	Texto de Antonio Canellas sobre a miséria da população rural
23/06/1917	p.2	O sol da nova Idéa	poema	Poema criticando as crenças religiosas
23/06/1917	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação de Rousseau criticando as instituições militaristas
23/06/1917	p.3	Cessou o movimento da Companhia Textil	nota	Informe sobre a vitória desse movimento grevista
23/06/1917	p.3	Os Canteiros	nota	Informe sobre a continuidade da greve dos canteiros de Ribeirão Pires, Cotia, Itraquera e Louveiras
23/06/1917	p.3	Liga Operaria da Moóca	nota	Informe sobre o crescimento do número de sócios nessa agremiação
23/06/1917	p.3	Foi fundada a Liga Operaria da Lapa e Água Branca	nota	Informe sobre a fundação dessa Liga e o discurso de Edgard Leuenroth
23/06/1917	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de Cezar de Paepe criticando Deus, o poder e a propriedade
23/06/1917	p.3	Uma "Enquête" d' "A Plebe"	nota	Informe sobre enquete que questiona os leitores sobre a guerra e a questão social
23/06/1917	p.3	Verdades que não se dizem	crônica	Sobre a exploração capitalista, o proletariado e a guerra
23/06/1917	p.3	Hora Propicia: Mendigo	crônica	Texto sobre a miséria e a caridade
23/06/1917	p.4	A Aliança Anarchista ao Povo	artigo	Texto sobre a Aliança Anarquista e suas bases
30/06/1917	p.1	Cortezia Oriental	matéria	Sobre a ajuda oferecida à Rússia pelo Japão para organizar a democracia neste país
30/06/1917	p.1	Ai! Delles, porém...	artigo	Sobre sentença judicial que nega aos trabalhadores o direito de fazer comícios em praças públicas
30/06/1917	p.1	O Desertor	crônica	Texto de Astrojildo Pereira criticando o heroísmo das guerras
30/06/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Francisco Delaini criticando o patriotismo
30/06/1917	p.1	Greves symptomaticas	artigo	Sobre as diversas greves empreendidas pelo operariado do mundo todo

30/06/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Francisco Ferrer criticando a distinção por sexos na sociedade
30/06/1917	p.1	Guanabarrinas	crônica	Texto de Astper sobre a Doutrina Monroe
30/06/1917	p.1	<<O Debate>>	nota	Informe sobre o surgimento de revista semanária política dirigida por Adolpho Porto e Astrojildo Pereira
30/06/1917	p.2	A grandiosa epopeia russa	artigo	Sobre as falsas notícias difundidas pela imprensa burguesa sobre a revolução russa
30/06/1917	p.2	Lobos e Cordeiros	conto	Conto de E. Lima sobre as diferenças sociais e a luta de classes
30/06/1917	p.2	Abri! Eu chamo-me a Anarchia!	poema	Poema de Gomes Leal sobre o anarquismo
30/06/1917	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação de Astrojildo Pereira criticando o governo
30/06/1917	p.2	Anarchistas...	crônica	Texto criticando a idéia de que os anarquistas são desordeiros e violentos
30/06/1917	p.2	A Justiça	crônica	Texto de A. Hunter criticando a justiça e sua ineficiência
30/06/1917	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação de Tiberius Gracchus criticando o patriotismo
30/06/1917	p.3	Contra a escravidão industrial: Os operários da fabrica "Labor" conseguiram um aumento de salarios	nota	Sobre o movimento grevista vitorioso desses trabalhadores
30/06/1917	p.3	O comicio de domingo	nota	Sobre comício realizado pela Liga Operária do Belemzinho
30/06/1917	p.3	As Ligas operarias dos arrabaldes	nota	Sobre o êxito da iniciativa de reunir os proletários nos próprios bairros onde residem e trabalham
30/06/1917	p.3	A greve dos canteiros	nota	Sobre a continuidade da greve dos canteiros
30/06/1917	p.3	Imponente passeata	nota	Sobre passeata e comícios realizados pelos grevistas do Colonificio Crespi
30/06/1917	p.3	Hora Propicia: Caridade	crônica	Texto criticando o assistencialismo promovido pelo capitalismo
30/06/1917	p.3	[s.t.]	nota	Citação de R. Teixeira Mendes criticando a violência promovida pelo capitalismo
30/06/1917	p.4	Notas simples	artigo	Texto sobre a atuação dos anarquistas nos movimentos dos trabalhadores
30/06/1917	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
30/06/1917	p.4	"A Plebe" por ahi afora: Boas novas de Sorocaba	nota	Sobre a criação nesta cidade de uma escola racionalista fundada pelo Centro de Estudos Sociais
09/07/1917	p.1	O Momento: O porquê das Gréves	artigo	Sobre a luta dos anarquistas em prol da liberdade
09/07/1917	p.1	Guanabarrinas	artigo	Sobre o alinhamento do Brasil na guerra contra a Alemanha
09/07/1917	p.1	A Plebe	crônica	Texto de Eça de Queiroz sobre a miséria do povo no capitalismo
09/07/1917	p.1	Commentarios de um plebeu	artigo	Sobre as greves dos trabalhadores e o apoio de

				anarquistas e socialistas
09/07/1917	p.2	Notas simples	crônica	Sobre as greves operárias e a exploração capitalista
09/07/1917	p.2	A inquietação policial na cidade de São João da Boa Vista	artigo	Texto sobre a repressão policial aos trabalhadores
09/07/1917	p.3	A greve dos tecelões	nota	Informe sobre a continuidade da greve dos tecelões
09/07/1917	p.3	Os produtos do "cavallivre" boicotados	nota	Sobre a boicotagem dos operários aos produtos do Cotonifício Rodolpho Crespi
09/07/1917	p.3	Na fabrica de Nami Jafet	nota	Sobre a greve na fabrica de Nami Jafet
09/07/1917	p.3	Comícios e passeatas	nota	Sobre manifestação de operários grevistas
09/07/1917	p.3	O movimento dos canteiros	nota	Sobre a continuidade da greve dos canteiros de Ribeirão Pires, Loureira e Itaquera
09/07/1917	p.3	Os marceneiros também se agitam	nota	Sobre a greve de marceneiros de várias oficinas pelo aumento de salários
09/07/1917	p.3	Para uma acção conjuncta	nota	Sobre reunião de várias agrupações proletárias de São Paulo a fim de acordar as bases de uma acção conjunta
09/07/1917	p.3	Os Anarchistas e a policia	artigo	Sobre a repressão policial ao meeting anarquista no Rio de Janeiro
09/07/1917	p.4	A Igreja Christã	artigo	Texto criticando a doutrina cristã
09/07/1917	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação sobre o funcionamento da escola
09/07/1917	p.4	Novas de clericanopolis	artigo	Crítica ao domínio do clero em Campinas
09/07/1917	p.4	Tyranno sim; libertador, não	matéria	Texto sobre os crimes do regime czarista na Rússia
21/07/1917	p.1	O proletariado em revolta affirma o seu direito a vida	artigo	Sobre o movimento grevista dos trabalhadores
21/07/1917	p.1	União Sagrada	artigo	Sobre o movimento grevista e crítica à união sagrada dos burgueses e dos patriotas
21/07/1917	p.1	As barricadas	artigo	Sobre o movimento grevista e a repressão das forças armadas
21/07/1917	p.2	Contra o regimen da fome: A única e necessaria solução	crônica	Sobre a greve dos operários e as condições impostas pelos burgueses
21/07/1917	p.2	As caduquices do "Vovô"	artigo	Sobre texto do Correio Paulistano que criticou a greve dos trabalhadores
21/07/1917	p.2	Notas simples	artigo	Sobre a grandiosidade do atual movimento grevista
21/07/1917	p.2	O apello aos soldados	artigo	Apelo ao apoio dos soldados aos trabalhadores grevistas
21/07/1917	p.3	O Regimen da fome: Imitemos a Russia	artigo	Sobre a crise mundial e as vitórias do povo russo
21/07/1917	p.3	O que reclamam os operarios	artigo	Sobre as resoluções tomadas pelas Ligas Operárias e corporações em greve
21/07/1917	p.4	A adhesão de muitas outras cidades: Em Campinas	artigo	Notícias do andamento do movimento grevista dos trabalhadores de Campinas
21/07/1917	p.4	O movimento estendeu-se	artigo	Notícias dos movimentos grevistas de Santos, Sorocaba, Piracicaba, São Roque, Jundiáí, São

				Caetano e Limeira
21/07/1917	p.4	Os novos mortos	artigo	Sobre os trabalhadores mortos durante a greve em conflito com a polícia
21/07/1917	p.4	A victoria	artigo	Sobre as vitórias obtidas pelos trabalhadores através do movimento grevista
21/07/1917	p.4	A expropriação	artigo	Sobre os inúmeros casos de expropriação que se registraram em São Paulo durante o movimento grevista
28/071917	p.1	A Revolta Proletaria	crônica	Sobre as instituições burguesas que exploram o proletariado
28/071917	p.1	Alvorada de esperança	crônica	Sobre as mudanças ocorridas no mundo
28/071917	p.1	Commentarios de um plebeu	artigo	Sobre a greve geral do operariado de São Paulo
28/071917	p.1	Os mortos	artigo	Sobre a ocultação do número de mortos na greve geral pela polícia
28/071917	p.1	Igreja e Estado	crônica	Crítica às crenças religiosas e ao autoritarismo do Estado
28/071917	p.2	O movimento tomou grandes proporções	artigo	Sobre o início do movimento grevista no Rio de Janeiro
28/071917	p.2	Imperou o regimen da rolha	artigo	Sobre a preocupação da polícia com o movimento grevista
28/071917	p.2	Ecos do grande movimento	artigo	Sobre a desorganização do movimento grevista de Campinas
28/071917	p.2	A propósito da greve	artigo	Sobre greve do operariado de Santos
28/071917	p.2	O pessoal dos bondes	artigo	Crítica aos fura-greves da Light
28/071917	p.2-3	Algo sobre a revolução russa	artigo	Sobre os acontecimentos da Rússia
28/071917	p.3	A repercussão do movimento de S. Paulo	artigo	Sobre as exigências dos grevistas
28/071917	p.3	Em Piracicaba	nota	Sobre a organização de um movimento grevista nesta localidade
28/071917	p.3	No Paraná	nota	Sobre a greve realizada no Paraná
28/071917	p.3	Em Bello Horizonte	nota	Sobre comício de protesto realizado nesta localidade
28/071917	p.3	O Melhor resultado da greve geral	artigo	Sobre o movimento grevista de São Paulo e seus resultados
28/071917	p.3	Comitê de Defesa proletaria	nota	Informe sobre reunião dos representantes das agremiações operárias e dos grupos que constituem o Comitê de Defesa Proletária
28/071917	p.3	O governo amargurado pela derrota	artigo	Sobre a repressão do governo aos operários grevistas
28/071917	p.3	A proteção á Antarctica	artigo	Crítica à proteção da polícia a essa empresa
28/071917	p.3	Reunião geral dos libertarios	nota	Informe sobre reunião do Centro Libertário com os anarquistas de São Paulo

28/07/1917	p.3	Os presos	artigo	Sobre os operários que continuam presos por envolvimento no movimento grevista
28/07/1917	p.4	Notas internacionais	matéria	Sobre manifestações contra a guerra nos Estados Unidos, na Espanha e na Holanda
28/07/1917	p.4	Contrastes	poema	Poema de Andrade de Cadete sobre a desigualdade social e econômica
28/07/1917	p.4	O operario	crônica	Sobre as lutas empreendidas pelo operariado e seus obstáculos
28/07/1917	p.4	A oratoria que "elles" temem	artigo	Sobre jornal burguês que difamou os operários grevistas
04/08/1917	p.1	Obediencia passiva e disciplina militar	artigo	Apelo à atividade política dos trabalhadores em prol de uma nova sociedade
04/08/1917	p.1	Os Bispos e a Gréve	crônica	Crítica à religião que seria aliada política do Estado
04/08/1917	p.1	"O Debate"	nota	Informe e divulgação da revista <i>O Debate</i> cujos diretores são Astrojildo Pereira e Adolpho Porto
04/08/1917	p.1	Guanabarinás	artigo	Texto de Astper sobre a greve geral dos trabalhadores
04/08/1917	p.2	Assalto á casa de um operario	artigo	Sobre invasão da polícia à casa de um operário grevista
04/08/1917	p.2	Um autoritário "malgré lui"	crônica	Sobre a doutrina anarquista
04/08/1917	p.2	Congresso geral da vanguarda social do Brazil	nota	Informe sobre congresso que conta com a presença de todas as sociedades operárias, agremiações libertárias, centros socialista e de estudos sociais existentes no país
04/08/1917	p.2	A grande guerra	crônica	Crítica à guerra e a devastação por ela causada
04/08/1917	p.2	Outras victimas da policia	nota	Sobre os operários grevistas que continuam presos
04/08/1917	p.3	Já é tempo	artigo	Sobre a necessidade dos trabalhadores se organizarem para protestar
04/08/1917	p.3	Imponente despertar do operariado do paiz	coluna	Notícias das organizações operárias e dos movimentos grevistas de todo o país
04/08/1917	p.4	Hora Propicia	crônica	Sobre a exploração capitalista e a necessidade dos trabalhadores agirem
04/08/1917	p.4	Rebeldias	crônica	Sobre o ideal de sociedade dos libertários
04/08/1917	p.4	O medo dos anarchistas	artigo	Sobre o medo que tem a burguesia dos anarquistas
04/08/1917	p.4	"Guerra Sociale"	nota	Informe sobre a circulação deste periódico anarquista
04/08/1917	p.4	Notas internacionais	matéria	Sobre o envolvimento dos Estados Unidos na guerra
04/08/1917	p.4	Comitê de Defesa Proletaria	nota	Prestação de contas de julho de 1917
11/08/1917	p.1	A acção directa	artigo	Sobre a necessidade de ação direta dos trabalhadores
11/08/1917	p.1	Commentarios de um plebeu	artigo	Sobre os resultados do movimento grevista

11/08/1917	p.1-2	A proposito de cooperativas	artigo	Texto de Eliseu Réclus sobre a descrença dos anarquistas na força das mudanças pelas associações
11/08/1917	p.2	O Proletariado	crônica	Sobre os defensores da causa libertária
11/08/1917	p.2	Congresso geral da vanguarda social	nota	Informe sobre congresso que deve contar com todas as sociedades operárias do país
11/08/1917	p.2	Do Mato Grosso proletario	artigo	Sobre a rebeldia dos trabalhadores em Mato Grosso
11/08/1917	p.2	Mais uma grande infamia do Bias	artigo	Sobre a repressão policial aos trabalhadores grevistas
11/08/1917	p.2	A acção do Comitê de Defesa Proletaria	artigo	Contra-proposta do Comitê de Defesa Proletária aos industriais em virtude da greve
11/08/1917	p.2	<<O Debate>>	nota	Informe e Divulgação desta revista semanal
11/08/1917	p.2	O operariado do Norte	artigo	Texto de Antonio Canellas sobre a difusão pelo Brasil dos movimentos grevistas
11/08/1917	p.2	Para o desenvolvimento da organização obreira	artigo	Sobre reunião da Liga Operária da Mooca para estabelecer plano de trabalho e propaganda
11/08/1917	p.3	Os trabalhadores despertam para a luta	coluna	Notícias das organizações operárias de todo o país
11/08/1917	p.3	A Marselhesa da fome	matéria	Publicação de paródia da Marselhesa de autoria de Beato da Silva
11/08/1917	p.3	A conferencia internacional de Stokolmo	matéria	Sobre as falsas notícias divulgadas pela imprensa burguesa acerca da conferência de Stokolmo
11/08/1917	p.4	Protestos de solidariedade	artigo	Considerações da Liga dos Homens do Trabalho sobre a greve geral dos trabalhadores
11/08/1917	p.4	Notas simples	artigo	Sobre a divulgação pela imprensa burguesa de comentário falso sobre a greve geral, que seria feita apenas por estrangeiros
11/08/1917	p.4	"Guerra Sociale"	nota	Divulgação deste periódico anarquista
11/08/1917	p.4	Campinas proletária ressurgue	artigo	Sobre a organização de protestos e greves pelos trabalhadores de Campinas
11/08/1917	p.4	Algo sobre a grande revolução russa	artigo	Publicação de nota transmitida pelo Conselho de Delegados, Operários e Militares de Petrogrado
11/08/1917	p.4	O Estado e a guerra	crônica	Sobre a tirania do Estado e os horrores da guerra
11/08/1917	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Informe sobre a direção da Escola Moderna N.1 que foi reassumida por João Penteadado
18/08/1917	p.1	O problema das subsistencias	artigo	Sobre a concessão de aumento de salário aos trabalhadores e o paralelo aumento da produção
18/08/1917	p.1	Commentarios de um plebeu	artigo	Sobre as falsas promessas do governo ao operariado
18/08/1917	p.1	A expulsão de um operario	artigo	Sobre a expulsão de um operário do território nacional
18/08/1917	p.1	O movimento grevista	artigo	Sobre a publicação na revista <i>O Debate</i> de texto

				sobre a amplitude da greve geral
18/08/1917	p.1	As duas victimas do famigerado Bias doram, enfim, postas em liberdade	artigo	Sobre a liberdade de dois operários grevistas
18/08/1917	p.1	Cuidado, trabalhadores!	artigo	Sobre falsas sociedades operárias que surgem
18/08/1917	p.2	Ao redor da epopeia russa	matéria	Sobre a revolução russa e a guerra
18/08/1917	p.2	A Paz	matéria	Sobre o Papa Benedito XV e o apoio da Igreja às guerras
18/08/1917	p.2	Anima-se o movimento operário em, Belém do Pará	artigo	Sobre a organização do proletariado no norte do país
18/08/1917	p.2	Um convenio da Confederação Operaria Brasileira	matéria	Sobre a iniciativa de realização de um Congresso da vanguarda social de todo o país
18/08/1917	p.2	Como terminou o movimento em Ponta Grossa	artigo	Sobre a repressão policial à greve realizada nesta localidade
18/08/1917	p.2	A "velada" de propaganda de hoje	artigo	Sobre a prisão de um operário sob acusação de ser um perigoso anarquista
18/08/1917	p.2	O movimento de Pelotas	nota	Informe sobre greve do operariado nesta localidade
18/08/1917	p.2	Fé, esperança e caridade	crônica	Crítica à religião, ao capitalismo e ao militarismo
18/08/1917	p.3	Bases de acordo da Federação Operaria de S. Paulo	artigo	Publicação dos princípios fundamentais desta federação
18/08/1917	p.3	Prosseguem os trabalhos de organização	coluna	Notícias das organizações operárias de todo o país
18/08/1917	p.4	A causa dos trabalhadores é bem acatada no exercito	artigo	Sobre matéria publicada em <i>A Lanterna</i> sobre o apoio dos marinheiros e soldados do exército à greve geral
18/08/1917	p.4	"Guerra Sociale"	nota	Divulgação de periódico anarquista
18/08/1917	p.4	O Direito de Amar	artigo	Sobre a rotina exaustiva dos trabalhadores que os impedem de amar
25/08/1917	p.1	Situação Operaria	crônica	Sobre os interesses inconciliáveis entre capital e trabalho
25/08/1917	p.1	Echos da Roça	artigo	Sobre a opinião contrária da imprensa burguesa acerca das agitações do operariado
25/08/1917	p.1	Commentarios de um plebeu	artigo	Sobre a necessidade da paz
25/08/1917	p.1	A' beira do abysmo	crônica	Sobre a proximidade da revolução social
25/08/1917	p.1	O burguez-christão	poema	Poema sobre os anacronismos presentes num burguez cristão
25/08/1917	p.2	Pelotas foi teatro de graves ocorrencias	artigo	Sobre repressão violenta à greve de trabalhadores em Pelotas
25/08/1917	p.2	[s.t]	matéria	Sobre telegrama que informa sobre a prisão de Máximo Gorki
25/08/1917	p.2	Espancamento de um infeliz em Poços de Caldas	artigo	Sobre espancamento por parte da polícia contra um indigente
25/08/1917	p.2	A logica burgueza...	artigo	Crítica ao assistencialismo do governo que conta com diversas sociedade operárias

25/08/1917	p.3	O operariado esta' em plena actividade	artigo	Notícias das organizações operárias de todo o país
25/08/1917	p.3	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
25/08/1917	p.4	A salvação do povo depende da acção conjuncta dos operarios de farda e de blusa	artigo	Sobre a formação de um comitê de soldados e operários no Brasil
25/08/1917	p.4	Organizemo-nos	artigo	Sobre a necessidade dos trabalhadores se organizarem em sociedades operárias
25/08/1917	p.4	"Guerra Sociale"	nota	Divulgação deste periódico anarquista
25/08/1917	p.4	Ao redor da epopeia russa	artigo	Sobre a preparação para uma nova revolução social
25/08/1917	p.4	Um Satyro de Tonsura	matéria	Denúncia de professor alemão que molestou seis crianças pobres
01/09/1917	p.1	Desmascarando	artigo	Crítica à repressão e impedimento dos trabalhadores colocarem em prática seu direito de associação
01/09/1917	p.1	A moral dos evangelhos	crônica	Crítica à religião católica
01/09/1917	p.1	A Republica	poema	Crítica ao sistema de governo republicano
01/09/1917	p.1	Enchendo a pança	artigo	Denúncia sobre o aumento de preço dos gêneros alimentícios
01/09/1917	p.2	Ecos do movimento de Pelotas	artigo	Sobre o enterro de operário morto durante a greve
01/09/1917	p.2	A revolução avança	artigo	Sobre as novas greves que devem ser feitas
01/09/1917	p.2	O operariado de Recife agita-se	artigo	Protestos acerca do alto preço dos gêneros alimentícios
01/09/1917	p.2	<<O Debate>>	nota	Divulgação da revista
01/09/1917	p.2	Uma Casa do Povo	artigo	Sobre reunião realizada a fim de se construir uma Casa do povo no Rio de Janeiro
01/09/1917	p.2	Aos ferroviarios em geral	artigo	Sobre a fundação de um sindicato amarelo pela burguesia
01/09/1917	p.2	Commentarios de um plebeu	matéria	Sobre a anarquia na Rússia depois da revolução
01/09/1917	p.3	O Convenio Operario de domingo	artigo	Sobre os trabalhos realizados na reunião do convênio
01/09/1917	p.3	Desenvolve-se o movimento do proletariado	coluna	Notícias das greves e das ações das Ligas Operárias
01/09/1917	p.4	As 8 horas de trabalho	artigo	Sobre a luta pela diminuição da jornada de trabalho
01/09/1917	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
01/09/1917	p.4	Balancete do Comitê de Defeza Proletaria	nota	Prestação de contas
01/09/1917	p.4	O que supportam os trabalhadores da R. de A. e E.	artigo	Denúncia de exploração patronal na repartição de águas e esgotos
01/09/1917	p.4	"Guerra Sociale"	nota	Divulgação deste periódico anarquista
08/09/1917	p.1	Havemos de reagir, apesar de tudo	artigo	Crítica aos órgãos do governo que não toleram a organização dos trabalhadores
08/09/1917	p.1	"Guerra Sociale"	nota	Divulgação deste periódico anarquista
08/09/1917	p.1	Bellicosidades	artigo	Crítica ao militarismo
08/09/1917	p.1	Guanabarinhas	artigo	Texto de Astper sobre a guerra
08/09/1917	p.1	Farpas de fogo	artigo	Crítica aos colégios militares

08/09/1917	p.2	A infame trama policial	artigo	Sobre a repressão policial aos trabalhos de organização e associação dos trabalhadores
08/09/1917	p.2	Deus e o homem	crônica	Crítica à religião
08/09/1917	p.2	Desbaratando o sindicato amarelo	artigo	Alerta sobre sindicato amarelo
08/09/1917	p.3	O despertar do obreiro	artigo	Sobre os esforços de organização do operariado moderno
08/09/1917	p.3	Os trabalhadores continuam em actividade	coluna	Notícias das greves e das ações das Ligas Operárias
08/09/1917	p.4	A solidariedade entre os operarios de farda e os de blusa	artigo	Sobre a necessidade de engajamento das forças do exército nas lutas sociais
08/09/1917	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
08/09/1917	p.4	O mundo marcha	artigo	Texto sobre o encaminhamento do mundo para uma nova era de harmonia
08/09/1917	p.4	Na The Ouro Preto Global Mines of Brazil Cd.	artigo	Denúncia de exploração patronal neste estabelecimento
22/09/1917	p.1	Crê ou morre: O Santo Officio do Largo do Palacio	artigo	Sobre o cerceamento da liberdade de reunião e pensamento
22/09/1917	p.2	Edgard Leuenroth é acusado pela Policia, como mandante do assalto ao Moinho	artigo	Sobre a prisão do diretor do jornal <i>A Plebe</i> , Edgard Leuenroth
22/09/1917	p.2	Bombeiros ou soldados?	artigo	Sobre o militarismo do corpo de bombeiros
22/09/1917	p.2	Manifesto	artigo	Manifesto do Centro Feminino <i>Jovens Idealistas</i> aos trabalhadores de São Paulo
22/09/1917	P.2	Bellicosidades	artigo	Crítica às escolas que incitam o militarismo e o patriotismo nos alunos
22/09/1917	p.2	Em favor dos operarios presos e suas familias	nota	Sobre lista de subscrição em prol das famílias dos operários presos ou deportados
22/09/1917	p.3	Alerta, operarios!	artigo	Sobre as ações da polícia para tornar imponente o movimento operário
22/09/1917	p.3	Movimento Operario	artigo	Notícias das graves e das Ligas Operárias de todo o país
22/09/1917	p.3	Plebeismos	artigo	Sobre os ideais que devem ser difundidos pelos operários
22/09/1917	p.4	As violências da policia	artigo	Sobre o habeas corpus para pôr em liberdade os operários presos em São Paulo para deportação
22/09/1917	p.4	Pelas victimas da Policia	nota	Prestação de contas da subscrição
30/09/1917	p.1	Militantes operarios deportados	artigo	Sobre a saída da embarcação que leva os trabalhadores deportados para Barbados
30/09/1917	p.1	Guanabarinhas	artigo	Texto de Astper sobre o habeas corpus a favor dos anarquistas presos em São Paulo
30/09/1917	p.1	Em favor dos operarios presos e de suas familias	nota	Prestação de contas da lista de subscrição
30/09/1917	p.2	A guerra e as organizações operarias	artigo	Sobre os governos e suas ações para destruir a

				organização operária
30/09/1917	p.2	Calinadas... eruditas	crônica	Crítica à justiça que não assegura aos trabalhadores os direitos prescritos em leis
30/09/1917	p.2	Como se desmascaram tartufos	artigo	Crítica aos órgãos que difundam a idéia de que os anarquistas são perigosos
30/09/1917	p.2	Democracia Yanki: civilização contra a barbarie	matéria	Sobre o movimento anarquista nos Estados Unidos e a repressão
30/09/1917	p.2	Palavras dissonantes	crônica	Crítica aos soldados e seu fanatismo patriótico
30/09/1917	p.2	Uma gatunice legal...	artigo	Denúncia de assalto ao salão germinal pela polícia
30/09/1917	p.3	Ligeiros confrontos	crônica	Sobre a teoria anarquista
30/09/1917	p.3	Comité de Defesa dos Direitos do Homem	nota	Informe sobre a fundação deste Comitê no Rio de Janeiro
30/09/1917	p.3	O que eu odeio	poema	Crítica às instituições e aos governos opressores
30/09/1917	p.3	Movimento operario	coluna	Notícias das greves e das ações das ligas operárias de todo o país
30/09/1917	p.3	Reunião	nota	Informe sobre reunião que deve contar com os representantes das ligas operárias da capital em prol das vítimas da repressão policial
07/10/1917	p.1	Duras Palavras: Declarações de Ravachol	crônica	Sobre a luta de classes na sociedade capitalista
07/10/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Friedrich Nietzsche criticando a obstinação cristã
07/10/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Raoul Eoc sobre a emancipação do proletariado
07/10/1917	p.1	Em favor dos operarios presos e de suas familias	nota	Publicação dos valores arrecadados pela lista de subscrição
07/10/1917	p.1-2	A fórmula autoritaria	crônica	Sobre o socialismo e a aniquilação do Estado
07/10/1917	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação de San Luiz Gonzaga criticando a dominação do homem
07/10/1917	p.2	E' fartar, villanagem!	artigo	Crítica a falta de liberdade de expressão na sociedade capitalista
07/10/1917	p.2	Palavras Dossonantes	artigo	Sobre a preparação para a guerra do Brasil e da Argentina
07/10/1917	p.2	Ainda bem!	artigo	Sobre a ineficácia da violência policial contra os trabalhadores
07/10/1917	p.2	Os espões	nota	Sobre reuniões das ligas operárias em que há espões infiltrados
07/10/1917	p.2	Bello gesto!	artigo	Sobre a invasão de um grupo de mulheres à câmara da cidade em protesto ao serviço militar obrigatória
07/10/1917	p.3	Como foi gerado o padre	crônica	Texto que diz que Deus criou o homem e o Diabo o padre

07/10/1917	p.3	Notas	crônica	Sobre a liberdade da classe operária
07/10/1917	p.3	Manifestações de solidariedade ao nosso diretor e ao operariado de S. Paulo	artigo	Publicação de correspondências com mensagens de apoio a Edgard Leuenroth
07/10/1917	p.3	Razão e preconceito	artigo	Sobre a liberdade e a autonomia do movimento operário
07/10/1917	p.3	As deportações para o Noroeste	artigo	Sobre a deportação de um operário brasileiro
07/10/1917	p.3	O ensino da História	artigo	Sobre o que deve ser ensinado em História
07/10/1917	p.3	As greves	artigo	Sobre as greves na Argentina
07/10/1917	p.4	Movimento operário	coluna	Notícias das greves e das ações das ligas operárias
14/10/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Leote do rego criticando a tirania
14/10/1917	p.1	O aniversário funebre dum justo	artigo	Sobre os oito anos da morte de Francisco Ferrer
14/10/1917	p.1	No aniversário d'um crime	matéria	Sobre a história do assassinato de Francisco Ferrer
14/10/1917	p.1	A' memória de Ferrer	poema	Poema de Beato da Silva sobre Francisco Ferrer
14/10/1917	p.1	Escola Moderna	nota	Informe sobre sessão comemorativa do aniversário da morte de Francisco Ferrer
14/10/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Kleurich criticando o nacionalismo
14/10/1917	p.1	Commemoração do assassinato de Ferrer	artigo	Sobre a morte do fundador da Escola Moderna
14/10/1917	p.1	A obra e os intuitos de Ferrer	artigo	Sobre os ideais de Francisco Ferrer
14/10/1917	p.2	Entrevista do dr. Roberto Feijó com a "Lanterna" do Rio	artigo	Entrevista com o advogado da Federação Operária de São Paulo
14/10/1917	p.2	Guanabarinhas	artigo	Texto de Astper sobre a negativa do Supremo Tribunal Federal de conceder o habeas corpus aos operários presos
14/10/1917	p.2	Tratava-se de operários...	artigo	Sobre a negativa de conceder o habeas corpus aos operários presos
14/10/1917	p.2	Pela Justiça!	artigo	Sobre os operários presos durante a greve geral de São Paulo
14/10/1917	p.3	Palavras Dissonantes	crônica	Texto criticando o patriotismo e a religiosidade
14/10/1917	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de Jean Grave criticando o nacionalismo
14/10/1917	p.3	Corja de bandidos!	artigo	Crítica à deportação dos trabalhadores grevistas
14/10/1917	p.3	Traços rubros	artigo	Crítica ao militarismo
14/10/1917	p.3	Em favor dos operários presos e de suas famílias	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
14/10/1917	p.3	O futuro dos nossos filhos	artigo	Sobre as vitórias e conquistas que serão obtidas com a revolução proletária
14/10/1917	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de W. Godwin criticando as guerras e as conquistas de territórios
14/10/1917	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de Engerraud criticando as idéias de religião e de pátria
14/10/1917	p.3	Manifestações de solidariedade ao nosso diretor e ao	artigo	Publicação de correspondência com mensagens de

		operariado de S. Paulo		apoio a Edgard Leuenroth
14/10/1917	p.3	Patria	poema	Poema de Miranda Santos criticando o patriotismo e a tirania
14/10/1917	p.4	Em Pelotas	nota	Sobre a fundação em Pelotas do sindicato das artes metalúrgicas
14/10/1917	p.4	[s.t.]	epígrafe	Citação de Jean Jacques Rousseau criticando os exércitos
14/10/1917	p.4	Um patrão vingativo	artigo	Denúncia de patrão que demitiu empregado por acidente de trabalho
14/10/1917	p.4	Mentiras Divinas	nota	Divulgação deste livro anticlerical
14/10/1917	p.4	[s.t.]	epígrafe	Citação de Ch. Letourseau criticando a febre comercial
14/10/1917	p.4	“Da Porta da Europa”	nota	Divulgação dessa coleção de crônicas do colaborador Neno Vasco
14/10/1917	p.4	A Inquisição	nota	Divulgação da venda de folheto que denuncia os atos do Santo Ofício
14/10/1917	p.4	Obras que os operarios devem lêr	nota	Sugestões de leituras e venda de livros para os leitores
21/10/1917	p.1	Ao direito da força, oponhamos a força do direito	artigo	Crítica à continuidade da prisão dos trabalhadores envolvidos na greve
21/10/1917	p.1	Guanabarrinas	artigo	Texto de Astper Sobre a ineficácia do habeas corpus que poderia libertar os trabalhadores presos
21/10/1917	p.1	Os vendilhões dos templos	artigo	Crítica à religião que é sempre aliada dos governos
21/10/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Epígrafe de Boucher de Pertures criticando as guerras
21/10/1917	p.2	Apello aos homens de coração	artigo	Apelo de ajuda aos colaboradores para se engajarem no movimento
21/10/1917	p.2	Resenha de uma operaria	crônica	Sobre o desemprego na sociedade capitalista
21/10/1917	p.2	Denuncia contra o partido republicano de S. Paulo	artigo	Crítica ao desrespeito à constituição brasileira no que se refere às prisões e deportações dos operários brasileiros
21/10/1917	p.2	Verdades flagrantes	artigo	Crítica à falta de liberdade de expressão e de pensamento no Brasil
21/10/1917	p.3	Irmãos, solidariedade!	artigo	Apelo de auxílio em dinheiro para as famílias dos trabalhadores presos ou deportados
21/10/1917	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de Emilio Castelar criticando o patriotismo
21/10/1917	p.3	Manifestações de solidariedade ao nosso director e ao operariado de S. Paulo	artigo	Publicação das mensagens de apoio a Edgard Leuenroth
21/10/1917	p.3	Movimento operario	artigo	Notícias de greves e das ações das ligas operarias de todo o país

21/10/1917	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de Diderot criticando o patriotismo
21/10/1917	p.3	Em favor dos operarios presos e de suas familias	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
21/10/1917	p.4	Obras que os operarios devem lêr	nota	Sugestão de leituras aos trabalhadores
21/10/1917	p.4	A Inquisição	nota	Divulgação da venda de folheto que denuncia os atos do Santo Ofício
21/10/1917	p.4	"Da Porta da Europa"	nota	Divulgação da venda da coleção de crônicas de Neno Vasco
21/10/1917	p.4	O Sagrado Coração de Jesus	nota	Divulgação da venda de folheto com propaganda anticlerical
30/10/1917	p.1	Qued Veritas?	crônica	Sobre a desmistificação das impressão falsa de terror para com os anarquistas
30/10/1917	p.1	Guanabarinas	artigo	Texto de Astper sobre a necessidade de uma ação enérgica contra os que prenderam ou deportaram trabalhadores
30/10/1917	p.1	Latidos sem éco...	artigo	Crítica à imprensa do governo que diz que quase todos os anarquistas existentes no Brasil são estrangeiros
30/10/1917	p.1	Contra a moderna inquisição republicana	artigo	Declaração dos operários deportados para fora do Brasil
30/10/1917	p.2	A sociedade e o Estado	artigo	Texto que esclarece as diferenças entre sociedade e Estado
30/10/1917	p.2	Pro' victimas da policia	nota	Informe sobre festival promovido pela Federação Espanhola
30/10/1917	p.2	Ou vae ou racha!	artigo	Denúncia do arbítrio policial contra os trabalhadores
30/10/1917	p.2	Os crimes do Estado	artigo	Sobre a exploração capitalista dos trabalhadores
30/10/1917	p.2	Os nossos expulsos	artigo	Sobre a falta de notícias dos operários deportados
30/10/1917	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação de Linquet criticando as leis e as guerras
30/10/1917	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação de Jean Jacques Rousseau criticando os exércitos
30/10/1917	p.2	Pelourinho da policia	artigo	Denúncia de prisão injusta de um operário
30/10/1917	p.3	O militarismo	artigo	Texto de Max Nordau criticando o militarismo
30/10/1917	p.3	As greves	artigo	Notícias das greves operárias em São Paulo, Rio Grande do Sul e na Argentina
30/10/1917	p.3	O pulhismo dum "desejavel"	crônica	Crítica à guerra européia
30/10/1917	p.3	Pro-victimimas da policia	artigo	Sobre as péssimas condições de vida em que se encontram as famílias dos operários presos e deportados
30/10/1917	p.3	Mais um deportado que nos escreve	artigo	Sobre carta externa de um operário deportado
30/10/1917	p.4	O monte cresce...	nota	Sobre a entrada do Brasil na guerra

30/10/1917	p.4	Obras que os operarios devem lêr	nota	Sugestão de leituras aos trabalhadores
15/09/1917	p.1	Da Senegambia	artigo	Sobre as violências policiais e a confecção deste suplemento fora do país
15/09/1917	p.1	Alguns dos operarios presos	nota	Publicação dos nomes de alguns dos operários presos
15/09/1917	p.1	A Federação Operaria de São Paulo ao publico	artigo	Denúncia de violência policial e invasão dos domicílios de alguns operários

CATÁLOGO POR ANO – 1919

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
29/03/1919	p.1	O Sr. Ruy e a Questão Social	artigo	Crítica aos candidatos Ruy Barbosa e Epiácio Pessoa
29/03/1919	p.1	Nem Agua nem Patativa	artigo	Texto de Astrojildo Pereira criticando Ruy Barbosa e Epiácio Pessoa
29/03/1919	p.1	A Plebe	crônica	Texto de Everardo Dias sobre a história dos povos plebeus
29/03/1919	p.2	A Revolução Social na Hungria	matéria	Sobre a revolução na Hungria e a ascensão do comunismo libertário
29/03/1919	p.2	Notas... da clausura	artigo	Textos de Adolfo Busse sobre o cárcere e <i>A Plebe</i>
29/03/1919	p.2	Portugal Rebelde	matéria	Sobre a iminência de uma revolução social em Portugal
29/03/1919	p.2-3	A grandiosidade do trabalho creador realizado pela Revolução	artigo	Texto de Jacques Sadoul sobre a revolução russa e suas realizações
29/03/1919	p.3	Mundo Operario	coluna	Notícia das ligas operárias e das greves em todo o país
29/03/1919	p.3	Clemenceau	matéria	Sobre a história de Clemenceau e sua oposição às idéias libertárias
29/03/1919	p.3	O maximalismo alastra-se	crônica	Sobre a guerra e a decadência do capitalismo
29/03/1919	p.3	Farpeando	artigo	Crítica à idéia de patriotismo
29/03/1919	p.3	Grandioso movimento proletario	matéria	Sobre a agitação dos movimentos operários na Espanha
29/03/1919	p.4	Pela concentração dos partidos proletarios!	artigo	Sobre a idéia de concentrar os organismos operários num único partido político
29/03/1919	p.4	Rio - Plebeu	artigo	Sobre sessão comemorativa solene do Partido Comunista do Brasil recém fundado
29/03/1919	p.4	Os padeiros estão em gréve	artigo	Sobre greve dos padeiros em Porto Alegre pelo descanso dominical e aumento de salário
29/03/1919	p.4	Quem é Tichetcherine?	nota	Pequeno informativo sobre a trajetória de vida de Ticherine

29/03/1919	p.4	Na fabrica "Mariangela"	nota	Informe sobre declaração de greve nesta fábrica de tecidos
05/04/1919	p.1	Semearam ventos...	crônica	Texto de Astrojildo Pereira sobre a proximidade da revolução proletária
05/04/1919	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Espinosa criticando as religiões
05/04/1919	p.1	Odiosa campanha de difamação	crônica	Sobre os capitalistas e suas posições frente à revolução russa
05/04/1919	p.1	Defendamos os nossos camaradas presos	artigo	Sobre a intensificação da campanha pela liberdade dos operários presos
05/04/1919	p.2	Evidencia-se a força dos Soviets	artigo	Sobre a revolução russa e suas resoluções
05/04/1919	p.2	A Anarquia	poema	Poema de José Oiticica sobre o anarquismo
05/04/1919	p.2	Notas da... clausura	artigo	Texto de Adobus sobre o cárcere
05/04/1919	p.2	O "virus social"	artigo	Sobre a difusão do maximalismo no Brasil
05/04/1919	p.2	O pacto fundamental da Republica dos Soviets	artigo	Sobre as relações internacionais da Rússia
05/04/1919	p.3	Mundo Operario	artigo	Noticia das ligas operárias e das greves em todo o país
05/04/1919	p.3	Feroz perseguição aos elementos avançados	matéria	Sobre repressão às organizações operárias nos Estados Unidos
05/04/1919	p.3	Kropotkine	matéria	Texto que desmistifica acusações de que Kropotkin seria perseguido na Rússia
05/04/1919	p.4	Rio - Plebeu	artigo	Sobre a realização de sessão do partido Comunista do Brasil na União dos Operários em Fábricas de Tecidos
05/04/1919	p.4	"Velada" pró Escola Moderna	nota	Sobre realização de festa em benefício da Escola Moderna N.1
05/04/1919	p.4	Munições para "A Plebe"	nota	Prestação de contas dos dias 20 a 31 de março
12/04/1919	p.1	A hypocrisia britannica	artigo	Sobre livro branco produzido com apoio do governo britânico e que denuncia as atrocidades dos bolcheviques
12/04/1919	p.2	O que nós previamos	artigo	Sobre a guerra e a continuidade dos problemas que assolam o mundo capitalista
12/04/1919	p.2	Como na Rússia dos Romanoffs	artigo	Sobre censura à semanário anarquista da Alagoas
12/04/1919	p.2	A Revolução Russa	matéria	Sobre o depoimento de uma russa sobre as conquistas dos bolcheviques
12/04/1919	p.3	A Revolução Social no centro da Europa	artigo	Crítica à Clemenceau que divulga notícias falsas a fim de forjar a imagem negativa dos bolcheviques
12/04/1919	p.3	Está constituído o Partido Comunista do Brasil	artigo	Publicação da primeira circular do partido contendo as bases de acordo e o programa
12/04/1919	p.3	A tyrania policial em acção	artigo	Denúncia de violência e repressão policial aos operários organizados de Campinas

12/04/1919	p.4	Cottin - Villain	nota	Informe sobre manifestação francesa em meória de Jaurés e em protesto à absolvição de Villain
12/04/1919	p.4	[s.t.]	epígrafe	Citação de Christina, a rainha da Suíça, criticando o regime parlamentar
12/04/1919	p.4	Festa de propaganda Pró – “A Plebe” e pró - presos	nota	Divulgação de festa promovida pelo grupo “Os Semeadores”
12/04/1919	p.4	Mundo Operario	coluna	Notícias das ligas operárias e das greves realizadas em todo o país
12/04/1919	p.4	Festival na Escola Moderna n.1	nota	Divulgação do festival promovido por João Penteado em benefício da Escola Moderna N.1
12/04/1919	p.4	Escola Moderna N.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
19/04/1919	p.1	Topicos Eleitoraes	crônica	Texto de Astrojildo Pereira sobre a farsa em que consistem as eleições democráticas
19/04/1919	p.1	Hontem e Hoje	artigo	Texto de Alex Pavel sobre a mudança de opinião da grande imprensa a respeito do maximalismo
19/04/1919	p.1	Pátria e civismo	crônica	Texto de Everardo Dias criticando o civismo eleitoral
19/04/1919	p.2	O espantelho da loucura	artigo	Sobre a solução dos problemas da sociedade atual, que consiste na aplicação da anarquia
19/04/1919	p.2	Alvorecer	poema	Poema sobre a vida árdua dos trabalhadores
19/04/1919	p.2	Coisas da Época...	artigo	Sobre a luta de interesses dos homens
19/04/1919	p.2	Libertemos os nossos companheiros!	artigo	Sobre manifesto da União dos Canteiros de Cotia a favor da libertação dos trabalhadores presos
19/04/1919	p.3	A nossa hora	artigo	Sobre a revolução maximalista no Brasil
19/04/1919	p.3	Mundo Operario	coluna	Notícias das ligas operarias e das greves realizadas no país
19/04/1919	p.3	Palpites...	artigo	Texto sobre a decadência da Ligas das Nações
19/04/1919	p.3	Na Democracia de Wilson	matéria	Denúncia de repressão aos professores nos Estados Unidos
19/04/1919	p.4	Rio – Plebeu: O partido Comunista do Brasil	artigo	Sobre a realização de uma reunião de propaganda do partido na sede da União dos Operários em Fábricas de Tecidos
19/04/1919	p.4	Festa de propaganda Pró – “A Plebe” e pró – presos	nota	Divulgação de festa promovida pelo grupo Os Semeadores
19/04/1919	p.4	Começou a luta decisiva entre o proletariado e a burguesia	artigo	Sobre as hostilidades entre a burguesia e o proletariado italiano
19/04/1919	p.4	Escola Moderna n.1	nota	Divulgação do funcionamento da escola
19/04/1919	p.4	Munições para “A Plebe”	nota	Prestação de contas dos dias 01 a 09 de abril de 1919
19/04/1919	p.4	Escola Moderna n.2	nota	Divulgação do funcionamento da escola
26/04/1919	p.1	A desorientação burgueza	artigo	Texto de Astrojildo Pereira sobre a decadência da

				Ligas das Nações
26/04/1919	p.1	Ao entrar na luta	artigo	Sobre o advento da revolução russa e a confiança nos métodos insurrecionais
26/04/1919	p.2	O suffragio universal	artigo	Texto de José Oiticica criticando a democracia burguesa e o sufrágio universal
26/04/1919	p.2	Os nossos companheiros foram libertados	artigo	Sobre a libertação dos operários presos desde novembro
26/04/1919	p.2	O 1º de Maio	crônica	Sobre comemoração do 1º de maio
26/04/1919	p.2	Os fins justificam os meios	artigo	Crítica à política de conchavos da atualidade
26/04/1919	p.2-3	Os intellectuaes	crônica	Texto que critica o pensamento anti-bolchevista dos intelectuais
26/04/1919	p.3	Festa de propaganda Pró – “A Plebe” e pró - presos	nota	Informe da festa de propaganda promovida pelo grupo <i>Os Semeadores</i>
26/04/1919	p.3	Mundo Operario	coluna	Notícias das greves e das ligas operárias do país
26/04/1919	p.3	Desenvolve-se a propaganda libertaria	artigo	Sobre as agitações operárias no norte do país
26/04/1919	p.4	Primeiro de Maio	artigo	Sobre a organização dos operários para as comemorações do 1º de maio
26/04/1919	p.4	Ao crescer da Mare’	artigo	Texto sobre a decadência das classes médias e o fim da aristocracia
26/04/1919	p.4	Significação historica do Maximalismo	artigo	Sobre a revolução alemã e as aspirações maximalistas
24/05/1919	p.1	“A Plebe” diaria	artigo	Sobre a necessidade de criar um diário operário
24/05/1919	p.1	Papelada para a fogueira	artigo	Texto de Astrojildo Pereira sobre a conquista das 8 horas de trabalho
24/05/1919	p.1	A gréve e a imprensa	artigo	Crítica aos insultos tecidos pela imprensa burguesa contra os operários grevistas
24/05/1919	p.2	A nossa expulsão	artigo	Texto de Florentino de Carvalho sobre a deportação dos operários
24/05/1919	p.2	A questão social	artigo	Sobre a aliança entre operários e soldados
24/05/1919	p.3	Ecos do 1º de Maio	matéria	Sobre as comemorações do 1º de maio na França e na Argentina
24/05/1919	p.3	Symtomas animadores da propaganda communista	artigo	Sobre a agitação dos trabalhadores do campo e da cidade
24/05/1919	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de Llealg que diz ser o alcoolismo ser fruto da miséria
24/05/1919	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de João Ribeiro criticando a religião
24/05/1919	p.3	Visão revolucionaria	crônica	Texto de Octavio Brandão criticando os capitalistas
24/05/1919	p.3	A’ classe graphica	artigo	Sobre a inércia da classe gráfica no movimento operário
24/05/1919	p.3	Aos Trabalhadores da Light	artigo	Denúncia de exploração patronal

24/05/1919	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de Neno Vasco sobre a necessidade da administração direta das coisas pelo povo
24/05/1919	p.4	E os povos?	artigo	Sobre a continuidade do aprisionamento de muitos operários
24/05/1919	p.4	Lutando para melhorar de situação e preparando-se para a batalha decisiva	artigo	Notícias das greves e das ligas operárias do país
24/05/1919	p.4	Ecos do 1º de Maio	artigo	Notícias das comemorações do 1º de maio em Bento Gonçalves, Rio Grande e em Goiás
24/05/1919	p.4	O trabalho dos menores	artigo	Denúncia de exploração do trabalho infantil pelos proprietários da Fábrica de Tecidos da Saúde
14/06/1919	p.1	Face a Face	artigo	Texto sobre a proximidade de uma nova revolução social
14/06/1919	p.2	As reivindicações da canalha...	crônica	Texto de Everardo Dias sobre as dificuldades da vida do proletariado
14/06/1919	p.2	"Proletarios de todo o mundo, armai-vos!"	poema	Poema de Octavio sobre o proletariado
14/06/1919	p.2	Os socialistas italianos e a guerra	matéria	Sobre a ação dos socialistas italianos contra a guerra
14/06/1919	p.2	Farpas de fogo	artigo	Sobre regimentos religiosos que se juntaram às forças da reação contra a revolução russa
14/06/1919	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de John Gorst sobre o excesso de produtividade
14/06/1919	p.3	Nucleos da vanguarda	artigo	Sobre a organização de um Centro Comunista Libertário sobre as bases do Partido Comunista do Brasil
14/06/1919	p.3	Em defesa da dignidade proletaria	artigo	Texto de denúncia de exploração patronal na Companhia Antartica e organização de boicote
14/06/1919	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de Lion Jouhaux sobre a distribuição da riqueza
14/06/1919	p.3	O operariado desperta para a luta	artigo	Sobre reivindicações dos trabalhadores em calçados
14/06/1919	p.3	Violencias policiaes	artigo	Denúncia de violência policial contra os trabalhadores em Pitangueiras
14/06/1919	p.4	Proletariado Militante	coluna	Notícias das atividades das ligas operárias do país
14/06/1919	p.4	As greves	coluna	Notícias das greves realizadas no país
14/06/1919	p.4	Partido Communista do Brasil	artigo	Sobre reunião dos elementos avançados do partido para organizar as próximas ações
14/06/1919	p.4	O operario Domingos Pereira foi expulso!	artigo	Sobre deportação de trabalhador brasileiro envolvido em greve
14/06/1919	p.4	As victimas da Antartica	artigo	Denúncia de exploração patronal na Companhia Antartica contra os operários
05/07/1919	p.1	"A Plebe" diaria	nota	Sobre a iniciativa de tornar <i>A Plebe</i> um periódico diário

05/07/1919	p.1	Os Lobos disfarçados de ovelhas	artigo	Sobre as pessoas de baixa renda que se opõem ao movimento operário
05/07/1919	p.1	Commentarios de um plebeu	crônica	Sobre a decadência da burguesia
05/07/1919	p.2	Apontamentos para a historia das familias burguezas	artigo	Sobre a deportação de anarquistas internacionalistas
05/07/1919	p.2	Aos soldados de todo o mundo	crônica	Sobre a luta de classes
05/07/1919	p.2	Ecos da Primeira Conferencia Communista	artigo	Sobre o fracasso da repressão contra a conferência
05/07/1919	p.2	A União Trabalhista e a carestia de vida	artigo	Sobre a carestia dos gêneros alimentícios
05/07/1919	p.3	Refutação do Partido Communista	crônica	Crítica da apropriação das riquezas pela burguesia
05/07/1919	p.3	O fantasma vermelho	artigo	Crítica à desigualdade social
05/07/1919	p.3	A campanha contra a Russia	artigo	Sobre as falsas notícias divulgadas pela imprensa burguesa para denegrir a imagem dos soviets
05/07/1919	p.3	Operarios! Homens de consciencia livre!	nota	Sobre boicote à Companhia Antarctica
05/07/1919	p.3	O que é maximalismo ou bolchevismo	nota	Divulgação da venda do programa comunista
05/07/1919	p.3	Os anarchistas da Italia	artigo	Crítica à notícia de que os anarquistas italianos aderiram á agitação promovida pelo Partido Socialista Italiano
05/07/1919	p.3	O movimento proletario	coluna	Notícias das atividades das ligas operárias do país
05/07/1919	p.4	Importante movimento grevista	artigo	Notícias das greves realizadas pelo país
05/07/1919	p.4	Munições para "A Plebe"	nota	Divulgação dos valores arrecadados com a lista de subscrição para o fundo de guerra social
05/07/1919	p.4	Centro Socialista Internacional	nota	Sobre reunião realizada para organização da propaganda socialista
19/07/1919	p.1	Pela "A Plebe" diaria	matéria	Sobre a iniciativa de tornar <i>A Plebe</i> um periódico diário
19/07/1919	p.1	Imprensa burgueza	artigo	Classificação do tipo de jornais que fazem parte da imprensa burguesa
19/07/1919	p.1	Relembrando um crime da burguezia	artigo	Comemoração da morte dos operários mortos na greve de 1917
19/07/1919	p.1	A grande manifestação de amanhã	artigo	Sobre manifestação de protesto, promovida pelo Tríplice Aliança do Trabalho, contra a intervenção armada na Rússia e na Hungria.
19/07/1919	p.1	A boicotagem contra a Antarctica	nota	Informe da continuidade do boicote a este estabelecimento
19/07/1919	p.2	A situação na Russia bolchevista	artigo	Sobre as mudanças nas escolas, nas subsistências e sobre a situação do exército vermelho na Rússia
19/07/1919	p.2	Mane, Thecel, Phares...	artigo	Sobre as falsas notícias divulgadas pela imprensa burguesa contra a Rússia
19/07/1919	p.2	Irmãos trabalhadores!	artigo	Sobre o alcoolismo entre os trabalhadores
19/07/1919	p.3	O que é maximismo ou bolchevismo	nota	Divulgação da venda deste programa comunista
19/07/1919	p.3	As innominaveis violencias de que foi victima o operariado	artigo	Sobre realização de um protesto contra as repressões

				da polícia em Piracicaba
19/07/1919	p.4	Federação Operaria	artigo	Sobre manifestação contra a intervenção dos Estados burgueses na Rússia e na Hungria
19/07/1919	p.4	Mundo Operario	coluna	Notícias das atividades das ligas operárias do país
19/07/1919	p.4	As greves	coluna	Notícias das greves operárias realizadas pelo país
31/10/1919	p.1	O Dever dos intelectuaes	artigo	Texto de Antonio Canellas sobre os estudantes na Espanha que se manifestam contra a reação e o clericalismo
31/10/1919	p.1	Trabalhadores!	nota	Sobre a continuidade do boicote à Companhia Antarctica
31/10/1919	p.1	Uma infamia	artigo	Sobre a deportação de Everardo Dias por ser anarquista
31/10/1919	p.2	O que é Maximismo ou bolchevismo	nota	Divulgação da venda deste programa comunista
31/10/1919	p.2	Como entendemos a igualdade	crônica	Sobre a igualdade social por que esperam os anarquistas
31/10/1919	p.2	O que queremos	artigo	Sobre as reivindicações dos anarquistas
22/11/1919	p.1	"A Plebe"	artigo	Sobre a dominação do regime republicano pelo clericalismo
22/11/1919	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação sem autor criticando o clericalismo
22/11/1919	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação sem autor criticando o clericalismo
22/11/1919	p.1	Aviso	nota	Pela prisão ou deportação dos responsáveis pela publicação de <i>A Plebe</i> , segue a lista de pessoas responsáveis no momento
22/11/1919	p.1	O Vandalismo da Policia de S. Paulo	artigo	Sobre a expulsão de Everardo Dias
22/11/1919	p.1	Momento grave	artigo	Sobre a decadência dos capitalistas e do Estado
22/11/1919	p.2	Respondamos aos academicos	artigo	Crítica aos estudantes que empastelaram <i>A Plebe</i> em defesa da pátria
22/11/1919	p.2	O 2º Anniversario da Revolução Russa	artigo	Sobre as vitórias e conquistas da Revolução Russa
22/11/1919	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação sem autor criticando a Igreja Católica
22/11/1919	p.2	Abaixo a Republica!	artigo	Crítica ao sistema de governo republicano
29/11/1919	p.1	Ao povo brasileiro e ao mundo nos acusamos!	artigo	Sobre a censura à imprensa operária no Brasil
29/11/1919	p.1	A attitude da União dos Trabalhadores Graphicos	artigo	Sobre reunião para solicitar ao presidente da República justificativas sobre o paradeiro de João da Costa Pimenta
29/11/1919	p.2	Onde está Pimenta?	artigo	Sobre o desaparecimento de João da Costa Pimenta por intermédio da polícia
29/11/1919	p.2	Encerraram as Escolas Modernas de S. Paulo	artigo	Sobre o fechamento pela polícia das duas escolas modernas
29/11/1919	p.2	Sob o rejimen do terror	artigo	Sobre os trabalhadores deportados do Brasil
29/11/1919	p.2	"Auto de fé" em plena rua Quinze!	artigo	Sobre a pouca divulgação dada pela imprensa aos

				empastelamento de <i>A Plebe</i>
--	--	--	--	----------------------------------

CATÁLOGO POR ANO – 1920

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
28/02/1920	p.1	Ecos e Notas	artigo	Sobre os direitos a que os operários devem reivindicar
28/02/1920	p.1	A organização operaria	artigo	Sobre as vantagens da organização dos operários
28/02/1920	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Bakunin criticando a crença religiosa
28/02/1920	p.1-2	O que somos	artigo	Texto de Neno Vasco sobre as idéias de anarquismo e socialismo
28/02/1920	p.2	Memórias de um exilado	nota	Divulgação da obra de Everardo Dias sobre a deportação
28/02/1920	p.2	Como se pretende desprestigiar o movimento operario	crônica	Sobre as iniciativas de patrões, padres e burgueses para ferir a imagem do movimento operário
28/02/1920	p.2	Anarquia!	poema	Poema de Antonio Pedro sobre o anarquismo
28/02/1920	p.2	As escolas	crônica	Sobre o monopólio da educação da infância pelo clero no Brasil
28/02/1920	p.3	No feudo “Maria Zélia”	artigo	Sobre a exploração de trabalhadores pela Companhia Nacional de Juta
28/02/1920	p.3	Mundo Operario	coluna	Notícias das atividades realizadas pelas ligas operárias do país
28/02/1920	p.3	“Voz do Povo”	nota	Divulgação desse diário publicado no Rio de Janeiro
28/02/1920	p.3	As Gréves	coluna	Notícias das greves realizadas no país
28/02/1920	p.3	Uma conferencia	artigo	Sobre conferência promovida pela Federação Operária para discutir o desrespeito à constituição brasileira
28/02/1920	p.4	A Escola Moderna ou Racional	artigo	Sobre o fechamento das escolas modernas
28/02/1920	p.4	Munições para a luta	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
28/02/1920	p.4	Grande festival Pró – “A Plebe”	nota	Divulgação do festival promovido pelo grupo dramático <i>Emilio Zola</i>
28/02/1920	p.4	O imperialismo britanico, o imperialismo americano e a Europa	artigo	Crítica à luta dos países imperialistas pela conquista da hegemonia sobre a Europa
28/02/1920	p.4	Nos ergástulos industriais	artigo	Sobre a conquista pelo operariado de São Paulo das 8 horas de jornada de trabalho
28/02/1920	p.4	Nosso balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>
13/03/1920	p.1	O reconhecimento dos Soviets	artigo	Sobre o reconhecimento por parte do Brasil da República Federativa dos Sovietes Russos

13/03/1920	p.1	[s.t.]	nota	Citação de Clemenceau criticando o patriotismo
13/03/1920	p.1	3º Congresso Operario Brasileiro	artigo	Sobre a realização do congresso e as regras para participação dos representantes dos sindicatos
13/03/1920	p.1-2	Portugal convulsionado	artigo	Sobre a decadência econômica de Portugal
13/03/1920	p.2	A Comuna de Paris	artigo	Texto de Kropotkin sobre a Comuna de Paris
13/03/1920	p.2	O Metalurgico	nota	Informe do surgimento deste periódico operário
13/03/1920	p.2	Sob o regimen da prepotencia	artigo	Crítica à repressão policial aos trabalhadores que reivindicam seus direitos
13/03/1920	p.3	Mundo Operario	artigo	Notícias das atividades realizadas pelas ligas operárias do país
13/03/1920	p.3	Centro Feminino Jovens Idealistas	artigo	Sobre reunião realizada por este centro
13/03/1920	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de Clemenceau criticando os juízes
13/03/1920	p.4	A palavra de um deportado	artigo	Relato de Alexandre Zanella sobre a sua deportação
13/03/1920	p.4	Nosso balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>
13/03/1920	p.4	"Umanitá Nova"	nota	Informe sobre a publicação em Milão deste diário anarquista sob a direção de Henrique Malatesta
13/03/1920	p.4	Munições para a luta	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
13/03/1920	p.4	Bases de acordo do Centro Feminino Jovens Idealistas	artigo	Publicação dos fins, da orientação, da organização, da comissão, da administração e das assembléias do Centro Feminino Jovens Idealistas
13/03/1920	p.4	Grande festival Pró – "A Plebe"	nota	Divulgação de festival promovido pelo grupo dramático Emílio Zola
13/03/1920	p.4	Manejos clericais	artigo	Sobre a constituição de um Centro Católico na Lapa
13/03/1920	p.4	"Voz do Povo"	nota	Divulgação do surgimento deste diário no Rio de Janeiro
20/03/1920	p.1	O gesto reacionario dos industriais textis	artigo	Sobre o direito e a necessidade de associação dos trabalhadores
20/03/1920	p.1	Contra-revolução alemã	artigo	Texto sobre a contra-revolução e a repressão comunista na Alemanha
20/03/1920	p.1-2	A opinião da imprensa	artigo	Sobre o posicionamento contrário da imprensa às greves
20/03/1920	p.2	Na fabrica Mariangela	artigo	Sobre a exploração do trabalho infantil neste estabelecimento
20/03/1920	p.2	Falencia do Anarquismo?	crônica	Sobre o triunfo do anarquismo pelo mundo
20/03/1920	p.2	A comemoração da Comuna	artigo	Sobre a realização de sessão comemorativa da Comuna de Paris promovida pela Federação Operária
20/03/1920	p.3	Sob o regimen da ditadura policial	artigo	Sobre a libertação de dois presos por 14 dias sem razão alguma

20/03/1920	p.3	Mundo Operario	artigo	Notícias das atividades realizadas pelas ligas operárias do país
20/03/1920	p.3	Duvidas	poema	Poema de Tobias Barreto criticando as crenças religiosas
20/03/1920	p.3	Balancete geral do Comité pró – presos e deportados	nota	Prestação de contas das contribuições recebidas
20/03/1920	p.3	As violencias policiaes	artigo	Crítica a continuidade da repressão policial aos trabalhadores
20/03/1920	p.4	Terrível Dilema	crônica	Sobre a luta de classes
20/03/1920	p.4	Munições para a luta	nota	Sobre os valores arrecadados com a lista de subscrição
20/03/1920	p.4	Uma conferencia	nota	Informe sobre conferência promovida pelo Centro Feminino <i>Jovens Idealistas</i> sobre os seguintes temas: as doutrinas de Cristo, Comte, Marx, Lassale e Bakunin
20/03/1920	p.4	Nosso balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>
20/03/1920	p.4	Grande Festival pró – “A Plebe”	nota	Divulgação de festival promovido pelo grupo dramático Emilio Zola
20/03/1920	p.4	Memorias de um exilado	artigo	Sobre a venda de fascículos deste trabalho de Everardo Dias
20/03/1920	p.4	“Umanitá Nova”	nota	Informe sobre a publicação em Milão deste diário anarquista dirigido por Henrique Malatesta
20/03/1920	p.4	“Voz do Povo”	nota	Divulgação do surgimento deste diário no Rio de Janeiro
24/04/1920	p.1	Processos inquisitoriais	artigo	Texto de Florentino de Carvalho sobre a luta do proletariado pela igualdade social
24/04/1920	p.1	Gréve geral internacional por 24 horas	artigo	Sobre organização de uma greve geral de 24 horas promovida pela Confederação Geral do Trabalho da França
24/04/1920	p.1	Tiradentes	artigo	Sobre a morte de Tiradentes
24/04/1920	p.1	O Congresso Operario	artigo	Sobre a reunião dos representantes operários de todos os sindicatos do país
24/04/1920	p.2	A greve dos tecelões	artigo	Sobre a continuidade da greve desta categoria
24/04/1920	p.2	União dos Chapeleiros de S. Paulo	nota	Sobre a abertura de uma cooperativa de produção
24/04/1920	p.2	Empregados do Comercio	artigo	Sobre a convocação de reunião por essa classe para discutir a carestia de vida
24/04/1920	p.2	Finis constituição	artigo	Sobre o desrespeito dos governos para com as leis
07/08/1920	p.1	A’ tirania da propriedade privada, corresponde á força da reacção popular	crônica	Crítica à exploração do operariado por parte da burguesia e do Estado
07/08/1920	p.1	Multiplicam-se os protestos contra as leis liberticidas	artigo	Sobre a organização de protesto contra leis de

				repressão pelos operários e anarquistas de São Paulo
07/08/1920	p.1	Em defesa do anarquismo	artigo	Texto de Ricardo Mella sobre o que é o anarquismo
07/08/1920	p.2	Aquilino Lopes	artigo	Sobre a libertação de Aquilino Lopes depois de meses preso sob acusação de propaganda anti-militarista e libertária
07/08/1920	p.2	Esclarecimentos	artigo	Sobre a dura vida dos operários
07/08/1920	p.2	"A Vanguarda"	artigo	Texto de Florentino de Carvalho sobre a luta do proletariado
07/08/1920	p.2	Um problema secular	artigo	Sobre as ilusões das crenças místicas e sobre as explicações científicas
07/08/1920	p.3	Apelo á nacionalidade brasileira	artigo	Texto de Octavio Brandão sobre a necessidade dos trabalhadores acirrarem sua luta
07/08/1920	p.3	Jesus Cristo era anarquista	artigo	Divulgação da venda desta obra de autoria de Everardo Dias
07/08/1920	p.3	Italia	artigo	Sobre realização de congresso anarquista em Bolonha
07/08/1920	p.3	Argentina	artigo	Publicação do resumo do memorial ultimamente apresentado pelo Comitê da Federação Operária Regional Argentina
07/08/1920	p.3	Grande festival em beneficio d' "A Plebe"	nota	Divulgação deste festival organizado pelo Centro <i>Juventude do Futuro</i>
07/08/1920	p.4	Mundo Operario	coluna	Notícias das atividades realizadas pelas ligas operárias do país
07/08/1920	p.4	Em prol dos camaradas deportados que se acham detidos nos ergastulos da Espanha e de Portugal	artigo	Sobre uma série de palestras promovidas pelo Centro Feminino Jovens Idealistas sobre esse tema
07/08/1920	p.4	"A Vanguarda"	nota	Sobre o surgimento em breve deste diário das classes trabalhadoras
07/08/1920	p.4	Grande festival Artistico e Literario	nota	Informe sobre este festival promovido pelo grupo dramático <i>Os Modestos</i>
07/08/1920	p.4	Balancete da festa em beneficio d' <A Plebe>, realizada no Salão "Lelo Oberdan"	nota	Prestação de contas de entradas e despesas
07/08/1920	p.4	O que querem os anarquistas	nota	Sobre a venda deste folheto de propaganda dos ideais anarquistas
07/08/1920	p.4	Nossa Biblioteca	nota	Sobre a venda de obras políticas
07/08/1920	p.4	Grande Festival Artistico	nota	Sobre festival promovido pela Liga Operária da Construção Civil
07/08/1920	p.4	Nosso balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>

CATÁLOGO POR ANO – 1921

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
26/03/1921	p.1	A lição dos fatos	matéria	Sobre a greve de fome iniciado por Malatesta em represália à sua prisão
26/03/1921	p.1	Repressão ao anarchismo	artigo	Texto de Eça de Queiroz sobre o grande número de anarquistas que sofrem com a repressão policial
26/03/1921	p.1	A fallencia da burguezia	artigo	Sobre a decadência da burguesia sob o aspecto político e econômico
26/03/1921	p.2	A prisão de Malatesta	artigo	Sobre o jejum de Malatesta na prisão
26/03/1921	p.2	As victimas da reacção	artigo	Sobre as prisões e deportações de operários
26/03/1921	p.2	Grande Festival d' "A Plebe"	nota	Divulgação do festival em benefício de <i>A Plebe</i>
26/03/1921	p.2	Porque sou anti-religioso	artigo	Texto de Octavio Brandão criticando as crenças religiosas
26/03/1921	p.2	Nosso Balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>
02/04/1921	p.1	Fagundes e Aranda	artigo	Sobre a prisão dos companheiros em Santos e sua deportação para o sul do país
02/04/1921	p.1	Grupo Cultura Social	nota	Informe sobre reunião deste grupo
02/04/1921	p.1	A Internacional	artigo	Publicação na íntegra do Hino da Internacional Comunista
02/04/1921	p.1-2	Até quando?	artigo	Sobre a luta de classes na sociedade atual
02/04/1921	p. 2	A Paciencia	artigo	Sobre a luta de classes na sociedade capitalista
02/04/1921	p.2	Festival de propaganda em beneficio d' "A Plebe"	nota	Informe sobre o programa do festival
02/04/1921	p.2	A Praga Reformista na Europa	artigo	Sobre as injustiças vigentes na sociedade capitalista
02/04/1921	p.2	Munições para "A Plebe"	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
02/04/1921	p.2	Calembour...	poema	Poema de Guerra Junqueira criticando a religião católica
02/04/1921	p.2	A prepotencia policial	artigo	Sobre a prisão em São Paulo de dois camaradas e sua posterior deportação para o Rio Grande do Sul
02/04/1921	p.2	Bibliotheca social "Os Vermelhos"	nota	Recomendação de leitura da obra <i>Hacia una sociedad de productores</i>
02/04/1921	p.2	Nosso Balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>
09/04/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Mirabeau criticando o despotismo
09/04/1921	p.1	A fallencia	artigo	Texto de Astrojildo Pereira sobre a falência da ordem capitalista
09/04/1921	p.1	"A Vanguarda"	nota	Informe sobre a alteração da publicação que passa a ser mensal e não semanal

09/04/1921	p.1-2	Seis mezes na Russia dos Soviets	matéria	Texto sobre visita feita a Peter Kropotkin na Rússia
09/04/1921	p.2	Florentino de Carvalho	nota	Sobre a doença de Florentino de Carvalho
09/04/1921	p.2	O Ideal	crônica	Sobre as injustiças cometidas no capitalismo
09/04/1921	p.2	Festival de propaganda em benefício d'"A Plebe"	nota	Informe sobre o programa do festival
09/04/1921	p.2	Ainda...	poema	Poema de Santos Barboza sobre a deportação de trabalhadores militantes
09/04/1921	p.2	As leis-diques	matéria	Crítica às leis opressoras da Europa e da América
09/04/1921	p.2	Fagundes e Aranda	nota	Sobre a libertação pela polícia destes dois camaradas
09/04/1921	p.2	Modos de ver...	crônica	Crítica ao vício do alcoolismo
09/04/1921	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação Henry Barbusse criticando as guerras imperialistas
09/04/1921	p.2	Pro' <A Plebe>	nota	Informe sobre o festival de propaganda
09/04/1921	p.2	O formigueiro	artigo	Sobre a abolição da propriedade privada
09/04/1921	p.2	Em beneficio d'<A Plebe>	nota	Informe sobre festival literário e dançante
09/04/1921	p.2	Nosso balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de A Plebe
16/04/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Mirabeau criticando o despotismo
16/04/1921	p.1	A apologia da delacção	artigo	Crítica ao militarismo no Brasil
16/04/1921	p.1	Comite pro' presos e deportados	nota	Informe sobre reunião deste centro na sede dos sapateiros
16/04/1921	p.1	A praga reformista na Europa	artigo	Sobre a realização armada da revolução social na Europa
16/04/1921	p.1	Liga Operaria de Construção Civil	nota	Informe sobre reunião de propaganda e posse da nova diretoria
16/04/1921	p.1	Reunião Libertaria	nota	Informe sobre reunião dos componentes dos grupos libertários
16/04/1921	p.1	União geral dos trabalhadores	nota	Informe sobre reunião para tratar da comemoração do 1º de maio
16/04/1921	p.1-2	Republica de principes	artigo	Sobre a acumulação de riquezas apenas por uma classe também no sistema republicano
16/04/1921	p.2	Nosso balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de A Plebe
16/04/1921	p.2	Uma reunião de propaganda na Lapa	artigo	Sobre reunião para desenvolver a propaganda libertaria
16/04/1921	p.2	O que se passa na Italia	artigo	Sobre a pressão exercida pelos trabalhadores para a libertação de Malatesta
16/04/1921	p.2	Munições para "A Plebe"	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
23/04/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Mirabeau criticando o despotismo
23/04/1921	p.1	União dos Artifices em Calçados	nota	Sobre assembléia geral para tratar da comemoração

				do 1º de maio
23/04/1921	p.1	Comité pró-Presos e Deportados	nota	Informe sobre reunião para prestação de contas do movimento desde sua fundação
23/04/1921	p.1	Festival de propaganda em benefício d' "A Plebe"	nota	Informe sobre o programa do festival
23/04/1921	p.1	A grande greve dos mineiros na Inglaterra	artigo	Sobre a decadência do regime inglês
23/04/1921	p.1	A reacção do Pará	artigo	Sobre polícia paraense que tenta impedir a atividade do proletariado organizado
23/04/1921	p.2	Festival dos tecelões	nota	Informe sobre festival que contará com uma conferência sobre a organização de classe
23/04/1921	p.2	Florentino de Carvalho	nota	Informe sobre a lista de subscrição organizada para angariar fundos destinados ao tratamento de Florentino de Carvalho
23/04/1921	p.2	Pro A Plebe	nota	Informe sobre festival de propaganda em benefício de <i>A Plebe</i>
23/04/1921	p.2	Juventude anarquista	artigo	Sobre o surgimento deste grupo libertário em São Paulo
23/04/1921	p.2	A Igualdade	artigo	Sobre a acumulação desonesta de capital pelas classes ricas
23/04/1921	p.2	Munições para "A Plebe"	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
23/04/1921	p.2	Nosso balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>
30/04/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Clemenceu criticando o Estado
30/04/1921	p.1	O 1º de Maio	artigo	Sobre a organização das comemorações e dos protestos do 1º de maio
30/04/1921	p.1	Da França imperialista	crônica	Crítica ao imperialismo europeu
30/04/1921	p.1	A Italia em convulsão social	matéria	Sobre as agitações proletárias na Itália
30/04/1921	p.1	Mais uma infamia	artigo	Sobre a prisão arbitrária de militantes anarquistas ao saírem de uma assembléia; entre eles estava Edgard Leuenroth
30/04/1921	p.2	A propaganda anarquista	crônica	Sobre a revolução social
30/04/1921	p.2	Pró "A Plebe"	nota	Informe sobre festival de propaganda
30/04/1921	p.2	1º de Maio	poema	Poema de Celso Mendes sobre o 1º de maio e o anarquismo
30/04/1921	p.2	Munições para "A Plebe"	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
30/04/1921	p.2	1º de Maio	crônica	Texto sobre a história do 1º de maio
06/05/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Clemenceau criticando o Estado
06/05/1921	p.1	Patriotismo e Governo	artigo	Texto de Leon Tolstoi sobre a anarquia
06/05/1921	p.1	[s.t.]	artigo	Texto de Augusto Spies sobre a exploração

				capitalista
06/05/1921	p.1	Pró "A Plebe"	nota	Informe sobre festival de propaganda
06/05/1921	p.1	Liga dos Manipuladores de pão	nota	Informe sobre assembléia geral deste sindicato
06/05/1921	p.1	A Anarchia	artigo	Texto de Virgilio de Sousa sobre o ideal anarquista
06/05/1921	p.1	Comité Pró-Presos e Deportados	nota	Informe sobre reunião de prestação de contas e nomeação de alguns membros
06/05/1921	p.2	A lei dos salarios	artigo	Sobre a produção de riquezas pelos trabalhadores
06/05/1921	p.2	Contraste	artigo	Texto de Ricardo Mella sobre a desigualdade social
06/05/1921	p.2	Festival de propaganda em beneficio d' "A Plebe"	nota	Informe sobre festival de propaganda com conferência sobre militarismo e miséria
06/05/1921	p.2	Munições para "A Plebe"	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
06/05/1921	p.2	Escola Nova	nota	Divulgação do funcionamento desta escola dirigida pelo professor João Penteado
06/05/1921	p.2	Os trabalhadores e o esperanto	nota	Sobre a Federação dos Trabalhadores do Ceará que aceitou o esperanto como língua oficial para suas relações internacionais
06/05/1921	p.2	Nosso balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>
14/05/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Clemenceu criticando o Estado
14/05/1921	p.1	Civilização	artigo	Texto de Astrojildo Pereira sobre as destruições causadas pela guerra
14/05/1921	p.1-2	13 de Maio	artigo	Sobre a história da Lei Áurea
14/05/1921	p.2	Socialismo?!	artigo	Sobre o apoio dos anarquistas ao maximalismo na Rússia
14/05/1921	p.2	Contra os imperialismos	crônica	Crítica às guerras promovidas pelo Imperialismo
14/05/1921	p.2	A greve no Palace Hotel	artigo	Sobre a greve dos trabalhadores deste estabelecimento e publicação de suas reivindicações
14/05/1921	p.2	Festival literario em beneficio d' "A Plebe"	nota	Prestação de contas das entradas e despesas deste festival
14/05/1921	p.2	Escola Nova	nota	Divulgação do funcionamento desta escola dirigida pelo professor João Penteado
21/05/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Guesde criticando os poderes institucionais
21/05/1921	p.1	A mentira Parlamentarista	crônica	Crítica ao sistema parlamentarista
21/05/1921	p.1	Movimento Libertario Juventude Anarchista	nota	Informe sobre reunião de propaganda
21/05/1921	p.1	A necessidade de uma reforma	artigo	Texto de Arsenio Palacios sobre a exploração capitalista
21/05/1921	p.2	Munições para "A Plebe"	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição

21/05/1921	p.2	Em Poços de Caldas	nota	Informe da formação de um grupo de propaganda social nesta localidade
21/05/1921	p.2	O nosso balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>
21/05/1921	p.2	União dos Operarios em Fabrica de Tecidos	nota	Informe sobre reunião para tratar do caso de 70 companheiros despedidos
21/05/1921	p.2	[s.t.]	poema	Poema sem autoria sobre a revolução social
21/05/1921	p.2	A' Operaria	poema	Poema de Raymundo Reis sobre a tirania capitalista
21/05/1921	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação de John Burns sobre a necessidade dos operários lutarem por seus direitos
21/05/1921	p.2	O Socialismo e a Pequena Burguezia	artigo	Texto de Malatesta sobre a emancipação dos proletários
28/05/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de John Burns sobre a necessidade dos operários lutarem por seus direitos
28/05/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Guesde criticando os poderes institucionais
28/05/1921	p.1	Os famosos processos de expulsão da policia paulista	artigo	Sobre a repressão e a violência policial contra os trabalhadores organizados
28/05/1921	p.1	Pela reorganização proletaria	artigo	Sobre reunião coordenada por Edgard Leuenroth para tratar da reorganização operária
28/05/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Schwitzouebel sobre a revolução social
28/05/1921	p.2	Mais um habeas-corpuz para um operario expulso	artigo	Sobre a libertação de operário expulso há um ano do país
28/05/1921	p.2	Parlamentarismo	artigo	Texto de Max Nordau criticando o sistema parlamentar
28/05/1921	p. 3	O Movimento Internacional: Hespanha	coluna	Sobre a repressão dos trabalhadores organizados na Espanha
28/05/1921	p. 3	O Movimento Internacional: Russia	coluna	Crítica ao bloqueio internacional contra a Rússia
28/05/1921	p. 3	O Movimento Internacional: Alemanha	coluna	Sobre o levante comunista e as agitações operárias na Alemanha
28/05/1921	p. 3	O Movimento Internacional: Italia	coluna	Sobre congresso anarquista realizado em Bologna que aprovou um acordo anarquista internacional
28/05/1921	p. 4	Combatamos o analphabestismo!	artigo	Sobre a iniciativa da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro de criar uma escola
28/05/1921	p. 4	[s.t.]	epígrafe	Citação de Max Nordau criticando a ociosidade das classes ricas
28/05/1921	p. 4	Movimento Operario: A greve dos maritimos	coluna	Sobre a continuidade da greve desta categoria
28/05/1921	p. 4	[s.t.]	epígrafe	Citação de Schwitzouebel sobre a organização dos operários
11/06/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Guesde criticando os poderes

				institucionais
11/06/1921	p.1	Grande reunião dos amigos de A Plebe	nota	Informe sobre reunião para tratar dos assuntos que dizem respeito à publicação
11/06/1921	p.1	O Socialismo Amarello	artigo	Texto Monteiro Teixeira criticando os socialistas reformistas e os sindicalistas à feição de Jonhaux
11/06/1921	p.1	Entre nós	artigo	Sobre a necessidade dos operários militarem conscientemente nas organizações de classe
11/06/1921	p.1	[s.t.]	artigo	Sobre as crises do capitalismo e a revolução proletária
11/06/1921	p.2	Problemas de reorganização	artigo	Texto de Astrojildo Pereira discutindo as crises internas do movimento operário
11/06/1921	p.2	Do Exílio	artigo	Texto de Antonio Trotte sobre sua deportação
11/06/1921	p.2	Festival pró-A Plebe	nota	Informe sobre festival que contará com conferência de José Oiticica
11/06/1921	p.2	O governo hespanhol proíbe a emigração para o Brasil	artigo	Texto sobre a decisão do governo Espanhol em virtude da insegurança criada no Brasil
11/06/1921	p.2	As Greves	artigo	Sobre as causas das greves
11/06/1921	p.2	O anniversario da Alliança dos Empregados em Commercio e Industria	nota	Informe sobre comemoração que contará com conferência sociológica
11/06/1921	p.3	O Movimento Internacional: Italia	coluna	Sobre a acusação feita a Errico Malatesta de participação no atentado ao Teatro Diana
11/06/1921	p.3	O Movimento Internacional: Russia	coluna	Sobre a obra do autor Gordin que trata do anarquismo universalista e suas várias instâncias
11/06/1921	p.3	O Movimento Internacional: Um artigo de Zinoviev	coluna	Texto Zinoviev sobre a formação de uma ala direita na Internacional Comunista; caso da Itália
11/06/1921	p.3	O Movimento Internacional: Os trabalhos scientificos do laboratorio de radiologia	coluna	Sobre as descobertas do laboratório de Nijni-Nowgorod
11/06/1921	p.3	O Movimento Internacional: A grande ferrovia do Norte	coluna	Sobre ferrovia do norte da Rússia que tornará possível as ligações com os mercados nacionais e internacionais
11/06/1921	p.3-4	O Movimento Internacional: Indo-China	coluna	Sobre a degradação desta localidade por interferência capitalista
11/06/1921	p.4	Um Depoimento	artigo	Texto de Aurelino Corvino sobre o contraste entre a miséria e a riqueza presentes no regime capitalista
11/06/1921	p.4	[s.t.]	artigo	Texto de Tom Walsh sobre a mobilização dos trabalhadores para a revolução
11/06/1921	p.4	[s.t.]	epígrafe	Citação de Ermenoville criticando os jornalistas
11/06/1921	p.4	Movimento Operario	coluna	Crítica à retórica utilizada pelos oradores do movimento operário
11/06/1921	p.4	Syndicato Cullinario	nota	Informe sobre assembléia geral e reunião da

				comissão executiva
11/06/1921	p.4	União dos Empregados em Padarias	nota	Informe sobre assembléia geral e reunião da comissão executiva
18/06/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Guesde criticando os poderes institucionais
18/06/1921	p.1	O Povo	artigo	Sobre os sacrifícios a que estão expostos os proletários no sistema capitalista
18/06/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Lênin sobre a revolução proletária e a aniquilação do Estado
18/06/1921	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação de Lênin criticando a democracia burguesa
18/06/1921	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação de Lênin criticando a sociedade capitalista
18/06/1921	p.2	A emigração para o Brasil	artigo	Sobre as causas principais que têm perturbado a imigração no país
18/06/1921	p.2	O Nosso Escopo	artigo	Sobre o descaso da sociedade com a classe proletária
18/06/1921	p.3	O Movimento Internacional: Italia	coluna	Sobre a atividade das forças reacionárias previstas por Malatesta na Itália
18/06/1921	p.3	O Movimento Internacional: Russia	coluna	Sobre as dificuldades do regime dos soviets para reestabelecer os meios de comunicação
18/06/1921	p.3-4	O Movimento Internacional: Argentina	coluna	Publicação de manifesto do <i>Comité Pró Unidade Obreira</i>
18/06/1921	p. 4	Grande reunião dos amigos de A Plebe	nota	Informe sobre reunião para tratar dos assuntos da publicação
18/06/1921	p. 4	Nosso Balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>
18/06/1921	p. 4	Pró Florentino de Carvalho	nota	Informe sobre festival de solidariedade que contará com conferência de José Oiticica
18/06/1921	p. 4	União dos Talheiros, Culinarios e Panificadores Maritimos	nota	Informe sobre festival que contará com conferência de Agripino Nazareth
18/06/1921	p. 4	União dos Empregados em Padarias	nota	Informe sobre festival que contará com conferência de Mauricio de Lacerda sobre a questão social
25/06/1921	p. 1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Guesde criticando os poderes institucionais
25/06/1921	p. 1	Lutar ou Escravizar-se	crônica	Sobre a luta de classes
25/06/1921	p. 1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Lênin criticando o parlamento burguês
25/06/1921	p. 1	"Umanitá Nova"	nota	Informe sobre o ressurgimento deste periódico em Roma
25/06/1921	p. 1	Grande reunião libertaria em S. Paulo	nota	Informe sobre reunião para tratar dos assuntos de <i>A Plebe</i>
25/06/1921	p. 1	Entre Nós	artigo	Sobre a tarefa dos libertários de orientação e preparo

				da massa
25/06/1921	p. 1	Teia de Penélope	crônica	Sobre as agitações proletárias pelo mundo
25/06/1921	p. 2	[s.t.]	epígrafe	Citação de Lênin criticando o patriotismo
25/06/1921	p. 2	[s.t.]	epígrafe	Citação de Lênin sobre a exploração e dominação empreendidas pelas classes ricas
25/06/1921	p. 3	O Movimento Internacional: França	coluna	Sobre a burguesia francesa que tripudia sobre a Alemanha derrotada incitando nova guerra
25/06/1921	p. 3	O Movimento Internacional: Declaração do Partido Comunista	coluna	Publicação da declaração do PC Francês sobre a unidade entre comunistas franceses e alemães na luta contra o capitalismo
25/06/1921	p. 3	O Movimento Internacional: Inglaterra	coluna	Sobre as agitações proletárias na Inglaterra
25/06/1921	p. 3	O Movimento Internacional: Yugo-Slavia	coluna	Sobre a violência do Estado contra os operários organizados
25/06/1921	p. 3	O Movimento Internacional: Rússia	coluna	Coluna sobre a participação dos sindicatos na gestão da economia
25/06/1921	p. 3	O Movimento Internacional: A colaboração dos intelectuaes	coluna	Sobre a organização de conferências científicas na Rússia para técnicos discutirem os problemas atuais com as lideranças dos sindicatos
25/06/1921	p. 3	O Movimento Internacional: A faculdade de sociologia de Moscou	coluna	Sobre o aumento da faculdade de sociologia de Moscou
25/06/1921	p. 3	O Movimento Internacional: Em prol dos commissarios do povo	coluna	Sobre os esforços russos na tentativa de salvar os comunistas húngaros da reação de Horthy
25/06/1921	p. 4	[s.t.]	epígrafe	Citação de Lênin criticando a democracia burguesa
25/06/1921	p. 4	Pró Florentino de Carvalho	nota	Informe sobre festival de solidariedade e publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
25/06/1921	p. 4	[s.t.]	epígrafe	Citação de Lênin sobre a exploração de uma classe por outra
25/06/1921	p. 4	Pela instrução da classe Operaria Feminina	nota	Sobre a iniciativa da <i>União das Costureiras e Classes Anexas</i> em abrir aulas de português e aritmética para mulheres
25/06/1921	p. 4	União dos Empregados em Padarias	nota	Informe sobre festival que contará com conferência de Mauricio de Lacerda sobre a questão social
30/07/1921	p.1	Um grande vulto do anarchismo	artigo	Texto de Pedro Botelho sobre a vida de Eliseu Reclus
30/07/1921	p.1	[s.t.]	artigo	Texto de Eliseu Reclus sobre o significado da palavra anarquia
30/07/1921	p.2	União e Instrução	artigo	Sobre a necessidade dos trabalhadores estarem conscientes de sua luta
30/07/1921	p.2	Aphorismos e anotações	artigo	Texto de Octavio Brandão criticando os indivíduos que não lêem obras anarquistas por medo
30/07/1921	p.2	Federalismo anarchista	artigo	Texto de Bakunin criticando o poder do Estado

30/07/1921	p.2	Do banco dos réus, Malatesta e Borghi lançam o libello contra a burguesia	artigo	Sobre a defesa dos líderes anarquistas em julgamento depois de nove meses de prisão
30/07/1921	p.3	Martyrologio proletario	artigo	Denúncia de acidentes de trabalho nas fábricas de tecido
30/07/1921	p.3	O cummunismo na Palestina	artigo	Sobre as agitações proletárias na Palestina
30/07/1921	p.3	O Movimento Internacional: Allemanha	coluna	Sobre a carestia de vida na Alemanha
30/07/1921	p.3	O Movimento Internacional: Inglaterra	coluna	Sobre a fusão dos sindicatos da indústria têxtil na Inglaterra
30/07/1921	p.3	O Movimento Internacional: Italia	coluna	Crítica ao sufrágio universal na Itália
30/07/1921	p.3	O Movimento Operario	coluna	Notícias das atividades realizadas pelas ligas operárias do país
30/07/1921	p.4	Pro "A Plebe"	nota	Prestação de contas do festival realizado em 12 de maio
30/07/1921	p.4	A perseguição aos trabalhadores	artigo	Sobre a prisão de trabalhadores organizados
30/07/1921	p.4	Nosso Balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>
30/07/1921	p.4	Munições para "A Plebe"	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
15/10/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Errico Malatesta sobre o comunismo e a solidariedade social
15/10/1921	p.1	"A Plebe"	artigo	Sobre a interrupção por dois meses da publicação deste periódico
15/10/1921	p.1	13 de Outubro	matéria	Sobre Francisco Ferrer e a violência da polícia espanhola contra os trabalhadores organizados
15/10/1921	p.1-2	Ovo ou Galinha?	artigo	Sobre a necessidade dos operários se organizarem
15/10/1921	p.2	Uma demonstração de consciencia	artigo	Sobre a negativa dos operários da fábrica de munições de Saint Coin, na França, em produzir munições para possível ataque aos russos
15/10/1921	p.2	"Revista Liberal"	nota	Informe sobre o surgimento desta revista racionalista em Porto Alegre
15/10/1921	p.2	Novo Rumo	artigo	Texto de Rodolpho Felipe sobre a necessidade de agregar os trabalhadores em organismos próprios
15/10/1921	p.2	13 de Outubro	nota	Sobre a realização pela Liga Operária de Construção Civil de uma reunião de propaganda comemorativa da data da morte de Ferrer
15/10/1921	p.2	A perseguição policial aos trabalhadores	artigo	Sobre a prisão de operário por distribuição de boletim convocatório para uma assembléia associativa
15/10/1921	p.3	Da costa ocidental calabresa	matéria	Sobre a forma de organização do movimento sindical na Itália
15/10/1921	p.3	Candidaturas	artigo	Crítica ao regime republicano e às candidaturas de

				Nilo Peçanha e Arthur Bernardes
15/10/1921	p.3	Um horrível crime social em perspectiva	artigo	Sobre a condenação à pena de morte de dois militantes anarquistas nos Estados Unidos
15/10/1921	p.3	Movimento Operario	coluna	Notícias das atividades realizadas pelas ligas operárias do país
15/10/1921	p.3	Pró-famintos da Russia	nota	Sobre a organização de uma comissão com o fim de fazer reuniões para angariar fundos à esta causa
15/10/1921	p.3	Escola Nova	nota	Divulgação do funcionamento desta escola que abre curso comercial
15/10/1921	p.4	[s.t.]	epígrafe	Citação de Malatesta sobre a emancipação humana
15/10/1921	p.4	Grupo "Os Semeadores"	nota	Sobre o surgimento deste grupo
15/10/1921	p.4	"Umanitá Nova"	nota	Informe sobre a continuidade desta publicação dirigida por Malatesta
15/10/1921	p.4	O Esperanto entre nós	artigo	Defesa do esperanto como língua oficial para assuntos internacionais
15/10/1921	p.4	Grande Festival	nota	Informe sobre festival em benefício de <i>A Plebe</i> promovido pelo <i>Grupo Semeadores</i>
15/10/1921	p.4	[s.t.]	epígrafe	Citação de Victor Griffueulles sobre o sindicalismo
15/10/1921	p.4	"Alba Rossa"	nota	Informe sobre o reaparecimento deste periódico libertário
15/10/1921	p.4	Munições para "A Plebe"	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
15/10/1921	p.4	Nosso balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>
05/11/1921	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação sem autoria sobre a anarquia
05/11/1921	p.1	O que e a politica?	artigo	Sobre a necessidade dos trabalhadores se organizarem
05/11/1921	p.1	Aphorismos e anotações	artigo	Escritos de Octavio Brandão criticando os governos
05/11/1921	p.1-2	Gado humano para as fazendas	artigo	Texto de Astrojildo Pereira sobre a imigração italiana no Brasil; mais trabalhadores para serem explorados
05/11/1921	p.2	[s.t.]	nota	Apelo aos trabalhadores brasileiros para que se engajem no boicote aos produtos norte-americanos, em virtude da condenação de dois companheiros à cadeira elétrica
05/11/1921	p.2	A proposito da condenação de Sacco e Vanzetti	artigo	Texto de João Pinto sobre a condenação de dois trabalhadores militantes à cadeira elétrica
05/11/1921	p.2	Grande Festival	nota	Informe sobre festival em benefício de <i>A Plebe</i>
05/11/1921	p.2-3	"Clarté" de mau nascimento	artigo	Texto de Astrojildo Pereira criticando o surgimento e a obra do grupo Clarté do Rio de Janeiro
05/11/1921	p.3	"Renovação"	nota	Sobre o surgimento desta revista mensal de

				propaganda comunista e anarquista
05/11/1921	p.3	A carestia de vida	artigo	Sobre a necessidade de organização de uma campanha sistemática pela carestia de vida
05/11/1921	p.3	Grande Reunião	nota	Sobre reunião de propaganda promovida pela Liga Operária da Construção Civil
05/11/1921	p.3	Movimento Operario	coluna	Notícias das ações realizadas pelas ligas operárias do país
05/11/1921	p.3	"Entre Camponeses"	nota	Informe do surgimento deste folheto de propaganda comunista e anarquista de autoria de Malatesta
05/11/1921	p.3	Escola Nova	nota	Divulgação do funcionamento da escola
05/11/1921	p.4	Do Exílio	artigo	Texto de Antonio Trotte sobre a ação dos anarquistas exilados
05/11/1921	p.4	A's associações operarias e aos nucleos de propaganda libertaria	artigo	Sobre a recente fundação deste grupo e suas ações
05/11/1921	p.4	Escola Nova	nota	Divulgação do funcionamento da escola
05/11/1921	p.4	Comite' de Socorro aos Flagellados Russos	artigo	Sobre a seca devastadora que assolou várias províncias russas

CATÁLOGO POR ANO – 1922

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
18/03/1922	p.1	[s.t]	epígrafe	Citação sem autoria sobre o desenvolvimento integral dos indivíduos
18/03/1922	p.1	Os Anarchistas no Momento Presente	artigo	Publicação de manifesto anarquista que estabelece todos os seus critérios e ação e os ideais defendidos
18/03/1922	p.2	A Communa de Paris	artigo	Texto de Carloes Malato sobre a história da Comuna de Paris
18/03/1922	p.2	Festa Pró – "A Plebe", no Rio	nota	Balancete da arrecadação deste festival promovido pelo <i>Grupo Teatro Social</i>
18/03/1922	p.2	A defesa da revolução	artigo	Texto de Victor Franco sobre as tendências políticas favoráveis e contrárias à revolução
18/03/1922	p.2	Commemoração da Comuna	nota	Informe sobre sessão comemorativa de propaganda social
18/03/1922	p.2	Os anarchistas no momento presente	artigo	Texto que solicita a discussão do manifesto publicado em <i>A Plebe</i> , em todos os grupos libertários
18/03/1922	p.3	Para salvação de Sacco e Vanzetti	artigo	Sobre a continuidade das agitações contra a condenação de morte impetrada contra esses dois companheiros nos Estados Unidos
18/03/1922	p.3	Centro Libertario Terra Livre	artigo	Sobre o princípio deste centro que consiste no desenvolvimento da propaganda do comunismo

				anárquico
18/03/1922	p.3	Mundo Operario	coluna	Notícias das ações realizadas pelas ligas operárias do país
18/03/1922	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de Octavio Brandão sobre a concretização de ideais
18/03/1922	p.3	Munições para "A Plebe"	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
18/03/1922	p.3	Nosso balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>
07/10/1922	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação sem autoria sobre o assassinato de Francisco Ferrer
07/10/1922	p.1	A situação mundial	artigo	Sobre a situação crítica que o mundo está passando em virtude das guerras
07/10/1922	p.1	Francisco Ferrer	nota	Informe sobre assembléia popular em homenagem à memória de Francisco Ferrer
07/10/1922	p.1	Solidariedade	crônica	Sobre o ideal de solidariedade almejado pelos libertários
07/10/1922	p.1	Francisco Ferrer y Guardia	crônica	Texto em homenagem à memória de Francisco Ferrer
07/10/1922	p.2	Ao proletariado de todo o mundo	artigo	Apelo do Comitê Executivo da União Sindical Italiana para angariar apoio nas agitações proletárias que promove
07/10/1922	p.2	Porque a classe capitalista ainda domina os trabalhadores	crônica	Crítica à exploração capitalista
07/10/1922	p.2	Rotineiros	artigo	Texto de Manoel Perdigão Saavedra sobre o advento do comunismo libertário
07/10/1922	p.3	Mais violências policiais	artigo	Denúncia da prisão de dois operários grevistas
07/10/1922	p.3	Bibliotheca Social "A Inovadora"	nota	Divulgação do funcionamento desta biblioteca
07/10/1922	p.3	Postaes Petropolitanos	artigo	Sobre as vitórias obtidas pelos trabalhadores com a paralisação da fábrica
07/10/1922	p.3	Movimento Operario	coluna	Notícias das atividades realizadas pelas ligas operárias do país
07/10/1922	p.4	O Ceará proletario	artigo	Sobre as organizações operárias cearenses e suas atividades
07/10/1922	p.4	Grande festival de propaganda	nota	Informe sobre festival, em benefício da biblioteca social, promovido pelo grupo <i>Regeneração Social</i>
07/10/1922	p.4	Nosso balancete	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i>
07/10/1922	p.4	Munições para "A Plebe"	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
07/10/1922	p.4	Relatorio Geral do Comitê Pró-Liberdade de José Leandro da Silva, de 24 de novembro de 1921 a 31 de agosto de 1922	nota	Publicação da prestação de contas

CATÁLOGO POR ANO – 1927

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
12/02/1927	p.1	[s.t.]	nota	Citação sem autoria criticando todas as formas de tirania
12/02/1927	p.1	A horrivel situação dos degredados	artigo	Sobre as péssimas condições em que estão os deportados para Oyapock sendo que quatro já faleceram
12/02/1927	p.1	No silencio das selvas...	poema	Poema sobre a deportação dos operários militantes
12/02/1927	p.2	O ideal pelo qual luctamos	artigo	Texto sobre os critérios econômico e social e o método de ação libertário
12/02/1927	p.3	A proxima feira eleitoral	artigo	Texto criticando o sistema parlamentar
12/02/1927	p.3	[s.t.]	nota	Citação sem autoria sobre a emancipação dos trabalhadores
12/02/1927	p.3	A Burla Parlamentar	artigo	Texto sobre o que é o método anarquista
12/02/1927	p.3	“A Plebe”	artigo	Sobre o ressurgimento desta publicação, interrompida desde julho de 1924 pela reação burguesa
12/02/1927	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação sem autoria criticando o sistema parlamentar
12/02/1927	p.3	Munições para “A Plebe”	nota	Publicação dos valores arrecadados com a lista de subscrição
12/02/1927	p.4	Mundo Operario	coluna	Notícias das atividades realizadas pelas ligas operárias do país
12/02/1927	p.4	A Existencia da “A Plebe”	artigo	Sobre os dez anos e meio de publicação de <i>A Plebe</i>
12/02/1927	p.4	Balancete que deveria ser publicado em julho de 1924	nota	Prestação de contas das entradas e despesas de <i>A Plebe</i> no mês de julho de 1924

DADOS DA PUBLICAÇÃO

TÍTULO: O Cosmopolita: Órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e classes congêneres.

ARQUIVO: Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM)

FUNDO: Archivo Storico del Movimento Operairo Brasileiro (ASMOB), em propriedade do Instituto Astrojildo Pereira – (IAP).

LOCAL DA PUBLICAÇÃO: Rio de Janeiro, Rua do Senado, 215-217.

VALORES: assinatura anual: 5\$000, assinatura semestral: 3\$000.

CATÁLOGO POR ANO – 1916

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
28/10/1916	p.1	Expediente	nota	Sobre os dados da publicação
28/10/1916	p.1	Nosso rumo	artigo	Sobre as intenções da publicação de difundir a exploração cometida contra os trabalhadores
28/10/1916	p.1	Aqui estamos de novo, os invencíveis!	artigo	Sobre as degradantes condições de vida e a necessidade de um órgão que represente os trabalhadores
28/10/1916	p.1	Resposta a um critico	crônica	Sobre a injusta organização social
28/10/1916	p.2	Avante!	artigo	Sobre a necessidade de integrar os trabalhadores à associação
28/10/1916	p.2	Guarany, Esperança e Delicia	artigo	Sobre as péssimas condições de trabalho em três restaurantes no Rio
28/10/1916	p.2	Está salva a honra da Patria...	crônica	Crítica ao patriotismo e aos Estados militaristas
28/10/1916	p.2	O nosso festival	nota	Sobre realização de festival para angariar fundos para a publicação do periódico
28/10/1916	p.2	A crise actual e os proprietarios de hoteis	artigo	Sobre os proprietários de restaurantes que se valem da crise para explorar os empregados
28/10/1916	p.2	A liberdade de trabalho	artigo	Sobre a liberdade que os indivíduos deveriam ter para escolher os seus ofícios de acordo com suas aptidões
28/10/1916	p.2	Bazes de acôrdo do grupo editor do "Cosmopolita"	artigo	Sobre os fins do órgão <i>O Cosmopolita</i>
28/10/1916	p.2	Fronteiras	crônica	Sobre o internacionalismo
28/10/1916	p.3	Pajinas escolhidas: O Abismo	conto	Conto de De Diy Arsuaga sobre as diferenças sociais
28/10/1916	p.3	Abaixo a farsa	artigo	Problemas internos do movimento operário nessa categoria
20/11/1916	p.1	A Guerra e o Proletariado	artigo	Sobre a relação da guerra com a vida do proletariado

20/11/1916	p.1	És livre!	artigo	Sobre a emancipação dos trabalhadores e crítica ao assistencialismo das elites
20/11/1916	p.1	O que mata o patriotismo	artigo	Sobre a falta de lógica do patriotismo para trabalhadores que não têm terra para defender
20/11/1916	p.1	A borrasca	artigo	Crítica à categoria pela ausência de espírito emancipador
20/11/1916	p.1-2	Reparos	artigo	Crítica aos libertários do Rio de Janeiro que se colocam contra a organização dos sindicatos
20/11/1916	p.2	Pauladas e pedradas	artigo	Crítica à companheiros que não se comprometem com o movimento
20/11/1916	p.2	Caza Paschoal	artigo	Sobre confeitaria que vai reformar seu método de serviço empregando novos trabalhadores
20/11/1916	p.3	Não pensais!...	artigo	Sobre a necessidade dos trabalhadores se instruírem
20/11/1916	p.3	Espetadelas	artigo	Sobre a crise econômica e as artimanhas dos patrões para continuar lucrando
20/11/1916	p.3	O Nosso Aparecimento	nota	Sobre o apoio recebido dos semanários <i>Clarim</i> e <i>España</i>
20/11/1916	p.3	Impressões	artigo	Sobre as impressões positivas de um novo leitor acerca da publicação
20/11/1916	p.3	Cantos sociais: A Internacional	artigo	Publicação na íntegra do hino da Internacional Comunista
01/12/1916	p.1	União	artigo	Sobre a necessidade dos trabalhadores se engajarem no movimento
01/12/1916	p.1	Para que serve o patriotismo	artigo	Sobre a decadência do patriotismo no mundo
01/12/1916	p.1	Espetadelas	artigo	Sobre a exploração patronal nos restaurantes do Rio de Janeiro
01/12/1916	p.1	Abaixo a tirania!	artigo	Crítica às injustiças cometidas pelos dirigentes de alguns hotéis e restaurantes
01/12/1916	p.2	Resposta a um critico	artigo	Sobre a necessidade dos empregados em hotéis não consentirem que se continue a fazer uma idéia errada de sua educação profissional e social
01/12/1916	p.2	Hotel dos Estrangeiros	artigo	Crítica à falta de consideração a que são alvo os trabalhadores dessa categoria
01/12/1916	p.2	Despedindo-me da classe	artigo	Texto de militante que deixa de atuar no movimento por problemas pessoais
01/12/1916	p.2	A nossa hora hade chegar!	crônica	Sobre o internacionalismo
01/12/1916	p.2	Os empregados de hotéis que trabalham á noite pensam em greve	artigo	Sobre a necessidade de obter o direito de descanso quinzenal
01/12/1916	p.2	As cozinhas dos trens da Central	artigo	Denúncia das péssimas condições de trabalho nesses restaurantes

01/12/1916	p.2-3	A dedicação	artigo	Sobre a defesa de trinta e seis anarquistas feita por Pedro Gori
01/12/1916	p.3	Seleta	epígrafe	Epígrafe de Darwin sobre o mal que causa a ignorância nos homens
01/12/1916	p.3	Seleta	epígrafe	Epígrafe de Anatole France criticando o cristianismo
01/12/1916	p.3	Seleta	epígrafe	Epígrafe de Clemenceau criticando as guerras promovidos pelos Estados
01/12/1916	p.3	Seleta	epígrafe	Epígrafe de Eliseu Reclus sobre a necessidade de autonomia nos homens
01/12/1916	p.3	A violencia e o poder	conto	Conto sobre a violência e sua relação íntima com o poder
01/12/1916	p.3	Lérias e Trêtas	artigo	Crítica ao espiritismo com referência a líderes anarquistas
01/12/1916	p.3	Vivendo ás claras	nota	Prestação de contas do festival realizado em trinta de setembro, em favor da publicação
15/12/1916	p.1	Aprestimo-nos para as nossas reivindicações	artigo	Sobre a atuação dos trabalhadores na luta pela emancipação econômica
15/12/1916	p.1	Inocentes perguntas	artigo	Crítica ao desinteresse da classe trabalhadora com os problemas do Brasil
15/12/1916	p.1-2	Minha entidade	artigo	Texto de um sócio sobre o ecletismo cultural e político característico deste período
15/12/1916	p.2	Anomalia no Restaurant e Bar "Ao Franziskaner"	artigo	Sobre a exploração patronal praticada nesse estabelecimento
15/12/1916	p.2	À classe e aos simpatizantes da nossa obra	artigo	Sobre a necessidade de uma biblioteca para a educação social
15/12/1916	p.2	Pauladas e pedradas	artigo	Sobre as atividades promovidas por <i>O Cosmopolita</i>
15/12/1916	p.2	Ressurje uma obra glorioza	artigo	Sobre o ressurgimento de <i>O Cosmopolita</i> , órgão representativo da categoria
15/12/1916	p.2	Aos insensatos	artigo	Sobre as críticas de companheiros da categoria ao jornal
15/12/1916	p.2	Soffrer para ganhal-o e depois para carregal-o	artigo	Sobre a exploração patronal praticada pelo proprietário do "Café Universo"
15/12/1916	p.3	No reinado da escravidão	crônica	Crítica à escravidão moderna
15/12/1916	p.3	A nossa ortografia	artigo	Sobre a adoção da ortografia fonética no <i>O Cosmopolita</i>
15/12/1916	p.3	Espetadelas	crônica	Sobre o egoísmo reinante na sociedade capitalista
15/12/1916	p.3	Vivendo as claras	nota	Prestação de contas do mês de novembro de 1918

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
01/01/1917	p.1	Recordando...	artigo	Sobre a greve de 1912 e a necessidade de organização do movimento
01/01/1917	p.1	O dia de 8 horas	artigo	Defesa da jornada de oito horas de trabalho
01/01/1917	p.1	As misérias da classe	artigo	Crítica à exploração patronal no Brasil
01/01/1917	p.1-2	Os tres pontos capitais	conto	Conto sobre a desigualdade social
01/01/1917	p.2	O rejimen da fome	artigo	Apelo à organização dos trabalhadores em defesa dos seus direitos
01/01/1917	p.2	O serviço dos vagões-restaurantes da E.F.C.B.	artigo	Denúncia de exploração patronal e das péssimas condições de trabalho
01/01/1917	p.2	Conferencias	nota	Informe sobre a série de conferências sobre ciência filosófica promovida pelo <i>Centro Cosmopolita</i>
01/01/1917	p.2	Trechos escolhidos	crônica	Crítica a desigualdade social
01/01/1917	p.2	Grande comicio de propaganda no Centro Cosmopolita	nota	Informe sobre comício de propaganda em homenagem à greve de 1912
01/01/1917	p.2	Para refletir	epígrafe	Epígrafe de Tolstoi criticando as guerras e as instituições militares
01/01/1917	p.2	Para refletir	epígrafe	Epígrafe de Herbert Spencer criticando as instituições e sistemas coercitivos
01/01/1917	p.2	Para refletir	epígrafe	Epígrafe de E. Leverdays criticando o patriotismo
01/01/1917	p.2	Para refletir	epígrafe	Epígrafe de Eça de Queiroz criticando a religião
01/01/1917	p.2	Para refletir	epígrafe	Epígrafe de Ramalho Ortigão sobre a liberdade e a justiça
01/01/1917	p.3	A Ciencia e a Relijião	artigo	Crítica a ilusão difundida pela religião
01/01/1917	p.3	Um diario anarquista	artigo	Crítica ao divisionismo do movimento por tendências políticas
01/01/1917	p.3	Aviso importante	nota	Informe sobre o envio de exemplares de <i>O Cosmopolita</i> à simpatizantes da causa
15/01/1917	p.1	Luta improficua	artigo	Denúncia da nova carga de impostos determinada pelos governos federal e municipal
15/01/1917	p.1	Jornalismo operario	artigo	Texto de Astrojildo Pereira sobre a necessidade da imprensa operária
15/01/1917	p.1	O alcool e o tabaco	artigo	Crítica aos vícios que acometem os homens
15/01/1917	p.1	Os novos impostos e as intenções patronais...	artigo	Sobre o aumento de impostas e a exploração patronal
15/01/1917	p.2	Conferencias cientificas	artigo	Sobre a conferência acerca da profilaxia da sífilis promovida por <i>O Cosmopolita</i>
15/01/1917	p.2	Assembléa Geral no Centro Cosmopolita	nota	Informe de assembléa geral extraordinária para tratar de questões associativas
15/01/1917	p.2	Centro Cosmopolita	artigo	Balanço sobre o movimento grevista de 1912 e seu desdobramentos

15/01/1917	p.2-3	Os tres pontos capitais	conto	Continuação do conto de Semog Leonam sobre desigualdade social
15/01/1917	p.3	A Ciencia e a Religião	artigo	Continuação da matéria que critica a ilusão difundida pela religião
15/01/1917	p.3	A Degringolada	artigo	Texto de leitor que corrobora a opinião de que a muita desorganização no movimento
15/01/1917	p.3	Os amorfos	crônica	Crítica a alienação política de muitos trabalhadores
01/02/1917	p.1	Os impostores profissionais	artigo	Crítica à ordem capitalista e denúncia de exploração patronal
01/02/1917	p.1	O Centro Cosmopolita	artigo	Crítica a desorganização da categoria
01/02/1917	p.2	Razão de Estado e Razão Publica	artigo	Texto de Astrojildo Pereira sobre a oposição entre os interesses do Estado e os interesses públicos
01/02/1917	p.2	O Proletariado Militante	artigo	Sobre comícios e agitações promovidas pela <i>Federação Operária</i> contra a carestia de vida
01/02/1917	p.3	Falta de trabalho	artigo	Sobre a necessidade da organização política dos trabalhadores
01/02/1917	p.3	“Stadt Munchen”	artigo	Denúncia de maus tratos e exploração patronal neste estabelecimento
01/02/1917	p.3	Para refletir	epígrafe	Epígrafe de Camilo Pert criticando a religião
01/02/1917	p.3	Para refletir	epígrafe	Epígrafe de Ernesto Renau sobre autocracia do Estado
01/02/1917	p.3	Para refletir	epígrafe	Epígrafe de Carlyle sobre a injustiça
01/02/1917	p.3	Para refletir	epígrafe	Epígrafe de Max Nordou sobre a rivalidade dos partidos políticos
01/02/1917	p.3	Para refletir	epígrafe	Epígrafe de E.T. Ouget sobre a Revolução
01/02/1917	p.3	Sociedade Liga Operaria de Bajé	nota	Notificação da posse da nova diretoria da <i>Sociedade Liga Operária de Bagé</i> com publicação da nominata
07/03/1917	p.1	A proposito da redução das horas de trabalho	artigo	Crítica às opressivas e humilhantes condições de trabalho da categoria
07/03/1917	p.1	A' Quinzena	artigo	Crítica à guerra européia e denúncia de exploração patronal no Brasil
07/03/1917	p.1	O imposto de honra	artigo	Crítica à alta carga de impostos que recai sobre os trabalhadores
07/03/1917	p.1	A Exploração torpe da Sorveteria Alvear	artigo	Denúncia de exploração patronal
07/03/1917	p.2	O Trabalho	artigo	Texto de Neno Vasco em defesa dos princípios anarquistas
07/03/1917	p.2	Etapá forçada	artigo	Texto de Astrojildo Pereira criticando a guerra
07/03/1917	p.2	A Hijiene nas Cozinhas	artigo	Denúncia das péssimas condições de trabalho
07/03/1917	p.2	Ação Direta: A Confederação Geral do Trabalho de França	artigo	Publicação na íntegra dos fins dessa organização
07/03/1917	p.3	O Estado e os trabalhadores	crônica	Texto sobre a oposição entre os interesses do Estado

				e os interesses dos trabalhadores
07/03/1917	p.3	"A Voz do Operario"	nota	Informe sobre o surgimento dessa publicação sindicalista em Recife
07/03/1917	p.3	"A Terra Livre"	nota	Informe sobre o surgimento dessa publicação de caráter libertário, em Curitiba
07/03/1917	p.3	Publicações recebidas	nota	Informe sobre o recebimento das seguintes publicações: <i>La Rebellion, La Batallha, A Sementeira, Tierra y Libertad, A Voz do Operario, O Grafico, El Progreso Culinario</i> e <i>A Voz do Produtor</i>
07/03/1917	p.3	Pela cultura intelectual da classe	artigo	Histórico das atividades culturais promovidas pela direção de <i>O Cosmopolita</i>
07/03/1917	p.3	Centro Cosmopolita: A nova Administração	nota	Publicação da nominata da nova administração
07/03/1917	p.3	Vivendo ás claras	nota	Prestação de contas do mês de janeiro de 1917
01/05/1917	p.1	A tragedia de Chicago: Primeiro de Maio	artigo	Texto sobre a História e a simbologia dessa data
01/05/1917	p.1	Impéra Marte!	artigo	Crítica à guerra empreendida na Europa
01/05/1917	p.1	Muito bem!	artigo	Sobre os protestos operários contra a exploração capitalista
01/05/1917	p.1	A Nossa Guerra	artigo	Sobre as comemorações do primeiro de maio e a violência das forças de repressão
01/05/1917	p.1	[s.t.]	artigo	Texto de Albino Dias em defesa do anarquismo
01/05/1917	p.2	Imaginativas	conto	Conto de um leitor sobre o ideal de sociedade
01/05/1917	p.2	A Quinzena	artigo	Texto de Albino Dias sobre a História e a simbologia do primeiro de maio
01/05/1917	p.2	Cantos Sociais: Filhos do povo	artigo	Publicação de canto operário que conclama o povo para a revolução
01/05/1917	p.3	Grande reunião no Centro	nota	Informe sobre reunião para discutir o direito ao descanso semanal
01/05/1917	p.3	A Circular do Prefeito	artigo	Publicação de circular do prefeito do Distrito Federal sobre a jornada de trabalho da categoria
01/05/1917	p.3	O Militarismo	artigo	Crítica ao exército e às instituições voltadas à guerra
15/05/1917	p.1	Despertar promissor	artigo	Sobre a necessidade organização e de ação da categoria no <i>Centro Cosmopolita</i>
15/05/1917	p.1	A propozito do momento	artigo	Sobre a necessidade de união da categoria no <i>Centro Cosmopolita</i>
15/05/1917	p.1	O Centro Cosmopolita inicia novamente a luta pelas 12 horas e descanso semanal	artigo	Sobre a comissão formada com a incumbência de promover ações pelo descanso semanal e pelas 12 horas de trabalho
15/05/1917	p.1-2	O Centro dirige-se á entidade representante da classe patronal	artigo	Ofício dirigido a entidade patronal pelo <i>Centro Cosmopolita</i> exigindo o cumprimento da lei que estabelece as 12 horas de trabalho e o descanso

				semanal
15/05/1917	p.2	Grande reunião do Centro Cosmopolita	nota	Informe de reunião para discutir as 12 horas de trabalho e o descanso semanal
15/05/1917	p.2	O Cazo do Hotel dos Estrangeiros	artigo	Denúncia de perseguições empreendidas neste estabelecimento contra trabalhadores ligados ao <i>Centro Cosmopolita</i>
15/05/1917	p.2	Ação	artigo	Texto de Orestes Barboza sobre a ação violenta contra a classe patronal
15/05/1917	p.2	O Proletariado Militante: A Gréve da Fabrica de Tecidos Corcovado	artigo	Balanço sobre a greve e relato de repressão policial
15/05/1917	p.3	O ideal anarquista	crônica	Texto de M. Esteves sobre os princípios do movimento anarquista
15/05/1917	p.3	A dias de trabalhos curtos, salarios atos!	artigo	Texto sobre as benesses da redução da jornada de trabalho
15/05/1917	p.3	O coselho da policia	artigo	Crítica à atuação da <i>Federação Operária</i> no meeting de primeiro de maio
15/05/1917	p.3	Cantos Sociais: Filhos do povo	artigo	Republicação do canto que conclama o povo para a Revolução por incorreções que deturpavam o seu sentido
01/06/1917	p.1	A falencia do Estado	artigo	Texto de Astrojildo Pereira criticando a guerra que leva os Estados à falência
01/06/1917	p.1-3	O proletariado, a policia e a imprensa	crônica	Sobre o internacionalismo proletário e a escravização econômica capitalista
01/06/1917	p.1	A caminho da vitória	artigo	Sobre a luta em prol das 12 horas de trabalho e do descanso semanal
01/06/1917	p.1	A´ Classe	artigo	Sobre a necessidade dos trabalhadores se unirem para lutar contra a ordem capitalista
01/06/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Peter Kropotkin sobre a igualdade econômica e social
01/06/1917	p.1	Imprensa burguesa e imprensa operária	artigo	Sobre o incentivo da imprensa burguesa às guerras
01/06/1917	p.1	A condenação de um heróe	artigo	Publicação de parte das palavras pronunciadas pelo jornalista revolucionário Adler no tribunal que o condenou à morte, em Amsterdã
01/06/1917	p.1	[s.t.]	nota	Texto sem autoria sobre a desigualdade social e a necessidade dos trabalhadores agirem
01/06/1917	p.2	Matar em nome de Deus	artigo	Crítica às guerras e ao apoio da igrejas às guerras
01/06/1917	p.2	Engraçados!	artigo	Crítica ao governo que tenta impopularizar o anarquismo
01/06/1917	p.2	Pajinas alheias	matéria	Texto de Euclides da Cunha sobre as obras de Karl Marx

01/06/1917	p.2	Aos agitadores	nota	Nota do incentivo às atividades grevistas
01/06/1917	p.2	Inutil...	matéria	Sobre a luta dos anarquistas em todo mundo pelo bem-estar da humanidade
01/06/1917	p.2	A Guerra	artigo	Crítica à guerra e denúncia das suas conseqüências devastadoras
01/06/1917	p.3	Sintomas do momento internacional	artigo	Registro de fatos expressivos ocorridos em todo mundo
15/06/1917	p.1	Os crimes nefandos do capitalismo	crônica	Crítica ao Estado capitalista que se reserva o monopólio do ensino e da ciência
15/06/1917	p.1	O Novo Mundo	artigo	Crítica à guerra internacional e previsão sobre o fim da velha ordem mundial
15/06/1917	p.1	As religiões em conflito com a razão	artigo	Crítica aos escritos bíblicos que dizem que os filhos de Adão fecundaram a sua própria mãe
15/06/1917	p.1	A Conferencia Judiciaria-Policial e as liberdades individuais	crônica	Crítica ao sentimento de conquista que move o mundo
15/06/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Henrique Ferri criticando as guerras
15/06/1917	p.2	Pelos ergastulos do trabalho nos vagões-restaurants da E.F.C.B.	artigo	Denúncias de mal tratos e exploração patronal nestes estabelecimentos
15/06/1917	p.2	O que vai pela classe	artigo	Sobre a necessidade da categoria se envolver na luta contra a ganância capitalista
15/06/1917	p.2	A policia contra os trabalhadores	artigo	Indignação contra a violenta repressão policial à greve das Fábricas de Tecidos Corcovado e Carioca
15/06/1917	p.2	A ordem burguesa	artigo	Texto de Peter Kropotkin sobre as injustiças da ordem burguesa
15/06/1917	p.2	No exterior	artigo	Publicação do boletim da Conferência Operária Nacional de Portugal
15/06/1917	p.3	Sintomas do momento internacional	artigo	Publicação de notícias da atualidade sobre as lutas políticas nos seguintes países: Rússia, Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Áustria-Hungria, Turquia, Noruega e Espanha
15/06/1917	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de Leon Tolstoi criticando as guerras
15/06/1917	p.3	O mal e o remedio	artigo	Sobre a necessidade de solidariedade entre os trabalhadores
01/07/1917	p.1	Novos rumos	artigo	Sobre o não cumprimento pelo prefeito da lei que concede aos trabalhadores o direito ao descanso semanal
01/07/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de De Maistre sobre a verdade
01/07/1917	p.1	Contra fatos...	artigo	Crítica à guerra e ao retrocesso que ela ocasiona
01/07/1917	p.1	Sejamos solidarios !	artigo	Sobre a necessidade de solidariedade entre os proletários

01/07/1917	p.2	Escolhei!	artigo	Texto de Peter Kropotkin sobre a oposição existente entre a tradição autoritária e a libertária.
01/07/1917	p.2	Palavras insuspeitas	artigo	Crítica ao culto do heroísmo dentro do movimento operário
01/07/1917	p.2	Reunião do G.E. "Cosmopolita"	nota	Informe sobre reunião para discutir questões do jornal
01/07/1917	p.2	Palavras de um revoltado	artigo	Sobre o descaso de alguns companheiros com a causa
01/07/1917	p.3	Sintomas do momento internacional	artigo	Publicação de notícias da atualidade sobre as lutas políticas nos seguintes países: Rússia, Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Áustria-Hungria e Espanha
01/07/1917	p.3	"A Plebe"	nota	Informe sobre o surgimento do jornal <i>A Plebe</i> dirigido por Edgard Leuenroth
01/07/1917	p.3	"O Debate"	nota	Informe sobre o surgimento do jornal semanário <i>O Debate</i>
01/07/1917	p.3	A próxima renovação da administração do Centro Cosmopolita	nota	Informe sobre assembléia geral para eleger a nova administração do <i>Centro Cosmopolita</i>
15/07/1917	p.1	O 10 de julho de 1915: Uma efeméride da classe	artigo	Sobre os dois anos do movimento grevista para reivindicação das 12 horas e do descanso semanal
15/07/1917	p.1	Basta de iluzões!	artigo	Sobre o não cumprimento da lei que estabelece as 12 horas de trabalho e o descanso semanal
15/07/1917	p.1	A tomada da Bastilha	artigo	Sobre a história da tomada da Bastilha e a necessidade de pôr fim ao regime republicano
15/07/1917	p.1-2	Embora com constrajimento...	artigo	Sobre a descrença do sistema de leis que não coloca em prática àquelas que beneficiam o proletariado
15/07/1917	p. 2	Divagação	artigo	Sobre o povo da Rússia que está investindo nos ideais de liberdade
15/07/1917	p. 2	À classe dos empregados em hotéis, restaurants, cafés e anexos: Relembrando a memorável data de 10 de julho de 1915	artigo	Sobre a necessidade de coesão do movimento para colocar em prática seus direitos adquiridos
15/07/1917	p. 2	[s.t.]	nota	Informe sobre transferência da data da assembléia geral para eleger a nova administração
15/07/1917	p. 2	O proletariado militante: S. Paulo em plena greve geral	artigo	Sobre a greve geral de São Paulo e as reivindicações dos trabalhadores
15/07/1917	p. 2	Um telegrama interessante	artigo	Telegrama de Petrogrado enviado por jornalista americano que relata a boa situação em que vivem os anarquistas, na Rússia
15/08/1917	p.1	O despertar dos trabalhadores	artigo	Sobre a greve em protesto à tirania capitalista
15/08/1917	p.1	Inutilidade das perseguições	artigo	Crítica à repressão policial às manifestações dos trabalhadores

15/08/1917	p.1	A grève	artigo	Sobre essa forma de protesto e sua eficiência
15/08/1917	p.1-2	Porque foi fechado o Centro Cosmopolita	artigo	Sobre o violento fechamento do Centro Cosmopolita e da Federação Operária
15/08/1917	p.2	Viva a desordem!...	artigo	Sobre o terror estabelecido contra os protestos dos trabalhadores
15/08/1917	p.2	Centro Cosmopolita	artigo	Sobre os 15 anos de fundação do Centro Cosmopolita
15/08/1917	p.2	O comando em chefe da Barraca de Tancos	artigo	Sobre a injustiça e o protecionismo reinante na sociedade capitalista
15/08/1917	p.2	Razões e efeitos	artigo	Sobre a necessidade dos trabalhadores protestarem em favor dos seus direitos
15/08/1917	p.2	O vocabulário do júris-consultismo Aurelino	artigo	Sobre o fechamento do Centro Cosmopolita
15/08/1917	p.2-3	A's armas	artigo	Crítica à deportação de operários estrangeiros
15/08/1917	p.3	Festival de solidariedade	nota	Informe sobre a transferência da data do festival
15/08/1917	p.3	Legislação social	artigo	Sobre a responsabilidade legal acerca dos acidentes de trabalho
01/09/1917	p.1	Necessidade de agir	artigo	Sobre o abatimento do movimento operário depois da greve geral
01/09/1917	p.1	Sobre a guerra: A conferência socialista da paz	artigo	Sobre a conferência socialista da paz convocada pelos socialistas dos países aliados
01/09/1917	p.1	Malhando em ferro frio	artigo	Sobre o receio das elites acerca das manifestações operárias
01/09/1917	p.1	Questões Atuais: Estado e Capital	artigo	Texto de Peter Kropotkin sobre o combate urgente que deve ser empreendido contra o Estado e o Capital
01/09/1917	p.2	O "Terezopolis" e as suas vítimas	artigo	Crítica ao princípio nefasto da concorrência vigente no capitalismo
01/09/1917	p.2	Assembléa geral do Centro Cosmopolita	nota	Informe sobre a realização da assembléa geral do Centro Cosmopolita
01/09/1917	p.2	Os homens curvos	poema	Poema sobre a vida dos trabalhadores
01/09/1917	p.2	O que são os jornalistas desta terra?	artigo	Sobre as acusações da imprensa burguesa contra os anarquistas
01/09/1917	p.3	Legislação social	artigo	Continuação da matéria que trata da responsabilidade legal para com os acidentes de trabalho
01/09/1917	p.3	[s.t.]	artigo	Denúncia de despotismo patronal no Hotel do Globo
15/09/1917	p.1	Organizemos a nossa defeza	artigo	Sobre a necessidade de se manter as lutas contra a ordem capitalista
15/09/1917	p.1	Medida util	artigo	Crítica às instituições militares
15/09/1917	p.1	O estigma das gorjetas	artigo	Sobre a necessidade de pôr fim ao sistema de gorjetas

15/09/1917	p.1	A Moral do seculo	artigo	Texto de Albino Dias criticando os princípios políticos dos grandes Estados que regeram o século
15/09/1917	p.1	Soma e Segue	crônica	Sobre as críticas tecidas contra os trabalhadores que protestam
15/09/1917	p.2	A vida da classe	artigo	Sobre a necessidade dos trabalhadores contribuírem com textos para publicação e nominata da nova diretoria do Centro Cosmopolita
15/09/1917	p.2	Odisséa de uma classe	artigo	Sobre os acordos possíveis entre patrões e empregados com nota do grupo editor discordando dessa idéia
15/09/1917	p.2	A democracia Yanki: A civilização contra a barbaria...	artigo	Sobre a condenação de Ema Goldman por dificultar a lei de recrutamento obrigatório
15/09/1917	p.2	Rebelião	poema	Poema sobre a revolução dos trabalhadores contra a ordem estabelecida
15/09/1917	p.2	Os fatos dolorozos	artigo	Sobre a morte de um trabalhador no trabalho em virtude da exploração patronal
15/09/1917	p.2	A Caza do Povo	artigo	Sobre reunião anarquista para discutir as possibilidades de criação da Caza do Povo
15/09/1917	p.3	Situação intoleravel	crônica	Sobre a morte de muitos trabalhadores pelas péssimas condições de trabalho
15/09/1917	p.3	A gréve dos operarios graficos	artigo	Sobre a inutilidade dos meios cordatos para os trabalhadores obterem seus direitos
01/10/1917	p.1	Comentando os fatos da atualidade	artigo	Crítica à imprensa burguesa e à repressão policial à guerra dos trabalhadores
01/10/1917	p.1	Produção e distribuição	artigo	Texto de Malatesta sobre as desigualdades sociais e econômicas
01/10/1917	p.1-2	Instruí	crônica	Sobre as desigualdades entre os homens
01/10/1917	p.2	A Revolução Francesa e as Miserias da Sociedade atual	artigo	Sobre a história da Revolução Francesa e a exploração dos capitalistas
01/10/1917	p.2	Reaja o povo!	artigo	Sobre o empastelamento do jornal <i>A Plebe</i>
01/10/1917	p.2	A vida de classe	artigo	Sobre a regulamentação das horas de trabalho e o descanso semanal
01/10/1917	p.2	Assembléas do Centro	nota	Informe sobre assembléias realizadas pelo Centro Cosmopolita
01/10/1917	p.3	Um companheiro que desaparece	nota	Informe sobre falecimento do companheiro Joaquim Fernandes
15/07/1917	p.1	A' classe	artigo	Sobre a luta pela regulamentação das horas de trabalho e do descanso semanal
15/07/1917	p.1	O que devemos fazer	artigo	Crítica à repressão policial à greve dos trabalhadores
15/07/1917	p.1	Para refletir: Anarquia e anarquistas	artigo	Sobre o significado dos termos

15/07/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação sem autoria criticando o exército
15/07/1917	p.1	Palavras dissonantes		Crítica à guerra e ao possível envolvimento do Brasil e da Argentina
15/07/1917	p.1	O soldado	artigo	Texto de Vitor Hugo criticando o militarismo
15/07/1917	p.2	As idéias anarquistas	artigo	Sobre a função e o significado do movimento anarquista
15/07/1917	p.2	Aniversario trajico: Francisco Ferrer	crônica	Sobre o aniversário da morte do educador libertário Francisco Ferrer
15/07/1917	p.2	Origem do homem	crônica	Sobre a desmistificação da versão bíblica da origem do homem
15/07/1917	p.3	O ezeplmo russo	artigo	Sobre a opressão similar vivida pelos trabalhadores no Brasil
15/07/1917	p.3	A vida da classe	nota	Informe sobre as assembléias de classe para congregar os elementos refratários à organização
15/07/1917	p.3	Plauzível coerencia	artigo	Sobre ameaças patronais contra trabalhadores ligados ao Centro Cosmopolita
01/11/1917	p.1	O Momento	artigo	Sobre a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha
01/11/1917	p.1	O orgulho e a ganância patronais prestes a sofrerem um grande e serio revéz	artigo	Sobre o projeto de regulamentação da lei do descanso semanal e das horas de trabalho
01/11/1917	p.1	O que é ser anarquista	crônica	Texto sobre o significado do anarquismo
01/11/1917	p.2	Carta aberta de Pedro Kropotkine aos Trabalhadores ocidentais	artigo	Carta de Peter Kropotkin sobre o fim dos conflitos de classe
01/11/1917	p.2	11 de novembro	nota	Sobre realização pelo Centro Cosmopolita de sessão comemorativa ao ato contra a tragédia de Chicago e a burguesia norte-americana
01/11/1917	p.2	Fatos da observação	artigo	Sobre a história do advento da burguesia enquanto classe
01/11/1917	p.2	[s.t.]	nota	Epígrafe de Balzac sobre a aproximação entre o Estado e os ricos
01/11/1917	p.2	Contemporaneas	crônica	Sobre a revolução social e o anarquismo
01/11/1917	p.2	A ultima patada	crônica	Sobre a ciência e o progresso
01/11/1917	p.3	Subscrição em beneficio das familias dos expulsos de São Paulo	nota	Sobre o comitê pró-vítimas políticas que publica a listagem de fundos angariados
15/11/1917	p.1	O nosso altruismo	artigo	Sobre a luta dos trabalhadores pela obtenção de melhores condições de vida
15/11/1917	p.1	Como se enriquece em rejimen capitalista	artigo	Sobre a acumulação injusta de riquezas no capitalismo
15/11/1917	p.1	A Revolução na Russia	artigo	Sobre a história da revolução russa e seus feitos
15/11/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Epígrafe de J. Novicow criticando a guerra

15/11/1917	p.2	O Céu	artigo	Explicação científica do que é o céu
15/11/1917	p.2	Atitude que se impõe	artigo	Sobre a necessidade de se firmar a solidariedade de classe
15/11/1917	p.3	Subscrição em benefício das famílias dos expulsos de São Paulo	nota	Sobre o comitê pró-vítimas políticas que publica a listagem de fundos angariados
15/11/1917	p.3	O rejimen do avança impera no Hotel dos Estrangeiros	artigo	Denúncia de exploração patronal neste estabelecimento
01/12/1917	p.1	Lénine	matéria	Sobre as notícias difusas vindas da Rússia e homenagem a Lénin
01/12/1917	p.1	A Revolução Russa: Os Massimalistas	artigo	Sobre a revolução russa com publicação de artigo dos maximalistas de Turin e outro do socialista franco-russo Rappoport
01/12/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Goethe criticando o autoritarismo
01/12/1917	p.2	O Sol	artigo	Explicação científica do que é o sol
01/12/1917	p.2	Os Expulsos de S. Paulo	artigo	Notícias dos companheiros expulsos de São Paulo e mandados para Barbados a bordo do navio Curvelo
01/12/1917	p.3	Comité de Defesa dos Direitos do Homem	nota	Prestação de contas do festival organizado em benefício dos operários expulsos de São Paulo
01/12/1917	p.3	Subscrição em benefício das famílias dos expulsos de São Paulo	nota	Lista de valores para doação em favor dos operários expulsos de São Paulo
01/12/1917	p.3	A vida da classe: O rejimen do avança no Hotel dos Estrangeiros	artigo	Denúncia de péssimas condições de trabalho
01/12/1917	p.3	A vida da classe: Um patrão "vigarista"	artigo	Denúncia de exploração patronal
15/12/1917	p.1	O começo da luta	artigo	Sobre a regulamentação da lei que estabelece as horas de trabalho
15/12/1917	p.1	Cenas do meu hotel...	artigo	Sobre maus tratos contra trabalhadores
15/12/1917	p.1	[s.t.]	epígrafe	Epígrafe de Elisée Reclus sobre a conquista de direitos
15/12/1917	p.1	A regulamentação do trabalho da classe	artigo	Sobre a regulamentação da lei que estabelece a jornada de trabalho
15/12/1917	p.1-2	Trotsky	artigo	Sobre o papel de Trotsky na Revolução Russa
15/12/1917	p.2	Um grande jornalista da burguezia	artigo	Texto de Bakunin sobre o jornalista burguês Emile de Girardin
15/12/1917	p.2	[s.t.]	epígrafe	Citação de Anatole France sobre os utopistas
15/12/1917	p.2	Adelante!	poema	Poema sobre o futuro almejado pelos libertários
15/12/1917	p.2	A revolução portuguesa é apenas politica?	artigo	Texto sobre a revolução portuguesa, um movimento espontâneo e de revolta popular
15/12/1917	p.3	A Federação Operaria: O que foi e o que é	artigo	Texto sobre a história da Federação Operária e crítica à sua atuação hoje
15/12/1917	p.3	A "chegada" do Curvelo	artigo	Sobre o retorno do navio Curvelo com os

				trabalhadores expulsos de São Paulo
15/12/1917	p.3	O Bastoni no Rio	artigo	Sobre a presença no Rio de homem que denunciou trabalhadores grevistas em São Paulo
15/12/1917	p.3	"Guerra Sociale"	nota	Informe sobre o retorno da publicação desse periódico libertário

CATÁLOGO POR ANO – 1918

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
01/01/1918	p.1	Uma etapa vencida	artigo	Sobre a luta social e as vitórias obtidas pelos trabalhadores no ano de 1917
01/01/1918	p.1	[s.t.]	epígrafe	Epígrafe de J. Novicow criticando as guerras
01/01/1918	p.1	Antecedentes da Revolução Russa: O Massacre da Porta Narva	artigo	Texto sobre o massacre de 22 de janeiro na Rússia que ocasionou a morte de vários operários
01/01/1918	p.1	Ano Novo!	artigo	Sobre a Revolução Russa ocorrida em 1917 e as novas perspectivas revolucionárias
01/01/1918	p.2	Mercurio	artigo	Explicação científica sobre Mercúrio
01/01/1918	p.2	Ano = Bom	poema	Poema sobre a luta de classes
01/01/1918	p.3	Conto para começar alegremente o ano	conto	Texto de Anatole France sobre a imprensa burguesa
01/01/1918	p.3	A revolução russa e a burguezia	artigo	Sobre a deposição de Kerenski na Rússia
01/01/1918	p.3	Não pode ser	artigo	Texto sobre matéria do <i>New York Times</i> que acusa camponeses russos de destruírem o patrimônio de Tolstoi instigados por leninistas
15/01/1918	p.1	A ultima cartada	artigo	Sobre a burguesia que luta contra a lei que estabelece a jornada de trabalho
15/01/1918	p.1	[s.t.]	epígrafe	Epígrafe de Saywarki criticando a burguesia
15/01/1918	p.1	A hora	artigo	Sobre a guerra de 1914 e a falência dos Estados
15/01/1918	p.1	Onde estão os sanguinários?	artigo	Texto criticando a burguesia
15/01/1918	p.1	O descanso semanal	artigo	Sobre a luta pela obtenção do descanso semanal
15/01/1918	p.1	Estrangeiro na propria patria	artigo	Texto sobre a trajetória política de Lênin
15/01/1918	p.2	O Momento	artigo	Crítica ao patronato que reluta em cumprir a lei da jornada de trabalho
15/01/1918	p.2	Liberdade para uzo interno	artigo	Sobre a falta de liberdade na Inglaterra
15/01/1918	p.2	Breves aspectos sociais da Russia	artigo	Texto para melhor compreensão dos acontecimentos revolucionários na Rússia
15/01/1918	p.2	Importante conferencia do dr. Ernesto Garcez	nota	Informe sobre conferência acerca da higiene nas cozinhas
15/01/1918	p.2	A revolução no Mexico	matéria	Sobre a continuidade da luta popular no México
15/01/1918	p.2	O Governo	crônica	Sobre a proximidade do governo com as classes abastadas

15/01/1918	p.2	O C. Cosmopolita roubado pelo Estado	nota	Sobre o alto preço que é cobrado pela água
15/01/1918	p.3	Para entupir a guela dos jornalistas cariocas	artigo	Sobre a mudança de posição da imprensa frente aos revolucionários russos
15/01/1918	p.3	Trotsky	nota	Sobre a publicação do Texto sobre Trotsky no <i>Correio da Manhã</i> sem o mesmo citar a fonte de transcrição que é <i>O Cosmopolita</i>
01/02/1918	p.1	A Decenção do Senhor	crônica	Texto que critica o preconceito
01/02/1918	p.1	A historia de José	artigo	Texto de Lima Barreto que desmistifica a história de vida de José na Bíblia
01/02/1918	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de J. Novicow que incentiva os trabalhadores a defenderem seus direitos
01/02/1918	p.1	Os primeiros embates	artigo	Crítica àqueles que aceitam o assistencialismo patronal
01/02/1918	p.2	Apelo aos anarquistas	artigo	Texto de Astrojildo Pereira sobre a luta dos anarquistas
01/02/1918	p.2	Edgard Leuenroth	artigo	Denúncia da prisão de Edgard Leuenroth
01/02/1918	p.2	O Caso do Sul-America	artigo	Denúncia de perseguição patronal contra trabalhador militante
01/02/1918	p.2	A propozito dos deportados de S. Paulo	artigo	Sobre as péssimas condições em que são tratados os operários expulsos de São Paulo
01/02/1918	p.3	Ferreteando um judas	crônica	Texto que critica o individualismo
01/02/1918	p.3	[s.t.]	artigo	Sobre repressão norte-americana contra marinheiros maximalistas
15/02/1918	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Tolstoi sobre a necessidade dos homens agirem
15/02/1918	p.1	A mentira do sistema representativo	artigo	Texto de Bakunin criticando o sistema representativo de governo
15/02/1918	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Magnan criticando o conformismo
15/02/1918	p.2	Um rejimen que se esboroa	artigo	Sobre os acontecimentos na Rússia e a decadência do capitalismo
15/02/1918	p.2	“Onze de Janeiro”	nota	Informe sobre o surgimento do jornal operário de Belém do Pará
15/02/1918	p.2	Em Marcha	artigo	Texto de José Oiticica sobre a revolução russa e a guerra
15/02/1918	p.2	Se todos fizessem assim...	artigo	Sobre operários que se rebelaram contra o patrão violentamente
15/02/1918	p.2	Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro	artigo	Sobre a organização da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro
15/02/1918	p.3	A Pinguela	artigo	Texto sobre a aliança entre os homens
15/02/1918	p.3	Um quadro da sociedade burgueza	artigo	Sobre repressão e violência contra trabalhadores

15/02/1918	p.3	Em Guarda!	artigo	Sobre a relutância patronal contra a lei que estabelece as horas de trabalho e o descanso semanal
15/02/1918	p.3	Francisco Cardoso	nota	Informe sobre o falecimento do companheiro Francisco Cardoso
01/03/1918	p.1	O fracasso de um lock-out	artigo	Sobre os impedimentos criados pelo patronato contra a efetividade da lei que estabelece as horas de trabalho e o descanso semanal
01/03/1918	p.2	Acordo? Não!	artigo	Sobre a necessidade da luta dos trabalhadores em defesa de seus direitos
01/03/1918	p.2	Um programa minimo de anarquia	artigo	Tarefas dos militantes anarquistas
01/03/1918	p.2	[s.t.]	nota	Citação de Kropotkin criticando o autoritarismo
01/03/1918	p.2-3	Belo exemplo...	artigo	A base da sociedade consiste no trabalho dos proletários
01/03/1918	p.3	A solidariedade operaria	artigo	Sobre apoio do Sindicato dos Marceneiros e artes correlativas ao Centro Cosmopolita
01/03/1918	p.3	A grande farsa	crônica	Texto criticando a República e o sistema de votação
01/03/1918	p.3	Palavras de Bakounine	artigo	Pensamento de Bakunin sobre a revolução e contra o patriotismo
01/03/1918	p.3	Krilengo	matéria	Texto sobre a revolução russa e o papel do revolucionário Krilenko
25/03/1918	p.1	A Rússia Revolucionaria: um ano depois	matéria	Sobre a deposição do Czar e início de uma nova era social
25/03/1918	p.1	Igualdade Economica	artigo	Texto de Bakunin sobre igualdade econômica e social
25/03/1918	p.1-2	Embora com repugnância...	artigo	Crítica a diários que criticam o Centro Cosmopolita de forma infundada
25/03/1918	p.2	Um programa minimo de anarquia	crônica	Texto de anarquista sobre a abolição do capital
25/03/1918	p.2	Palavras de Bakunine	artigo	Texto de Bakunin sobre a liberdade
25/03/1918	p.2-3	Uma carta de Trotski	artigo	Publicação da carta de Trotsky para Julio Guesde quando o governo francês o expulsou da França
25/03/1918	p.3	Edgard Leuenroth	nota	Informe sobre a liberdade do líder anarquista Edgard Leuenroth
25/03/1918	p.3	O graficos e a U.G. dos Trabalhadores	artigo	Crítica à classe gráfica que repeliu as bases da União Geral dos Trabalhadores
25/03/1918	p.3	Os horarios de trabalho: Um folheto util	artigo	Sobre a publicação pelo Centro Cosmopolita de folheto com os dispositivos da lei municipal das horas de trabalho
22/04/1918	p.1	A Policia e os patrões	artigo	Crítica à repressão policial contra os trabalhadores
22/04/1918	p.1	O 1º de Maio e o nosso Teatro	nota	Informe sobre festival promovido pelo Grupo Teatral Cultura Social

22/04/1918	p.1	Surto Proletariano	artigo	Sobre a atividade militante do proletariado carioca
22/04/1918	p.1-2	A questão operaria: Carta aberta de José Oiticica ao sr. Aurelino Leal	artigo	Crítica de José Oiticica à Aurelino Leal que persegue os anarquistas
22/04/1918	p.2	O Estado	artigo	Texto de Bakunin criticando a violência e a opressão do Estado
22/04/1918	p.2	Das sarjetas...	artigo	Crítica a polícia que reprime os trabalhadores
22/04/1918	p.2	União Jeral Trabalhadores	artigo	Publicação das bases da União Geral dos Trabalhadores e manifestação de apoio do Centro Cosmopolita
22/04/1918	p.3	Alguns brasileiros do Centro Cosmopolita ao publico	crônica	Crítica ao preconceito de nacionalidades
01/05/1918	p.1	O 1º de Maio	crônica	Texto sobre a história da data para os trabalhadores
01/05/1918	p.1	1º de Maio: Um documento histórico	artigo	Sobre os acontecimentos de Chicago em 3 de maio de 1886
01/05/1918	p.1	Lembrando fatos	artigo	Sobre a necessidade dos operários se unirem e lutarem
01/05/1918	p.1-2	A Nossa Palavra	artigo	Texto de Astrojildo Pereira criticando a imprensa burguesa que condena os anarquistas
01/05/1918	p.2	A defesa de Edgard Leuenroth	artigo	Publicação na íntegra da defesa no Tribunal de Edgard Leuenroth
01/05/1918	p.2	U.G.T. do Rio de Janeiro	nota	Informe sobre reunião promovida pela União Geral dos Trabalhadores no 1º de maio
01/05/1918	p.2	O começo do fim...	crônica	Texto criticando o Estado
01/05/1918	p.2	A Data	artigo	Texto sobre a história dos acontecimentos de Chicago no 1º de maio
22/05/1918	p.1	A "Benéfica" e as imposições patronais	artigo	Crítica à Associação Benéfica dos Empregados em Hotéis que tenta conciliar os interesses de patrões e empregados
22/05/1918	p.1	Está conforme	artigo	Sobre as influências bolchevistas dos trabalhadores no Brasil
22/05/1918	p.1	Massimo Gorki	matéria	Texto contando a história de vida do escritor Máximo Gorki
22/05/1918	p.1	De S. Paulo: Primeiro de Maio	artigo	Crítica à repressão policial às manifestações dos trabalhadores
22/05/1918	p.2	Contra fatos...	artigo	Crítica à imprensa burguesa que compara todos os maximalistas aos que "se venderam" na Alemanha
22/05/1918	p.2	Fragmentos subversivos	epígrafe	Pensamentos de Oscar Wilde
22/05/1918	p.2	Esta é boa!	artigo	Sobre as mentiras criadas para denegrir a imagem da Rússia
22/05/1918	p.2	Lénine	nota	Correção de matéria anterior sobre a vida de Lênin em que a foto publicada não era do líder bolchevique

22/05/1918	p.3	Como decorreu o 1º de Maio	artigo	Sobre as comemorações do 1º de maio
15/06/1918	p.1	O empreendimento da U.J.T.R.J. O Jornal Operario	artigo	Sobre a iniciativa da União Geral dos Trabalhadores do Rio de Janeiro de lançar um jornal diário dos trabalhadores
15/06/1918	p.1	Açambarcadores e intermediario	artigo	Denúncia de carestia de vida
15/06/1918	p.1	A Rússia livre	artigo	Sobre as mudanças ocorridas na Rússia pós-revolução
15/06/1918	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Neno Vasco a favor da solidariedade entre os homens
15/06/1918	p.2	A guerra	crônica	Crítica às guerras
15/06/1918	p.2-3	A escola no futuro	artigo	Texto de Bakunin sobre o ideal do anarquista Mazzini e as escolas populares
15/06/1918	p.3	A luta permanente	crônica	Sobre o conflito de classes
15/06/1918	p.3	Calma "apenas"	artigo	Sobre a luta dos trabalhadores pelo descanso semanal
15/06/1918	p.3	Juízo final	matéria	Sobre a ascensão dos maximalistas na Rússia
06/07/1918	p.1	Tendencia Humana	artigo	Sobre a tendência da humanidade de não aceitar mais governos
06/07/1918	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Carlo Cattaneo criticando o patriotismo
06/07/1918	p.2	Golpes de vista	nota	Apoio à greve dos gráficos
06/07/1918	p.2	Tôlo argumento	artigo	Crítica à idéia de que a igualdade faria com que os homens não queiram trabalhar
06/07/1918	p.3	Coizas da Classe	artigo	Sobre a exploração patronal
06/07/1918	p.3	Crônica de Paulicéa	artigo	Sobre a abolição de todas as formas de autoritarismo
06/07/1918	p.3	Balancete Jeral da Comissão Pró vítimas políticas	nota	Prestação de contas dos meses: fevereiro, março, maio e junho
13/07/1918	p.1	O momento proletario	artigo	Sobre a necessidade dos trabalhadores intensificarem a luta por melhores condições de vida
13/07/1918	p.1	A Guerra	artigo	Texto de Anatole France condenando as guerras
13/07/1918	p.1	14 de Julho	nota	Informe sobre festival em homenagem à Revolução Francesa promovido pelo Grupo Teatro Cultura Social
13/07/1918	p.1	Os conservadores e o momento atual	artigo	Sobre a guerra que intensificou o reacionarismo das classes conservadoras
13/07/1918	p.1	Os ideais	artigo	Texto sobre a necessidade dos operários acreditarem no seu ideal de luta
13/07/1918	p.1-2	A futura administração do C. C.	artigo	Sobre as eleições da nova diretoria do Centro Cosmopolita
13/07/1918	p.2	A Emancipação da Mulher	artigo	Texto sobre a necessidade das mulheres se engajarem na luta por melhores condições de vida
13/07/1918	p.2	E' delinquente o pensamento?	artigo	Sobre a liberdade de pensamento

13/07/1918	p.2	A carestia	artigo	Sobre a carestia de vida que vem afetando a vida dos trabalhadores
13/07/1918	p.2	[s.t.]	nota	Citação de Pi y Margall criticando a República, o poder e a tirania
13/07/1918	p.3	O Natal de um avarento	poema	Poema criticando o acúmulo de dinheiro
13/07/1918	p.3	O exemplo da U.C.C.	artigo	Texto do Centro Cosmopolita apoiando as bases da União dos Operários em Construção Civil
20/07/1918	p.1	A Revolução Russa	artigo	Texto de jornalista francesa que presenciou os acontecimentos na Rússia
20/07/1918	p.1	[s.t.]	epígrafe	Citação de Jean Grave sobre a libertação da mulher
20/07/1918	p.2	Cartas de Paris	artigo	Texto de J. Benolt sobre o anarquista francês Sebastião Faure
20/07/1918	p.2	A's greves	artigo	Sobre o grande número de greves que os trabalhadores têm promovido
20/07/1918	p.2	14 de Julho	artigo	Texto sobre a história da revolução francesa
20/07/1918	p.2	Os Massimalistas	artigo	Sobre o grupo de sócios do Centro Cosmopolita que se diz maximalista quando na verdade é conservador
20/07/1918	p.3	Lejislção social e o operario	artigo	Sobre a necessidade dos trabalhadores desacreditarem no sistema de leis e acreditarem na sua própria atividade para promover mudanças
27/07/1918	p.1	Os criados dos elegantes	artigo	Sobre exploração patronal
27/07/1918	p.2	Pela classe: A gre've na Alvear	artigo	Apoio do Centro Cosmopolita à greve dos trabalhadores da sorveteria Alvear
27/07/1918	p.2	Somos os fortes	artigo	Texto sobre a superioridade de doutrina anarquista em relação à socialista
27/07/1918	p.3	Cronicas de paulicéa	artigo	Sobre terror espalhado pela burguesa em relação ao anarquismo
27/07/1918	p.3	[s.t.]	epígrafe	Citação de Francisco Clanei sobre a anarquia
27/07/1918	p.3	G.T. Cultura Social	nota	Prestação de contas do mês de abril do festival realizado pelo Grupo Teatral Cultura Social
27/07/1918	p.3	[s.t.]	nota	Pensamento sobre autonomia dos homens
08/08/1918	p.1	A Revolução Russa	artigo	Continuidade do texto da jornalista francesa que presenciou os acontecimentos na Rússia
08/08/1918	p.1	As greves em França	artigo	Sobre o movimento grevista na França que envolveu 50 mil pessoas
08/08/1918	p.2	A inezistencia de Deus	crônica	Crítica à crença de Deus
08/08/1918	p.2	[s.t.]	nota	Apelo à imprensa operária para desmistificar a falsa imagem da Rússia que a imprensa burguesa criou
08/08/1918	p.2	A' margem da panacéia	artigo	Sobre a descrença no sistema de leis
08/08/1918	p.3	Vida da classe	nota	Informe e publicação da nominata da nova

				administração do Centro Cosmopolita
08/08/1918	p.3	Muitos bem!...	crônica	Crítica ao capitalismo
08/08/1918	p.3	Centro Cosmopolita: A Caixa de Resistencia	artigo	Publicação das bases da caixa de resistência para amparar os trabalhadores
10/08/1918	p.1	Em greve!...	artigo	Apoio ao Centro Cosmopolita à greve dos trabalhadores em trapiches e cafés
10/08/1918	p.1	Antes fosse rial esta calunia!	artigo	Sobre a prisão de trabalhadores envolvidos na greve, entre eles: Astrojildo Pereira
10/08/1918	p.2	Efevercencia Operaria	artigo	Crítica à repressão policial aos trabalhadores grevistas
10/08/1918	p.2	A Revolução Russa	artigo	Continuidade do texto da jornalista francesa que presenciou os acontecimentos na Rússia
10/08/1918	p.2	Vida da classe	nota	Informe sobre assembléia geral do Centro Cosmopolita
10/08/1918	p.2	O 4. aniversario da guerra	crônica	Crítica à guerra
10/08/1918	p.2	Recordando: Ao povo trabalhador	artigo	Texto que recorda os acontecimentos da Revolução Francesa
10/08/1918	p.3	Os capitalistas	artigo	Texto que critica o acúmulo de capital e os grandes monopólios
10/08/1918	p.3	O operariado	artigo	Guerra acirrará ainda mais a luta entre o capital e o trabalho

DADOS DA PUBLICAÇÃO

TÍTULO: Voz Cosmopolita: Órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e classes congêneres.

ARQUIVO: Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM)

FUNDO: Archivio Storico del Movimento Operaio Brasileiro (ASMOB), em propriedade do Instituto Astrojildo Pereira – (IAP).

LOCAL DA PUBLICAÇÃO: Rio de Janeiro, Rua do Senado, 215-217.

VALORES: nº. avulso: \$100, assinatura anual: 5\$000, assinatura semestral: 3\$000.

CATÁLOGO POR ANO – 1922

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
01/01/1922	p.2	Expediente	coluna	Dados da publicação
01/01/1922	p.2	Rumo ao nosso dever	artigo	Opção pela luta classista
01/01/1922	p.2	As novas energias	artigo	Apresentação dos objetivos do jornal
01/01/1922	p.3	Cultura Physica	artigo	Criação de um departamento esportivo na organização
01/01/1922	p.3	Fases de acordo do grupo editor da Voz Cosmopolita	artigo	Apresentação das normas e objetivos da publicação
01/01/1922	p.3	A unificação da classe e suas vantagens	artigo	Necessidade de criação de uma organização de classe
01/01/1922	p.3	Gesto digno dos companheiros do Palácio Hotel	artigo	Contribuições obreiras
15/01/1922	p.1	[sem título]	nota	Sobre a supressão das leis operárias
15/01/1922	p.1	Attentos, Ouve! A Voz dos Fatos: officio dirigido pelo Centro Cosmopolita ás frações.	artigo	Reunificação da classe no Centro Cosmopolita
15/01/1922	p.1	Um livro de Carlos Dias	nota	Pedido de auxílio para publicação da obra
15/01/1922	p.1	[sem título]	epígrafe	Citação de Korkunof sobre autoridade
15/01/1922	p.2	O que é a moral	crônica	Cientificismo, racionalismo
15/01/1922	p.2	“Movimento Communista”	nota	Divulgação da revista de Astrojildo Pereira
15/01/1922	p.2	[sem título]	epígrafe	Citação de Jean Grave sobre a solidariedade entre os homens
15/01/1922	p.2	[sem título]	epígrafe	Citação de Urbain Gohier contra as leis
15/01/1922	p.2	O meu ponto de vista, sobre a “unificação da classe”	artigo	Divergências sobre a forma de unificação da classe
15/01/1922	p.2	[sem título]	epígrafe	Citação de Jules Guesde contra as leis
15/01/1922	p.3	[sem título]	nota	Defesa do anarquismo na forma de organização
15/01/1922	p.3	O Canto do Falcão	conto	Conto de Górkí sobre abnegação e valentia
15/01/1922	p.3	[sem título]	epígrafe	Citação de Jean Cruet contra as leis
01/02/1922	p.1	Novos Horizontes	artigo	Clamor pela unidade da classe
01/02/1922	p.1	Que é a vida?	artigo	Crítica à ordem estabelecida

01/02/1922	p.1-2	Afinal!	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
01/02/1922	p.2	Sem instrução será possível triunfar?	artigo	Necessidade da educação para autonomia
01/02/1922	p.2	Reticências...	poema	Anarquismo
01/02/1922	p.2	[sem título]	epígrafe	Citação de William Lloyd sobre o que é socialismo
01/02/1922	p.2	Caminho Errado	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
01/02/1922	p.2-3	Batalhemos	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
01/02/1922	p.3	Grupo Voz Cosmopolita	nota	Apresentação do Grupo Editor
01/02/1922	p.3	A caminho d'um dever	artigo	Unidade de classe no Centro Cosmopolita
01/02/1922	p.3	[sem título]	epígrafe	Citação de Gabriel Deville sobre a força necessária para mudar a ordem estabelecida
01/02/1922	p.3	A Mentira	conto	Sociedade capitalista vive de mentiras
18/02/1922	p.1	Basta de Palliativos!	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
18/02/1922	p.1	A greve do Grill Room	artigo	Relato de abandono do serviço por maus tratos
18/02/1922	p.2	Últimas resoluções: o boicote	artigo	Boicote do Grill Room por parte dos trabalhadores
18/02/1922	p.2	Tristes Verdades	artigo	Crítica ao grupo de sindicalistas que se opõem à volta do Centro Cosmopolita
18/02/1922	p.3	[sem título]	epígrafe	Citação de Voltaire contra o patriotismo
18/02/1922	p.3	"O syndicalismo e os intellectuaes"	nota	Sugestão de leituras
18/02/1922	p.3	Quem é Lenine?	nota	Sugestão de leituras
18/02/1922	p.3	Liga Artística Operária Norte Rio-Grandense	artigo	Sociedade cooperativista e comunista-sindicalista
04/03/1922	p.1	Pela organização real da classe	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
04/03/1922	p.1	Apello de solidariedade á classe	nota	Ajuda financeira a companheiro doente
04/03/1922	p.1	[sem título]	epígrafe	Citação de Voltaire contra o patriotismo
04/03/1922	p.1	O Centro Cosmopolita e a sua nova vida	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
04/03/1922	p.1	A chegada do companheiro Manoel Simon	artigo	Notícia sobre retorno de companheiro expulso do país
04/03/1922	p.2	Educação	artigo	Sobre como deve se dar a educação dentro do movimento
04/03/1922	p.2	Despertar	poema	Crítica à ordem estabelecida
04/03/1922	p.2	Não Vacilleis!	artigo	Unidade da Classe no Centro Cosmopolita
04/03/1922	p.2	O Brazil um vasto Hospital!	artigo	Contra o trabalho infantil
04/03/1922	p.2	[sem título]	epígrafe	Citação de Quinet contra o patriotismo
04/03/1922	p.3	A eterna questão	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
04/03/1922	p.3	[sem título]	epígrafe	Citação de Mably contra o patriotismo
04/03/1922	p.3	A Caminho da Fraternidade	conto	Crítica à diferença social
01/04/1922	p.1	Prodromos de uma nova phase: O Cosmopolita unificando a classe	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
01/04/1922	p.1	Os trabalhadores da Hespanha aos companheiros de todo o mundo	artigo	Relato dos companheiros da Espanha de torturas e clamor por ajuda através da Confederação Nacional do Trabalho
01/04/1922	p.2	Máximo Gorki e o esperanto	artigo	Necessidade de uma língua internacional

01/04/1922	p.2	Organização	poema	Sobre a luta contra a tirania do Estado
01/04/1922	p.2	O que a pratica aconselha	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
01/04/1922	p.3	Apello de Solidariedade	nota	Angariar fundos para ajuda a companheiro enfermo que precisa voltar ao seu país de origem
01/04/1922	p.3	Movimento da Thezouraria	nota	Prestação de contas
01/04/1922	p.3	A' classe dos empregados em Hotels, Restaurantes, Bars, Casas de Pasto, Botequins, Petisqueiras, etc., etc., : a sua imperiosa necessidade da unificação dentro do Centro Cosmopolita	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
15/04/1922	p.1	Marcando uma era nova	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
15/04/1922	p.1	Centro Cosmopolita: Aprestemo-nos para a organização da classe!	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
15/04/1922	p.1-2	Regulamento interno do Centro Cosmopolita	artigo	Apresentação da organização e normas
15/04/1922	p.2	A Felicidade na inconsciência	poema	Consciência da vida
15/04/1922	p.2	Aos companheiros de hotéis, restaurantes e cafés de Bello Horizonte	crônica	Crítica à diferença social e luta para obtenção de direitos
15/04/1922	p.2	Em torno da nossa unificação	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
15/04/1922	p.2	Jornaes e Revistas	nota	Recebimento de publicações e divulgação do material
15/04/1922	p.2	Aos Empregados em Cafés, Bars e Leiterias	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
15/04/1922	p.3	Apello de Solidariedade	nota	Ajuda financeira à companheiro enfermo
15/04/1922	p.3	Centro Cosmopolita: Eliminação de Albano de Carvalho	nota	Eliminação de companheiro da organização por acusação de roubo
15/04/1922	p.3	A Caminha da Fraternidade: a guerra e o esperanto	conto	Esperanto como idioma internacional
15/06/1922	p.1	Confrontos	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
15/06/1922	p.1	[sem título]	epígrafe	Citação de Mably contra o patriotismo
15/06/1922	p.1	"Aos anti-disfaforistas	artigo	Crítica à campanha feita contra a Revolução Russa
15/06/1922	p.1	Reticências...	poema	Anticlericalismo
15/06/1922	p.1	Garrafadas	poema	Contra o patronato
15/06/1922	p.2	A Syndical Vermelha	artigo	Organizações contra e a favor do proletariado
15/06/1922	p.2	Definindo-me	artigo	A favor da Revolução Russa e contra a ordem estabelecida no Brasil
15/06/1922	p.2	[sem título]	epígrafe	Citação de Chevreul contra o nacionalismo
15/06/1922	p.2	Boicote á Rotisserie Sportman de São Paulo	artigo	Notícias do periódico O Internacional sobre o boicote
15/06/1922	p.2	No café Londres	artigo	Caixeiros abandonam trabalho por maus tratos
15/06/1922	p.3	Jornaes e Revistas	nota	Recebimento de publicações e divulgação
01/07/1922	p.1	Centro Cosmopolita: sócios eliminados	nota	Sócios eliminados da organização
01/07/1922	p.1-2	Os extremos que se encontram	crônica	Crítica dos anarquistas
01/07/1922	p.2	O café a 200 réis	artigo	Carestia
01/07/1922	p.2	A Liberdade	poema	Liberdade não é utopia
01/07/1922	p.2	A morte	poema	Morte como algo natural

01/07/1922	p.2	[sem título]	epígrafe	Citação de Henrique Malatesta contra tendências
01/07/1922	p.2-3	Vícios	artigo	Crítica a todos os tipos de vício
01/07/1922	p.3	Implico...	poema	Contra as situações adversas da sociedade em geral
01/07/1922	p.3	Pelos cafés	artigo	Contra a carestia
01/07/1922	p.3	Fallecimento	nota	Nota de falecimento
01/07/1922	p.3	[sem título]	nota	Citação de Lênin contra a República burguesa
01/07/1922	p.3	[sem título]	artigo	Valorização da educação no movimento e normas de conduta do militante
01/07/1922	p.3	Festival da "Voz" no próximo sábado 8 de julho às 21 horas, no salão do Centro Cosmopolita à Rua do Senado 215	nota	Festividades para integração
15/07/1922	p.1	As lavagens de casa nos Hotéis, Restaurantes e Botequins	artigo	Denúncia das péssimas condições de trabalho
15/07/1922	p.2	Aos caixeiros em casas de Pasto	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
15/07/1922	p.2	O Valor da vida	poema	Dificuldades para enfrentar a vida
15/07/1922	p.2	Implico...	poema	Contra as situações adversas da sociedade em geral
15/07/1922	p.3	Aos companheiros em geral	artigo	Denúncia das práticas patronais
15/07/1922	p.3	O Festival da Voz	nota	Divulgação de festividade para integração
15/07/1922	p.3	Até o secretário?!... Coisas da época: a exploração do trabalho de menores	artigo	Denúncia de trabalho infantil e crítica à busca incessante por lucro

CATÁLOGO POR ANO – 1923

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
01/02/1923	p.1	Reaparecendo...	artigo	Retomada da publicação
01/02/1923	p.1	Festa pró-Biblioteca do Centro Cosmopolita	nota	Festividades para angariar fundos
01/02/1923	p.1	Sobre a União dos E. do Comercio	artigo	Reivindicação de melhoria nas condições do trabalho feminino
01/02/1923	p.1	Duelo Inglorio	nota	Eliminação de sócios do Centro Cosmopolita
01/02/1923	p.2	Ecos e notícias	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
01/02/1923	p.2	Grupo Editor "Voz Cosmopolita"	nota	Mudança na diretoria do Centro Cosmopolita
01/02/1923	p.2	Excesso de Puritanismo	artigo	Apoio à Revolução Russa
01/02/1923	p.2	Últimos momentos de Nero	poema	Contra ilusões
01/02/1923	p.3	Educação	artigo	Valorização da educação
01/02/1923	p.3	Jornaes e Revistas	nota	Recebimento de publicação e divulgação
01/02/1923	p.3	Balancete da Festa da Voz Cosmopolita	nota	Prestação de contas
01/02/1923	p.3	Um livro inquietador	conto	Valorização da leitura
20/03/1923	p.1	Defendendo o descanso semanal	artigo	Luta pela obtenção de direitos num estabelecimento de trabalho
20/03/1923	p.1	Os indiferentes	artigo	Crítica à alienação política
20/03/1923	p.1	Centro Cosmopolita: aviso aos sócios	nota	Suspensão de associado do Centro Cosmopolita
20/03/1923	p.1	Os problemas da classe	artigo	Regimento interno para mandar delegados para

				assembleia da categoria
20/03/1923	p.1	A classe em geral	nota	Pedido de cartas que denunciem exploração da classe para publicação no jornal
20/03/1923	p.2	Sobre a greve dos graphicos em São Paulo	artigo	Especificação de greve para obtenção de direitos sociais
20/03/1923	p.3	Malhando	artigo	Denúncia da exploração cometida pelo patronato contra os trabalhadores
20/03/1923	p.3	Solidariedade, companheiros!	nota	Pedido de solidariedade com companheiros grevistas de São Paulo
20/03/1923	p.3	Defendamo-nos	artigo	Denúncia da exploração cometida pelo patronato contra os trabalhadores
20/03/1923	p.3	Manuel Legeuna Ortiz	artigo	Divulgação de festividade para obter fundos com objetivo de ajudar companheiro enfermo
15/06/1923	p.1	Relembrando o feudalismo	artigo	Contra a locação de serviços domésticos
15/06/1923	p.1	O Centro Cosmopolita e seus detractores	artigo	Intervenção policial em assembleia operária
15/06/1923	p.1	Centro Cosmopolita: Boycote do Café Portuense, no Meyer, e da Cervejaria Minerva	artigo	Pedido de solidariedade dos militantes ao boicote
15/06/1923	p.2	Medidas moralisadoras contra elementos dissolventes	artigo	Crítica aos fura-greves
15/06/1923	p.2	Pensamentos do Mestre	matéria	Trecho do 18 de Brumário de Karl Marx
15/06/1923	p.2	As forças moraes da Revolução	crônica	Crítica ao reformismo
15/06/1923	p.3	Imprensa Operária	nota	Recebimento de publicações e divulgação
15/06/1923	p.3	Como se transforma a Rússia	artigo	A Rússia Soviética, todo o apoio às suas realizações
15/06/1923	p.3	Os vinte e cinco annos do Partido Communista Russo	artigo	Apoio às realizações da Revolução Russa
15/06/1923	p.3	A teia de Penélope do Syndicalismo	crônica	Crítica ao reformismo anarquista
31/07/1923	p.1	1903 Salvé! – Centro Cosmopolita – Salvé 1923	artigo	Aniversário de XX anos de existência do Centro Cosmopolita
31/07/1923	p.2	A causa do Centro Cosmopolita	artigo	Causa do Centro Cosmopolita não é local, mas internacional
31/07/1923	p.2	Commentarios	artigo	Unidade da classe no Centro Cosmopolita
31/07/1923	p.2	Fora do Rio: A Classe em S. Paulo	artigo	Organização da categoria em São Paulo
31/07/1923	p.3	Manifesto Communista	nota	Solicitação da leitura e divulgação da obras pelos sócios do Centro Cosmopolita
31/07/1923	p.3	Manifesto Communista	artigo	Livro publicado por capítulos no jornal
18/08/1923	p.1	O Novo Regulamento	artigo	Contra as práticas de exploração patronais
18/08/1923	p.1	De volta aos costumes de antanho	crônica	Crítica ao sindicalismo revolucionário
18/08/1923	p.2	O Internacional	nota	Divulgação do periódico da categoria em São Paulo
18/08/1923	p.2	Si vis pacem...	crônica	Crítica às guerras promovidas pelo capitalismo
18/08/1923	p.2	O Aniversario do Centro Cosmopolita	nota	Informativo sobre posse da nova diretoria do Centro Cosmopolita
18/08/1923	p.3	No Pelourinho	nota	Apresentação de nova seção que faria denúncias das

				práticas patronais e do descomprometimento de alguns militantes com a causa
18/08/1923	p.3	Manifesto Comunista	artigo	Livro publicado por capítulos no jornal
15/10/1923	p.2	[sem título]	nota	Órgão representativo do jornal A Internacional apóia reivindicações do Centro Cosmopolita
15/10/1923	p.2	Mensagem apresentada pelo Centro Cosmopolita ao 1º Congresso Brasileiro de Hygiene	artigo	Exigência de higiene nas cozinhas dos estabelecimentos
15/10/1923	p.2	Os amarelos de Amsterdam lançam as vistas sobre a América do Sul	artigo	Formação da Frente Única Proletária
15/10/1923	p.3	O proletariado argentino presta seu apoio ao proletariado do Brazil	artigo	Avaliação do PC da Argentina sobre atuação do movimento operário brasileiro
15/10/1923	p.3	Manifesto Comunista	artigo	Livro publicado por capítulos no jornal
01/12/1923	p.1	Centro Cosmopolita e a Unificação Proletária	artigo	Crítica aos anarquistas e à formação de tendências
01/12/1923	p.1	Para liquidar os carneiros	artigo	Contra a alienação e à submissão ao patronato
01/12/1923	p.2	Centro Cosmopolita: A festa de hoje 1º de Dezembro	nota	Festividade para angariar fundos para o Centro Cosmopolita
01/12/1923	p.2	Rosario de um ateu	poema	Anticlericalismo
01/12/1923	p.2	A quem a carapaça servir	crônica	Contra a submissão ao patronato
01/12/1923	p.2	Centro Cosmopolita: Balancete do mez de outubro de 1923	nota	Prestação de contas
01/12/1923	p.3	Aos colaboradores	nota	Cuidados especiais com a lei de imprensa
01/12/1923	p.3	O dever do proletariado diante da Revolução	crônica	Apoio à Revolução Alemã e à Revolução Russa
01/12/1923	p.3	Ferroadas	epígrafe	Citações mistas sem menção de autores
01/12/1923	p.3	Manifesto Comunista	artigo	Livro publicado por capítulos no jornal
15/12/1923	p.1	A Legislação social brasileira e o capitalismo estrangeiro	artigo	Contra a submissão ao patronato
15/12/1922	p.2	Companheiros	nota	Solicitação de apoio dos sócios ao Centro Cosmopolita
15/12/1923	p.2	Centro Cosmopolita: Balancete do mez de novembro de 1923	nota	Prestação de Contas
15/12/1923	p.2	Hosannas	artigo	Defesa do cientificismo
15/12/1923	p.2	Deveres associativos	artigo	Indicações para atuação política dos militantes
15/12/1923	p.2	Exemplos	nota	Demissão de sócios de seus cargos na diretoria do Centro Cosmopolita
15/12/1923	p.3	A Questão social	artigo	Contra a tirania do capitalismo
15/12/1923	p.3	Manifesto Comunista	artigo	Livro publicado por capítulos no jornal

CATÁLOGO POR ANO – 1924

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
01/03/1924	p.2	A.I.C.	nota	Cinco anos da existência da Internacional Comunista
01/03/1924	p.2	O Único!!	nota	Brasil não pôde comemorar a morte de Lênin
01/03/1924	p.3	A 2ª e a 3ª Internacional	crônica	Sobre a história da Internacional Comunista

01/03/1924	p.3	Exemplos	crônica	Contra a imprensa burguesa
01/03/1924	p.3	Eleições	nota	Obreirismo
01/03/1924	p.3	Os quatro	nota	Denúncia contra jornais que feriram a memória de Lênin
01/03/1924	p.3	Um semanario	nota	Trabalhadores do Rio de Janeiro não possuem semanários
01/03/1924	p.3	Perseguições	nota	Opressão do Estado contra a militância
01/06/1924	p.1-2	Relatório da Delegação do Centro Cosmopolita á Conferência de S. Paulo	artigo	Necessidade da Frente Única
01/06/1924	p.2	Rússia Proletária	nota	Divulgação de obra sobre a Revolução Russa
01/06/1924	p.2	Quem tem razão?	nota	Sobre a Rússia proletária
01/06/1924	p.2	A revolução russa	nota	Revolução Russa é obra do proletariado
01/06/1924	p.2	Doutrina contra doutrina	artigo	Sedes próprias para cada movimento social
01/06/1924	p.2	Manifesto Comunista	nota	Publicação do Manifesto Comunista de Marx, divulgação
01/06/1924	p.3	Os anarchistas	nota	Citações de Astrojildo Pereira sobre o anarquismo
01/06/1924	p.3	Rússia Proletária	nota	Divulgação da obra de Octávio Brandão publicada pelo Centro Cosmopolita
01/06/1924	p.3	Os anarcho-sindicalistas e os acontecimentos da Alemanha	artigo	Contra a atuação política dos anarco-sindicalistas
01/06/1924	p.3	A burguezia na Russia	nota	Citações sem autoria contra a burguesia e a favor da Rússia
01/06/1924	p.3	[sem título]	artigo	Trecho da obra Rússia Proletária de Octávio Brandão
01/06/1924	p.3	A tarefa essencial	epígrafe	Citação de Lênin sobre a atuação da Internacional Comunista

CATÁLOGO POR ANO – 1925

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
15/01/1925	p.1	[sem título]	artigo	Retorno da publicação da Voz Cosmopolita, ações necessárias
15/01/1925	p.1	Voz Cosmopolita	nota	Retorno da publicação da Voz Cosmopolita
15/01/1925	p.1	Bello Horisonte	nota	Reconstituição da U. Internacional
15/01/1925	p.2-3	Centro Cosmopolita: os primeiros quatro anos de sua existência	artigo	Reconstituição da história dos primeiros quatro anos de atividade do Centro Cosmopolita por Astrogildo Pereira
15/01/1925	p.3	Para fazer propaganda individual	artigo	Espécie de guia para a ação da militância
15/01/1925	p.3	A Rússia Proletária	nota	Divulgação da obra de Octávio Brandão: Rússia Proletária
01/02/1925	p.1	O Descanso semanal	artigo	Denúncia de estabelecimento que não reconhece o direito ao descanso semanal

01/02/1925	p.1	Na Hespanha a dictadura militar	artigo	Resistência da publicação La Batalha em meio à repressão da ditadura
01/02/1925	p.1	[sem título]	nota	Detenção do companheiro Manoel Simon
01/02/1925	p.1	Política internacional	artigo	Notícias do movimento político-social internacional
01/02/1925	p.1	Centro Cosmopolita	nota	Avivamento da unificação da classe
01/02/1925	p.2	Contra o imperialismo norte-americano	artigo	Clamor pela união e organização dos trabalhadores de toda a América contra o capitalismo dos EUA
01/02/1925	p.2	Na Gruta do Norte	artigo	Denúncia de estabelecimento que não reconhece o direito ao descanso semanal
01/02/1925	p.2	Revolução	artigo	Trecho da obra Rússia Proletária de Octávio Brandão
01/02/1925	p.2	A luta actual	nota	Luta da pequena burguesia contra a grande burguesia no Brasil
01/02/1925	p.3	O paiz e o governo dos trabalhadores	artigo	História da revolução comunista na Rússia feita pela Comissão de Educação e cultura do PC do Brazil
01/02/1925	p.3	A Pravda	nota	Notícias sobre o volume de tiragem do jornal Pravda da URSS
15/02/1925	p.1	Nossos salários	artigo	Unidade sindical em busca de aumento de salários para a categoria
15/02/1925	p.1	A influência da revolução russa no Oriente	artigo	Mudanças ocorridas no mundo árabe
15/02/1925	p.1	Orestes	nota	Reclamação de militante: menos literatura, mais luta
15/02/1925	p.1	Trotsky	artigo	Sectarismo e divisionismo trotskista
15/02/1925	p.1	Aos colaboradores	nota	Pedido de síntese das matérias enviadas para publicação
15/02/1925	p.1	Aos guelistas	epígrafe	Citação de Lênin: menos retórica e mais luta
15/02/1925	p.1	Tão piedosa!	nota	Crítica da obra O rei carvão, tida como literatura burguesa
15/02/1925	p.2	Nossas Tarefas	artigo	Espécie de guia para atuação política da militância comunista
15/02/1925	p.2	A acção, a reacção e a victoria	artigo	Unidade de classe e apelo ao poder de ação do proletariado
15/02/1925	p.2	O Trabalho	nota	Denúncia de publicação que serve aos interesses burgueses
15/02/1925	p.3	Aos trabalhadores em fabricas de tecidos	artigo	Espécie de guia para a atuação política da militância comunista, elaborado pela Comissão de Educação e Cultura do PC do Brazil
15/02/1925	p.3	Reclamando mais salario	artigo	Luta por melhor remuneração para a categoria
15/02/1925	p.3	Pela nossa unidade syndical	crônica	Contra o divisionismo
01/03/1925	p.1	A caminho da unificação	crônica	Unidade da classe
01/03/1925	p.1	A alimentação popular na Rússia dos Soviets	artigo	Descrição da alimentação dos trabalhadores na Rússia

01/03/1925	p.1	O Trabalho	nota	Denúncia de publicação que serve aos interesses burgueses
01/03/1925	p.1	O aumento da classe	artigo	Ampliação do movimento para as zonas interioranas do Rio de Janeiro
01/03/1925	p.1	[sem título]	epígrafe	Citações sem autoria sobre a importância da luta classista
01/03/1925	p.2	A burguesia barateia o sangue do proletariado	artigo	Desastre de Caju – revolta de trabalhadores
01/03/1925	p.2	Jornal economico ou jornal economico e político?	artigo	Necessidade dos jornais tratarem de questões econômicas e políticas
01/03/1925	p.2	Leituras para trabalhadores	nota	Sugestões de leituras
01/03/1925	p.2	[sem título]	epígrafe	Citação sem autoria contra o patronato
01/03/1925	p.2	Quadros do carnaval	crônica	Sobre o homossexualismo e o carnaval
01/03/1925	p.2	Notas de classe	artigo	Contra a carestia de vida
01/03/1925	p.3	A situação internacional	artigo	Notícias dos acontecimentos internacionais
01/03/1925	p.3	[sem título]	epígrafe	Citação sem autoria sobre a política comunista
01/03/1925	p.3	[sem título]	epígrafe	Citação sem autoria sobre o comunismo e o proletariado
01/03/1925	p.3	[sem título]	epígrafe	Citação sem autoria sobre a luta classista
15/03/1925	p.1	Conselho de delegados: sua missão	artigo	Criação do conselho de delegados
15/03/1925	p.1	Auto-crítica proletária	artigo	Espécie de guia para se fazer uma auto-crítica dentro do movimento, criado pela Comissão de Agitação e Propaganda do PC do Brazil
15/03/1925	p.1	O Trabalho	nota	Denúncia de publicação que serve aos interesses burgueses
15/03/1925	p.1	Centro Cosmopolita: Assembléa Geral	nota	Convocação para assembléa geral extraordinária
15/03/1925	p.1	A unificação corporativa	artigo	Unificação da classe
15/03/1925	p.1	Comissão de Agitação e Propaganda	nota	Alteração do nome da antiga Comissão de Educação e Cultura do PC do Brazil
15/03/1925	p.2	A corporação de Bello Horizonte	artigo	Sobre a atuação da corporação, suas ações e dificuldades
15/03/1925	p.2	Cajú	nota	Sobre a necessidade de lembrar do desastre de Cajú
15/03/1925	p.2	Aos trabalhadores da Light	artigo	Sobre as dificuldades de atuação política desse grupo
15/03/1925	p.2	Leituras para trabalhadores	nota	Sugestões de leituras para militantes
15/03/1925	p.2	[sem título]	epígrafe	Citação sem autoria sobre a ação política das massas
15/03/1925	p.2	De Bello Horizonte	artigo	Luta pelo direito de descanso semanal
15/03/1925	p.3	Fragmentos de Marx	epígrafe	Citações de Marx extraídas da obra Revolução e contra-revolução na Alemanha
15/03/1925	p.3	Importante questão ressurge	artigo	Unificação corporativa
15/03/1925	p.3	Centro Cosmopolita: Balancete Demonstrativo do movimento no mez de Fevereiro de 1925	nota	Prestação de contas

01/04/1925	p.1	A unidade corporativa	crônica	Crítica ao divisionismo e apelo à unidade corporativa
01/04/1925	p.1	O relatório da directoria	artigo	Relatório da Assembléia Geral que discutiu a unidade corporativa
01/04/1925	p.1	O mastodonte burocratico	artigo	Crítica à burocracia Estatal
01/04/1925	p.2	A situação nacional	artigo	Descrição física, etnológica e econômica do Brasil
01/04/1925	p.2	Aulas de portuguez pratico	nota	Informe sobre a organização dos grupos para estudos de língua portuguesa
01/04/1925	p.2	Leituras para trabalhadores	nota	Sugestão de leituras para trabalhadores
01/04/1925	p.2	A Classe Operaria	nota	Divulgação do jornal "A Classe Operária"
01/04/1925	p.2	Notas corporativas	artigo	Luta contra a carestia de vida e pelo aumento dos ordenados da categoria
01/04/1925	p.2	Dansando a cirandinha...	artigo	Crítica ao periódico "O Trabalho" acusado de ser fascista
01/04/1925	p.3	Literatices anarchicas	artigo	Crítica à literatura romântica e burguesa
01/04/1925	p.3	Russia Proletária	nota	Divulgação da obra de Octávio Brandão
01/04/1925	p.3	Relembrando o passado	matéria	Matéria enviada pela Comissão de Agitação e Propaganda do PC do Brasil sobre: Lênin, a Internacional Comunista, a Comuna de Paris e o Socorro Vermelho Internacional
01/04/1925	p.3	A.B. dos T. em Carvão e Mineral	artigo	Eleita a diretoria da Associação Brasileira dos Trabalhadores em Carvão e Mineral
01/04/1925	p.3	A guerra!	nota	Crítica às guerras imperialistas
01/04/1925	p.3	A reação na Hespanha: Operários ameaçados de morte	artigo	Ameaça de morte de militantes espanhóis e repressão Estatal
15/04/1925	p.1	Nosso mecanismo syndical	artigo	Ampliação da atividade política e unificação da classe
15/04/1925	p.1	O Jornal	nota	Importância da leitura de jornais pela militância
15/04/1925	p.1	Centro Cosmopolita: Comissão de Beneficencia	nota	Prestação de contas do movimento do primeiro trimestre de 1925
15/04/1925	p.1-2	Aos trabalhadores das cidades e dos campos: em prol da A Classe Operária	artigo	Apresentação do jornal A Classe Operária
15/04/1925	p.2	Lutemos!	artigo	Unificação da classe
15/04/1925	p.2	Cheses para o 1º de Maio	crônica	História do dia 1º de maio narrada pela Secção de Agitação e Propaganda do PC do Brazil
15/04/1925	p.2	Ultima hora	nota	Unificação definitiva da corporação dentro do Centro Cosmopolita
15/04/1925	p.3	Rússia Proletaria	nota	Divulgação da obra de Octávio Brandão
15/04/1925	p.3	Aos 9 milhões de trabalhadores do interior do Brazil	artigo	Unidade dos trabalhadores da cidade e do campo, texto criado pela Secção de Agitação e Propaganda do PC do Brazil
15/04/1925	p.3	Sarandinite incuravel	artigo	Crítica do jornal O Trabalho

15/04/1925	p.3	Aos companheiros do Brazil	nota	Pedido de livros e jornais por militante português para propaganda em Portugal
01/05/1925	p.1	Em Marcha	artigo	Primeira Conferência dos trabalhadores da indústria hoteleira no Brasil
01/05/1925	p.1	O 1º de maio	crônica	História do dia 1º de maio
01/05/1925	p.1	A Classe Operaria	nota	Divulgação do jornal A Classe Operária
01/05/1925	p.1	Classe, corporação e categoria profissional	artigo	Distinção explicativa dos entre os termos
01/05/1925	p.1	Centro Cosmopolita: Assembléa geral extraordinaria	nota	Convocação para a Assembléa
01/05/1925	p.2	Aos trabalhadores da vanguarda	nota	Divulgação do jornal A Classe Operária
01/05/1925	p.2	No Oyapok	artigo	Deportação de militantes anarquistas e prisão de militantes comunistas
01/05/1925	p.2	O pessoal dos cafés e a organização	artigo	Contra a exploração do trabalhador
01/05/1925	p.2	Campanha victoriosa: finalmente unificados!	artigo	Incorporação da União dos Trabalhadores em Hotéis, Restaurantes, Cafés e Similares ao Centro Cosmopolita
01/05/1925	p.2	Centro Cosmopolita: Balancete Demonstrativo do movimento do mez de março de 1925	nota	Prestação de contas
01/05/1925	p.3	Rússia Proletaria	nota	Divulgação da obra de Octávio Brandão
01/05/1925	p.3	Uma crítica proletária á propaganda anti-religiosa	artigo	Como persuadir trabalhadores cristãos a ingressar no movimento
01/05/1925	p.3	Listas de subscrição	nota	Pedido de devolução das listas de subscrição de A Classe Operária
01/05/1925	p.3	[sem título]	epígrafe	Citação sem autoria contra a exploração capitalista
15/05/1925	p.1	Reforma Geral	artigo	Reformas na organização do Centro Cosmopolita
15/05/1925	p.1	"A Classe Operaria"	artigo	Divulgação e pedidos de assinaturas do jornal A Classe Operária
15/05/1925	p.1	Congressos e Conferencias Corporativas	artigo	Uniformidade orgânica da classe operária contra o corporativismo
15/05/1925	p.1	Ultima hora	nota	Constituição de uma associação corporativa em Juiz de Fora
15/05/1925	p.1	Ultima hora	nota	Comitê Executivo da A Internacional tenta boicotar conferência corporativa
15/05/1925	p.2	Os empregados dos cafés	artigo	Crítica aos empregados dos cafés que não fazem parte do Centro Cosmopolita
15/05/1925	p.2	Cousas leves e pesadas	artigo	Crítica a falta de organização das assembléas no Centro Cosmopolita
15/05/1925	p.2	Restaurante Berlim	artigo	Denúncia de maus tratos de patrões contra empregados
15/05/1925	p.2	A frente única da burguezia	artigo	Burguesia se organiza contra o proletariado
15/05/1925	p.2	Centro Cosmopolita: Balancete Demonstrativo do movimento	nota	Prestação de contas

		do mez de abril de 1925		
15/05/1925	p.2-3	O aumento dos ordenados	artigo	Luta por aumento de salários da categoria
15/05/1925	p.3	A educação revolucionaria de vanguarda	artigo	Espécie de guia para educar homens, mulheres e crianças dentro do marxismo, criado pela Secção de Agitação e Propaganda do PC do Brazil
15/05/1925	p.3	A Classe Operaria	nota	Divulgação do jornal A Classe Operária
01/06/1925	p.1	Após o facto: Da idea á realidade	artigo	Constituição da União Nacional dos Trabalhadores em Hotéis e Similares
01/06/1925	p.1	Centro Cosmopolita: fracção culinaria	artigo	Reivindicação da diminuição da carga horária de trabalho
01/06/1925	p.1	Unidade! Unidade!	artigo	Unidade de classe e unidade do movimento sindical internacional
01/06/1925	p.2	Alegria e miseria	crônica	Crítica à alienação política
01/06/1925	p.2	A Classe Operaria	nota	Divulgação do jornal A Classe Operária
01/06/1925	p.2	Gorgeta e salario minimo	artigo	Reivindicação de aumento de ordenados e crítica às gorgetas
01/06/1925	p.2	[sem título]	epígrafe	Citação sem autoria sobre a lógica de ação do marxismo
01/06/1925	p.2	Sugestões da I.C.	artigo	Sugestão para que os trabalhadores se organizem no PC do Brazil
01/06/1925	p.2	[sem título]	epígrafe	Citação sem autoria contra a religião
01/06/1925	p.3	Uniformidade organica e unidade syndical	artigo	Unidade sindical
01/06/1925	p.3	Em Ubá	artigo	Fundação de organismo da Alliança dos Caixeiros de Hotéis, Restaurantes e Confeitarias
01/06/1925	p.3	Rússia Proletaria	nota	Divulgação da obra de Octávio Brandão
01/06/1925	p.3	A Unificação	nota	Informe de que todos os haveres da União Geral dos Trabalhadores em Hotéis e Similares passaram a pertencer ao Centro Cosmopolita
01/06/1925	p.3	O seculo XX	artigo	História da luta proletária contra a exploração capitalista
01/06/1925	p.3	Juiz de Fora: Restaurante Communista	nota	Informe sobre a inauguração de restaurante comunista
01/06/1925	p.3	[sem título]	epígrafe	Citação de Marx sobre o capitalismo
01/06/1925	p.3	[sem título]	epígrafe	Citação sem autoria sobre acidentes de trabalho
15/06/1925	p.1	Problemas Immediatos	artigo	Lutas do proletariado contra a burguesia
15/06/1925	p.1	Nossa corporação em Minas	artigo	Luta em prol do descanso semanal
15/06/1925	p.1	A desorganização dos empregados em cafés	artigo	Crítica a desorganização dos trabalhadores
15/06/1925	p.1	Benefício pró A Classe Operaria	artigo	Festival em prol do jornal A Classe Operária
15/06/1925	p.2	Unidade Syndical	artigo	Liberdade de ação dentro do sindicato
15/06/1925	p.2	Em Minas	artigo	Denúncia de exploração patronal contra os

				empregados
15/06/1925	p.2	Fé? Não basta!	artigo	Crítica a alienação dos trabalhadores
15/06/1925	p.2	Leia aos sábados "A Classe Operária"	nota	Divulgação do jornal A Classe Operária
15/06/1925	p.2	Centro Cosmopolita	nota	Informe de assembléia para reforma de estatutos
15/06/1925	p.3	Política do syndicalismo	artigo	Crítica aos partidários da ação unicamente econômica
15/06/1925	p.3	U.N. dos Trabalhadores em Hoteis e Similares	artigo	Publicação de estatutos na íntegra
15/06/1925	p.3	Tarefa imediata	artigo	Organização sólida e disciplinada das corporações nos sindicatos
01/07/1925	p.1	O descanso semanal e as 8 horas de trabalho	artigo	Luta pelo descanso semanal e pelas 8 horas de trabalho
01/07/1925	p.1	U.N.T.H.S.	artigo	Ligação da União Nacional dos Trabalhadores em Hotéis e Similares com o Centro Cosmopolita
01/07/1925	p.1	Methodos de acção syndical: These aprovada pela 1ª Conferencia	artigo	Tarefas do sindicato e organização das atividades
01/07/1925	p.2	Aos chefes de cozinhas e suas brigadas	artigo	Organização das estatísticas dos salários da categoria
01/07/1925	p.2	Sejamos mais coerentes!	crônica	Crítica ao divisionismo
01/07/1925	p.2	Leia aos sábados "A Classe Operária"	nota	Divulgação do jornal A Classe Operária
01/07/1925	p.3	O sindicalismo revolucionário e o problema político	artigo	Crítica ao "purismo" político dos sindicalistas revolucionários de Portugal
15/07/1925	p.1	Centro Cosmopolita: Relatório do presidente João Valentim Argollo a ser apresentado á assembléia geral ordinaria de 15 de julho de 1925	artigo	Pauta de discussão na assembléia geral
15/07/1925	p.2	Eleições administrativas para 1925-26: Chapa aprovada na convenção do dia 7 de julho	artigo	Apresentação do programa da nova Diretoria do Centro Cosmopolita
15/07/1925	p.2	Restaurante Italia	nota	Obtenção de aumento de ordenados pela intervenção do Centro Cosmopolita
15/07/1925	p.2	Palace Hotel	nota	Obtenção de aumento de ordenados pela atuação do Centro Cosmopolita
15/07/1925	p.2	O que é necessario	artigo	Como travar um debate político com um companheiro sem provocar divisionismo
15/07/1925	p.2	Leia aos sábados A Classe Operária	nota	Divulgação do jornal A Classe Operária
15/07/1925	p.2	De S. Paulo	nota	Informe sobre as eleições do Comitê Executivo da A Internacional
15/07/1925	p.2	De Bello Horizonte	nota	Informe sobre a inauguração da sede social da União Internacional de Bello Horizonte
15/07/1925	p.2	Sobre autonomia	artigo	Crítica aos "autonomistas" do grupo libertário
15/07/1925	p.3	Boateiros	artigo	Denúncia de boatos sobre a fragmentação da organização

15/07/1925	p.3	Centro Cosmopolita: Balancete demonstrativo do movimento da Receita e Despesa durante a gestão administrativa de 1 de julho de 1923 a 30 de junho de 1925	nota	Prestação de contas
15/08/1925	p.1	As eleições no Centro Cosmopolita	artigo	Descrição do processo eleitoral que elegeu a nova Diretoria do Centro Cosmopolita
15/08/1925	p.1	Coisas da velha...	artigo	Unidade sindical
15/08/1925	p.1	Resumo da assembléa geral extraordinária realizada em 28 de julho de 1925	artigo	Ata da assembléa geral e apresentação dos nomes da nova diretoria do Centro Cosmopolita
15/08/1925	p.2	Centro Cosmopolita: Balancete Demonstrativo do movimento do mez de julho de 1925	nota	Prestação de contas
15/08/1925	p.2	Leitura para trabalhadores	nota	Divulgação da obra de Octávio Brandão: Rússia Proletária
15/08/1925	p.3	Os peores inimigos dos trabalhadores	artigo	Contra a burguesia e os falsos socialistas
15/08/1925	p.3	Ratificação do relatório do presidente do Centro, na parte: Movimento dos socios	nota	Quadro social do Centro Cosmopolita atualizado
15/08/1925	p.3	Aos empregados em cafés	artigo	Causas da desorganização desta categoria
15/08/1925	p.3	Syndicato de officio e syndicato de industria	artigo	Defesa da transformação dos sindicatos em sindicatos de indústria
15/08/1925	p.3	Centro Cosmopolita	artigo	Obediência da Diretoria às normas do estatuto
05/09/1925	p.1	Organização! Organização acima de tudo!	artigo	Crítica à carestia de vida e à falta de organização dos trabalhadores
05/09/1925	p.1	De Portugal	nota	Companheiro deportado do Brasil divulga seu novo endereço em Portugal para correspondência
05/09/1925	p.2	Leitura para trabalhadores	nota	Sugestões de leituras
05/09/1925	p.2	O pessoal das confeitarias organiza-se	artigo	Empregados de confeitarias se organizam no Centro Cosmopolita
05/09/1925	p.2	Os Dias	artigo	Reivindicação por um dia destinado aos garçons e das cozinhas, cafés, restaurantes, hotéis e confeitarias
05/09/1925	p.2	Copacabana Cosmopolita F. C.	nota	Informe de festival em homenagem ao Centro Cosmopolita
05/09/1925	p.2	Socorro Operário Internacional	artigo	Apresentação do S.O.I. e descrição de suas atividades
05/09/1925	p.3	Marretadas	artigo	Denúncia de exploração patronal e de má postura dos militantes
05/09/1925	p.3	Russia Proletaria	nota	Divulgação da Obra de Octávio Brandão
05/09/1925	p.3	Enfim	crônica	Contra o individualismo e a favor da unidade classista
19/09/1925	p.1	Jornadas a emprehender	artigo	Ampliação da base de militantes e necessidade de organização sindical
19/09/1925	p.1	Corte de pessoal	artigo	Denúncia contra exploração patronal

19/09/1925	p.1	O Sr. N. N. agente do capitalismo	artigo	Sr. Nicamor Nascimento tenta denegrir a imagem de comunistas e anarquistas
19/09/1925	p.1	Garçons e cozinheiros das confeitarias	artigo	Atividade de organização de garçons, cozinheiros e empregados das confeitarias
19/09/1925	p.2	Centro Cosmopolita	nota	Pedido de biblioteca para devolução e obras emprestadas
19/09/1925	p.2	Apello aos caixeiros de casas de pasto e petisqueiras	artigo	Apelo para que a categoria ingresse no Centro Cosmopolita
19/09/1925	p.2	A.C.G.T.U. após tres annos de luta	artigo	Crítica aos anarco-sindicalistas
19/09/1925	p.3	Pelos hotéis	artigo	Denúncia contra a exploração patronal
19/09/1925	p.3	Escola tecnico-profissional	artigo	Idéia de criação de uma escola técnico-profissional no Centro Cosmopolita
19/09/1925	p.3	Rússia Proletaria	nota	Divulgação da obra de Octávio Brandão
19/09/1925	p.3	Copacabana Cosmopolita F.C.	nota	Informe de festividade em benefício dos cofres do Centro Cosmopolita
19/09/1925	p.3	Aliados do capitalismo...	artigo	Crítica ao jornal "A Vanguarda" acusado de ser propriedade burguesa
19/09/1925	p.3	Leitura para operários	nota	Sugestão de leituras para operários
03/10/1925	p.1	Pelo controle de trabalho	artigo	Organização dos sindicatos
03/10/1925	p.1	Aos companheiros m cafés e leitarias	artigo	Arregimentação de trabalhadores em cafés e leiterias para a corporação
03/10/1925	p.1	Flechada	artigo	Denúncia de maus tratos patronal contra empregados do Restaurante Gallo
03/10/1925	p.2	Centro Cosmopolita: Relatório apresentado á Assembléa geral ordinária de 15 de Agosto de 1925 pela comissão de poderes, eleita em 15 de julho do corrente anno	artigo	Relatório de prestação de contas
03/10/1925	p.2	Copacabana Cosmopolita F.C. Festival	artigo	Festival realizado para angariar fundos
03/10/1925	p.3	Os acontecimentos da China e a guerra em Marrocos	artigo	Crítica à intervenção francesa no Marrocos e aos imperialistas que se apoderam das riquezas da China
03/10/1925	p.3	A execução de Bottwin	artigo	Execução do jornalista Bottwin que abateu o agente provocador Cechnovs kinuma
03/10/1925	p.3	Sport	artigo	Comemoração da fundação do Cosmopolita F.B. Club
20/10/1925	p.1	Commentarios	artigo	Organização do conselho de delegados
20/10/1925	p.1	Aos desorganizados e associados	artigo	Crítica à desorganização dos auxiliares de cozinha
20/10/1925	p.1	O governo inglez bateu em retirada, diante de 6.300.000 operarios organizados	artigo	Greve de mineiros na Inglaterra
20/10/1925	p.2	Chronica sportiva	artigo	Valorização do esporte na corporação
20/10/1925	p.2	Pelos hotéis	nota	Denúncia de maus tratos patronais nos carros restaurantes da Central do Brasil
20/10/1925	p.2	Cosmopolita F.C.	nota	Informe de festival dedicado aos associados do

				Centro Cosmopolita
20/10/1925	p.2	Daniel Souza	nota	Informe da chegada do companheiro Daniel Souza de Pernambuco
20/10/1925	p.2	Alcino Machado	nota	Informe da chegada do companheiro Alcino Machado da Europa
20/10/1925	p.2	"Centro Cosmopolita"	nota	Anúncio de aluguel do salão do Centro Cosmopolita para festas e eventos em geral.
20/10/1925	p.2	Notícias de toda a parte	artigo	Contra o racismo nos EUA e as deportações de trabalhadores grevistas na Austrália
20/10/1925	p.2	Leitura para operarios	nota	Sugestão de leituras para operários
20/10/1925	p.3	Carta da Italia	artigo	Blocos oposicionistas na Itália e a posição dos comunistas na política anti-fascista
20/10/1925	p.3	Exemplo para os novos: Triste fim de dois companheiros	artigo	Conto sobre dois empregados "pelegos" que ficaram na miséria
20/10/1925	p.3	Conselho de Delegados	artigo	Escolha de delegados
20/10/1925	p.3	Aos companheiros de pensões e casas particulares	artigo	Péssimas condições de trabalho e desorganização política dos empregados
04/11/1925	p.1	O corpo de delegados	artigo	Apresentação das tarefas a serem desenvolvidas pelo corpo de delegados
04/11/1925	p.1	De Pernambuco os cozinheiros e os garçons do Recife tendem para a unificação	artigo	Organização pela União B. dos Auxiliares de Cafés e Hotéis de um organismo amplo
04/11/1925	p.1	Cosmopolita F.C.	nota	Informe de festividade dedicada aos associados do Centro Cosmopolita
04/11/1925	p.2	Acta da primeira sessão (preliminar) da 1ª Conferência dos Trabalhadores da Indústria Hoteleira do Brazil, realizada na sede do Centro Cosmopolita	artigo	Apresentação da ata na íntegra
04/11/1925	p.2	As eleições municipais em Santos	artigo	Formação e apresentação do programa da Coligação Operária
04/11/1925	p.3	Correspondência internacional: Informação do camarada Dimitrov sobre a situação da Bulgaria	artigo	Denúncias contra o governo de Tzankov na Bulgária
04/11/1925	p.3	Aos empregados em cafés	artigo	Crítica à desorganização dos empregados em cafés
04/11/1925	p.3	Carta aberta	artigo	Crítica à atuação do secretário do Centro Cosmopolita
19/11/1925	p.1	Notas actuaes	artigo	Sobre a construção de uma sede maior para o Centro Cosmopolita
19/11/1925	p.1	Os garçons de confeitarias e a sua fracção	crônica	Organização da categoria
19/11/1925	p.1	A situação econômica e moral dos caixeiros de restaurantes	artigo	Apelo para o ingresso da categoria no quadro social do Centro Cosmopolita
19/11/1925	p.2	Nosso Correio	nota	Informe da lista de membros que receberam auxílio financeiro do Centro Cosmopolita por motivos de

				doença
19/11/1925	p.2	Na Bahia	artigo	Assassinato de um operário
19/11/1925	p.2	Nossa imprensa	artigo	Centralização da imprensa comunista
19/11/1925	p.2	Bibliotheca do Centro Cosmopolita	nota	Informe das normas de empréstimos da biblioteca e início da listagem de obras disponíveis no acervo
19/11/1925	p.3	Os acontecimentos em Marrocos	artigo	Texto de Zinoviev criticando a intervenção francesa no Marrocos
19/11/1925	p.3	Centro Cosmopolita: Balancete demonstrativo da receita e despesa de outubro de 1923	nota	Prestação de contas
19/11/1925	p.3	Foot-ball	artigo	Comentário esportivo sobre o jogo envolvendo o Cosmopolita F. Club
15/12/1925	p.1	A Questão social	artigo	Importância da questão social no Brasil
15/12/1925	p.1	Trabalhemos!	artigo	Tarefas que ainda precisam ser desenvolvidas pelos membros do Centro Cosmopolita
15/12/1925	p.1	[sem título]	nota	Apelo para a ampliação dos sindicatos
15/12/1925	p.1	Organizemo-nos industrialmente	artigo	Crítica ao corporativismo e apelo à organização dos trabalhadores por indústria
15/12/1925	p.1	Festas ao Centro Cosmopolita	nota	Anúncio de fim de ano e apelo para a expansão do número de membros na organização
15/12/1925	p.2	A crise de trabalho...	artigo	Crítica à exploração capitalista dos trabalhadores
15/12/1925	p.2	Marretadas	artigo	Denúncia das péssimas condições de trabalho da categoria
15/12/1925	p.2	Informações	nota	Beneficência com companheiros doentes, prestação de contas
15/12/1925	p.2	Nos Sindicatos	artigo	Apelo para a ampliação dos núcleos comunistas nos sindicatos
15/12/1925	p.2	Centro Cosmopolita: Aviso	nota	Informe sobre a prestação de serviços médicos gratuitos para sócios do Centro Cosmopolita
15/12/1925	p.2-3	Esperitismo e comunismo	artigo	Crítica à tentativa de conjugar a religião à teoria comunista
15/12/1925	p.3	Em S. Paulo: A hysteria pequeno-burguesa	artigo	Crítica ao confucionismo político e ao pensamento pequeno-burguês
15/12/1925	p.3	Bibliotheca do Centro Cosmopolita	nota	Pedido de doação de livros e continuação da listagem de obras disponíveis no acervo
15/12/1925	p.3	O Escândalo Barmat: O grau de podridão a que póde chegar uma democracia socialista	artigo	Crítica à social-democracia alemã
15/12/1925	p.3	O sport e a decadência social	artigo	Sobre a penúria da vida dos trabalhadores

DATA	PÁGINAS	TÍTULO	ESPÉCIE	TEMÁTICA
01/01/1926	p.1	Natal e Anno Bom	artigo	Crítica ao assistencialismo da burguesia
01/01/1926	p.1	A questão do desenvolvimento do patrimonio social	artigo	Pela compra de um terreno para ampliar a sede do Centro Cosmopolita
01/01/1926	p.1	[sem título]	nota	Unidade da classe num único organismo sindical
01/01/1926	p.1	Centro Cosmopolita	nota	Informe de Assembléia Geral para sócios
01/01/1926	p.1	Centro Cosmopolita: Festival de solidariedade em 9 de janeiro de 1926	artigo	Socorro aos trabalhadores enfermos e defesa de todos contra a expropriação da burguesia
01/01/1926	p.1	Aos trabalhadores da Bahia	artigo	Crítica ao periódico "A Vanguarda" e à atividade social-democrata e anarquista
01/01/1926	p.2	Radio Marreta	nota	Trabalhadores argentinos pretendem mandar comissão à Rússia
01/01/1926	p.2	A situação economica e moral dos caixeiros de restaurantes	artigo	Pela organização política da categoria
01/01/1926	p.2	[sem título]	nota	Contra os empregados que fazem "hora extra" nos dias de folga
01/01/1926	p.3	Regulamento interno seccional do Centro Cosmopolita	artigo	Regimento interno para normalizar a vida das várias seções que compõem o Centro Cosmopolita
01/01/1926	p.3	O terror na Bulgaria	nota	Crítica às ações dos democratas e social-democratas na Bulgária
01/01/1926	p.3	A conferência balkanica da Internacional de Csankov	crônica	Crítica à II Internacional
01/01/1926	p.3	A Classe Operária põe os trabalhadores de sobreaviso	artigo	Crítica à publicação do periódico amarelo "O Movimento"
01/01/1926	p.3	Leitura para operários	nota	Sugestões de leituras para os trabalhadores
19/01/1926	p.1	Mais uma	artigo	Assistencialismo ineficiente do Estado para com os trabalhadores
19/01/1926	p.1	A' ultima assembléa	artigo	Ata da reunião da última assembléa do Centro Cosmopolita
19/01/1926	p.1	Anarchia e podridão	artigo	Crítica à Victor Saavedra, anarquista e secretário-geral de "A Internacional"
19/01/1926	p.1	Para effectivar o marxismo no Brazil	artigo	Defesa do marxismo-leninismo e da organização partidária dos trabalhadores
19/01/1926	p.1-2	A palavra de um democrata-pequeno-burguez	artigo	Apelo à organização dos trabalhadores no Partido Comunista
19/01/1926	p.2	O mujik e o cavalo	conto	Conto de Tolstoi que faz uma critica a submissão
19/01/1926	p.2	Desperdicio e miseria	artigo	Crítica ao baile luxuoso ocorrido no Hotel Copacabana
19/01/1926	p.2-3	O social-confusionismo	artigo	Crítica a Agripino Nazaré e à política reformista
19/01/1926	p.3	Nos carros restaurantes da Central	artigo	Denúncia de péssimas condições de trabalho da categoria

TIRAGEM 5.000 EXEMPLARES

22/02/1926	p.1	A phantastica lei dos empregados	artigo	Crítica às leis trabalhistas que não se efetivam na prática
22/02/1926	p.1	Syndicalizar	artigo	Organização dos trabalhadores nos sindicatos
22/02/1926	p.1	Ainda a questão do descanso semanal	artigo	Crítica às leis feitas para a questão do descanso semanal, porém sem efetividade
22/02/1926	p.2	Socialismo de alto cothurno	artigo	Crítica à Agripino Nazaré e sua influência social-democrata
22/02/1926	p.2	As finanças da "Voz"	artigo	Recomendação à coletividade à mercadorias e casas comerciais dos que favorecem o Centro Cosmopolita
22/02/1926	p.2	Leitura para operarios	nota	Sugestão de leituras para os operários
22/02/1926	p.2	No sindicato de Mozos e Anexos de Montevideó	artigo	Tradução na íntegra do regulamento da secretaria de trabalho no Sindicato de Mozos e Anexos de Montevideú
22/02/1926	p.3	A syndicalização da trabalhadora	artigo	Reformulação dos estatutos do Centro Cosmopolita para incluir as mulheres no quadro de sócias
22/02/1926	p.3	Balancete da União Nacional dos Trabalhadores em Hotéis e Similares	notas	Prestação de contas
22/02/1926	p.3	Nosso dever como sócios do Centro	artigo	Desempenho das atividades dos sócios dentro da corporação
22/02/1926	p.3	"O Solidário"	artigo	Recebimento do jornal "O Solidário" de Santos e crítica à repressão do Estado
22/02/1926	p.3	Catalogo da biblioteca	nota	Continuação da lista de obras disponíveis na biblioteca do Centro Cosmopolita
01/03/1926	p.1	A lei e os nossos direitos	artigo	Leis trabalhistas só terão efetividade a partir da organização e reivindicação dos trabalhadores
01/03/1926	p.1	Falta de escrupulos	artigo	A burguesia se torna rico pela exploração dos trabalhadores
01/03/1926	p.2	Arte Culinaria	artigo	Receitas sofisticadas para sanar o interesse de todos
01/03/1926	p.2	Ultima hora	nota	Denúncia contra desrespeito ao direito de descanso semanal no restaurante Parreira Villa Condense
01/03/1926	p.2-3	A revolução proletaria	epígrafe	Notas de Lênin sobre a revolução e a teoria marxista
01/03/1926	p.3	0-0-0	artigo	Matéria enviada pelo PCB fazendo crítica à postura de Agripino Nazaré e esclarecendo as bases teóricas e práticas do marxismo
01/03/1926	p.3	O marxismo	epígrafe	Notas de Lênin sobre o Partido, a teoria e a ação dos marxistas
15/03/1926	p.1	A misteriosa lei e sua integral regulamentação	artigo	Sobre a efetividade da lei que estabelece participação nos lucros e duração de trabalho da categoria
15/03/1926	p.2	Centro Cosmopolita: Balancete demonstrativo da receita e despeza do mez de Novembro de 1925	nota	Prestação de contas

15/03/1926	p.2	Tribunas proletarias	artigo	Parabenização dos companheiros de Juiz de Fora pela organização do periódico "Alliança"
15/03/1926	p.2	Alliança do T. da Industria Hoteleira e Similares de Pernambuco	artigo	Posse e discurso da nova diretoria deste sindicato
15/03/1926	p.2	[sem título]	epígrafe	Epígrafe de Henry Barbusse sobre a imprensa operária e a repressão
15/03/1926	p.3	Contra o caos socialista	artigo	Crítica ao Partido Socialista acusado de ser herdeiro da tradição social-democrata de Kautsky
TIRAGEM 15.000 EXEMPLARES				
06/02/1926	p.1-2	Voz Cosmopolita, comemorando hoje seu 4º aniversário, saúda á corporação na sua entidade maxima a União Nacional dos Trabalhadores em Hotéis e Similares	artigo	Relatório na íntegra da primeira Conferência Nacional da Indústria Hoteleira do Brazil
06/02/1926	p.2-3	O 4º aniversário	artigo	Sobre a história da luta pela unidade da corporação
06/02/1926	p.3	A arte culinaria	artigo	Formação de uma Comissão Fiscal para julgar a capacidade dos candidatos ao serviço
06/02/1926	p.3	Lenine	crônica	Normas para o proletariado dar continuidade à obra de Lênin
06/02/1926	p.4	Cozinhas e cozinheiros	artigo	Criação no jornal de uma seção destinada à arte culinária
06/02/1926	p.4	Democracia	crônica	Crítica escrita por Lênin à chamada "democracia pura"
06/02/1926	p.4	Collaboração culinária	coluna	Coluna com diferentes receitas para inspirar os chamados "artistas culinários"
06/02/1926	p.4	Pernambuco	artigo	Unificação de duas associações: a de garçons e a de cozinheiros
06/02/1926	p.4	Leitura para operarios	nota	Sugestão de leituras para operários
06/02/1926	p.5	Aviso a todos	nota	Informe sobre liquidação de artigos de vestimenta
06/02/1926	p.5	Congreguemo-nos!	artigo	Organização sindical da categoria
06/02/1926	p.5	O ultimo festival de solidariedade	nota	Festividade para arrecadar fundos para o auxílio de sócios enfermos
06/02/1926	p.5	[sem título]	nota	Revoluções na África e na Ásia preocupam as potências civilizadoras
06/02/1926	p.6	Hontem e hoje	artigo	Crítica à submissão dos trabalhadores ao poder patronal e apelo à organização em sindicatos
06/02/1926	p.6	A Coligação Operaria ao proletariado do Brazil	artigo	Processo eleitoral de Santos e a iniciativa dos trabalhadores organizados na coligação
06/02/1926	p.6	Lambary	nota	Oferta de quantia mensal da Empresa de Águas Lambary ao Centro Cosmopolita
06/02/1926	p.6	Podre Anarchia	artigo	Crítica à atuação dos anarquistas internacional e nacionalmente

06/02/1926	p.7	O Centro Internacional e a questão operaria de Santos	artigo	Reorganização do proletariado de Santos a partir do marxismo
06/02/1926	p.7	A ditadura do proletaria	epígrafe	Notas de Lênin acerca da organização e constituição da Ditadura do Proletariado
06/02/1926	p.7	Cosmopolita Foot-Ball Club	artigo	Sobre a importância do esporte em paralelo à militância política
06/02/1926	p.7	[sem título]	nota	Sobre a necessidade de instrução do proletariado
06/02/1926	p.8-9	Os Massacres do Chile	artigo	Sobre a repressão no Chile empreendida pela Ditadura Militar
06/02/1926	p.9-10	O socialismo geraldista	artigo	Crítica ao posicionamento político de Agripino Nazaré e do grupo socialista
06/02/1926	p.11	De Bello Horizonte: um pouco de historia corporativa	artigo	História da fundação da Associação dos Trabalhadores em Hotéis, Restaurantes e Similares de Belo Horizonte
06/02/1926	p.12	A IIª Internacional e os mencheviks bulgaros	artigo	Denúncia dos crimes cometidos pelo governo Tsankov contra as massas operárias
01/04/1926	p.1	Ainda a lei	artigo	Lei que estabelece férias aos trabalhadores não tem efetividade na prática
01/04/1926	p.1	Escola 1º de Maio	artigo	Abertura da primeira escola para filhos de trabalhadores
01/04/1926	p.1	Exemplos de inconsciencia	artigo	Trabalhador deve ter consciência da distância que o separa da classe burguesa
01/04/1926	p.1	Anarchistas, socialistas, confusionistas e Cª...	artigo	Trabalhador tem a tarefa de estudar as ideologias e lutar contra o divisionismo dentro do movimento
01/04/1926	p.2	Na Bahia	artigo	Protesto de companheiros da Bahia contra o rebaixamento de salários
01/04/1926	p.2	[sem título]	nota	Associação dos Trabalhadores em Carvão e Mineral realizam seção solene para posse da nova Diretoria
01/04/1926	p.2	1º de Maio de 1926	artigo	Comemoração do 1º de maio e descrição do significado da data
01/04/1926	p.2	Centro Cosmopolita: Balancete demonstrativo da receita e despeza no mez de fevereiro de 1926	nota	Prestação de contas
01/04/1926	p.2	Bibliotheca	nota	Informe da biblioteca do Centro Cosmopolita solicitando a devolução de livros emprestados
01/04/1926	p.3	O corporativismo e o idealismo	artigo	Crítica ao corporativismo dentro do movimento
01/04/1926	p.3	A NEP	matéria	Descrição da NEP na União Soviética e crítica aos socialistas brasileiros
15/04/1926	p.1	A Lei	artigo	Crítica à falta de efetividade das leis voltadas à classe trabalhadora
15/04/1926	p.2	Para o 1º de Maio de 1926: Reivindicações e palavras de	crônica	Tarefas nacionais e internacionais a serem

		ordem		desenvolvidas pelo proletariado organizado
15/04/1926	p.2	Cursos	nota	Informe sobre cursos acerca da teoria e da tática proletária
15/04/1926	p.3	Offensiva e Defensiva	artigo	Crítica aos socialistas brasileiros com base na teoria leninista
15/04/1926	p.3	Centro Cosmopolita: Estatutos	artigo	Novos estatutos do Centro Cosmopolita na íntegra, subdivididos por capítulos
01/05/1926	p.1	Viva o 1º de maio de 1926!	artigo	Comemoração e tarefas a serem desempenhadas pelo proletariado organizado
01/05/1926	p.1	Os novos estatutos do Centro	artigo	Informe sobre a publicação dos novos estatutos do Centro Cosmopolita
01/05/1926	p.1	Humilhações...	crônica	Crítica à submissão dos trabalhadores aos desmandos patronais
01/05/1926	p.2	Secção da nossa juventude: Aos jovens empregados em hotéis e similares	artigo	Apelo à organização da categoria jovem de empregados em Hotéis e Similares no Centro Cosmopolita
01/05/1926	p.2	Centro Cosmopolita: estatutos	artigo	Continuidade da publicação dos novos estatutos do Centro Cosmopolita
01/05/1926	p.2	O Internacional	artigo	Crítica ao jornal "O Internacional" por ser fraco ideologicamente
01/05/1926	p.2-3	Com quem andas, Agripino!	artigo	Denúncia de roubo cometido por um militante socialista amigo de Agripino
01/05/1926	p.3	Delenda Socialismus!	artigo	Crítica aos socialistas e denúncia de sua ligação com a II Internacional
15/05/1926	p.1	Pelos cozinheiros	artigo	Denúncia das péssimas condições de trabalho da categoria
15/05/1926	p.1	Quatro que são dois	artigo	Classificação de grupos políticos em: amarelos, róseos, rabanetes e os vermelhos
15/05/1926	p.1	Na Inglaterra	artigo	Revolta de trabalhadores ingleses contra o imperialismo
15/05/1926	p.1-2	Um magarefe que escreve	artigo	O que é necessário para efetuar a organização dos trabalhadores
15/05/1926	p.2	Vícios sociaes	artigo	Crítica aos trabalhadores que ocupam seu tempo com jogos, cabarés ou bebida
15/05/1926	p.2	Noticias do Recife	artigo	Crítica à repressão do Estado à campanha coletiva dos trabalhadores
15/05/1926	p.2	Centro Cosmopolita: Balancete demonstrativo da receita e despeza do mez de Março de 1926	nota	Prestação de contas
15/05/1926	p.2	O apogeu	nota	Decadência do anarquismo no Brasil
15/05/1926	p.2-3	Amaro de Araujo e C.	artigo	Crítica aos socialistas e anarquistas

15/05/1926	p.3	Centro Cosmopolita: estatutos	artigo	Continuidade da publicação dos novos estatutos do Centro Cosmopolita
15/05/1926	p.3	O Entrançado	artigo	Crítica ao Partido Socialista
15/05/1926	p.3	Corpo de delegados	artigo	Apelo aos sócios para que se interem das funções do corpo de delegados
01/12/1926	p.1	As nossas aspirações e o proletariado	artigo	História do movimento operário no Brasil e suas várias formas de organização
01/12/1926	p.1	Pró C.G.T.	artigo	Organização do proletariado por industria na Confederação Geral do Trabalho
01/12/1926	p.2	Reforçando as fileiras	nota	Informe sobre concurso promovido pelo Centro Cosmopolita para que os associados proponham o ingresso de mais sócios na organização
01/12/1926	p.2	Centro Cosmopolita: Balancete demonstrativo da receita e despesa do mez de Outubro de 1926	nota	Prestação de contas
01/12/1926	p.2	Contra a politica imperialista: o caso dos marinheiros do Adamastor	artigo	Crítica às intervenções imperialistas na China revolucionária
01/12/1926	p.3	De Santos	artigo	Crítica aos diretores "amarelos" que se encontram no Centro Internacional
01/12/1926	p.3	Pelos estabelecimentos: nos carros restaurantes da Central	artigo	Denúncia das péssimas condições de trabalho
15/12/1926	p.1	Nossa frente de combate	artigo	Crítica aos "amarelos" dentro da organização sindical
15/12/1926	p.1	A lei de férias	artigo	Denúncia de hotéis que burlam a lei de férias negando tal direito aos trabalhadores
15/12/1926	p.1	Lutemos contra o capitalismo	crônica	Crítica à exploração da classe trabalhadora
15/12/1926	p.2	Aos socios em atrazo	nota	Informe de exclusão do quadro de sócios do Centro Cosmopolita dos militantes que não quitarem com os cofres sociais
15/12/1926	p.2	O dever de cada associado	artigo	Crítica aos sócios que só pagam as mensalidades do Centro Cosmopolita e não participam das atividades
15/12/1926	p.2	Organizemos os empregados em cafés	artigo	Apelo à organização da categoria dentro do Centro Cosmopolita
15/12/1926	p.2	Proponham novos socios	nota	Apelo aos associados para que proponham novos sócios para o Centro Cosmopolita
15/12/1926	p.3	As próximas eleições na U.O.F. de Tecidos	artigo	Apoio às eleições do sindicato dos tecelões do Rio de Janeiro
15/12/1926	p.3	Pelos estabelecimentos	artigo	Denúncias de péssimas condições de trabalho da categoria em diferentes estabelecimentos
15/12/1926	p.3	A gréve da nossa corporação em Juiz de Fora	artigo	Conquista do descanso semanal em Juiz de Fora através de greve

ANEXO C - A Plebe

A PLEBE

ANUNCIÁRIOS
 Ano 1.º - Nº 222 - Junho
 PUBLICIDADE MANTIDA
 O Anunciarista deve enviar para o Diretor
 o texto e a imagem de cada anúncio
 antes de ser publicado. Não se cobra
 taxa de publicação.

Tudo a correspondência a: EDGARD KUENROTH
 Editor da Plebe, 95 - 3.º PR. B. - Alameda
 Antônio de Albuquerque, Rio de Janeiro, 24 (Praça) entre as Lajes de St.

ANNO I - N.º 1
 JUNHO, 1937 - 1.º DE JUNHO DE 1937
 PUBLICADO EM PORTUGAL
 O Anunciarista deve enviar para o Diretor
 o texto e a imagem de cada anúncio
 antes de ser publicado.

AO QUE VIMOS
Rumo à Revolução Social

A Plebe, como todos sabem, é uma publicação de caráter social, política e econômico. Seu objetivo é despertar a consciência da plebe e lutar por sua libertação. Para isso, não hesitamos em publicar artigos de opinião, notícias e informações que possam contribuir para a melhoria das condições de vida da plebe.

Esta publicação é dirigida por Edgard Kuernroth, jornalista e escritor. Seu endereço é Alameda Antônio de Albuquerque, 95, 3.º andar, Rio de Janeiro. O preço de cada número é de 100 réis.

Cuanabanas

Com o Brasil, mais do que nunca, em uma situação crítica, é necessário que todos os brasileiros se unam para superar as dificuldades. A luta pela revolução social é uma luta pela libertação da plebe e pela construção de um novo Brasil.

O pobre é um cão?

De acordo com o ditado popular, o pobre é tratado como um cão. Isso reflete a situação de abandono e marginalização a que a plebe é submetida. É preciso lutar para mudar essa realidade e garantir a dignidade de todos.

Requisitos para a Revolução Social

Para que a revolução social seja bem-sucedida, é necessário que a plebe esteja organizada e consciente de seus direitos. Isso requer a participação ativa de todos na luta por uma sociedade mais justa e equitativa.

ANEXO D - Voz Cosmopolita

Sr. Astrogildo Pereira
Rua Central, Caixa 307

ANNO II Rio de Janeiro 20 de Março de 1923 NUMERO 18

VOZ COSMOPOLITA

Editado pelo Grupo
Voz Cosmopolita

Anno... 5000
Semestre... 3000
NUMERO AVULSO \$100

Defendendo o descanso semanal!

O pessoal d' "A Villa de Barcellos" sustenta pelo facto o respeito que deve merecer o producto de nossas conquistas!

Precedidos da Razão, baseados na Justiça, es-cudados no Direito conseguiram pela sua acção consciente e solidaria alcançar o que pretendiam.

OS INDIFFERENTES

Analisar nitidamente esta classe de individuos que constituem a maioria, e uma das causas mais difíceis e complicadas, tal é o confusão que nelles se observa. Já li alguma vez a geração contemporânea é um agglomerado de fragmentos da especie.

Os indifferentes não são propriamente alheios a tudo, mas somente áquillo que lhes dá incommodo e trabalho, que os expõe a vexames e soffrimentos, pelo interesse colectivo.

Muitos vivem ámgua de recursos, revoltados intimamente, mas incapazes de exterior a sua indignação, supponham as privações resignadamente.

Alimentando sempre uma vaga esperança de ainda chegarem, por obra do acaso, a desfructar melhores dias, quedam-se mergulhados no mar profundo da multidão. O que ainda mais os caracteriza é o egoismo impudente que os torna incapazes de qualquer desprendimento e alheios a tudo quanto é nobre.

A's vezes ganham invejavel silêncio, porém, dominados pelo exclusivismo utilitarista, procuram sempre satisfazer a sua desmedida ambição. Agitados na maioria das casas, desafortunadamente, elles insensivelmente luctam com o circulo, e sempre fugidos e hypocritas, procuram viver aparentemente bem com todos. Distanciam e covardes — preferem as humilhações aos gestos que dignificam.

Na apparencia mostram-se de accordo com tudo e com todos, simulando sinceras amizades; no entanto, não occupam de fazer o menor sacrificio em prol de outrem.

Então, feito num caso como no outro, mostram-se essencialmente indifferentes: não proferindo a seu unico interesse, e jamais postum honrabilidade de satisfazer alitudes.

Esses socialmente insensíveis aquelles que convivem dissonante comtudo.

G. J. M. L. F.

Os problemas da classe

«Modus Vivendi» entre as associações do Triangulo Santos, S. Paulo, Rio

(Continuação)

§ 1.º — Uma vez reunidos os Delegados acreditados, nomeado, entre si, um Presidente e um Secretario para organizar os respectivos trabalhos.

2.º Serão discutidas as causas mais em liço que affectem a nossa classe, estudando-se as medidas necessarias, para resolver da melhor maneira possível os assumptos de interesse colectivo.

3.º De tudo o que for discutido e approvedo, o Secretario lavrará uma acta, que será assignada por todos os Delegados.

4.º Fazerão taxtas opeas quantas forem precisas, para a representação das sociedades representadas e nos lugares de classe, de S. Paulo e Rio.

5.º As desposições serão, custodidas pelas sociedades representadas, como também, proporcionalmente, as anuários de associações de cada uma, se custeado os gastos de propaganda associativa e outras que por venturas possam surgir.

6.º Será conveniente que os jorales de classe se fizessem representados, porque seria o meio mais pratico, de dar-lhe a sua praxia, de de praxia e ponto, imparcial.

Art. 2.º — Os signatarios empregados todos os meos ao seu alcance para haver a maxima harmonia entre si, no caso de discordia ou mal entendido, submetter-se-hão a uma arbitragem, sendo as partes obrigadas a cumprir em consideração o julgo imposto pelas demais partes. Com prometter-se-ão a ter uma orientação inteira completamente igual e mesmo em commum accordo nas condições do trabalho, em todas as suas manifestações; tendo sempre em conta as luctas em que forem exactadas os serviços em determinadas cidades ou se puderem em pratica os mesmos regulamentos por motivos alheios a este pacto; porém, estudar-se-á o meio mais apropriado para cada caso, segundo as circumstancias e requerimentos.

3.º As signatarios promoverão uma reunião semestral ou, segundo a necessidade, no exterior, trimestral, ou mesmo mensal, mas neste caso só por motivo de alta importancia.

4.º Em cada reunião designar-se-á a sociedade que ficará autorizada a fazer a convocatória da reunião, com a antecedencia de aviso nunca inferior a um prazo de 15 dias. Cerrada esta o seu cargo de convocatória, passará a outra, uma vez reunidos, e por todas posturas a abrigação, alternação da convocatória. Uma vez de accordo com os interesses collectivos, será necessario e conveniente que cada uma seja defensora do mandado — uma vez — justamente por haver mais interesse entre as demais signatarias em apresentar idéas novas e transformações da actualidade velha que, no maior parte dos casos, é a causa causa de descontentamento e principio da desharmonia colectiva.

5.º A signatario escolhida como defensora do mandado, será obrigada a ter uma assinatura extraordinaria para tratar dos interesses que este «pacto» determina, estando em correspondência directa, com todas as sociedades signatarias ou não; esta correspondência referir-se-á exclusivamente ao estado do relatório geral da sua gestão, que será apresentado na primeira reunião de Delegados.

6.º Será de todo o interesse e conveniencia, portanto, de capital importancia, que cada signatario se faça representado por dois (2) Delegados, porque no caso de um delles ser nomeado para Presidente ou Secretario, ficará prohibido, por isso, de discussão qualquer assumpto, o que será prejudicial para a sociedade que se fizer representado por um (1) só Delegado.

Art. 3.º — Este pacto não terá validade indetermiada e não poderá ser desfeito antes da sua ratificação por uma maioria maxima que dirija a classe, a qual terá sempre prioridade em lugar prestamente determinado pelas signatarias; podendo elle, a qualquer momento, ser revogado da classe que por ventura venham a organizar-se posteriormente a este «pacto».

7.º Depois de organizada a reunião feita todas as discussões feitas, dar-se-á por terminado este «pacto» na terceira reunião, sendo este cancelado e archivado, como sendo um documento para os vindouros salvação como foi feito o fundamento da entidade maxima da classe no Brazil.

8.º Toda a correspondência trocada entre os signatarios, será também archivada junto a este como indumento de posteriores informações.

9.º As signatarias terão uma vez, pelo menos, uma visita official a cada uma das demais federadas, para servir como meio de propaganda e mesmo de conhecimento da organização interna das suas respectivas cidades, ao mesmo tempo, como vehicle de conhecimento entre os seus camadas.

10.º Os companheiros em delegação terão todas as despesas pagas por conta das sociedades que representarem, e mais uma remuneração, pelo menos igual ao que ganham nas casas onde trabalharem. Como despesas, comprehendem-se: passagens, hospedagem e o que for julgado do que for de apresentar as devidas notas bem expeditas. No caso de um dos Delegados estar desempregado, será reconhecido igualmente ao seu collega de representação.

A Commissão Elaboradora.
Santos, 6 de maio de 1922.

Approvedo pela Directoria e autorizado na Assembléa Geral Extraordinaria da 14 de abril de 1922.

O Presidente, A. Alves.
O Secretario, A. Ferreira.
O Thesourero, José Louzada Monteiro.
O Procurador, José Vinhas.

10-3-23

Centro Cosmopolita

AVISO AOS SOCIOS

Avise-se a todos os socios do Centro que, tendo-se justificado de moetas luctas, satisfactoria, por parte a reunião da directoria realizada em 15 do corrente, foi levantado por unanimidade, o congresso do associando Francisco Alves Ramos, suscitado esta cidade pela directoria em 20 de janeiro deste anno, por estar o mesmo relacionado no caso luctado entre associados no «Restaurante Alvorada».

Rio de Janeiro—1923.
A Directoria

A' classe em geral

Devemos aos companheiros que nos assistem grande difficuldade em escrever, que nos enderecem cartas desconfiadas, em linguagem honesta e verdadeira, as exploradores de que é victimas a classe inteira.

Qual o estado actual do hotel, hotel ou restaurante em que trabalham; que as condições economicas do pessoal; qual o seu estado moral.

Quas as preocupações intellectuaes dos companheiros; em que empregem as horas de lazer.

A comido que recebem, a cre-scença ou deslucros dos publicos.

Quas os publicos que mais têm favorecido com o suor dos garçons.

Quas os companheiros que têm sympathias pelas danças, pelo alcool, pelo jogo, pelo football, pelo mulheres.

Em numerosos assumptos que deverão preoccupar os companheiros mais conscientes, nos quaes produzem que nos centralizem a responsabilidade.

ANEXO E - Correspondência Internacional sobre o decreto N. 4743

A CORRESPONDENCIA INTERNACIONAL

N. 95- Ano III - 28 de dezembro de 1923.

A Vida PolíticaUMA LEI SOBRE A IMPRENSA BRASILEIRAO Decreto N.4743

Por Otávio Brondão (do Rio de Janeiro)

As Repúblicas Sul-Americanas ainda passem - na Europa! - por ter tradições de liberdade!

A imprensa européia não prestou atenção, que nós sabemos, ao decreto N.4743 que entrou em vigor no Brasil há alguns meses. No entanto, o decreto N.4743 é uma obra prima no gênero. Ele é chamado também de lei de imprensa, uma lei sobre a imprensa.

O Congresso, sediado no Rio de Janeiro, aprovou-o depois de prolongados debates, nos quais tomou parte importante o senador Irina Machade (burguês liberal); o decreto foi sancionado pelo presidente da república a 31 de outubro.

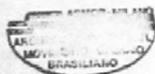
Suas finalidades são: 1) reforçar a legislação contra alguns crimes (calúnias, injúrias, insuficientemente punidos no Código Penal); 2) combater as propagandas subversivas (anarquista e comunista); 3) tornar impossível, de fato, qualquer crítica à administração ou às autoridades...

E aí está a novidade. A administração passa a ser tabu. O governo, sagrado.

Este monstro é fruto dos esforços conjuntos do semifeudal estado de São Paulo e do estado católico de Minas Gerais.

O artigo 3 está assim redigido:

"Qualquer ofensa ao Presidente da República, no exercício ou não de suas funções; a qualquer governante estrangeiro ou a qualquer representante diplomático, se não tiver o caráter de injúria ou calúnia, será punido com de 3 a 9 meses de prisão celular e uma multa de 4.000 a 20.000 réis".



Os outros artigos punem a publicação de segredos de Estado, informações sobre suas forças militares e outros; ofensas feitas às nações estrangeiras; atentado à moral pública e aos bons costumes; propaganda médica não aprovada pela Direção da Saúde Pública. Esta salada - brasileira - é perfeita!

A crítica só será permitida se "tiver por objetivo preparar a opinião pública para reformas em prol do bem público e sendo formulada em linguagem moderada, leal e respeitosa".

São declarados sucessivamente responsáveis o autor, o editor, o impressor, o vendedor ou distribuidor. Qualquer publicação deve levar os nomes do diretor e do gerente e os endereços da administração e do impressor.

As cláusulas sobre a responsabilidade ~~sucessiva~~ "sucessiva" desfecham um golpe bastante rude contra a imprensa pobre, quer dizer, a revolucionária, obrigada a recorrer aos serviços de impressores particulares, quase sempre burgueses, que para evitar a responsabilidade legal, naturalmente se recusaram a nos imprimir.

As dificuldades de propaganda comunista aqui, são assim grandemente aumentadasx pela nova lei. Dois impressores já nos recusaram seus serviços. Nosso próprio material tipográfico foi apreendido ou destruído durante a campanha policial de maio-junho. Nossa ação pela luta de classes revolucionária não diminuirá. Mas que os operários europeus saibam o que valem no Brasil as liberdades democráticas!

ANEXO F – Correspondência internacional sobre a censura

A CORRESPONDÊNCIA INTERNACIONAL

N. 77 - Ano IV - 19 de novembro de 1924.

Na América Medieval: BrasilUma República Sul-Americana onde são queimadas obras de K.Marx e de Bukarin.

(Carta do Secretariado Internacional do P.C. do Brasil)

Pela quarta vez, a burguesia agrária brasileira tenta esmagar a vanguarda do proletariado brasileiro, o Partido Comunista. Este partido, ainda numericamente fraco, foi vítima de uma primeira agressão policial em julho de 1922. Em junho de 1923, nova agressão. Uma dezena de militantes presos, condenados a penas de até 3 meses; outros ameaçados de deportação para o Acre; livros e arquivos do Partido são apreendidos, inclusive mil exemplares do Programa Comunista de Bukarin e do Comunismo Científico do mesmo autor.

Uma terceira agressão policial, em janeiro de 1924; ~~proibição~~ proibida a fundação de um comitê brasileiro do Socorro Vermelho Internacional, proibidas as ~~manifestações~~ solenidades pela passagem da morte de Lênin, prisões e torturas...

Quarta agressão a 15 de julho último, enquanto se agrava a revolta da pequena burguesia do estado de São Paulo.

Há uma furiosa perseguição à literature comunista. A direção dos Correios de Porto Alegre mandou queimar centenas de exemplares do Manifesto Comunista de K.Marx, impresso no Brasil pela primeira vez!

Em maio último foi preso o camarada José Cavalcanti, no Recife, por possuir o livro de Otávio Brandão, editado no Rio, Rússia Proletária. A primeira edição deste livro foi queimada pela policia em junho de 1923. Uma segunda edição, porém, foi posta em circulação.



A Constituição brasileira é bastante liberal, mas o governo não dá a isso a menor importância. A lei Adolfo Gordo, sobre a repressão anarquista e às ameaças subversivas assim como a lei de imprensa, dão ao governo total liberdade de ação. O Supremo Tribunal Federal, composto de antigos chefes de polícia, legaliza os julgamentos de mais... ilegais.

O Partido Comunista Brasileiro, fundado há três anos, está na ilegalidade.

A polícia do Rio não é a única a empregar o maior zelo na repressão ao comunismo. Em Porto Alegre, Santos, Ribeirão Preto, Cubatão, São Paulo, Juiz de Fora, Recife, as mesmas perseguições, o mesmo regime.

A 5 de julho último prenderam nosso amigo Paulo de Lacerda, jovem advogado revolucionário, defensor habitual dos militantes, secretário do Comitê Nacional do Socorro Operário Internacional. Lacerda ainda se encontra preso, como prisioneiro comum, pois não existe no Brasil a categoria de prisioneiro político. Maldosamente acusado de ligações com os insurretos de São Paulo, está arriscado a ser deportado para uma ilha.

Seu irmão, Maurício de Lacerda, jornalista, antigo deputado, tendo cometido o crime de aderir ao Partido Comunista durante a insurreição paulista, sofre o mesmo destino. Gravemente enfermo, na prisão, não teve o direito de assistência médica.

Valentim Argollo, velho militante, presidente do sindicato dos Hoteleiros, está preso há dois longos meses. Vários anarquistas foram expulsos ou deportados.

Reconhecidos enviaram uma bomba a um general do governo; isso ~~motivo~~ foi considerado ^{um} bom motivo para prender e deixar na mais rigorosa incomunicabilidade nossos camaradas: José Elise, inspetor escolar, militante o mais de 12 anos; Felício Frade, Neze Rangel Pestana, experiente jornalista; Evarado Dias, tipógrafo e escritor.

3.

As sedes de várias associações operárias progressistas foram fechadas. É o caso do Centro Cosmopolita. Os órgãos sindicais Voz Cosmopolita e O Alfiata foram suspensos.

A sede do Sindicato dos Gráficos, em São Paulo, foi saqueada.

Este regime é obra de uma democracia de fazendeiros de café e de grandes senhores rurais, presididos pelo sr. Artur Bernardes e protegido pela Igreja Católica, pelo Foreign Office de Londres e das empresas financeiras Rotchild, cuja influência sobre as Repúblicas Sul-Americanas é pouco conhecida.

O Partido Comunista brasileiro clama por socorro!

